



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ROMILDA FERREIRA SANTOS

PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO DO /R/ EM CODA SILÁBICA COMO MARCA DO FALAR
CAIPIRA

UBERLÂNDIA - MG

2024

ROMILDA FERREIRA SANTOS

PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO DO /R/ EM CODA SILÁBICA COMO MARCA DO FALAR
CAIPIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Mestrado e Doutorado em Linguística, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

UBERLÂNDIA - MG

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 2024	<p>Santos, Romilda Ferreira, 1970- Produção e percepção do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira [recurso eletrônico] / Romilda Ferreira Santos. - 2024.</p> <p>Orientador: José Sueli de Magalhães. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.76 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Linguística. I. Magalhães, José Sueli de ,1967-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 801</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
 Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de doutorado - PPGEL				
Data:	Trinta de janeiro de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11923ELI006				
Nome do Discente:	Romilda Ferreira Santos				
Título do Trabalho:	Produção e percepção do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Modelos fonológicos, variação e ensino - revelações da oralidade e da escrita II				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: José Sueli de Magalhães - UFU, orientador da Tese; Talita de Cássia Marine - UFU; Leandro Silveira de Araújo- UFU; Elisa Battisti - UFRGS; Shirley Freitas Sousa - UNILAB.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. José Sueli de Magalhães, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Battisti, Usuário Externo**, em 30/01/2024, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Shirley Freitas Sousa, Usuário Externo**, em 30/01/2024, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Silveira de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Talita de Cássia Marine, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 20:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Sueli de Magalhães, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5140133** e o código CRC **55B79736**.

Dedico este trabalho aos meus amados filhos Andressa e Pedro. Vocês são a razão de eu persistir e sempre acreditar que vou alcançar meus sonhos.

Este trabalho é também dedicado àqueles e àqueles que foram duramente impactados pela Covid-19.

AGRADECIMENTOS

A Deus, infinitamente bom e sábio, pelas bênçãos diárias e por tornar possível este momento. À Nossa Senhora, por me cobrir com seu Manto Sagrado e me proteger de minhas próprias fraquezas e angústias.

À minha família, em especial aos meus queridos e muito amados filhos, Andressa e Pedro, os quais compreenderam minha ausência em muitos momentos e me incentivaram a sempre continuar acreditando em minha capacidade. Obrigada pelo apoio, pelo auxílio, pelo carinho, por existirem. Obrigada pelo apoio na confecção dos gráficos e na codificação dos dados. À Maraynne e ao Pedro Adriano, que foram chegando devagar e hoje fazem parte dessa família que “é pequena e incompleta, mas é boa.” À minha querida mãe Anália. Às minhas irmãs Jacilda, Magaly e Elaêne. À minha irmã Tatiana, se estivesse conosco, sei que estaria torcendo por mim.

Ao Prof. Dr. José Magalhães, o querido M., que vem me acompanhando zelosamente no percurso acadêmico dos últimos 5 anos. Agradeço o convite para participar de suas aulas como ouvinte, no início dessa jornada. Agradeço pelas valiosas oportunidades de crescimento que me propiciou, por ter me mostrado um novo caminho quando me senti extremamente perdida em relação às entrevistas, pela orientação firme nos momentos em que eu precisava me reencontrar com minha pesquisa. Agradeço por cumprir brilhantemente seu papel de orientador, dividindo seu conhecimento e compartilhando seu entusiasmo pelos estudos linguísticos. Agradeço, também, por sua sensibilidade, sua paciência e sua generosidade. Obrigada por ter me ensinado tanto.

Às queridas amigas Lucinéia, Olbia, Rosyane, Sônia e Vanessa vocês foram (e são) fundamentais na minha jornada. Ao Walyssom por me ajudar no tratamento dos dados. À minha amiga Rosana, pela parceria nas disciplinas cursadas, por compartilhar o sofrimento aguardando os “deferimentos”. Foi muito importante para mim trilharmos juntas essa jornada.

Ao professor Dr. André Pedro da Silva e às professoras Dra. Daniela Mara Lima Oliveira Guimarães e Dra. Shirley Freitas Sousa, que acompanharam o desenvolvimento desta pesquisa nos Seminários de Pesquisa em Linguística e Linguística Aplicada – SEPELLA, 2019, 2020, 2021 e 2022. À professora Dra. Livia Oushiro, pela presteza em responder meu e-mail cheio de dúvidas e pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos acerca do programa *R*.

Às professoras Dra. Giselly de Oliveira Lima e Dra. Shirley Freitas Sousa pelas valiosas contribuições para esta pesquisa na ocasião da qualificação do projeto. Às professoras Dra.

Elisa Battisti e Dra. Silvia Figueiredo Brandão, pelos questionamentos extremamente pertinentes, pelas ponderações feitas, enfim, por todas as preciosas contribuições realizadas durante a banca de qualificação. Às professoras Dra. Elisa Battisti, Dra. Shirley Freitas Sousa, Dra. Talita de Cássia Marine e ao professor Dr. Leandro Silveira de Araújo por aceitarem participar da banca de defesa.

Ao GEFONO, pelas entrevistas compartilhadas e pelo conhecimento partilhado. A toda a equipe do PPGEL, em especial Maria Virgínia e Luana, sempre prontas a auxiliar, agradeço a presteza em sanar minhas dúvidas. À Universidade Federal de Uberlândia, que me oportunizou retomar minha trajetória acadêmica, inicialmente, por meio do PROFLETRAS e, nesse momento, da conclusão do Doutorado.

A todas as pessoas que doaram seu tempo e aceitaram participar das entrevistas de produção e dos testes de percepção. A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esse Doutorado, tão importante para mim, pudesse ser concluído.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal descrever e analisar a produção e a percepção da variante retroflexa em coda silábica como marca do falar caipira, tomando como *corpus* a fala de informantes das cidades de Ituiutaba e Uberlândia, localizadas no Triângulo Mineiro, interior do estado de Minas Gerais. A motivação para esse estudo partiu da constatação de que diferentes pesquisas sociolinguísticas têm sido desenvolvidas no intuito de tratar da variação presente no português brasileiro. No que tange ao estado de Minas Gerais, o número de estudos sociolinguísticos é grande, sendo notório que eles têm contribuído sobremaneira para o delineamento sociolinguístico mineiro. Entretanto, toda a pesquisa feita ainda não foi suficiente para abarcar toda a complexidade presente no referido estado. Essa lacuna pode ser sentida, de forma ainda mais contundente, quando se trata do dialeto caipira presente no Triângulo Mineiro, o qual ainda é, muitas vezes, identificado (ou estigmatizado) via certas variantes, como: o uso da variante retroflexa do /R/ em coda silábica: ca[.ɻ]ne. Nesse viés, é bastante evidente que estudos que contribuam para a descrição do falar regional do Triângulo Mineiro se fazem necessários. À luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV 2008 [1972]), realizamos, para a pesquisa de produção, 24 entrevistas com doze informantes de cada uma das cidades. Para os testes de percepção, nos valem da técnica *verbal guise test* (AGHEYISI E FISHMAN, 1970) e, a partir de estímulos com a variante retroflexa e a variante fricativa, confeccionamos dois formulários virtuais e um presencial com os quais obtivemos um total de 86 respostas. Os dados coletados foram transcritos e codificados e a manipulação foi feita por meio do programa computacional *R*. Os resultados encontrados nos questionários de produção linguística demonstraram, no quadro geral, que a variante retroflexa é a mais produtiva nas duas localidades pesquisadas. Verificamos, no universo de 8508 dados, apenas 285 ocorrências de outras variantes. Em relação às variáveis independentes extralinguísticas, os dados revelaram que, em relação à faixa etária, o uso da variante retroflexa mostrou-se mais recorrente nas três faixas etárias. Em relação à escolaridade, nossa análise do valor-p revelou estarmos diante de uma hipótese nula, ou seja, o nível de escolaridade não (des)favorece a realização da variante retroflexa. Linguisticamente, verificamos que há favorecimento da variante retroflexa nos seguintes contextos: vogais labiais e coronais; consoantes coronais; sílabas átonas; não verbos; palavras com uma e com duas sílabas e coda em sílaba inicial e medial. Quanto aos testes de percepção, a análise dos dados revelou que os moradores das duas localidades percebem a produção do /R/ retroflexo na própria fala e na fala de outros moradores da região e atribuem diferente valoração para as duas variantes presentes no teste: fricativa e retroflexa. Constatamos, também, que a maioria dos respondentes das duas localidades identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira. Por fim, os dados revelaram que a valoração negativa atribuída para a variante retroflexa é externa às comunidades de fala de Ituiutaba e Uberlândia, ou seja, é atribuída por falantes de outras variantes. Para os respondentes pertencentes às comunidades analisadas, que fazem uso da variante retroflexa, ela marca seu lugar social a partir de uma forma de identificação linguística da qual sentem orgulho.

Palavras-chave: /R/ em coda silábica. Variante Retroflexa. Produção. Percepção. Avaliação. Identidade.

ABSTRACT

This research aims to describe and analyze the production and perception of the retroflex variant in syllabic coda as a mark of *caipira* speech, having as corpus the speech of informants from Ituiutaba and Uberlândia, cities located in the Triângulo Mineiro region, in the state of Minas Gerais. The motivation for this study came from the observation that different sociolinguistic research has been developed to address the variation present in Brazilian Portuguese. Regarding the state of Minas Gerais, there is extensive research in Sociolinguistics, and they have contributed significantly to the sociolinguistic design of Minas Gerais. However, all the research was still insufficient to present that state's complexity. This gap can be noted when it comes to the *caipira* dialect present in the Triângulo Mineiro, which is still often identified (or stigmatized) via specific variants, such as the use of the retroflex variant of /R/ in syllabic coda: ca[ɻ]ne. In this sense, it is evident that studies that contribute to describing regional speech in the Triângulo Mineiro are necessary. Considering the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV 2008 [1972]), we conducted 24 interviews with twelve informants from each city for production research. For the perception tests, we used the verbal guise test technique (AGHEYISI AND FISHMAN, 1970) and, based on stimuli with the retroflex variant and the fricative variant, we created two virtual forms and one face-to-face, which we obtained a total of 86 answers. We transcribed and coded the collected data and did the manipulation using the computer program R. The results from the linguistic production questionnaires demonstrated, in general, that the retroflex variant is the most productive in both locations. In the universe of 8508 data, we verified only 285 occurrences of other variants. Regarding the extralinguistic independent variables, the data revealed that, concerning the age group, the use of the retroflex variant was more recurrent in the three age groups. Regarding education, our p-value analysis revealed that we are facing a null hypothesis: the level of education does not (dis)favor the realization of the retroflex variant. Linguistically, we found that the retroflex variant is favored in the following contexts: labial and coronal vowels, coronal consonants, unstressed syllables, non-verbs, words with one and two syllables and coda in initial and medial syllable. As for the perception tests, data analysis revealed that residents of both locations perceive the production of retroflex /R/ in their speech and the speech of other residents of the region and attribute different valuations to the two variants present in the test: fricative and retroflex. We also found that most respondents from both locations identify the retroflex variant as a mark of *caipira* speaking. Finally, the data revealed that the negative valuation attributed to the retroflex variant is external to the speech communities of Ituiutaba and Uberlândia, that is, it is given by speakers of other variants. For the respondents who belong to the analyzed communities and use the retroflex variant, it marks their social place through a form of linguistic identification of which they are proud.

Keywords: /R/ in syllabic coda. Retroflex variant. Production. Perception. Assessment. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Representação fonológica dos róticos no PB.....	31
Figura 2 - Realização de /R/ em coda silábica no Brasil.....	32
Figura 3 - Presença de -R retroflexo.....	33
Figura 4 - Divisão dos falares de Minas Gerais proposta por Zágari.....	44
Figura 5 - Representação da sílaba baseada em Selkirk (1982).....	52
Figura 6 - Padrão de construção da sílaba base (PCSB).....	53
Figura 7 - Condição positiva do ataque complexo.....	53
Figura 8 - Exemplos de processos de ressilabificação.....	54
Figura 9 - Círculo permanente de práticas variacionistas.....	57
Figura 10 - Municípios da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	63
Figura 11 - Localização de Minas Gerais.....	65
Figura 12 - Divisão geográfica de Minas Gerais.....	66
Figura 13 - Vista aérea da cidade de Uberlândia.....	68
Figura 14 - Vista aérea do centro de Ituiutaba.....	69
Figura 15 - RStudio.....	79
Figura 16 - RBrul: Interface gráfica.....	79
Figura 17 - Interface gráfica Transkriptor.....	82
Figura 18 - Carta I: Retroflexo em final de sílaba – "arco".....	88
Figura 19 - Audacity: Interface gráfica.....	144
Figura 20 - Página do formulário apresentado ao participante.....	145
Figura 21 - Página do formulário apresentado ao participante.....	146
Figura 22 - Página do formulário apresentado ao participante.....	147
Figura 23 - Página do formulário apresentado ao participante.....	148

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ocorrências da variante retroflexa nos dois níveis de escolaridade analisados.....	93
Gráfico 2 - Realização do /R/ retroflexo por idade	98
Gráfico 3 - Variável independente núcleo silábico	129
Gráfico 4 - Variável independente contexto fonológico seguinte	130
Gráfico 5 - Variável independente tonicidade	132
Gráfico 6 - Variável independente classe gramatical	133
Gráfico 7 - Variável independente tamanho da palavra	134
Gráfico 8 - Variável independente posição da coda na palavra	135
Gráfico 9 - Correlações variante retroflexa	139
Gráfico 10 - Resultados referentes à variante retroflexa em Ituiutaba e Uberlândia	155
Gráfico 11 - Resultados referentes à variante fricativa em Ituiutaba e Uberlândia.....	156
Gráfico 12 - Escala de diferencial semântico - resultados.....	163
Gráfico 13 – Porcentagens dos sentimentos relacionados às variantes	166
Gráfico 14 - Faixa etária.....	167
Gráfico 15 – Escolaridade	169

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estratificação dos participantes desta pesquisa.....	71
Quadro 2 - Não verbos: cancelamento de /R/ por item lexical.....	108
Quadro 3 - Variável independente posição da sílaba na palavra.....	109
Quadro 4 - Exemplos dos contextos de aplicação na cidade de Ituiutaba.....	114
Quadro 5 - Exemplos dos contextos de aplicação na cidade de Uberlândia.....	121
Quadro 6- Distribuição dos informantes.....	150
Quadro 7 - Total de dados de percepção.....	151
Quadro 8 - Total de dados de percepção de Ituiutaba.....	151
Quadro 9 - Total de dados de percepção de Uberlândia.....	152
Quadro 10 - Avaliação, por estado, do dialeto rural como padrão brasileiro.....	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total dos dados em Uberlândia e Ituiutaba	84
Tabela 2 - Total de dados de Ituiutaba	85
Tabela 3 - Total de dados de Uberlândia	85
Tabela 4 - A variável independente escolaridade em Ituiutaba	90
Tabela 5 - A variável independente escolaridade em Uberlândia	91
Tabela 6 - Realizações do /R/ em coda silábica	92
Tabela 7 - A variável independente faixa etária em Ituiutaba	95
Tabela 8 - A variável independente faixa etária em Uberlândia	96
Tabela 9 - Variável independente faixa etária – Ituiutaba e Uberlândia	97
Tabela 10 - Apagamento - Variável independente: núcleo silábico	100
Tabela 11 - Apagamento - Variável independente: classe gramatical	100
Tabela 12 - Apagamento - Variável independente: tonicidade	101
Tabela 13 - Apagamento - Variável independente: posição da sílaba na palavra	101
Tabela 14 - Apagamento - Variável independente: núcleo silábico	102
Tabela 15 - Apagamento - Variável independente: classe gramatical	103
Tabela 16 - Apagamento - Variável independente: tonicidade	103
Tabela 17 - Apagamento - Variável independente: linguística tamanho da palavra	104
Tabela 18 – Apagamento - Variável independente: posição da sílaba na palavra	104
Tabela 19 - O apagamento do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia ..	105
Tabela 20 - Apagamento do /R/ em coda - variáveis independentes linguísticas	106
Tabela 21 - Outras variantes do /R/ em coda silábica – Faixa etária	112
Tabela 22 - Outras variantes do /R/ em coda silábica - Nível de escolaridade	112
Tabela 23 - Variável independente linguística: núcleo silábico	115
Tabela 24 - Variável independente: contexto fonológico seguinte	117
Tabela 25 - Variável independente: tonicidade	118
Tabela 26 - Variável independente: classe gramatical	118
Tabela 27 - Variável independente: tamanho da palavra Ituiutaba	119
Tabela 28 - Variável independente: posição da sílaba na palavra	120
Tabela 29 - Variável independente: linguística núcleo silábico	122
Tabela 30 - Variável independente: contexto fonológico seguinte	123
Tabela 31 - Variável independente: tonicidade	124
Tabela 32 - Variável independente: classe gramatical	125

Tabela 33 - Variável independente: tamanho da palavra	126
Tabela 34 - Variável independente: posição da sílaba na palavra.....	127
Tabela 35 - Realização de /R/ retroflexo - variáveis linguísticas	128
Tabela 36 - Matriz de Correlações	138
Tabela 37 - Análise multivariada de efeitos mistos - Medidas de Ajustamento do Modelo.	140
Tabela 38 - Terceira parte dos testes de percepção	152
Tabela 39 - Distribuição das características – Variante retroflexa.....	153
Tabela 40 - Distribuição das características – Variante fricativa	154
Tabela 41 - Distribuição das características	159
Tabela 42 - Sentimentos	165
Tabela 43 - Atribuição da faixa etária	167
Tabela 44 - Atribuição do nível de escolaridade	168

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 OS RÓTICOS.....	23
2.1 Estudos relacionados aos róticos.....	23
2.2 Diferentes realizações dos róticos no Português Brasileiro.....	26
2.3 Origem do /R/ retroflexo.....	29
2.4 Realizações do /R/ em coda silábica: presença da variante retroflexa.....	31
3 O DIALETO CAIPIRA.....	37
3.1 Língua e dialeto.....	37
3.2 O dialeto caipira e o falar rural.....	39
3.3 Breve panorama do dialeto caipira.....	43
3.4 Urbano, rural, rurbaro.....	45
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	49
4.1 A Sociolinguística Variacionista.....	49
4.2 A estrutura da sílaba e coda silábica.....	51
4.3 A percepção.....	55
4.4 A avaliação.....	58
4.5 Identidade.....	59
5 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE PRODUÇÃO.....	62
5.1 As comunidades pesquisadas: Ituiutaba e Uberlândia.....	62
5.1.1 Breve história e aspectos gerais do Estado de Minas Gerais.....	63
5.1.2 Aspectos gerais do Triângulo Mineiro.....	65
5.1.3 A cidade de Uberlândia.....	66
5.1.4 A cidade de Ituiutaba.....	68
5.2 A constituição da amostra.....	70
5.3 Definições das Variáveis.....	73
5.3.1 Variável dependente.....	74
5.3.2 Variáveis independentes.....	74
5.4 O programa estatístico, os pacotes e algumas de suas funções.....	78
5.5 Passos trilhados para a análise quantitativa da produção do /R/ em coda silábica.....	81
6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	84
6.1 Frequência global de uso das variantes do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia.....	84
6.2 O apagamento do /R/ em coda silábica.....	86

6.3 Outras realizações do /R/ em coda silábica	87
6.4 A variante retroflexa	87
6.5 As variáveis independentes extralinguísticas	89
6.5.1 A variável independente escolaridade.....	89
6.5.1.1 A variável independente escolaridade em Ituiutaba.....	89
6.5.1.2 A variável independente escolaridade em Uberlândia	90
6.5.1.3 A variável independente escolaridade nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia	92
6.5.2 A variável independente extralinguística faixa etária	94
6.5.2.1 A variável independente faixa etária na cidade de Ituiutaba.....	94
6.5.2.2 A variável independente faixa etária na cidade de Uberlândia	96
6.5.2.3 A variável independente faixa etária nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia	97
6.6 Um olhar sobre as variantes encontradas nas duas localidades investigadas	99
6.6.1 O apagamento do /R/ em coda silábica na cidade de Ituiutaba.....	99
6.6.2 O apagamento do /R/ em coda silábica na cidade de Uberlândia	102
6.6.3 O apagamento do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia	105
6.7 Outras realizações do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia.....	111
6.8 A variante retroflexa na cidade de Ituiutaba	113
6.8.1 As variáveis independentes linguísticas.....	114
6.8.1.1 A variável independente linguística núcleo silábico	115
6.8.1.2 A variável independente linguística contexto fonológico seguinte.....	116
6.8.1.3 A variável independente linguística tonicidade	117
6.8.1.4 A variável independente linguística classe gramatical.....	118
6.8.1.5 A variável independente linguística tamanho da palavra.....	119
6.8.1.6 A variável independente linguística posição da sílaba na palavra	120
6.9 A variante retroflexa na cidade de Uberlândia	121
6.9.1 As variáveis independentes linguísticas.....	121
6.9.1.1 A variável independente linguística núcleo silábico	122
6.9.1.2 A variável independente linguística contexto fonológico seguinte.....	123
6.9.1.3 A variável independente linguística tonicidade	124
6.9.1.4 A variável independente linguística classe gramatical.....	124
6.9.1.5 A variável independente linguística tamanho da palavra.....	125
6.9.1.6 A variável independente linguística posição da sílaba na palavra	126
6.10 A variante retroflexa nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia	127
6.11 Análises de regressão	137
6.12 Síntese do capítulo	140

7 METODOLOGIA DOS TESTES DE PERCEPÇÃO	142
7.1 A metodologia dos testes	142
7.2 Preparação dos estímulos	143
7.3 A produção dos formulários	145
8 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS TESTES DE PERCEPÇÃO	150
8.1 Análise global dos testes realizados em Ituiutaba e Uberlândia	150
8.2 Avaliação	169
8.3 Identidade.....	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	184
ANEXOS	194
APÊNDICES	198

1 INTRODUÇÃO

É consabido que a heterogeneidade é uma característica inerente a todas as línguas humanas. O processo de mudança é contínuo, gradativo e dinâmico, embora, muitas vezes, não seja percebido pelos próprios falantes. Nesse sentido, acredita-se que “nenhum indivíduo na verdade fala uma língua, nem o espanhol, nem o português, nem o inglês. Todos nós falamos uma variação dessas línguas (...)” (MOURA, 2007, p. 14). Toda e qualquer variação está atrelada a fatores de ordem linguística e/ou extralinguística. Esses fatores influenciarão de diferentes maneiras, em maior ou menor intensidade, as variações relacionadas às situações de uso da língua. Nesse âmbito, Antunes (2009, p.22) afirma que em todas as línguas, desde que em uso, “ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua se manifesta num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua”.

Embora a variação seja condição essencial para que a mudança aconteça, nem sempre ela implicará em mudança linguística, pois pode haver a convivência harmônica entre duas formas, sem que uma delas se sobressaia, cada uma em seu respectivo espaço de atuação, resultando, nesse caso, em um processo de variação estável. Nesse mesmo viés, Weinreich; Labov; Herzog (1968, p.125) afirmam que “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.” Assim, pesquisas relacionadas à variação estão atreladas ao estudo do processo que pode ou não resultar em mudança linguística.

Nesse contexto, a Sociolinguística (considerada aqui a Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Laboviana) mostra-se fundamental, uma vez que se dedica ao estudo da língua em situações reais de interação verbal. Coadunando-se com essa perspectiva, Alkmim (2001, p.33) reforça que a Sociolinguística “encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”. Faraco (2005) reitera, a partir dos postulados da Sociolinguística, que a mudança linguística não ocorre por meio apenas da “substituição discreta de um elemento por outro”, pois envolve um processo histórico, o qual pressupõe a ocorrência da variação sincrônica, abrangendo fases de coexistência das variantes (estratificadas social e estilisticamente) e fases em que essas variantes entram em concorrência “no cabo da qual uma termina por vencer a outra, podendo

– por vicissitudes do processo – subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá” (FARACO, 2005, p.186).

Alicerçados nos pressupostos de Labov (2008)¹ diferentes pesquisas sociolinguísticas têm sido desenvolvidas no intuito de tratar da variação presente no Português Brasileiro (doravante PB). Projetos como o VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), o VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), o ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), o EALMG (Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais) têm fornecido uma robusta fonte de dados utilizada em diversificados estudos relacionados às variedades regionais.

No que tange a Minas Gerais, há importantes estudos sociolinguísticos relacionados ao estado, como Alkmim (2001); Viegas (1987; 2001); Ribeiro (2013; 2017), sendo notório que eles têm contribuído sobremaneira para o delineamento sociolinguístico mineiro. Entretanto, toda a pesquisa feita ainda não foi suficiente para abarcar toda a complexidade presente no referido estado. Essa lacuna pode ser sentida, de forma ainda mais contundente, quando se trata do Dialeto Caipira (doravante DC) presente no Triângulo Mineiro, o qual ainda é, muitas vezes, identificado (ou estigmatizado) via certas variantes, como: o uso da variante retroflexa do /R/ em coda silábica: *ca[ɻ]ne*; o rotacismo, que consiste na troca da consoante líquida lateral, pela líquida vibrante: *blusa > brusa*; reduções no diminutivo: *pezinho > pezin*; dentre outras.

No que se refere à coda silábica, diferentes estudos atestam que, no Estado de Minas Gerais, embora a fricativa velar seja a variante mais frequente de /R/ e possa ser observada em quase todo o estado, as realizações fonéticas encontradas são variadas: sons fricativos (velares e glotais), tepe e retroflexo (cf. ANTUNES E LOURDES, 2016). Nesse viés, é bastante evidente que estudos que contribuam para a descrição do falar regional do Triângulo Mineiro se fazem necessários, principalmente no que se refere ao uso da variante retroflexa em coda silábica que, embora seja marca prototípica da região, sofre preconceito. Corroborando o exposto, dados de Leite (2010), de Rennieke (2011, 2016), dentre outros, apontam para o fato de a variante retroflexa permanecer atrelada a um valor negativo de estigmatização social, ou seja, a denominação *caipira*² é dada em sentido pejorativo e reforça no senso comum

¹ Labov (2008) refere-se à tradução de Sociolinguistic Patterns (Labov, 1972). Trad. Marcos Bagno; Marta Scherre; Caroline Cardoso.

² O sentido pejorativo dado ao termo caipira pode ser comprovado, inclusive, pela consulta a um dicionário, como o Houaiss (2001), que traz uma lista abundante de sinônimos para o termo *caipira* os quais, majoritariamente, atrelados a uma valoração negativa. *Caipira* (adj.2g) (1872 cf. JAITil) **1** que vive no interior, fora dos centros urbanos, no campo ou na roça; roceiro **2** que leva uma vida campestre rústica, tem pouca instrução, pouco convívio social, e hábitos e modos rudes (por vezes, pej.) **3** próprio de caipira (acp. 7 e 8) **4** fig. que é tímido, acanhado, pouco sociável **5** MNH que é avarento, sovina, mesquinho **6** etn B relativo à festa junina n s.2g. **7** indivíduo natural

preconceitos que são atribuídos a essa variante. Para além da análise dos contextos linguísticos e/ou extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem a produção da variante retroflexa em coda silábica, é importante conhecer “como o brasileiro acha que fala”, por meio da perspectiva da sociolinguística da percepção (FREITAG et al., 2016). Dessa forma, será possível entender como os falantes/ouvintes avaliam a variante retroflexa e, ainda, a que falantes eles a associam.

Nesse contexto, o objetivo principal desta tese é descrever e analisar a produção e a percepção da variante retroflexa³ em coda silábica como marca do falar caipira, tomando como *corpus* a fala de informantes nascidos e crescidos nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, localizadas no Triângulo Mineiro, interior do Estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país.

Os objetivos específicos norteadores desta tese são:

- i. Descrever as realizações da variável /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e de Uberlândia;
- ii. Realizar uma comparação em relação à produção da variante retroflexa entre as cidades de Ituiutaba, uma das principais cidades do Pontal do Triângulo Mineiro, e Uberlândia, principal cidade do Triângulo Mineiro e segunda maior cidade do Estado de Minas Gerais;
- iii. Verificar quais contextos linguísticos e/ou extralinguísticos favorecem ou desfavorecem a realização da variante retroflexa; na realização de outras variantes ou no apagamento do /R/ em coda silábica;
- iv. Analisar, por meio de testes de percepção do /R/, como os ouvintes percebem a realização do /R/ em coda silábica;

ou habitante de parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, esp. São Paulo, de origem rural, caracterizados pela agricultura de subsistência, pela cultura itinerante e por não terem a posse da terra **8** indivíduo simplório, ger. habitante do campo, de pouca instrução e modos pouco refinados **9** B infrm. malandro, vadio **10** (1934) lud B N.E. certo jogo de azar comum entre a população humilde, com um tabuleiro de seis casas numeradas e um dado ou roleta simples onde se decidem as paradas **11** hist P adepto ou militante do partido constitucionista português nas lutas travadas entre 1828 e 1834 ∅ etim orig. contrv., prov. do tupi; AGC sugere possível relação com caipora e curupira, sin/var como adj.subst.2g.: araruama, arigó, babaquara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba, biriva, botocado, brocoió, bruaqueiro, caapora, caboclo, caburé, cafumango, caiçara, cambembe, camisaão, canguai, canguçu, capa-bode, capiau, capicongo, capuava, capurreiro, cariazal, casaca, casacudo, casca-grossa, catatua, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, guasca, jeca, jeca-tatu, macaqueiro, mambira, mandi, mandim, mandioqueiro, mano-juca, maritimba, mateiro, matuto, mixanga, mixuango, mocó, mcorongo, moqueta, mucufo, muxuango, pé-duro, pé-no-chão, pioca, piraguara, piraquara, queijeiro, restingueiro, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano, urumbeba, urumbeva; ver tb. sinonímia de bronco. ∅ ant como adj.subst.2g.: citadino, cosmopolita, elegante, fino, sofisticado, urbano ∅ col caipirada.

³ É importante destacar que, neste trabalho, não foi considerada a distinção entre as possíveis variantes da retroflexão do fonema /R/. Por se tratar de um trabalho de essência sociolinguística, foi analisado o fato de o falante/ouvinte, participante da pesquisa, utilizar a variante retroflexa ou outras variantes do fonema /R/ em coda silábica.

v. Analisar se os falantes da variante retroflexa do /R/ em coda silábica se identificam como falantes dessa variante;

vi. Analisar se os falantes de outras variantes do /R/ em coda silábica atribuem valoração negativa aos falantes da variante retroflexa;

vii. verificar se os falantes/ouvintes das duas localidades identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira.

A partir dos objetivos elencados para esse estudo, foram formuladas as seguintes hipóteses de pesquisa:

i. A produção do /R/ retroflexo, característico do DC, embora se manifeste nas duas localidades, é mais recorrente na cidade de Ituiutaba. As duas cidades selecionadas para essa pesquisa, Ituiutaba e Uberlândia, localizadas na região do Triângulo Mineiro, incluem-se na zona do falar paulista, descrito por Zágari et al. (1977) como um falar que tem como uma das principais marcas o /R/ retroflexo. Embora pertençam a mesma região geográfica intermediária, Uberlândia, esses municípios estão localizados e nomeiam regiões geográficas imediatas distintas e são referências em suas respectivas regiões. As duas cidades apresentam grande diferença quanto ao número de moradores - Uberlândia é a segunda maior cidade do estado com aproximadamente 706.597⁴ habitantes, em contrapartida, Ituiutaba, com cerca de 105.818 pessoas, aparece na trigésima segunda posição em relação ao tamanho da população. - Outro ponto importante trata da distância entre os dois municípios, em torno de 137 km, sendo o município de Ituiutaba localizado no *Pontal do Triângulo*⁵, região limítrofe com o estado de Goiás e, ainda, com forte vocação para o agronegócio, principalmente, a agricultura familiar. Já no que se refere à economia uberlandense, o setor terciário é o de maior relevância. Dessa forma, embasados nas características supracitadas referentes a cada um desses municípios, acreditamos que a produção do /R/ retroflexo, característico do DC, embora se manifeste nas duas localidades, seja mais recorrente na cidade de Ituiutaba.

ii. A realização retroflexa do /R/ em coda silábica, comumente reconhecida como marca do DC, é mais produtiva nos usos de indivíduos de faixas etárias mais elevadas e nos grupos com menor escolaridade.

iii. A variante apagamento é favorecida pela posição da coda na sílaba final da palavra;

⁴ Fonte IBGE (2021)

⁵ Oliveira (2015, p. 27) nos esclarece que a região do Pontal do Triângulo Mineiro é “uma delimitação não registrada pelas divisões do IBGE. No entanto, o termo “Pontal” é usado para denominar empreendimentos e lojas diversas, dentre outras atividades, nas microrregiões de Frutal (MG) e Ituiutaba (MG), por exemplo, o nome do campus da UFU na cidade Ituiutaba (MG) (...)”.

iv. A variante retroflexa é favorecida pela posição da coda nas sílabas inicial e medial;

v. Os indivíduos que produzem a variante retroflexa em coda silábica reconhecem esse uso como instrumento identitário. Nesse aspecto, concordamos com Bortoni-Ricardo, (2005, pag.33) para quem “Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”.

vi. Os falantes de outras variantes do /R/ em coda silábica atribuem valoração negativa à realização retroflexa dessa variante;

vii. Os falantes/ouvintes das duas localidades identificam variante retroflexa como marca do falar caipira.

A fim de atingirmos o objetivo proposto para essa pesquisa - descrever e analisar a produção e a percepção da variante retroflexa em coda silábica como marca do falar caipira nas cidades de Uberlândia e Ituiutaba – partiremos das seguintes questões de pesquisa:

i. Que fatores linguísticos e extralinguísticos estariam condicionando o uso das variantes do /R/ em coda silábica que ocorrem nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia?

ii. A variante retroflexa é, de fato, a variante mais produtiva nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia?

iii. Os moradores das localidades selecionadas para esse estudo percebem a produção do /R/ retroflexo na própria fala e na fala de outros moradores da região?

iv. Os falantes/ouvintes das duas localidades, que fazem uso da variante retroflexa, identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira?

v. Há uma valoração negativa para o uso da variante retroflexa?

Diante do exposto, esta pesquisa se justifica, pois, por meio da descrição e análise do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira, neste trabalho caracterizado nos falares das cidades de Ituiutaba e Uberlândia, poderemos contribuir com o mapeamento desse fenômeno na região do Triângulo Mineiro e, ainda, com a descrição do chamado DC. Essa pesquisa é importante, ainda, por contribuir com a análise da percepção e avaliação dos falantes/ouvintes no que se refere à realização do /R/ em coda silábica, por meio da aplicação de um teste de percepção linguística, com o qual pretendemos entender se os falantes das duas localidades identificam a produção retroflexa do /R/ em coda silábica e como avaliam a realização dessa variante. Por fim, ao propiciar discussões sobre as variedades que compõem a língua nacional, por meio da descrição e análise do /R/ em coda silábica nas cidades supracitadas, essa pesquisa poderá contribuir para a erradicação do preconceito linguístico, ao qual essa variedade ainda é, muitas vezes, exposta.

Com vistas a alcançar o propósito deste trabalho e testar as hipóteses previstas, esta tese está organizada em oito capítulos. No primeiro capítulo trazemos a introdução, na qual realizamos a exposição do tema, especificamos o objetivo geral, os objetivos específicos, a justificativa, as hipóteses e as questões de pesquisa. No segundo capítulo realizamos uma revisão de conceitos e discussões sobre os sons róticos: aspectos fonéticos e fonológicos e considerações a respeito do /R/ em coda silábica, com ênfase na variante retroflexa. No terceiro capítulo nos dedicamos a discussões sobre o DC. Iniciamos com um levantamento sobre as noções de língua e dialeto; do DC e do falar rural. Em seguida, apresentamos um breve panorama do DC no território nacional. Por fim, tratamos de possíveis definições acerca de: urbano, rural, rurbano. No quarto capítulo apresentamos os pressupostos teóricos. Inicialmente realizamos considerações acerca da sociolinguística variacionista. Tratamos, a seguir, da estrutura da sílaba e da coda silábica. Apresentamos, por fim, um estudo de questões vinculadas à percepção, à avaliação e à identidade linguísticas. No quinto capítulo nos dedicamos à metodologia da análise de produção. Iniciamos trazendo a caracterização das localidades pesquisadas, em seguida, realizamos a estratificação dos informantes, a definição da variável dependente e das variáveis independentes. Também trazemos informações sobre o programa utilizado para a análise quantitativa dos dados e os passos trilhados para a análise. O sexto capítulo é dedicado à apresentação e à análise dos dados coletados relacionados à produção do /R/ em coda silábica. Apresentamos, inicialmente os dados referentes a cada município e, em seguida, a análise comparativa das duas localidades. No sétimo capítulo discorremos sobre a metodologia adotada para a produção e aplicação dos testes de percepção. No oitavo capítulo nos dedicamos a analisar os resultados dos testes de percepção linguística. Finalmente, trazemos as considerações finais desta pesquisa, seguidas das referências, dos anexos e dos apêndices.

2 OS RÓTICOS

Neste capítulo, nosso objetivo é realizar uma revisão de conceitos e discussões que dizem respeito aos sons róticos. Interessa-nos, em um primeiro momento, realizar um levantamento sobre os estudos relacionados aos róticos do ponto de vista fonético e fonológico. A seguir, nos ocuparemos das diferentes realizações dos róticos no PB. Realizaremos, também, um levantamento acerca do /R/ em coda silábica, sobretudo a realização da variante retroflexa, nos atentando para as hipóteses sobre suas origens e sua distribuição geográfica.

2.1 Estudos relacionados aos róticos

A descrição do português brasileiro nos diferentes níveis de análise linguística (fonético-fonológico, lexical, morfossintático, semântico) avançou bastante a partir da segunda metade do século XX, especialmente após os primeiros estudos de Camara Jr. No que se refere ao nível fonético-fonológico, embora muitas pesquisas realizadas abordem os falares regionais, é perceptível que muito ainda precisa ser feito para que se tenha um retrato fiel da língua portuguesa falada no país.

Nesse sentido, a variação na realização dos róticos tem sido objeto de estudos tanto variacionistas (CALLOU; MORAES e LEITE, 1996; LEITE, 2004, 2010), quanto de descrições dialetológicas (ZÁGARI et al., 1977; NOLL, 2008), dentre outros. Callou, Moraes e Leite (1996, p. 463), partindo da teoria da dispersão (LINDBLOM, 1963), esclarecem que tal alternância poderia ser explicada “pelo maior espaço articulatório disponível para as múltiplas realizações dos segmentos fônicos, uma vez que o contraste existente em posição intervocálica se anula naquele contexto, acarretando uma latitude articulatória mais ampla.”

É perceptível o fato de não haver consonância entre os estudiosos acerca do *status* fonológico do rótico. A literatura concernente ao assunto nos permite inferir a existência de diferentes propostas. A primeira delas refere-se à existência de apenas um /R/ na subjacência, representado pelo “r-forte”. Tal proposta é defendida, por exemplo, por Camara Jr. (1953) em seus primeiros estudos, sendo que esse posicionamento é revisto posteriormente. A segunda refere-se à existência de apenas um /R/ na subjacência, o “r-fraco”. Essa proposta foi defendida, por exemplo, por Monaretto (1997). A terceira proposta refere-se à existência de dois /R/ na subjacência: o “r-forte” e o “r-fraco”; esta foi defendida, por exemplo, por Bonet e Mascaró (1996) (cf. CARVALHO, 2009).

Corroborando o exposto, partindo dos estudos de Malmberg (1954, p.82-86), do ponto de vista do órgão articulador, há duas espécies de R: “o r anterior ou apical e o r posterior ou uvular. O primeiro é pronunciado de tal forma que a ponta da língua, tocando os alvéolos, é empurrada para frente pela corrente de ar. Graças à sua elasticidade, a língua regressa à primeira posição, e o mesmo movimento vai-se repetindo quatro ou cinco vezes seguidas num r múltiplo.”. Esse é o r que com frequência é chamado de r “rolado”. Em relação ao r apical vibrante “é, por assim dizer, a forma primitiva deste fonema, na Europa e noutros lugares. Já não é a ponta da língua, mas a úvula que vibra e produz os contactos repetidos com a parte posterior do dorso da língua.” O autor continua afirmando que os dois tipos de r (anterior e posterior) “são, o mais das vezes, duas variantes (regionais ou individuais) do mesmo fonema. Em português, francês, inglês ou alemão não se pode mudar o sentido de uma palavra só porque se substitui um r apical por um r uvular.”

Em seus estudos, Camara Jr. (1953, p. 19-20) discorre, a princípio, sobre a existência de apenas um fonema /R/ na subjacência, representado pelo r-forte. Para ele não há dois elementos perceptíveis na posição intervocálica (salvo em delimitação vocabular). O autor afirma que, quanto ao

/r/ brando é um mero alofone de posição intervocálica. Fonemicamente, corresponde a um enfraquecimento, à maneira do que sofre o /b/, o /d/ e o /g/, determinado por essa posição. A líquida vibrante, assim considerada é um só fonema, na base da sua articulação forte, apresenta além do alofone posicional que é o /r/ brando, uma variação livre como velar, que facultativamente, no sistema da língua, substitui a sua vibração anterior múltipla (CAMARA JR., 1953, p. 110).

Posteriormente, o autor reconsidera essa primeira análise e, no que se refere à posição intervocálica, reconhece a existência de duas variantes opostas fonologicamente (por estabelecerem distinção de significados). Camara Jr. (1977, p. 79) postula ser preferível aceitar “a idiossincrasia do consonantismo português em reconhecer duas vibrantes, que só se opõem em posição intervocálica, com neutralização em outras posições, inclusive na posição mais favorável para a nitidez das consoantes, que é inicial e onde só aparece /r/ forte.”

Callou e Leite (2000, p. 75) defendem a necessidade de interpretação da vibrante a partir das realizações fonéticas, com o propósito de salientar as características de cada um dos fonemas r. Postulam que “o chamado r fraco realiza-se quase sempre como vibrante apical

simples, um tepe alveolar sonoro, embora possa apresentar uma realização retroflexa – como o seu correspondente forte – que caracteriza o chamado dialeto caipira.”

No que se refere ao r forte, Callou e Leite (2000) afirmam que a variação na sua realização é maior e, no que diz respeito ao falar carioca, é possível encontrar as seguintes variantes:

[...] 1)vibrante múltipla anterior ápico-alveolar sonora [...]; 2) vibrante múltipla posterior-uvular, [...]; 3) fricativa velar surda [...], e 4) fricativa laríngea ou glotal (aspiração) surda. No final de palavra, pode ainda reduzir-se a zero fonético ou realizar-se como vibrante simples [r] quando a palavra seguinte começa por vogal (CALLOU; LEITE, 2000, p. 75).

Callou e Leite (2000) afirmam, ainda, que a existência de duas vibrantes no PB implicará em oposição fonológica em posição intervocálica e, em outros ambientes, neutralização. Segundo as autoras, “[...] em posição inicial só ocorre o r forte (múltiplo), como segundo elemento de grupo consonântico ocorre de preferência o r fraco (simples) e em posição pós vocálica pode ocorrer um ou outro” (CALLOU; LEITE, 2000, p. 75). Leite (2004, p.36) afirma, ainda, que, em muitos dialetos, atualmente, há uma maior frequência na realização do r forte, entretanto, quando se trata de falantes mais jovens a fricativa velar ou fricativa glotal são mais produtivas, as quais são “fones bastante diferenciados do *tepe* que traduz a variante fraca”.

No que se refere ao ponto de vista fonético, segundo Callou e Brandão (2016), em virtude de sua grande variabilidade, não é simples identificar o tipo de realização da vibrante forte. Assim, levando em consideração os diferentes falares das regiões, as autoras trazem

i) vibrante múltipla anterior ápico-alveolar sonora;
 ii) vibrante múltipla posterior sonora (uvular, de preferência);
 iii) fricativa velar surda (diante de consoante sonora pode realizar-se como sonora);
 iv) fricativa glotal (aspiração); e
 v) zero fonético, em posição de coda silábica externa (CALLOU; BRANDÃO, 2016. p. 106).

Nesse sentido, tendo em vista a multiplicidade de realizações dos sons róticos inerente ao PB, nos ocuparemos na próxima seção das diferentes realizações do rótico no território brasileiro.

2.2 Diferentes realizações dos róticos no Português Brasileiro

Acerca das diferentes realizações dos róticos no território brasileiro, muitas pesquisas realizadas apontam para o fato de a variação ser favorecida ou desfavorecida pela localização geográfica e pela posição que o rótico ocupa na sílaba. Nesse sentido, sobre o apagamento variável do R em posição de coda final, Callou e Serra (2012) realizaram um estudo de tendência em tempo real de curta duração, por meio de entrevistas informais realizadas nas décadas de 1970 e 1990 com falantes cultos das cidades de Salvador e Rio de Janeiro. As autoras partem da hipótese de que não somente fatores linguísticos e sociais (des)favoreceriam a variação, mas também a estrutura prosódica, já que o cancelamento do R “seria mais frequente em níveis mais baixos do que em níveis mais altos da hierarquia prosódica”. O estudo traz as seguintes conclusões: “(i), em termos gerais, a fronteira de sintagma entonacional (IP) desfavorece a queda do segmento, (ii) há um processo gradual de apagamento e (iii) da década de 1970 para a de 1990 mesmo a fronteira de IP passa a não inibir o apagamento do segmento” (CALLOU e SERRA, 2012, p.41).

Da Costa Oliveira et al. (2018) analisam o processo de variação do rótico em coda silábica nas capitais Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba e em seis municípios: Santa Maria, Caçapava do Sul, Lages, Criciúma, Guarapuava e Campo Mourão, todos pertencentes à região Sul do Brasil. Foram analisados dados extraídos de amostras de fala espontânea do Projeto ALiB, gravados nos anos 2000. Nas análises foram encontradas, com diferentes percentuais de distribuição, as variantes tepe, aproximante retroflexa, fricativa glotal (aspirada), fricativa velar e vibrante múltipla e o apagamento. Nas capitais, os resultados gerais mostraram que o apagamento é quase categórico nos verbos nas três capitais estudadas. Os resultados gerais obtidos nas cidades do interior apontam para o fato de haver altos índices de apagamento do rótico em verbos em todos os municípios pesquisados e, em contrapartida, em não verbos a frequência de apagamentos foi baixa. Quanto às ocorrências do rótico, a aproximante retroflexa e o tepe foram as realizações fonéticas mais recorrentes tanto em verbos quanto em não verbos, nas cidades do interior. A respeito do uso das variantes, a pesquisa demonstrou que há maior produtividade do tepe e da aproximante retroflexa na região Sul. Nas cidades do Paraná, há uma maior frequência de uso da variante retroflexa, já no Rio Grande do Sul, a maior recorrência é do tepe e, por fim, em Santa Catarina, as duas variantes (tepe e aproximante retroflexa) demonstraram equilíbrio. A frequência de uso da vibrante múltipla foi bastante baixa e as variantes fricativas foram quase inexistentes (embora em Florianópolis ocorra uma exceção

entre os não verbos). A análise dos resultados das capitais comparados aos resultados do interior tornou evidente que há diferenças significativas, pois o uso da aproximante retroflexa nas cidades do interior da região Sul é consideravelmente maior e, em contrapartida, as variantes fricativas que são frequentes na fala dos informantes de Florianópolis extinguem-se nas cidades pertencentes ao interior de Santa Catarina.

Leite (2010), em sua pesquisa acerca da variação do /R/ em coda silábica na cidade de Campinas, teve como objetivo identificar e analisar as atitudes linguísticas de estudantes diante do dialeto por eles utilizado, com atenção especial à variante retroflexa. Os informantes pesquisados eram naturais da cidade de São José do Rio Preto (SP), entretanto eram estudantes da Universidade Estadual de Campinas. A pesquisadora partiu da hipótese de que os estudantes tentariam acobertar a pronúncia da variante retroflexa devido ao estigma atrelado a essa variante. Os resultados da pesquisa demonstraram que, de fato, há um estereótipo relacionado à variante aproximante retroflexa e, nesse contexto, os estudantes optam por outras variantes: a aproximante alveolar e a vogal colorida⁶, consideradas por eles mais prestigiosas. A pesquisadora esclarece que os informantes demonstraram admiração em relação à cidade de Campinas, por seu desenvolvimento econômico e pela liderança que exerce em relação às demais cidades adjacentes e, nessa perspectiva, é evidente que a cidade também exerce influência sobre as demais no que se refere às questões da linguagem. Os informantes revelaram que o falar de Campinas é “menos marcado” e, conseqüentemente, menos estigmatizado, quando comparado às cidades interioranas circunvizinhas.

Oushiro (2015) avalia a produção e a percepção linguística de moradores da cidade de São Paulo sobre quatro variáveis sociolinguísticas, dentre as quais, a realização do /R/ em coda silábica: tepe e retroflexa. Os resultados encontrados demonstraram que, em relação à percepção da variante retroflexa, os julgamentos negativos ocorreram em relação aos traços referentes ao status do falante e, ao mesmo tempo, esse falante é avaliado positivamente no que concerne aos traços que dizem respeito a dimensões de solidariedade e dinamismo. Os resultados demonstraram, também, favorecimento da variante retroflexa entre os falantes jovens de classes sociais mais baixas e de regiões periféricas fato que, para a autora, pode ser explicado pela presença da variante retroflexa associada a um significativo número de migrantes das regiões Norte e Nordeste do país e, nesse contexto, houve uma “reinterpretação

⁶ Leite (2004; 2010), valendo-se dos postulados de Ladefoged e Maddieson (1996), esclarece que as vogais “seguidas de /r/ tendem a ser alongadas, além de terem a qualidade ‘colorida’ pelo /r/ seguinte, apresentando, portanto, modificações acústicas.” A vogal colorida refere-se, nesse contexto, à vogal rotacizada.

do valor social do retroflexo, por parte dos falantes de classes mais baixas, como uma variante local e de relativo prestígio em relação às variantes fricativas” (Oushiro, 2015, p.13).

Ricardo (2022) analisou a presença da variante retroflexa nos dados de fala de 45 participantes, naturais e residentes das cidades de Viamão, Canoas, Gravataí, Sapucaia do Sul e São Leopoldo, no entorno de Porto Alegre. Os resultados encontrados demonstraram que o apagamento de /r/ é a variante mais frequente da amostra (49,9%), seguido pelas variantes anteriores (44,2%), que, majoritariamente, incluem casos de tepe alveolar. A presença da variante retroflexa nessas cidades é bastante pequena, apenas 10,7% do total dos dados. Quanto às variáveis independentes linguísticas, a variante retroflexa é mais frequente em “vogais baixas, antes de pausas e de consoantes coronais e sonoras, em sílabas tônicas, em palavras lexicais e quando o /r/ não faz parte da raiz”. No que se refere às variáveis independentes extralinguísticas, apenas a variável cidade mostrou significância estatística nas análises estatísticas.

Collet (2020), a partir do banco de dados VARSUL, analisou a fala de uma mulher adulta jundiaiense, com histórico de contato com as variedades paulistana, florianopolitana e porto-alegrense, durante um período de 16 anos. A análise recaiu sobre duas variáveis linguísticas, dentre elas, a produção do rótico em coda. A autora destaca que, de acordo com a revisão da literatura, nessas localidades, “as variantes predominantes do rótico diferem-se da variante materna da informante, a retroflexa: o tepe na variedade paulistana; a fricativa velar/glotal na variedade florianopolitana; e o tepe na variedade porto-alegrense.” (COLLET, 2020, p. 111). Os resultados demonstraram, no geral, maior incidência da variante tepe na fala da informante. Foram analisadas 696 ocorrências do rótico em coda, das quais 68% foram tepe, 17% retroflexa e, por fim, 15% apagamento. Os resultados estatísticos apontaram, também, indícios de revitalização da variante retroflexa. Quanto aos fatores que condicionam a realização da variante retroflexa, mostram-se estatisticamente relevantes as variáveis: ano, contexto precedente, contexto seguinte e tonicidade.

Todos esses estudos permitem concluir que a variabilidade dos róticos é patente no português brasileiro, não havendo uniformidade de realização em todos os contextos sociais e linguísticos investigados, o que é sintomático da variação.

Tendo como norte essa intensa variabilidade, voltaremos nossa atenção, na seção seguinte, à origem da variante retroflexa.

2.3 Origem do /R/ retroflexo

Oliveira e Zanoli (2021), no estudo *O /r/ retroflexo no Português caipira como resultado de “interferência” da Língua Geral de São Paulo – uma homenagem à obra de Amadeu Amaral*, afirmam que é possível estabelecer, sobre a origem da variante retroflexa, três hipóteses, as quais nomeiam de “alfa, beta e gama”. A hipótese “alfa” parte do pressuposto de que houve interferência de línguas indígenas no /R/ retroflexo. Sobre essa hipótese as autoras trazem três propostas que estabelecem uma ligação entre a variante retroflexa e a interferência de línguas indígenas: a primeira, amparada em Robl (1985, p. 161) afirma que no “Tupi original” os indígenas, ao utilizarem o Português, representavam o fonema /l/ por /r/, por não terem, entre outros, o fonema /l/. Embasadas em Freitas (1936, p. 61), as autoras trazem a segunda proposta que aponta para a inexistência de /l/ em “Tupi-Guarani”. A terceira proposta é alicerçada em Ferreira Netto (Manuscrito) que propõe a ligação entre a origem do *r-caipira* às línguas do grupo Macro-Jê na região paulista. Segundo esse autor a presença de línguas macro-jê cria “novas possibilidades de interpretação de fatos linguísticos do português paulista, como a ocorrência da articulação áptico-pré-palatal, conhecida como ‘r-caipira’ ou retroflexa.” Hipótese semelhante é proposta por Amaral (1920, p. 21) que, embora não esboce maiores explicações sobre a origem do *r-caipira*, afirma em sua descrição que ele é provavelmente, o “mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o rr forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema.” Essa hipótese é defendida, também, por outros autores como Melo (1975), Aguilera e Silva (2011) e Carreao (2017). Para fundamentar a hipótese “beta”, Oliveira e Zanoli (2021) citam Naro e Scherre (2007, p. 13) e atrelam a hipótese a proposta da origem da variante retroflexa do /R/ a chamada “deriva secular” e afirmam que o /r/ retroflexo é uma continuidade de um traço do Português antigo, ou seja, o Português falado no Brasil, com pequenas alterações, é uma continuidade de fenômenos do Português arcaico. Por fim, a hipótese “gama” discorre sobre “a interferência de línguas africanas e de línguas indígenas, via Língua Geral, no fenômeno do /r/ retroflexo” (OLIVEIRA e ZANOLI, 2021, p. 1162).

Head (1987, p. 28) pondera sobre as hipóteses de origem do *r-caipira* e considera serem inaceitáveis as supostas causas externas e ressalta a importância de se considerar dados sobre a estrutura e os processos internos de uma língua em variação (ou mudança). Head (1987, p. 13) afirma que, sobre as hipóteses de origem externa não serem convincentes, faz-se necessária a busca por informações que possam ser utilizadas para fundamentar uma hipótese mais

admissível. Para o autor, “uma vez que as hipóteses refutadas se referem à fatores externos, podem ser especialmente relevantes dados de outra natureza – principalmente sobre características internas do português.” A hipótese defendida por Head é estruturada a partir de um processo interno de variação e mudança comum entre /r/ e /l/ que originou, em determinados contextos, a pronúncia típica do *r-caipira*. A proposta parte de duas premissas: a primeira refere-se à “relação entre /r/ e /l/ como membros exclusivos de uma mesma classe, pelas propriedades fônicas em comum ou pela participação em um conjunto de vários processos de alternância e condições de ocorrência”. A segunda premissa refere-se à “descrição detalhada das características fonéticas das diversas realizações do /r/ no dialeto caipira” (HEAD, 1987, p. 15). Assim, nessa perspectiva, a origem da pronúncia típica do *r-caipira*, em termos gerais, estaria relacionada à participação de /r/ e /l/ em algum processo de alternância e evolução comum, em determinados contextos, resultando nessa pronúncia típica (HEAD, 1987, p. 15). Há, entretanto, uma possível lacuna nessa proposta, conforme destaca o próprio autor,

A noção de haver alguma tendência geral nesse sentido deverá ser examinada à luz de outros casos de evolução, quer na língua portuguesa, quer nas outras línguas românicas. (...) Quanto ao domínio geográfico da pronúncia típica do “R caipira”, haverá interesse em procurar determinar por que o “R retroflexo” e outras variantes afins teriam surgido no Brasil, mas não em Portugal (HEAD, 1987, p. 23).

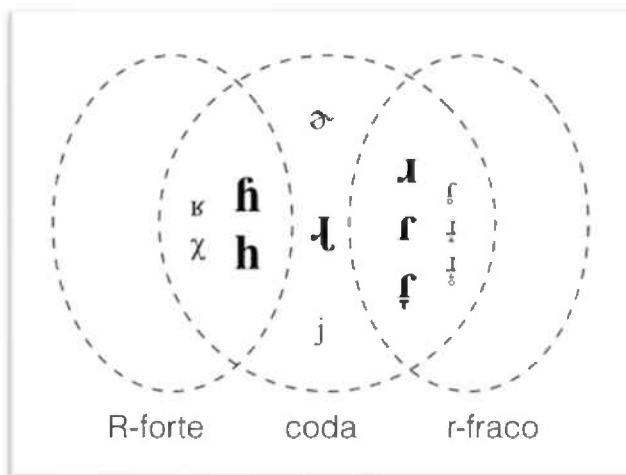
Torna-se perceptível, assim, a necessidade de mais pesquisas relacionadas à origem dessa variante a fim de se confirmar a viabilidade da perspectiva teórica proposta por Head (1987). E, nesse contexto, concordamos com Oliveira e Zanoli (2021, p. 1168) que esboçam uma proposta em seu estudo de que não sejam “nem as línguas indígenas (Tupi-Guarani e Macro-Jê) nem as línguas africanas (bantas e sudanesas) nem, contudo, o Português colonial as línguas diretamente responsáveis pela formação do fenômeno do /r/ retroflexo no Português caipira”. Para elas seria “uma reunião de fenômenos ligados ao rótico nessas línguas que influenciaram a formação da LG-SP, sendo a LG-SP a língua que causou a interferência no Português caipira no que concerne ao fenômeno do /r/ retroflexo.”

Voltaremos nossa atenção, na seção seguinte, às diferentes realizações do /R/ em coda silábica, com ênfase na variante retroflexa.

2.4 Realizações do /R/ em coda silábica: presença da variante retroflexa

Muitos são os estudos acerca do /R/ em coda silábica. Callou, Moraes e Leite (1996, p. 483), a partir de dados do projeto NURC, atestam que há “diversas realizações do /r/, dialetalmente determinadas – vibrantes apicais em Porto Alegre e São Paulo, fricativa velar em Rio de Janeiro e Salvador e aspirada em Recife”. Rennieke (2016, p. 90), em sua pesquisa sobre a representação fonológica dos róticos a partir de um corpus de fala coletado em Lavras – MG, demonstra que, no que se refere à variação rótica, a posição de coda silábica apresenta-se como contexto mais sensível à variação, permitindo múltiplas variantes, conforme demonstrado na figura a seguir

Figura 1 -Representação fonológica dos róticos no PB



Fonte: Rennieke (2016, p. 90).

Nesse mesmo viés, embasado em estudos dialetológicos, Noll (2008), por meio do mapa a seguir, demonstra diferentes realizações das variantes observadas nas diferentes regiões do Brasil.

Figura 2 - Realização de /R/ em coda silábica no Brasil



Fonte: Noll (2008, p. 71).

Amaral (1920), ao descrever a variedade falada na antiga província de São Paulo até o final do século XIX, apresenta, dentre outros fenômenos, o uso da variante retroflexa como marca característica desse falar. Para ele é uma pronúncia “bastante característica para ser notada pelos mais desprevenidos” (AMARAL, 1982, p.41). O estudioso assim descreve essa realização do /R/

r inter e post-vocálico (*arara, carta*) possui um valor peculiar: é *linguo-palatal* e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico. E, muito provavelmente, o mesmo *r* brando dos autóctones. Estes não possuíam o *rr* forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema (AMARAL, 1920, p.21).

Ao tratar da distribuição da variante retroflexa, Cagliari (1981, p. 43) afirma que sons retroflexos são encontrados no dialeto paulista e, principalmente, no DC. “No dialeto caipira, além da constrictiva, não é raro encontrar também sons oclusivos, nasais e laterais retroflexos”.

Castro (2006, p. 149), ao analisar a persistência de traços do DC, constatou que a variante retroflexa, em Minas Gerais, ocorre em uma faixa que cruza o Estado de oeste a sudeste, que acompanha toda a extensão da fronteira paulista. Já Brandão (1991) discorre sobre a ocorrência dessa variante nos estados de Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Brandão (2007), no que diz respeito à distribuição do retroflexo no território brasileiro, apresenta o mapa a seguir

Figura 3 - Presença de -R retroflexo



Fonte: Brandão (2007, p. 280).

Ainda nesse mesmo viés, Brandão (1991, p.22) afirma que a visualização em um mapa permite verificar que “a isoglossa formada pelas áreas de abrangência da variante retroflexa ora beira o litoral, ora interrompe-se, ora se direciona para o interior, numa descontinuidade que só uma pesquisa mais ampla poderá retificar ou ratificar.” A autora reitera a necessidade de trabalhos sobre essa variante pois, “como não há trabalhos globais sobre aproximadamente 80% do território brasileiro, não existe, no momento, como concluir sobre o papel que poderá representar esse fone na delimitação das áreas dialetais brasileiras.”

Acerca da recorrência da variante retroflexa no Estado de Minas Gerais, diferentes estudos têm sido desenvolvidos. Carmo (2017), em sua pesquisa sobre a produção do /R/ em coda silábica nas cidades de Itaguara e Itaúna, ambas localizadas no Estado de Minas Gerais,

registrou a ocorrência da variante retroflexa nas duas localidades, entretanto, verificou que em Itaúna o uso dessa variante é mais recorrente. A pesquisadora acredita que essa diferença possa ser explicada por meio das diferenças sociais que permeiam as duas cidades. Um exemplo disso seria a falta de instituições de ensino superior em Itaguara, o que faz com que muitos jovens se desloquem para Belo Horizonte. Segundo a autora, essa proximidade entre itaguarenses e belo-horizontinos, haja vista muitos moradores alegarem manter uma casa em cada cidade, estaria diretamente ligada a recorrência de variantes fricativas glotais (vozeada e desvozeada) do /R/ em coda silábica. Já em relação à Itaúna, cidade de médio porte, a estudiosa relatou haver maiores oportunidades, tanto no que se refere à educação quanto ao mercado de trabalho, para os jovens e, nesse contexto, ocorre a permanência dos jovens na cidade, fazendo com que os traços linguísticos, principalmente os mais característicos, sejam preservados.

Aguilera e Silva (2011), na pesquisa acerca da atual situação do /R/ retroflexo na cidade de Lavras, no sul do Estado de Minas Gerais, analisaram 32 cartas do questionário fonético fonológico do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na fala de 4 informantes. As pesquisadoras encontraram, nesses dados, um estado de variação entre a fricativa glotal (54%) e o retroflexo (46%). Segundo elas não há correlação entre as variáveis linguísticas e a recorrência do /R/, embora haja maior ocorrência em sílaba interna. Em relação às variáveis sociais, houve maiores porcentagens de uso da variante retroflexa entre os homens, seguidos dos falantes mais jovens. As autoras identificaram, também, em uma das informantes com pronúncia do /R/ predominantemente retroflexa, uma atitude negativa em relação à realização da variante retroflexa e, nesse contexto, questionam sobre o fato de que essa atitude negativa possa ser indício de desaparecimento da variante retroflexa. Aguilera e Silva (2015, p. 189), por meio de um estudo em tempo aparente, rejeitam a hipótese levantada no trabalho anterior e asseveram que a variante retroflexa, no Triângulo Mineiro, tende a ser mantida entre falantes, pois “foi registrada na fala de todos os informantes, independentemente da idade, com incidência maior entre os jovens que são, por excelência, os propulsores de mudanças linguísticas.”

Antunes e Lourdes (2016), com objetivo de analisar a realização do /R/ em coda silábica no falar das cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha, Minas Gerais, em seus resultados encontraram majoritária realização de /R/ retroflexo para as cidades de Varginha e Uberlândia e, em relação a Patos de Minas, a realização da fricativa foi predominante, não sendo registradas ocorrências de retroflexão na cidade. Quanto às variáveis independentes linguísticas e/ou extralinguísticas, as pesquisadoras constataram não haver condicionamento desses fatores na realização da variante retroflexa, pois é a mais recorrente em todos os contextos, estando relacionada, exclusivamente, a localidade do informante. E assim, pontuam:

“o uso do retroflexo está ligado a uma variação de cunho diatópico, ou seja, é o fato de pertencer a uma localidade que influencia o aparecimento da variante retroflexa de produção do fonema /R/ em coda silábica” (ANTUNES e LOURDES, 2016, p. 223).

Silva (2012), em um estudo dialetológico de atitudes linguísticas acerca do /R/ retroflexo nas cidades de Campina Verde, Frutal, Ituiutaba, Iturama, Prata e Uberlândia, no Triângulo Mineiro, registrou a vitalidade da variante retroflexa. A análise, segundo a autora, foi realizada em tempo aparente, relacionando as falas de informantes jovens e idosos e em tempo real, comparando dois recortes sincrônicos distintos, um com os dados de 1977, do Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais, EALMG (RIBEIRO et al., 1977), e outro com dados colhidos pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil – PR, ALiB (2009) e, ainda, material coletado pela própria pesquisadora. Dentre os resultados encontrados, a pesquisadora constatou a vitalidade da variante retroflexa, um leve crescimento da variante glotal e, ainda, a presença, entre os falantes da variante retroflexa, de um sentimento de identidade, “quicá de prestígio encoberto em relação ao /r/ retroflexo, atitudes estas que, possivelmente, favorecem a manutenção desse rótico” (SILVA, 2012, 146).

A prevalência da variante retroflexa no Triângulo Mineiro também é confirmada por Silva (2016), que teve por objetivo descrever e analisar a realização do /R/ em coda silábica na cidade de Uberlândia. Na pesquisa foram controladas as variáveis extralinguísticas sexo; faixa etária; escolaridade e, como variáveis linguísticas, foram controladas: contexto seguinte; contexto precedente; tonicidade da sílaba; item lexical; posição da sílaba na palavra e tamanho da palavra. A análise dos dados demonstrou, segundo o pesquisador, favorecimento da realização da variante retroflexa nos seguintes contextos: segmentos coronais no contexto seguinte; segmentos labiais no contexto precedente; sílabas átonas; substantivos e outros; e palavras com uma sílaba. Em relação às variáveis extralinguísticas, favoreceram a variante retroflexa: sexo masculino e faixa etária de 26 a 49 anos. O trabalho de Silva (2016) não avança muito na caracterização do falar caipira pela presença do /R/, pois apenas se dedicou a controlar as variáveis dependentes e independentes.

Todos esses estudos evidenciam a variabilidade dos róticos no Estado de Minas Gerais e, nesse viés, concordamos com Brandão (1991), no que concerne ao alerta para a necessidade de estudos que possam contribuir para a descrição da variante retroflexa e, conseqüentemente, uma delimitação detalhada de suas ocorrências no país. Acreditamos na urgência de estudos acerca dessa variante, principalmente, na região do Triângulo Mineiro e, nesse contexto, nossa pesquisa poderá contribuir para que se compreenda o próprio DC e, também, o português do Brasil. Para além, os estudos acima descritos debruçaram-se sobre a produção linguística e,

nesse aspecto, defendemos a necessidade de estudos de percepção, a fim de verificarmos como os falantes da variante retroflexa, bem como de outras variantes, percebem e avaliam essa variante.

3 O DIALETO CAIPIRA

Neste capítulo, nosso objetivo é realizar uma revisão de conceitos e discussões no que diz respeito ao DC. Realizaremos, a princípio, um levantamento sobre as noções de língua e dialeto. Em seguida traremos um levantamento acerca do DC e do falar rural. Por fim, apresentamos um breve panorama desta variedade no território nacional.

3.1 Língua e dialeto

A definição do termo dialeto não é unânime entre os estudiosos. Há autores que utilizam os termos língua e dialeto alternando-os indistintamente. Entretanto, entendemos que, a fim de que possamos descrever e analisar a produção e a percepção do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira, objetivo principal desse trabalho, torna-se de extrema importância compreender a distinção entre esses termos. Nesse contexto, Pei (1965, p.47) pergunta “Qual é exatamente a diferença entre uma língua e um dialeto?” e, em resposta ao próprio questionamento afirma que “até mesmo os linguistas se abstêm de responder,” [...]“e com razão. Quando uma língua é submetida a uma análise de microscópio, percebe-se que é infinitamente diversificada.” Nesse mesmo viés, Haugen (2001, p. 97) afirma que “a taxonomia da descrição linguística – isto é, a identificação e a enumeração das línguas – é fortemente prejudicada pelas ambiguidades e opacidades ligadas aos termos ‘língua’ e ‘dialeto’”. Assim, cabe destacar, nesse momento, que não temos a pretensão de esgotar o assunto, mas discutir esses termos de maneira mais aprofundada.

Haugen (2001, p.100) afirma que “todo dialeto é uma língua, mas nem toda língua é um dialeto”. A partir dessa afirmação, trazemos uma definição bastante recorrente em trabalhos linguísticos, dada por Cunha e Cintra (2001, p.1). Esses autores definem língua como “um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age”. E, dando continuidade à definição por eles proposta, acrescentam que a língua é “utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.” Travaglia (2002, p.21) reitera que “o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte ou leitor).” Zágari (2005, p. 48) defende que, dentro de uma

concepção estritamente linguística é um “termo pouco técnico, haja vista a distinção que separa língua de dialeto não ser uma diferença linguística, mas algo que se determina por fatores históricos, políticos, sociais, culturais e até religiosos.” Assim, respaldados por uma concepção sociolinguística, podemos definir língua como uma atividade social que se efetiva na interação entre sujeitos, isto é, a língua vista dentro de um contexto, social, cultural e histórico.

Direcionado o foco para o dialeto, é possível perceber que diferentes concepções sustentam diferentes definições para esse termo. Alvar (1961, p. 51) afirma que o dialeto pressupõe “um sistema de sinais desgarrado divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outras de origem comum”. Percebe-se que, embora o dialetólogo fale em um apartamento entre dialeto e língua, ele defende haver uma origem comum e, ainda, a não existência de fortes diferenças.

Estudiosos como Coseriu (1982) atribuem a diferença entre língua e dialeto a uma questão de prestígio histórico. Coseriu (1982, p. 11-12) afirma que um dialeto é uma língua, mas subordinado a outra língua “de ordem superior”, isto é, o termo dialeto, enquanto oposto à língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Corroborando o pensamento de Coseriu (1982), Dubois et al. (1993) também defendem uma relação entre dialeto e prestígio ou “status cultural e social”. Para esses pesquisadores o dialeto possui seu próprio sistema fonético, sintático e léxico e é utilizado em um espaço mais restrito que a língua “É um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independente daquela” (DUBOIS et al. 1993, p. 184).

Há, ainda, definições como a de Camara Jr. (2004, p. 95), para quem “os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidências de traços linguísticos fundamentais”. Esse postulado coaduna-se com Borba (1973, p.68), que afirma ser o dialeto formado por um “conjunto de particularidades que, agrupadas, dão a impressão de um falar distinto, apesar do parentesco que os une” e, ainda, Mira Mateus et al. (2003, p. 34), para quem os diferentes usos da língua, tanto no tempo quanto no espaço, demonstram a existência de “variação nos diversos módulos da gramática da língua permitindo, assim, em função quer de factores internos quer externos à língua, a caracterização de dialectos regionais, de sociolectos e de idiolectos ou registos individuais.”

Torna-se interessante, nesse momento, analisarmos em Elia (1994) as definições de língua e dialeto, o qual chama nossa atenção para o fato de as características elencadas nem

sempre serem excludentes. Para o autor língua é o “falar de uma comunidade, estruturalmente diferenciado, portador de admirável tradição cultural e reconhecido oficialmente por um Estado como forma de comunicação em suas relações internas e externas.” Esse mesmo autor traz a seguinte definição para dialeto: “falar de uma comunidade, parte de uma comunidade maior, praticado geralmente sob a forma oral e não reconhecido por um estado como forma de comunicação em suas relações internas e externas” (ELIA, 1994, p.15).

É possível afirmar, portanto, que as definições de dialeto seguem diversificadas vertentes, conforme a concepção defendida pelo estudioso. Se se parte de uma visão mais limitada, ele pode ser visto apenas como “um desvio ou como uma forma inferior à norma culta” ou ele pode, ainda, ser associado às formas utilizadas em regiões mais isoladas do mundo. Entretanto, como já dito anteriormente, diferentes definições podem ser atreladas a esse termo e, nesse caso, para essa pesquisa, buscaremos atribuir a ele uma visão mais ampla, (re)conhecendo os traços linguísticos que lhe são próprios, bem como a importância dele na construção da identidade do Português Brasileiro. E, para tanto, na próxima seção discutiremos a respeito do DC e do falar rural.

3.2 O dialeto caipira e o falar rural

A publicação de *O dialeto caipira* (AMARAL, 1920, p.14) é marco de uma nova abordagem no estudo dialetal no Brasil. Nesse trabalho, o autor demonstra interesse em contribuir com o entendimento das especificidades da língua nacional. Segundo ele, fala-se em um “dialeto brasileiro” que, de acordo com o autor, é uma expressão consagrada por “autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados.” Percebe-se, claramente, a preocupação de Amaral (1920) com a escassez de estudos que pudessem colaborar com a descrição do DC e a necessidade de que tais estudos fossem realizados no intuito de contribuir para o entendimento do “dialeto brasileiro”. Quanto ao DC, Amaral (1920) assim o define

um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. É de todos sabido que o nosso falar *caipira* - bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível - dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência (AMARAL, 1920, p. 5).

Amaral (1920, p.9) faz um detalhado trabalho de descrição de inúmeros processos presentes na fala interiorana paulista em seus diferentes aspectos – fonético, lexical, morfológico e sintático. Ao longo de sua obra o autor traz uma série de casos exemplificando o DC, tais como, em relação à fonética: “Antes de tudo, deve notar-se que a prosódia caipira (tomando o termo prosódia numa acepção lata, que também abranja o ritmo e musicalidade da linguagem) difere essencialmente da portuguesa.” O autor continua “O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa.”

Quanto aos fonemas e suas alterações, Amaral (1920, p. 13, 14).

Nas sílabas pretônicas, alteram-se mais, como se verá das seguintes notas

a) Inicial, aparece mudado em *i* nasal em *inzame* < *exame*, *ingúá* < *igual*, *inzempro* < *exemplo*, *inleição* < *eleição*.

b) (**e** – medial) muda-se frequentemente em *i* (*tisôra*, *Tiodoro*, *piqueno*), sobretudo se há outro *i* na sílaba seguinte: *pirigo*, *dilicado*, *minino*, *atrivido*, *intiligente*, *pidi(r)*, *midi(r)*, *pitiço* (assimilação regressiva).

(...)

10 – (**o**, medial) muda-se muitas vezes em *u*: *tabuleta*, *cuzinha*, *dumingo*, sobretudo nos infinitivos dos verbos em *ir*, que o têm na sílaba imediatamente anterior à tônica: *ingulí(r)*, *buli(r)*, *tussi(r)*, *surti(r)*. A possuir corresponde a forma dialetal *pissuí(r)*, que também existe em galego

Quanto à estruturação silábica, pode-se observar casos como a metátese que, conforme esclarecem Hora, Telles e Monaretto (2007) trata-se de um processo de mudança em que os sons trocam de posições dentro de uma palavra, podendo ocorrer de modo esporádico ou regular. Amaral (1920, p. 30), traz os seguintes exemplos “Metátese: *perciso*, *pertende*, *purcissão*, *partelêra*, *agardecê*, *aquerditá(r)*.”

O autor refere-se, também, à processos de enfraquecimento e reforço (quando os segmentos são modificados segundo a posição que ocupam dentro palavra) e de neutralização (quando os segmentos se fundem em um ambiente específico). Amaral (1920, p. 16, 17) pontua, ainda

20 – (d) - Cai, quase sempre, na sílaba final das formas verbais em *ando*, *endo*, *indo*: *andano* = *andando*, *veno* = *vendo*, *caíno*, *pôno*, e também no advérbio *quando*, às vezes

(...)

22

(l)

a) Em final de sílaba, muda-se em *r*: *quarquér*, *papér*, *mér*, *arma*.

(...)

Quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em *r*: *craro*, *cumpreto*, *cramô(r)*, *frô(r)*.

(...)

23

(r)

a) Cai, quando final de palavra: *andá*, *muié*, *esquecê*, *subi*, *vapô*, *Artú*.

Conserva-se, entretanto, geralmente, em alguns monossílabos acentuados, tendo decerto influído nisso a posição proclítica habitual: *dôr*, *cór*, *côr*, *par*. Conserva-se também no monossílabo átono por, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: *amor*, *suôr*. Nos verbos, ainda que monossílabos, cai sempre, provavelmente pela influência niveladora da analogia: *vê*, *í*, *pô*.

Amaral (1920) chama a atenção, também, para as modificações isoladas, as quais são caracterizadas pelo estudioso como modificações acidentais

a) abrandamento: *guspe* = cuspo, *musga* = música.

E de notar que nos esdrúxulos cócega, náfego e látigo se dá o contrário: *cócica* (e *coçca*), *náfico*, *lático*.

b) assimilação - *progressiva*. *Carlo* = Carlos, regressiva. *birro* - bilro; *açcançá* = alcançar; *digêro* = ligeiro (g palatal explosivo = *dg*).

c) Aférese: (a)*parece*, (i)*magina*, (ar)*rependeu*, (ar)*ranca*, (a)*lambique*, (al)*gibêra*.

d) Síncope: *pês(se)co* = pêssego, *mus(i)ga* = música, *isp(i)rito*, *ca(s)tiçar*, *Jeró(ni)mo*, *ridic(ul)o*.

e) Apócope: *Ligite(mo)*.

f) Prótese: *alembirá* = lembrar, *avoá* = voar, *arripiti* = repetir.

g) Epêntese: *rec-u-luta*, *Ing-a-laterra*, *g-a-rampo*.

h) Epítese: *paletor*.

i) Metátese: *perciso*, *pertende*, *purcissão*, *partelêra*, *agardecê*, *aquerditá(r)*.

j) Hipérese: *agordão* (algodão), *cardaço*, *chacoalhá(r)*, *largato* (AMARAL, 1920, p.19).

Amaral (1920) afirma que o DC era utilizado por pessoas com pouca ou nenhuma instrução e que se encontravam em regiões com certo grau de isolamento, as quais não acompanharam as transformações sociais, econômicas e culturais. O autor afirma, ainda, que tal dialeto “acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o

movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação” (AMARAL, 1920, p.12). Nesse contexto, Cândido (1987, p. 36), caracteriza a o cotidiano da comunidade caipira como “uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência”. É importante destacar o pioneirismo do trabalho de Amaral que, embora possa ser alvo de algum questionamento, é de importância inegável, especialmente pela ausência, naquela época, do aparato de pesquisa, inclusive tecnológico, que se tem hoje.

Coelho et al. (2015, p.15) esclarece que, para a “Sociolinguística Variacionista, *dialeto* e *falar* são sinônimos de *variedade*” (Grifo dos autores). Os autores chamam a nossa atenção para o fato de o dialeto, a partir dos pressupostos da Teoria Laboviana, não corresponder “a uma variedade ‘inferior’ ou estigmatizada de uma língua, mas sim – como é equivalente a variedade – ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional.” Entretanto, cabe ressaltar o fato de haver autores que estabelecem distinção entre os usos desses termos. Nesse contexto, Mota, Paim e Cardoso (2018, p. 108) afirmam que o falar rural brasileiro é entendido como “as diferentes manifestações da língua portuguesa no Brasil, caracterizadas por usos particulares e específicos de uma área ou de um conjunto de áreas não urbanas, geograficamente definidas e linguisticamente identificadas.”

Para Alvar (1961, p. 53), o falar regional “caracteriza-se por ser a peculiaridade expressiva própria de uma região determinada, com traços de coerência própria de um dialeto. São, portanto, peculiaridades regionais da língua comum.”. O autor distingue o falar regional e o falar local, o qual, segundo ele “possui estruturas linguísticas de traços pouco diferenciados, com matizes peculiares da estrutura regional, cujo uso está limitado a pequenas circunscrições geográficas, normalmente de caráter administrativo.” Almeida Baronas (2007, p. 96) destaca que o falar rural deve ser visto por suas peculiaridades, uma vez que ele carrega traços linguísticos que o caracterizam, ao mesmo tempo, como tradicional e inovador, pois, “enquanto se identificam marcas cristalizadas desse falar, podem-se também visualizar aspectos linguísticos inovadores, que resultam exatamente das mudanças ocorridas no âmbito social.” Zágari (2005) defende sua escolha pelo termo “falares” em detrimento do termo “dialeto” ao explicar que

considera-se dialeto de uma língua a variedade linguística de uma determinada área, o geoleto. O português se apresenta vivo na sua variedade europeia e na brasileira, cada uma delas, divisível em variedades linguísticas menores, numericamente inferiores, ocupando zonas geográficas mais ou menos definidas, mas partilhando um conjunto de traços e regras que não se diferem substancialmente (ZÁGARI, 2005, p. 48).

Zágari (2005, p.49), defende ainda que “O que Minas apresenta são falares, isto é, realizações linguísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma ou outra definida escolha de um item lexical.” É perceptível que o autor reconhece as peculiaridades características desse “falar” e, ainda, sua defesa sobre a importância de estudos que possam contribuir para a compreensão de toda a complexidade que envolve esses falares.

Almeida Baronas (2007, p. 101) afirma que o falar rural traz consigo marcas que “evidenciam sua relação com o passado, pois traz, em suas formas diversas, alguns traços da língua portuguesa em sua formação, os quais revelam resquícios de outras línguas, como o latim, línguas africanas e línguas indígenas.” Assim, percebe-se a importância de se analisar as “marcas peculiares do falar rural”, a fim de que se possa contribuir para a compreensão das variedades linguísticas que compõem o português brasileiro.

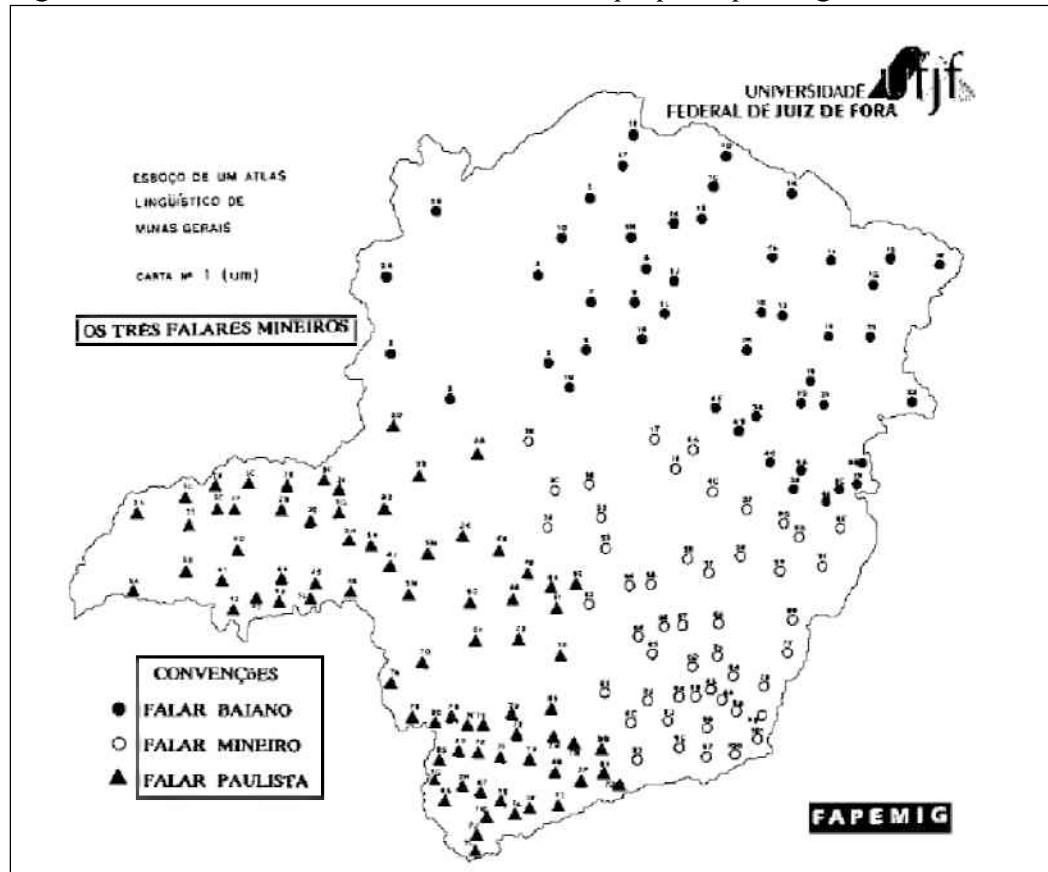
3.3 Breve panorama do dialeto caipira

A divisão dialetal brasileira, que tem amparado os estudos realizados até o presente momento, é ancorada em Nascentes (1953). O pesquisador, em seus estudos sobre a variação observada nas vogais médias pretônicas, dividiu o Brasil em dois grandes grupos (Norte e Sul), propondo, ainda, a divisão em seis subfalares, que também contemplam subdivisões: amazônico (Acre, Amazonas, Pará e parte de Goiás), nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte de Goiás); sulista, agrupando os subfalares: baiano (intermediário entre os dois grupos reúne os estados do Sergipe, da Bahia, parte de Minas – Norte, Nordeste e Noroeste – e de Goiás), fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas – Mata e parte do Leste); mineiro (Centro Oeste e parte Leste de Minas Gerais) e sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas – Sul e Triângulo –, Sul de Goiás e Mato Grosso). Nascentes acrescenta a essa subdivisão um território incharacterístico (linguisticamente), correspondente a área entre a fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré até Abunã) e a fronteira de Mato Grosso com o Amazonas e o Pará (cf. NASCENTES, 1953, p.25-26).

Ainda sobre a divisão dialetal brasileira, cabe destacar os estudos de Zágari (2005), o qual afirma que a extensão territorial do Estado de Minas Gerais aliada a fatores históricos e geográficos contribuem para a existência de três falares no estado, a saber: um falar baiano, um falar paulista e um falar mineiro. A fim de tornarmos mais explícita a divisão dialetal mineira,

ancorados em Zágari (2005), apresentamos o mapa que demonstra os três falares distribuídos no Estado de Minas Gerais.

Figura 4 - Divisão dos falares de Minas Gerais proposta por Zágari



Fonte: ZÁGARI, 2005, p.64.

A respeito do falar paulista, no qual ele inclui a região geográfica intermediária de Uberlândia, interesse de nosso estudo, o autor esclarece que o falar paulista parte do sul do estado na “cidade de Passa Vinte e, rumando para o norte, pega Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, dobrando para o oeste, vai até Vazante, passando por Bom Despacho, Dolores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté (...)”. Percebe-se, portanto, que esse falar abrange toda a região do Triângulo Mineiro e a região sul do Estado. O pesquisador postula, também, que, dentre as principais características desse falar está o /R/ retroflexo, “marca inconfundível nas Gerais”. Variante marcada em filmes, rádio televisão e mídias em geral como um “R” caipira, “pessoas há, de nível superior, nessas localidades, que afirmam e reafirmam não falarem assim. E, de fato, por vezes, tal ocorre, num diálogo tenso ou formal. Perdida a formalidade, o retroflexo retorna.” (ZÁGARI, 2005, p. 48).

Reconhecemos que ainda são bastante atuais as palavras de Castilho (1962, p. 23) “Longe estamos de poder admirar a brasilidade de nossa língua falada em todas as suas facetas”. Nessa perspectiva, acreditamos que ao cumprir o objetivo principal dessa pesquisa contribuiremos com a descrição e análise do dialeto mineiro e, conseqüentemente, do português do Brasil.

3.4 Urbano, rural, rurano

Conceituar rural e urbano não é tarefa fácil, a complexidade dessas duas realidades permeia discussões entre especialistas em sociologia rural sem que haja consenso. Embora as diferentes dinâmicas econômicas, culturais, técnicas e estruturais que envolvem esses espaços possam evidenciar a distinção entre esses meios, suas complexas inter-relações não podem ser ignoradas. Silva (2005, p. 38) afirma que a “diferença entre o rural e o urbano gera controvérsias, tanto na definição dos termos, quanto na origem do processo de urbanização acelerada que reverteu o cenário de distribuição da população nos cenários rural e urbano brasileiros.”

Partindo das definições constantes nos documentos oficiais, analisamos a Sinopse do Censo Demográfico de 2010⁷, publicada pelo IBGE, que traz definições referentes aos termos: municípios, cidade, distrito, vila, áreas urbanizadas de cidade ou vila, áreas não-urbanizadas de cidade ou vila, áreas urbanas isoladas e aglomerado rural. De acordo com explicações que constam nesse documento, em relação à situação do domicílio e, tomando por base a localização geográfica desse, tem-se a situação urbana ou rural. “Os domicílios de **situação urbana** são aqueles localizados nas áreas urbanas, que são as áreas internas ao perímetro urbano de uma cidade ou vila, definido por Lei Municipal.” O documento informa, ainda, que “domicílios de **situação rural** são aqueles localizados nas áreas rurais, definidas como áreas externas aos perímetros urbanos, inclusive nos aglomerados rurais de extensão urbana, povoados, núcleos e outros aglomerados.” (IBGE, 2010, p. 19, grifos nossos). É possível perceber que a definição oficial brasileira para rural e urbano, baseada na lei, classifica as localidades em rural ou urbana considerando a localização dos municípios, sendo tais definições realizadas por meio de leis municipais, considerando, para tanto, características como o tamanho populacional, ocupação e renda.

⁷ Utilizamos, para essa pesquisa, as informações que constam no censo demográfico realizado em 2010, pois o novo censo, previsto para ser realizado em 2020, foi adiado em virtude das orientações do Ministério da Saúde relacionadas às medidas de enfrentamento à pandemia de COVID-19.

Para além das definições presentes nos documentos legais há as definições propostas por estudiosos do assunto. Kageyama (2008, p. 418) alerta para o fato de que o problema não é “buscar outra definição, que dificultaria reclassificar todos os domicílios do Censo e introduziria nova arbitrariedade, mas de ter em mente as limitações e o possível viés que a definição legal impõe aos resultados da análise.” Nesse contexto, os critérios relacionados ao tamanho e à densidade da população, embora sejam importantes para que se possa definir uma área rural, são considerados insuficientes por alguns estudiosos, para quem, os aspectos demográficos devem ser somados aos elementos econômicos, sociais e culturais. Nesse viés, é possível perceber que definir rural e urbano vai além da observação do adensamento populacional, refere-se, também, às práticas socioeconômicas. Nesse sentido, Kayser (1990) afirma que a ruralidade se relaciona às características peculiares acerca da utilização do espaço e da vida social. Para ele, três componentes principais caracterizam esse espaço, a saber: o ecológico, os socioeconômicos e os socioculturais. Assim, a forma de ocupação do solo, a baixa densidade demográfica em interface com o espaço físico natural, as atividades agrárias praticadas, o estilo de vida e a identidade dos moradores são essenciais na definição de rural (c.f. KAYSER, 1990).

As definições, embora nem sempre sejam coincidentes, envolvem, predominantemente, critérios espaciais e econômicos. Todavia, uma análise sobre o espaço rural e o espaço urbano, embasada em critérios sociológicos, conforme Solari (1979), remete a duas diferentes teorias: uma tradicional (dicotômica) e outra embasada em um contínuo. Quando se fala em uma teoria mais tradicional, considera-se uma nítida delimitação entre o espaço rural e o espaço urbano. Marques (2002, p. 100), ancorada em Sorokin, Zimmermann e Galpin (1981), esclarece que a abordagem dicotômica poderia ser apresentada por meio da enumeração de diferenças que contribuiriam para distinguir o rural e o urbano. Segundo Solari (1979), seria possível, ainda, entender a presença de pontos em similitude e pontos que se contrapõem, quando a caracterização do rural e do urbano é embasada num contínuo, ou seja, as diferenças são postas de maneira gradativa, considerando o fato de que, a depender da sociedade analisada, as diferenças consideradas serem passíveis de mudança. Kieling e Silveira (2015, p. 140) reforçam o fato de compreenderem que possa haver no contínuo uma “espécie de urbanização do rural, mas, também, uma ruralização do urbano. Urbanidades e ruralidades se misturam trazendo novos significados tanto aos moradores do meio rural como do meio urbano.”

Cabe destacar, ainda, a utilização do termo *rurbano*, apresentado por Freyre a partir do neologismo *rurban*, proposto pelo sociólogo Galpin. Freyre (1982, p. 20) afirma que o significado desse termo é a tentativa de estabelecer um estado entre o rural e o urbano, que

aproximante retroflexa [ɹ] no português de Passo Fundo – RS, “buscam identificar e discutir o padrão de realização da variante retroflexa do rótico em coda silábica no PB de Passo Fundo face aos possíveis efeitos de fluxos migratórios no padrão local de realização da variante.” Para as autoras “se a consoante retroflexa for a nova norma introduzida na comunidade por migrantes de outras regiões do país, ela pode estar vinculada ao desenvolvimento econômico associado ao agronegócio, sugerindo uma valoração positiva da variante” (GUTIERRES; ROCKENBACH e BATTISTI 2023, p.159). Paralelamente, Oushiro (2015) defende que, em São Paulo, a presença da variante retroflexa entre moradores jovens de classes sociais mais baixas e moradores de regiões periféricas está associada a um significativo número de migrantes oriundos das regiões Norte e Nordeste do país. Para a autora, esse fato provocou uma reinterpretação do valor social da variante retroflexa, por parte desses falantes, a qual passa a ser percebida com relativo prestígio frente às variantes fricativas.

O estudo *Cadeia produtiva do agronegócio e sua capacidade de impulsionar o crescimento regional em Minas Gerais*, realizado pela Fundação João Pinheiro, demonstrou que a atividade do agronegócio mineiro é bastante relevante para a economia do Estado sendo capaz de alavancar a expansão de várias regiões. As duas cidades selecionadas para essa pesquisa têm forte vocação para o agronegócio. Uberlândia está entre as dez melhores cidades do Brasil para negócios no setor Agro⁸, de acordo com ranking divulgado em 2022. Quanto à Ituiutaba, as atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais são grandes geradoras de renda, transformando a cidade em um polo regional. Em nosso estudo, conforme já dito, as duas cidades pesquisadas incluem-se na zona do falar paulista, descrito por Zágari et al. (1977) como um falar que tem como uma das principais marcas a variante retroflexa em coda silábica. Nesse sentido, interessa-nos saber se as características intrínsecas a cada um dos municípios pesquisados, favorecem a produção da variante retroflexa em coda silábica e, para além, compreender as relações que envolvem a percepção, a avaliação e a identidade linguísticas dos moradores dessas localidades e a variedade linguística por eles utilizada.

No próximo capítulo realizaremos uma retomada dos pressupostos teóricos em que se sustenta esta pesquisa.

⁸ Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/12/13/uberlandia-esta-entre-as-10-melhores-cidades-do-brasil-para-negocios-no-setor-agro/>. Acesso em 24 de junho de 2023.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No intuito de alcançar os objetivos elencados para a pesquisa ora proposta, será realizado um levantamento dos pressupostos teóricos basilares para esta pesquisa. Apresentamos, inicialmente, considerações acerca da sociolinguística variacionista. A seguir trataremos da estrutura da sílaba com destaque à coda, haja vista ser esta a posição em que se encontra a variante retroflexa alvo deste estudo. Abordaremos, por fim, os fundamentos para os estudos de percepção, avaliação e identidade linguísticas.

4.1 A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística surgiu como uma das subáreas abarcadas pela Linguística Moderna, como a ciência que tem como objeto de estudo a língua em uso dentro das comunidades de fala, em situações reais de interação. A partir dos pressupostos dessa teoria, considera-se que a variação pode ocorrer em todos os níveis da análise linguística, nesse sentido, Zilles (2008) destaca que a variação acontece

(...) na fonologia (ex: advogado ~ adivogado); na morfologia (ex: juntar ~ ajuntar; levantar ~ alevantar; entrar ~ adentrar); na sintaxe ou morfossintaxe (ex: é pra eu levar ~ é pra mim levar; me telefona ~ telefona-me); no léxico: ex: aipim, macaxeira, macaxera, mandioca, mandioca-doce, mandioca-mansa. E, evidentemente, há grande variabilidade no campo da semântica (ou do sentido das palavras) e do uso contextualizado da linguagem (ZILLES, 2008, p.39).

Ainda neste sentido, sobre os diferentes tipos de variação, é preciso atentar-se para o fato de a variação poder ser atrelada a diferentes perspectivas de estudo da língua, envolvendo o aspecto diacrônico (ao longo do tempo) ou o aspecto sincrônico (em um momento específico da história). Cabe salientar que esses conceitos são complementares, embora sejam distintos. Nesse viés, Ilari e Basso (2007), reafirmam a necessidade de se tratar a variação linguística como um fenômeno inerente à linguagem, que pode manifestar-se de diferentes formas. Nessa linha de percepção, os estudos sociolinguísticos têm como objeto principal a variação, "entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada

cientificamente". Esses estudos caracterizam-se por colocar em foco um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais (MOLLICA e FERNANDEZ, 2003, p. 9, 10).

Bortoni-Ricardo (2005) esclarece, também, que a Sociolinguística tem como suporte três premissas básicas: “o relativismo cultural, a heterogeneidade linguística inerente e a relação dialética entre forma e função linguísticas”. A primeira premissa diz respeito à igualdade essencial e a paridade funcional entre as línguas, rejeitando a existência de relações de superioridade e inferioridade, uma vez que rejeita a crença em línguas e culturas primitivas. No que se refere ao segundo princípio, a autora afirma que ocorre um rompimento com a tradição saussuriana acerca de uma homogeneidade no sistema linguístico, pois parte da constatação de que a heterogeneidade é inerente a todas as línguas humanas e, dessa forma, a variação deixa de ser percebida como um fenômeno excepcional. Embasada em Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2005, p. 114) afirma, ainda, que “a heterogeneidade não só era a situação normal, mas o resultado natural de fatores linguísticos e sociais básicos que condicionam a variação de forma sistemática.” Quanto à terceira premissa há, também, um rompimento com os cânones linguísticos tradicionais, em virtude de fomentar mudança de foco para a forma linguística no contexto de uso em substituição ao foco na estrutura da língua. Dessa forma, não há como empreender um estudo da língua desvinculado das condições históricas, ou seja, por ser a língua um fato social, ela se constitui nas práticas humanas, sendo indissociável delas. Conforme afirma Labov (2008, p. 21) a compreensão do desenvolvimento de uma mudança linguística não é possível se se desvincula esse estudo da vida social da comunidade em que a mudança ocorre, pois, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.”

A língua é, nessa perspectiva, um sistema suscetível à variação que pode ocorrer em diferentes níveis, nos diferentes estratos sociais dentro de uma mesma comunidade de fala⁹ e entre diferentes comunidades que utilizem a mesma língua. Conforme observa Mollica (2004, p.9), o dinamismo é inerente a todas as línguas. Assim, é possível encontrar “formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético fonológico e no domínio pragmático-discursivo”. De acordo com Labov (2008) a pesquisa sociolinguística refere-se à variação que pode ser “sistematicamente explicada”. A variação, por sua vez, diz respeito à existência concomitante

⁹ O uso do termo comunidade de fala é utilizado em consonância com a definição de Labov (2008, p. 150) “A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso”.

de duas ou mais variantes de uma mesma variável, ou seja, é a possibilidade de se utilizar diferentes formas para dizer a mesma coisa, dentro de um mesmo contexto, “com o mesmo valor de verdade.” Mollica (2004, p. 10) afirma que a sociolinguística “parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível.” Nesse sentido, ao pesquisador variacionista cabe: identificar os fenômenos linguísticos variáveis em dada língua, realizar o levantamento das variantes, definir as variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) e, por meio de tratamento estatístico dos dados codificados, correlacionar sistematicamente os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem cada uma das variantes linguísticas e, ainda, a frequência de uso de cada uma dessas variantes.

Dessa forma, as pesquisas embasadas nessa teoria buscarão analisar e sistematizar variantes linguísticas utilizadas em uma determinada comunidade de fala, a fim de compreender os processos de variação, mudança e não-mudança linguística. Labov (2008) afirma, também, que para que se possa entender os processos que envolvem uma mudança linguística é preciso se levar em conta os aspectos sociais da comunidade em que essa mudança ocorre. Independente da perspectiva que se aborde, é imprescindível considerar a língua em seus diferentes contextos de uso, bem como as circunstâncias que envolvem esses usos. Cabe destacar, aqui, que diferentes estudos relacionados ao DC (AMARAL, 1920; PIRES, 2008; RIBEIRO, 2017) convergem para o fato de ele agregar à língua variantes, contribuindo, dessa forma, para a formação da língua portuguesa. Vasconcelos (1928, p. 335-336) postula que “a linguagem popular contém muitas formas arcaicas (...) bem como muitas formas intermédias (...)” e, ainda “muitas formas em fase mais adiantada que as literárias.” Percebe-se, portanto, a urgência de estudos que contribuam para um maior entendimento do DC, (re)conhecendo suas especificidades e os traços linguísticos que lhe são próprios.

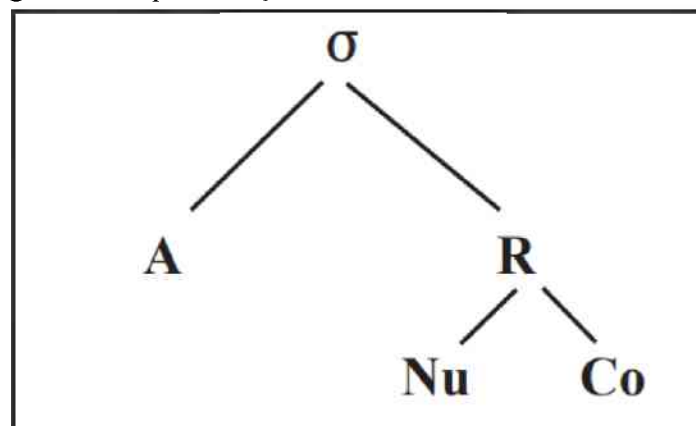
4.2 A estrutura da sílaba e coda silábica

A partir do pressuposto de que a sílaba é um constituinte prosódico, diferentes são as propostas que se dispõem a dar conta da organização interna desse constituinte. Fundamentada na fonologia métrica e utilizando o inglês como língua-base, Selkirk (1982) desenvolveu um estudo que evidencia a importância da sílaba em estudos linguísticos e sua relevância para a teoria fonológica. Segundo Selkirk (1982, p. 328) “A noção de sílaba que emergirá desta análise

do inglês é, portanto, a de uma unidade hierárquica, uma árvore estruturada internamente de forma análoga à árvore que representa a estrutura sintática” (tradução nossa).¹⁰

Conforme defende Selkirk (1982), a sílaba é dividida em unidades hierarquicamente organizadas: o ataque (onset) e a rima, sendo que os elementos constituintes da rima – núcleo e coda – possuem relação mais estreita do que a existente entre ataque e núcleo. O ataque precede a rima e pode associar-se a uma ou mais consoantes.

Figura 5 - Representação da sílaba baseada em Selkirk (1982)

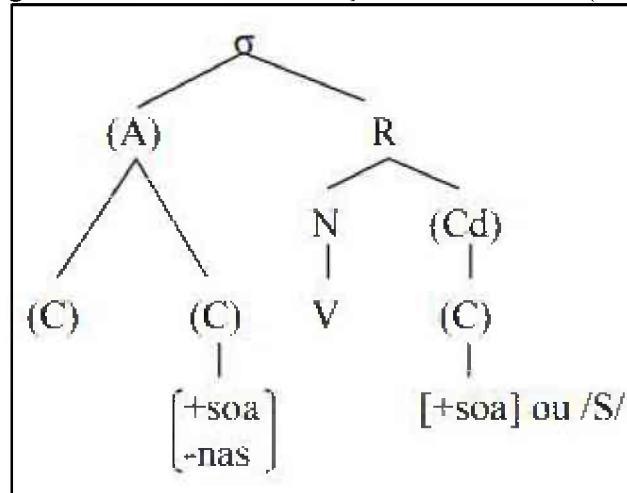


É possível, pois, identificar, por meio dessa representação arbórea, as características gerais da sílaba de uma língua. Segundo Selkirk (1982, p. 344), em consonância com a língua em estudo, será considerada bem formada a sílaba que respeitar o *template* da sílaba dessa língua, o que significa, na verdade, atender aos padrões fonotáticos do referido sistema linguístico particular.

Bisol (1999, p. 703) sugere um *template* para o português, conforme demonstrado na figura 6. Em português, somente consoantes assumem a posição de ataque, não sendo admitidas, nessa posição, vogais. A rima é a parte estrutural obrigatória da estrutura da sílaba e pode ser decomposta em núcleo e coda. O núcleo só pode ser preenchido por vogais; assim, é possível a ocorrência de sílabas formadas somente por vogais. A coda, que vem após o núcleo silábico, no português, é preenchida por algumas consoantes ou semivogais, sendo possível encontrar sílabas com até cinco segmentos (CCVCC), como exemplificado na primeira sílaba de *transporte*.

¹⁰ The notion of the syllable that will emerge from this examination of English is therefore one of a hierarchical unit; an internally structured tree quite analogous to a tree representing syntactic structure (SELKIRK, 1982, p. 328).

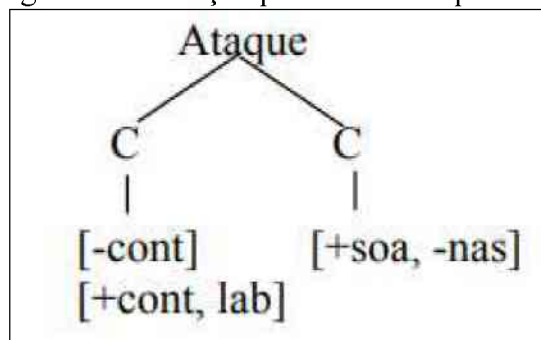
Figura 6 - Padrão de construção da sílaba base (PCSB)



Fonte: Bisol, 1999, p. 703.

O *template* disponibilizado na figura 6 demonstra a representação de sílabas bem formadas em português e, ainda, exclui algumas sílabas malformadas. Entretanto, esse *template* não é capaz de excluir todas as sílabas malformadas, como aquelas em que ataque complexo é formado por uma fricativa não-labial no primeiro segmento. Nesse contexto, Bisol (1999, p. 718), no intuito de excluir essas sílabas, afirma serem necessárias restrições colocacionais e, assim, propõe, para desempenhar essa função, a “condição positiva do ataque complexo”, conforme representado na figura 7.

Figura 7 - Condição positiva do ataque complexo



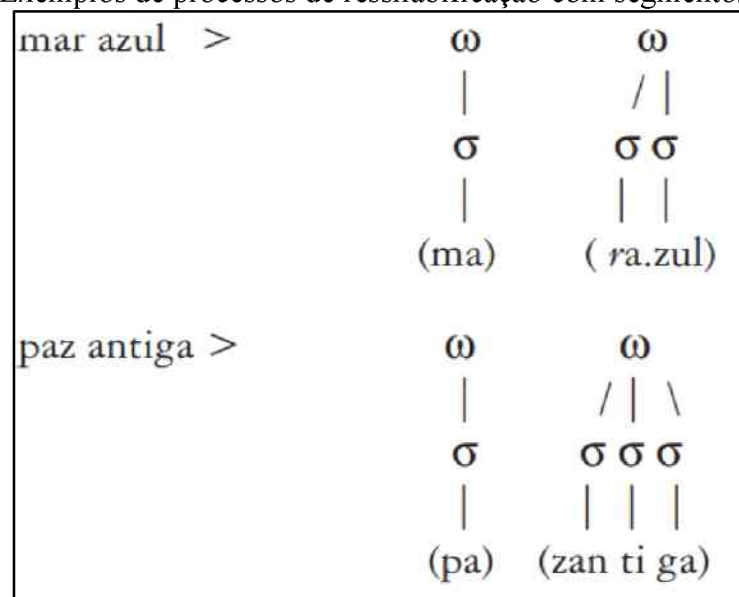
Fonte: Bisol, 1999, p. 718.

Assim, para que haja uma sílaba bem formada em português, ela deve estar ancorada no *template* representado na figura 6 e, ainda, estar de acordo com a restrição representada na

figura 7. Bisol (1999, p. 704) propõe, ainda, a regra de adjunção de /S/, para dar conta de sílabas como a sílaba inicial da palavra *monstro*, em que o /S/ ocupa a segunda posição da coda. Essa regra é proposta para dar conta de que somente este segmento pode ocupar essa posição e tornar o nó Coda ramificado.

Sobre as regras de silabificação e ressilabificação no português, Bisol (2004) defende que a primeira ocorre na palavra e a segunda na frase. Em nossa pesquisa, interessa-nos a ressilabificação do rótico em coda silábica que, nesse caso, envolve a mudança de uma consoante em coda final de palavra à onset da sílaba inicial da palavra seguinte, quando essa é iniciada por vogal. Nesse sentido, Bisol (2004, p. 67), esclarece que, no português “existe o contraste *kaza/kasa, karu>karru*¹¹, e que na organização ou reorganização das sílabas, entre vogais operam as regras *s > z* e *r > rr*, tanto na silabificação, quanto na ressilabificação.” Nesse contexto, a diferença situa-se tanto no domínio quanto nos resultados decorrentes. Enquanto a primeira ocorre no léxico – no domínio da palavra fonológica – “por acréscimo de afixos, *mar > mares*, formando um novo par, palavra morfológica e fonológica; a segunda ocorre mais tarde, no pós-léxico, sem interação com a morfologia, ou seja, entre palavras fonológicas *mar azul > marazul*”. A autora assevera, ainda, que, no processo de ressilabificação, pode haver perda de algum segmento ou todos os segmentos podem ser preservados, conforme exemplificado na figura 8.

Figura 8 - Exemplos de processos de ressilabificação com segmentos preservados



Fonte: Bisol, 2004, p. 68.

¹¹ Mantem-se o registro original, que equivale a *ka[r]u > ka[r]u* na transcrição conforme o IPA.

Assim, em nossa pesquisa, as ocorrências de /R/ em que houve ressilabificação, ou seja, /R/ no final da palavra seguido de palavra iniciada por vogal, foram excluídas de nossas análises, pois não mais se caracterizam como coda silábica, mas como /R/ pré-vocálico, passando à posição de ataque da sílaba seguinte, após sofrerem o processo de ressilabificação. Em nossas entrevistas, diferentes exemplos desse fenômeno foram verificados: tentar alcançar (*ten-ta-ral-can-çar*); por exemplo (*po-re-xem-plo*); qualquer um (*qual-que-rum*); ser humano (*se-ru-ma-no*); por isso (*po-ris-so*); ver ela (*ve-re-la*). Nesses casos, o /R/ deixa de ser retroflexo e assume característica de tap ou de vibrante e, desse modo, não mais encontram-se no escopo da pesquisa e nem se constituem marca da fala caipira.

4.3 A percepção

O processo de percepção é constante e, mesmo que, por vezes, sequer seja notado pelo falante/ouvinte, está presente no processo comunicativo. Da mesma forma, a avaliação linguística por parte do indivíduo também é constante, seja de forma consciente ou não. Desse modo, torna-se necessária uma visão mais abrangente acerca da variação envolvendo não somente a produção linguística, mas também a percepção que permeia o modo como as diferentes variantes linguísticas são ouvidas, percebidas e avaliadas pelos membros de uma comunidade (CAMPBELL-KIBLER, 2006). Nesse viés, Oushiro (2015, p.64) afirma que se os usos linguísticos são heterogêneos é bastante procedente afirmar que a percepção sobre as variantes linguísticas também é heterogênea. Outrossim, embora as percepções individuais nem sempre sejam coincidentes entre os diferentes membros de uma comunidade elas tampouco são “aleatórias ou radicalmente subjetivas”. Há diferentes estudos que têm se debruçado em busca do entendimento acerca de “Como o falante acha que fala ou acha que deve falar”, conforme pode ser comprovado com o trabalho de Campbell-Kibler (2006) e seu estudo sobre as *Percepções do ouvinte sobre variáveis sociolinguísticas: o caso de (ing)*; Oushiro (2015) com a tese *Identidade na Pluralidade - Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*; Freire (2016) com o trabalho intitulado *Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano*, dentre outros. Eles propõem-se a analisar a forma como as diferentes variantes são ouvidas e percebidas pelos membros de uma comunidade.

Nesse contexto, partimos do trabalho de Pear (1931, apud Campbell-Kibler 2006), considerado pioneiro nessa área. O autor realizou uma análise das percepções de ouvintes da rádio BBC, comparando as descrições feitas pelos ouvintes da rádio a descrições feitas por pessoas que conviviam com os falantes. Os resultados encontrados demonstraram que, embora houvesse consenso entre os ouvintes quanto às características associadas à voz, houve discrepância com as características elencadas pelo grupo de entrevistados que conviviam com os falantes.

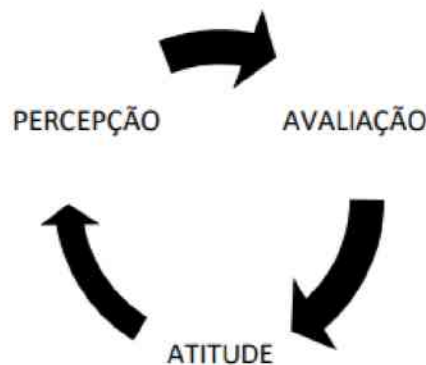
A partir da década de 1960, os estudos de percepção foram alavancados por uma importante ferramenta metodológica proposta por Lambert et al. (1968), o *matched-guise* ou a técnica de estímulos pareados. Nesse estudo, os autores tinham como objetivo observar as reações subjetivas ao inglês e ao francês e, para tanto, gravaram quatro falantes bilíngues realizando a leitura de um mesmo texto nos dois idiomas e, em seguida, os áudios foram disponibilizados para ouvintes ingleses e franceses. A essas oito leituras foram adicionadas duas gravações distratoras. A partir da audição os respondentes eram convidados a atrelar os áudios a características pessoais, tais como: altura, liderança, inteligência, religiosidade, confiabilidade, bondade, dentre outras, que julgassem ser pertinentes para cada um dos falantes ouvidos, em uma escala de seis pontos, sendo o menor número equivalente a *muito pouco* e o maior número equivalente a *bastante*. Um ponto a ser destacado é o fato de tratar-se de áudios produzidos por falantes bilíngues, ou seja, cada um dos falantes realizou leituras nos dois idiomas: inglês e francês. Entretanto, para os ouvintes, os estímulos pareciam pertencer a vários falantes. Para eles, cada sentença teria sido proferida por diferentes falantes nativos. O objetivo do estudo era comparar se o mesmo falante seria caracterizado de maneira diferente dependendo da língua utilizada no estímulo. Em suas análises, os pesquisadores concluíram que, de maneira mais geral, houve julgamentos distintos sobre o inglês e o francês a depender da nacionalidade do falante e do respondente e das características analisadas. Os estímulos em inglês foram julgados mais favoravelmente pelos ouvintes dos dois grupos, principalmente, em características relacionadas ao sucesso econômico. A conclusão dos autores ressaltou, ainda, “a influência de estereótipos sobre o inglês e o francês na comunidade como um todo, que afetam os falantes de ambas as línguas” (OUSHIRO, 2015, p. 268).

Em estudo mais recente, Freire (2016, p. 50) aponta que a percepção linguística diz respeito à capacidade cognitiva que os falantes têm de perceber, nos diferentes contextos e em diversas situações de comunicação, diferenças linguísticas por eles produzidas e/ou por outros falantes. E, a partir dessa percepção são atribuídos “valores diferenciados ao que foi percebido

(variante linguística com prestígio x variante linguística com desprestígio social, por exemplo). E essas práticas levam necessariamente os falantes a exibir atitudes sociolinguísticas.”

Assim como Freire (2016) acreditamos que há uma relação intrínseca e circular entre percepção, avaliação e atitudes linguísticas: o falante/ouvinte percebe as variações linguísticas => avalia essas variações por meio de reações subjetivas => manifesta atitudes acerca das variantes. A figura abaixo ilustra esse movimento

Figura 9 - Círculo permanente de práticas variacionistas



Fonte: FREIRE, 2016, p.51

Neste cenário, percebe-se a inter-relação entre a variação linguística e a percepção linguística, haja vista que o processo comunicativo, muitas vezes, relaciona-se diretamente com as escolhas linguísticas feitas pelo falante e, ainda, o fato de essas escolhas serem percebidas e avaliadas pela sociedade, na qual o falante está inserido. Dessa forma, de acordo com Freitag et al. (2016, p. 66), as atitudes são conceituadas, na psicologia social, como “reações, positivas ou negativas, a algo ou alguém, e estão estruturadas em três dimensões: cognitiva (pensamentos e crenças), afetiva (sentimentos) e comportamental (uso).” Em se tratando da sociolinguística, a dimensão comportamental diz respeito à produção linguística, ou seja, “como o falante efetivamente fala, a frequência de recorrência de uma dada variante em uma comunidade.” Já as dimensões cognitiva e afetiva relacionam-se à percepção. Freitag et al. (2016, p. 66), afirma que “como o falante acha que fala ou acha que deve falar (cognitivo) é a manifestação verbalizada, sem reações afetivas, acerca da sua crença sobre seus usos e sobre os padrões da comunidade.” E concluem que “Como o falante julga aqueles que falam de determinado jeito (afetivo) é a manifestação de reações afetivas em relação ao objeto em questão.” Corroborando

o exposto, Eckert (2004) estabelece uma relação entre a percepção e a atitude linguística a um movimento de construção de estilo. A autora define estilo como prática, ou seja, uma atividade por meio da qual as pessoas criam significados sociais. Estilo seria, portanto, a manifestação visível desse significado social.

Nesta pesquisa, nossa investigação também tem como foco a percepção da realização da variante retroflexa em coda silábica. Mais especificamente, queremos verificar se os falantes da variante retroflexa do /R/ se identificam como falantes dessa variante; se identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira e, por fim, qual a valoração atribuída a essa variante, tanto dos falantes, quanto dos falantes de outras variantes do /R/.

4.4 Avaliação

Ao abordar questões relacionadas ao DC, torna-se de suma importância atentar-se, ainda, para a relação tênue que envolve língua e poder, bem como as implicações ideológicas, culturais, políticas e sociais que envolvem essa relação. Segundo afirma Gnerre (1991, p. 6, 7) “uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Desse modo, é de suma importância reconhecer que as relações de poder que envolvem as interações sociais refletem-se de maneira direta nos valores atribuídos às modalidades linguísticas de prestígio e às modalidades linguísticas estigmatizadas. Nesse contexto, Tarallo (2007, p. 12) afirma que, em geral, “a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.” Nesse mesmo viés, Cagliari (2002, p.22) afirma que “todas as variedades, do ponto de vista estrutural linguístico, são perfeitas e completas entre si. O que as diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade.” Assim, não cabe, conforme dito anteriormente, a consideração da superioridade das variedades com maior prestígio social sobre as variedades estigmatizadas. Tal crença está atrelada a uma valoração social que o indivíduo atribui às variedades linguísticas.

Labov (2008, p. 360), no que se refere à avaliação social, trata de três categorias: os estereótipos são os traços linguísticos marcados socialmente pelos falantes, que o fazem de maneira consciente, eles “são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade”; os marcadores, que embora possam não ser conscientes, são capazes de produzir

reações frequentes em testes de reações subjetivas; e os indicadores que são os traços não sujeitos à variação estilística, mas que são socialmente estratificados.

A concepção social de padronização da língua conduz os falantes/ouvintes à realização de julgamentos, pois esses indivíduos acreditam, muitas vezes, que “as línguas existem em formas padronizadas, e esse tipo de crença afeta o modo como pensam sua própria língua e a ‘língua’ em geral” (MILROY, 2011, p. 49). Segundo Labov (2008, p. 354), “não há avaliação social para todas as mudanças linguísticas, para algumas não há nem mesmo reconhecimento. Algumas parecem ficar muito abaixo do nível das reações sociais explícitas.” Nesse viés, parece-nos bastante evidente não somente a relação intrínseca entre a avaliação linguística e os usos da língua, mas, também, a relação com seus usuários. Assim a avaliação linguística mostra-se semelhante à atitude linguística e torna-se uma prática (sociolinguística), pois não somente “são considerados aspectos relacionados à língua, mas também questões vinculadas ao próprio falante, seu lugar de origem, a outros fatores externos, como, por exemplo, sexo, idade, escolaridade, etnia, classe social, profissão, dentre outros” (FREIRE, 2016, p. 51).

Nesse contexto, observa-se que a variante retroflexa, embora possa ser encontrada em diferentes regiões em quase todo o território nacional, ainda é associada ao universo “caipira”, de maneira pejorativa. Tal fato parte, grande parte das vezes, das crenças de falantes/ouvintes de que essa variante é feia, ou mesmo, inferior às demais. Parece-nos evidente, portanto, que os falantes/ouvintes são sensíveis à percepção da variação linguística e, para além, os julgamentos emitidos acerca de determinadas variantes, em nosso caso específico a variante retroflexa, estão atrelados às experiências individuais e sociais vivenciadas na comunidade de fala.

4.5 Identidade

Ao buscarmos a definição do termo identidade, percebemos que ele desperta o interesse de diferentes áreas do conhecimento - a Linguística, Psicanálise, Antropologia, Sociologia, dentre outras. Partindo para um viés linguístico, tal termo pode ser entendido a partir das colocações de Labov (2008), para quem todos os falantes necessitam identificar-se com o grupo que os cerca, sendo a língua responsável pela identificação ou pelo distanciamento entre o indivíduo e o grupo. Rajagopalan (2006) afirma que

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre em um estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 2006, p. 41-42).

A questão da identidade perpassa, necessariamente, por Willian Labov, que se dedicou aos estudos voltados para a relação entre língua e sociedade e buscou, por meio de suas pesquisas, sistematizar as variações existentes na língua falada, considerando, para tanto, fatores extralinguísticos (classe social, idade, sexo, escolaridade). A fim de demonstrar essa interdependência, realizou uma pesquisa na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA). A ilha foi utilizada na pesquisa de Labov acerca dos padrões sociais na mudança linguística. Dentre os fatores que influenciaram a escolha da localidade estão a localização geográfica e a complexidade social.

A ilha, descrita pelo estudioso durante sua pesquisa, localiza-se distante cerca de cinco quilômetros do continente e é dividida em duas partes: ilha alta, predominantemente rural, com poucas casas de veraneio, algumas aldeias indígenas e uma grande área despovoada; ilha baixa, ocupada por três quartos da população permanente, distribuída em três pequenas cidades. Os nativos, essencialmente endógamos, se dividem em quatro grupos étnicos: os descendentes de famílias de origem inglesa, os de ascendência portuguesa, os remanescentes indígenas e os veranistas. Labov (2008, p. 25) destaca como objetivo central de sua pesquisa “entender a estrutura interna do inglês vineyardense, incluindo as diferenças sistemáticas que já existem e as mudanças que estão ocorrendo agora na ilha”. Em busca desse objetivo, ele voltou seu interesse para uma característica bastante frequente na ilha, embora pouco aparente para os falantes “as diferenças na altura do primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/” Labov (2008, p. 27). Para tanto, ele realizou entrevistas programadas, induzindo os entrevistados a pronunciarem palavras em que os ditongos /ay/ e /aw/ ocorressem, também se valeu de leituras realizadas pelos entrevistados e de observação de conversas em diferentes lugares, como bares, lojas, ruas.

Dentre as conclusões apontadas pelo estudo de Labov (2008, p. 59) está o fato de que o uso centralizado ou não dos ditongos em estudo estava intimamente ligado às mudanças sociais pelas quais a ilha estava passando, ou seja, inconscientemente, os moradores, por meio das posturas linguísticas assumidas, posicionavam-se quanto ao sentimento de pertencimento à ilha ou ao desejo de deixá-la. O pesquisador esclarece que a realização de uma análise da entrevista

de cada participante do estudo permitiu situá-los em três categorias distintas: “positiva – exprime sentimentos definitivamente positivos acerca de Martha's Vineyard; neutra – expressa sentimento nem positivos nem negativos acerca de Martha's Vineyard; negativa – indica o desejo de ir viver em outro lugar.” Tais posturas refletem-se nos usos linguísticos dos moradores, uma vez que o apego pela ilha faz com que “as diferenças fonéticas se tornem mais marcadas à medida que o grupo luta por manter sua identidade” (LABOV, 2008, p. 49). Assim, torna-se evidente que alguns usos evidenciam a identidade linguística do falante explicitando o significado imediato desse traço fonético como “vineyardense”. “Quando um homem diz [rɛɪt] ou [hɛvɪs] está inconscientemente expressando o fato de que pertence a ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence” (LABOV, 2008, p. 57).

Desse modo, a investigação realizada por Labov contribuiu não somente por oferecer uma metodologia inédita de investigação e interpretação de fenômenos linguísticos por meio de dados estatísticos, mas, ainda, por comprovar a inerente relação entre língua e sociedade, ressaltando o papel crucial dos fatores sociais na explicação da variação, da mudança e da manutenção linguística. Para além desses fatos, sua pesquisa demonstrou, como dito anteriormente, a relação intrínseca entre os usos linguísticos e a identidade linguística.

No que se refere ao DC, uma de suas marcas prototípicas é a pronúncia retroflexa do /R/ em posição de coda silábica, variante popularmente conhecida como “r-caipira”. Guiotti (2002) e Leite (2004; 2010) em seus estudos sobre a variante retroflexa alertam para o fato de a variante retroflexa ainda receber uma valoração negativa, reforçando o estigma a ela atribuído. Rajagopalan (2006) defende, conforme dito, que a identidade de um indivíduo é constituída “pela língua e na língua”, entretanto, o autor afirma que, para que o indivíduo se sinta pertencente a determinado grupo, fatores culturais e religiosos, dentre outros, também são importantes. Ele postula que a construção de identidades é totalmente ideológica. Assim, a fim de que possamos descrever e analisar a produção e a percepção do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira, torna-se imprescindível verificarmos como os falantes dessa região, alcunhada como caipira, se identificam quanto à variedade linguística por eles utilizada e, ainda, qual valoração atribuem a essa variedade.

No próximo capítulo nos dedicaremos a descrever os procedimentos metodológicos que adotamos para a condução dessa pesquisa, no que diz respeito à produção do /R/ em coda silábica.

5 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE PRODUÇÃO

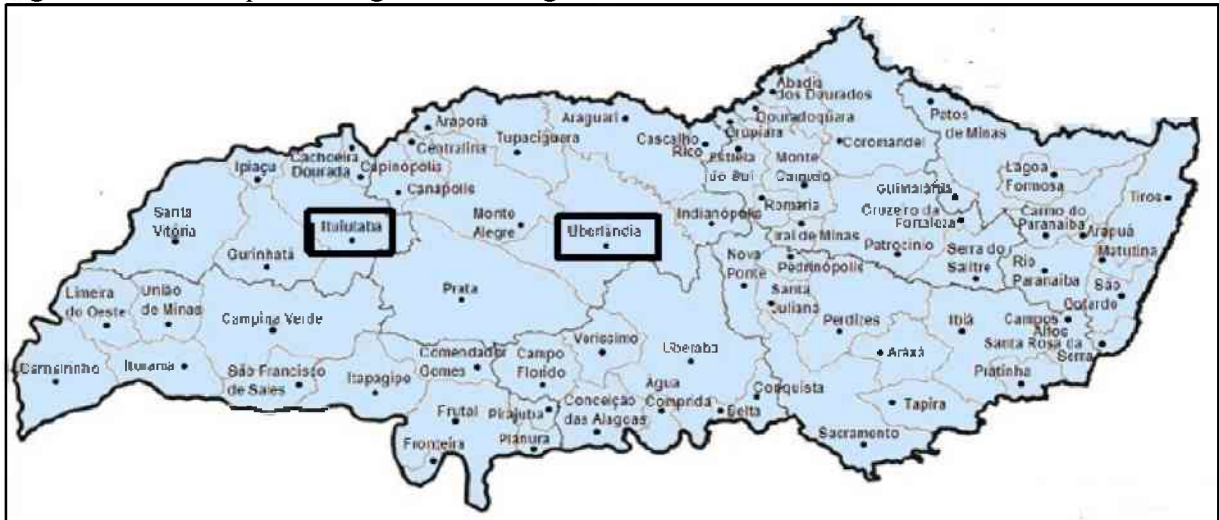
Neste capítulo discorreremos sobre o método adotado para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Na seção 5.1, apresentamos as comunidades em que as entrevistas foram realizadas. Iniciamos fazendo uma breve descrição do Estado de Minas Gerais, passando pela região do Triângulo Mineiro e, por fim, apresentamos as cidades de Ituiutaba e Uberlândia. Após, em 5.2, realizamos a exposição da distribuição dos participantes de acordo com localização geográfica, idade e escolaridade. A seguir, em 5.3, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes que foram selecionadas para este estudo. Em 5.4 realizamos uma breve descrição do programa estatístico utilizado para realizar a análise quantitativa dos dados de nossa pesquisa. Por fim, em 5.5, detalhamos os passos trilhados durante a pesquisa: realização das entrevistas, transcrições e codificação dos dados para a realização da análise quantitativa.

5.1 As comunidades pesquisadas: Ituiutaba e Uberlândia

Para a realização da pesquisa, foram feitas entrevistas com moradores nascidos e crescidos nas cidades de Uberlândia e Ituiutaba¹², Estado de Minas Gerais. A região geográfica intermediária de Uberlândia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é formada por três regiões imediatas, a saber: Uberlândia, composta por onze municípios (Araguari, Araporã, Campina Verde, Canápolis, Cascalho Rico, Centralina, Indianópolis, Monte Alegre de Minas, Prata, Tupaciguara e Uberlândia); Ituiutaba, composta por seis municípios (Cachoeira Dourada, Capinópolis, Gurinhatã, Ipiáçu, Santa Vitória e Ituiutaba) e Monte Carmelo, composta por sete municípios. A figura 10 traz os principais municípios da região, com destaque para as duas cidades em que a pesquisa foi realizada.

¹² Todos os 24 participantes da pesquisa são moradores da zona urbana.

Figura 10 - Municípios da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba



Fonte: <http://www.sindttrans.com.br/>.

A escolha dos municípios de Uberlândia e Ituiutaba deu-se pelo fato de ambas as cidades fazerem parte da mesma região geográfica intermediária, Uberlândia, e serem as cidades mais importantes da região geográfica imediata da qual fazem parte. Além disso, as duas cidades são sinalizadas por Zágari et al. (1977) como localidades em que há prevalência da realização da variante retroflexa.

5.1.1 Breve história e aspectos gerais do Estado de Minas Gerais¹³

A história da ocupação do Estado de Minas Gerais iniciou-se no século XVI, por meio do trabalho dos bandeirantes que entraram na região, inicialmente, em busca de índios para serem escravizados e, posteriormente, em busca de ouro e pedras preciosas. A Coroa Portuguesa, ao saber das riquezas em minérios e recursos naturais da região, fundou as primeiras vilas locais. Acerca da formação das primeiras vilas em Minas Gerais, Chaves (2013, p. 825) atesta que, no período colonial, podem ser identificadas duas diferentes fases de criação de termos de vilas: 1711-1730 e 1789-1814. A primeira fase, que corresponde ao momento de consolidação do poder do governo português na região das minas, foi motivada pela descoberta

¹³ Os dados apresentados são resultantes, além das fontes apresentadas nas referências, de pesquisas feitas nos sites: <https://www.mg.gov.br/conheca-minas/historia>.

de jazidas de ouro. A capitania de São Paulo e Minas do Ouro foi criada em 1709 e, em 1720, ocorreu o desmembramento da região das minas e a criação da capitania das Minas.

Chaves (2013, p. 826) esclarece, ainda, que no ano de “1711 foram criadas as três primeiras e principais vilas: Vila do Carmo (Mariana), Vila Rica (Ouro Preto) e Vila de Sabará.” A região teve um rápido povoamento e, no início do século XVIII, tornou-se importante centro econômico da colônia. Entretanto, por volta de 1750, vivenciou a decadência da exploração do ouro, houve uma dispersão da população para outras localidades, as cidades relacionadas a essa atividade esvaziaram-se e a população tornou-se predominantemente rural. Da Silva (2012) esclarece que, praticamente extinto o ouro, há uma expansão do território mineiro por meio do deslocamento das famílias, que antes se limitavam à área das minas, para outras regiões. Segundo a autora

As regiões, no século XVII, da Zona da Mata, Norte de Minas e Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba são ocupadas e a economia volta-se para a produção cafeeira. Essa mudança favorece as relações sociais e comerciais de Minas Gerais com seus estados limítrofes e provoca, como não podia ser diferente, interferências regionais **na fala dos mineiros** (DA SILVA. 2012, p.22, grifo nosso).

O desenvolvimento das demais atividades econômicas foi preterido pela mineração e, dessa forma, por muito tempo, após a diminuição exponencial da extração, as atividades econômicas do estado voltaram-se para as grandes fazendas, com a produção, dentre outros gêneros, de açúcar e de algodão. A economia mineira reaqueceu-se no início do século XIX, com a introdução da cafeicultura e, atrelado às necessidades impostas pela produção de café, ocorreu o investimento e o desenvolvimento da infraestrutura de transportes e, conseqüentemente, o povoamento da região.

Após a Proclamação da República, iniciou-se o processo de industrialização do estado, com a instalação, principalmente, de indústrias de médio e pequeno portes, concentradas, sobretudo, nos ramos de produtos alimentícios, têxteis e siderúrgicos. A partir da década de 1930, com o crescente aproveitamento dos recursos minerais, firmou-se a tendência natural do estado para a siderurgia. Na década de 1950, houve uma ampliação da participação da indústria mineira na economia brasileira. Ao longo da década de 1970 a economia mineira foi fortalecida por muitos investimentos e, dessa forma, voltou a ocupar uma posição de importância no contexto nacional. A figura 11 traz o Estado de Minas Gerais e, em destaque, a região do Triângulo Mineiro.

Figura 11 - Localização de Minas Gerais



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/minas-gerais.htm>.

O Estado de Minas Gerais está localizado na região Sudeste da República Federativa do Brasil, América do Sul, e faz divisa com os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Goiás e, ainda, com o Distrito Federal. Em relação à extensão territorial o estado é o quarto maior do país com 586528 km², nos quais estão distribuídos 853 municípios. A população estimada do estado em 2020, de acordo com o IBGE, era de 21.168.791 de pessoas. O estado apresenta o 3º maior PIB (Produto Interno Bruto) do país, perdendo somente para São Paulo e Rio de Janeiro.

5.1.2 Aspectos gerais do Triângulo Mineiro

A ocupação do Triângulo Mineiro iniciou-se em 1722 por intermédio de uma expedição de bandeirantes que partiram de São Paulo rumo a Goiás. Os desbravadores ligaram São Paulo ao Planalto Central por meio da abertura da estrada do Anhanguera. A região, naquele momento nomeada Sertão da Farinha Podre, era um local de passagem de tropeiros e mineradores e ocupada por índios Caiapós. O território, até o ano 1748, era pertencente à capitania de São Paulo e, posteriormente, foi anexado à capitania de Goiás e, atualmente, faz parte do Estado de Minas Gerais. O mapa abaixo retrata a divisão geográfica de Minas Gerais.

Figura 12 - Divisão geográfica de Minas Gerais



Fonte: www.repbrandao.com

A região do Triângulo Mineiro situa-se entre os rios Paranaíba e Grande e possui uma área territorial de 53719 km. A população triangulina é de cerca de 2 milhões de habitantes, distribuída nos 35 municípios que formam a região, dos quais se destacam: Uberlândia, Uberaba, Patos de Minas, Araguari e Ituiutaba. A população da região, de acordo com dados do IBGE, representa 1,12 % da população do Brasil. A região é uma das mais ricas do estado, sendo sua economia voltada para a distribuição, com indústrias dos setores de processamento de alimentos, de madeira, de açúcar e álcool, de fumo, de fertilizantes, de nióbio, dentre outros.

5.1.3 A cidade de Uberlândia

A história da cidade de Uberlândia iniciou-se com a ocupação da região do Triângulo Mineiro. João Pereira da Rocha, primeiro morador a fixar residência na região, por volta de 1818. Veio atraído pelas imensas terras férteis e estabeleceu-se na região conhecida atualmente como Indianópolis. Após sua chegada, outras famílias também vieram fixar residência na região, dentre elas, as famílias dos irmãos Luiz, Francisco, Antônio e Felisberto Carrejo, que

compraram parte das terras pertencentes a João Pereira da Rocha, formando as propriedades denominadas: Olhos D'Água, Lage, Marimbondo e Tenda.

Posteriormente, Felisberto Alves Carrejo, oficialmente reconhecido como fundador da cidade de Uberlândia, adquiriu da viúva de João Pereira da Rocha terras nas imediações do Córrego das Galinhas, local onde atualmente localiza-se o Bairro Tabajaras. Nessa época já vivia no local um pequeno número de pessoas. Com a permissão do Bispo, os moradores construíram uma Capela Curada dedicada à Nossa Senhora do Carmo e o arraial recebeu o nome de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha. Em 1857, foi criada a Freguesia de São Pedro de Uberabinha e, por meio do Decreto nº 51, de 7 de junho de 1888, a freguesia foi elevada à categoria de Vila. Em 31 de agosto de 1888 foi criado o município São Pedro de Uberabinha, emancipado de Uberaba. Pela Lei Estadual nº 23, de 14 de março de 1891, passou a denominar-se Uberabinha e a Lei Estadual nº 1.128, de 19 de outubro de 1929, alterou o nome para Uberlândia.

No que se refere à economia uberlandense, o setor terciário é o de maior relevância. Nele destacam-se dois dos maiores shoppings centers da região do Triângulo Mineiro, o Center Shopping e o Uberlândia Shopping. A indústria é o segundo setor de maior destaque para a economia uberlandense, a cidade abriga algumas das maiores empresas do país e, ainda, multinacionais, como Cargill Agrícola, Grupo Algar, Monsanto, Petrobras, BRF, Souza Cruz e Coca-Cola. O setor primário, embora seja importante para a cidade, ocupa a terceira posição na geração de renda da cidade. O município também conta com várias faculdades particulares e com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), além de um campus do Instituto Federal do Triângulo Mineiro. A cidade possui o 2º maior aeroporto do Estado de Minas Gerais em relação à movimentação de passageiros e conta, ainda, com um Porto Seco do Cerrado e o entreposto da Zona Franca de Manaus. A seguir, apresentamos uma imagem com a vista aérea da cidade de Uberlândia.

Figura 13 - Vista aérea da cidade de Uberlândia



Fonte: <https://www.instagram.com/josemgbr/>. Foto: José Magalhães.

Uberlândia possui, de acordo com dados do IBGE [2021], 676.613 habitantes, é o município mais populoso da região Geográfica Imediata de Uberlândia e o segundo mais populoso do estado.

5.1.4 A cidade de Ituiutaba

A região hoje conhecida como Ituiutaba era habitada inicialmente por povos indígenas, provavelmente, índios Caiapós (ameríndios do grupo Gê-bugres). Com a chegada, em 1820, dos sertanejos Joaquim Antonio de Moraes e José da Silva Ramos, vindos do sul de Minas, ocorre a expulsão dos grupos indígenas. Em 1830, o padre Antonio Dias de Gouveia chega à região e adquire várias fazendas e, em 1832, às margens do Córrego Sujo é erguida a primeira capela. Nasce, assim, o Arraial de São José do Tijuco, o qual foi elevado ao nível de freguesia, em 1839, passando à Freguesia de São José do Tijuco. As primeiras casas e o traçado das primeiras ruas surgem com a chegada ao local, em 1883, do Padre Ângelo Tardio. A esse respeito, Paiva (1953) afirma que esse traçado perdura atualmente. Segundo esse autor “Gastando dinheiro de seu bolso, exclusivamente às suas expensas, Padre Ângelo encarregou a João Gomes Pinheiro de traçar as ruas da então Vila Platina. Não houve planta, é preciso que

se esclareça; mas, simplesmente marcos nas ruas e nas avenidas” (PAIVA, 1953, p. 70). Em 1901, o Governador de Minas, Dr. Salviano de Almeida Brandão, emancipa política e administrativamente o Arraial de São José do Tijuco, tornando-o independente do município do Prata e o elevando à categoria de Vila Platina. Em 1915, o então Governador de Minas Gerais, Delfim Moreira, acolhe o pedido de mudança de nome e, assim, em 1917, a Vila Platina passa a se chamar Ituiutaba. A cidade fica localizada nas imediações de um rio de águas sujas e barrentas, razão do topônimo "Ituiutaba" (*I* = Rio, *TUIU* = Tijuco, lodoso, água suja; *TABA* = Cidade).

No que se refere à economia, o município destaca-se no setor primário, com recursos hídricos, condições climáticas e relevo favorecedores, as atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais são grandes geradoras de renda, transformando a cidade em um polo regional. O setor secundário também tem grande relevância na cidade, com a presença de grandes empresas como: Nestlé, Grupo JBS – Friboi e uma usina sucroalcooleira. Quanto ao setor terciário, a cidade conta, além de diversificadas lojas, com o Shopping Pátio Cidade, inaugurado em 2015. O município conta, no que se refere à educação, com um polo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), um polo da Faculdade Triângulo Mineiro (FTM), a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e, também, com várias faculdades particulares. A seguir, apresentamos uma imagem com a vista aérea da cidade de Ituiutaba.

Figura 14 - Vista aérea do centro de Ituiutaba



Fonte: <http://www.portalituiutaba.com.br/?sec=fotos>.

Ituiutaba localiza-se na região centro-norte do Triângulo, Estado de Minas Gerais, é uma cidade fronteiriça com o Estado de Goiás. A população estimada, de acordo com dados do IBGE [2021] é de 105.818 habitantes. É considerada um polo regional, sendo a cidade sede da região geográfica imediata na qual está localizada.

5.2 Constituição da amostra

Após a seleção das localidades, foi realizada uma pesquisa exploratória, a fim de confirmar os critérios de estratificação para a seleção dos participantes em cada cidade. Um ponto bastante relevante trata da permanência na localidade: os participantes não poderiam ter se ausentado das localidades por períodos longos. Nosso intuito foi selecionar doze participantes de Uberlândia e doze informantes de Ituiutaba¹⁴ perfazendo um total de 24 informantes. Cabe destacar que todos os informantes eram moradores da zona urbana. A estratificação foi feita observando, além da localidade, as variáveis sociais faixa etária e escolaridade, as quais são consideradas como variáveis clássicas da Sociolinguística Variacionista (TARALO, 2007).

No que se refere à escolaridade, os informantes foram divididos em dois grupos: seis informantes com até onze anos de escolaridade e seis informantes com mais de onze anos de escolaridade. Quanto à distribuição por idade, dividimos os informantes em três grupos: quatro com idade entre 15 e 29 anos, quatro com idade entre 30 e 49 anos e quatro com idade de cinquenta anos ou mais. Os critérios para a seleção dos informantes seguiram as orientações preestabelecidas pelo GEFONO¹⁵, a saber:

- i) ser natural da cidade ou nela residir desde os cinco anos de idade;
- ii) não ter morado fora desse município por mais de seis meses nos últimos cinco anos.

O quadro apresentado a seguir ilustra a estratificação dos participantes desta pesquisa.

¹⁴ Utilizamos, para esta pesquisa, entrevistas do banco de dados do GEFONO (Grupo de Pesquisa/Estudos em Fonologia) da Universidade Federal de Uberlândia. Foram utilizados dados de 12 entrevistas realizadas com moradores de Ituiutaba - MG. As entrevistas com os participantes da cidade de Uberlândia – MG foram feitas pela pesquisadora.

¹⁵ O GEFONO (Grupo de Pesquisa em Fonologia) reúne pesquisadores (docentes e discentes) e tem como objeto de estudo “a descrição e análise de processos fonológicos e morfofonológicos do Português Brasileiro, especialmente, o falado em Minas Gerais.” O grupo possui um banco de dados que reúne entrevistas sociolinguísticas com moradores de diferentes municípios mineiros (Uberlândia, Ituiutaba, Monte Carmelo) e, ainda, cerca de 2.000 textos escritos por alunos de ensino básico de escolas de Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. Disponível em: <http://www.ppgel.ileel.ufu.br/grupos-de-pesquisa/gefono-grupo-de-pesquisa-em-fonologia>. Acesso em 10 de junho de 2023.

Quadro 1 - Estratificação dos participantes desta pesquisa

Localidade	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	PARTICIPANTE
Ituiutaba	Entre 15 e 29 anos	Até 11 anos	Participante1
	Entre 15 e 29 anos	Até 11 anos	Participante2
	Entre 30 e 49 anos	Até 11 anos	Participante3
	Entre 30 e 49 anos	Até 11 anos	Participante4
	50 anos ou mais	Até 11 anos	Participante5
	50 anos ou mais	Até 11 anos	Participante6
	Entre 15 e 29 anos	Acima de 11 anos	Participante7
	Entre 15 e 29 anos	Acima de 11 anos	Participante8
	Entre 30 e 49 anos	Acima de 11 anos	Participante9
	Entre 30 e 49 anos	Acima de 11 anos	Participante10
	50 anos ou mais	Acima de 11 anos	Participante11
	50 anos ou mais	Acima de 11 anos	Participante12
Uberlândia	Entre 15 e 29 anos	Até 11 anos	Participante13
	Entre 15 e 29 anos	Até 11 anos	Participante 14
	Entre 30 e 49 anos	Até 11 anos	Participante 15
	Entre 30 e 49 anos	Até 11 anos	Participante 16
	50 anos ou mais	Até 11 anos	Participante 17
	50 anos ou mais	Até 11 anos	Participante 18
	Entre 15 e 29 anos	Acima de 11 anos	Participante 19
	Entre 15 e 29 anos	Acima de 11 anos	Participante 20
	Entre 30 e 49 anos	Acima de 11 anos	Participante 21
	Entre 30 e 49 anos	Acima de 11 anos	Participante 22
	50 anos ou mais	Acima de 11 anos	Participante 23
	50 anos ou mais	Acima de 11 anos	Participante 24

Fonte: Elaboração própria.

Cabe esclarecer que, embora a variável sexo seja considerada como clássica para a Sociolinguística Variacionista, ela não foi controlada em nossa pesquisa. Esse fato se deu em função de trabalhos realizados em comunidades de perfil semelhante às comunidades de Ituiutaba e Uberlândia, como o realizado por Gutierrez, Rockenbach, Battisti (2023) no estudo sobre a realização da aproximante retroflexa [ɻ] no português de Passo Fundo, apontarem para

o fato de a variável sexo estar atrelada à hipótese nula, ou seja, não (des)favorecer a variação do /R/ em coda silábica. É importante frisar que em nossos dados, conforme explicitado na seção *Apresentação dos dados e análise dos resultados*, as variáveis independentes extralinguísticas (idade e escolaridade) não foram selecionadas pelo programa estatístico como condicionadoras da variação do /R/ em coda silábica.

Os participantes, que foram selecionados pelo método de estratificação aleatória, foram entrevistados por meio de um roteiro sociolinguisticamente orientado (LABOV, 2008). Para tanto, foram produzidos questionários¹⁶ relacionados ao cotidiano dos entrevistados, os quais foram utilizados como guia durante a gravação das entrevistas. A intenção, nesses momentos, foi proporcionar aos participantes ambientes em que tivessem tranquilidade e não sentissem a necessidade de utilização de variedades linguísticas mais monitoradas. Guy e Zilles (2007) esclarecem que em pesquisas dessa natureza torna-se necessário o trabalho com amostra, a qual diz respeito ao grupo de pessoas selecionadas “para representar, no estudo, a população ou o universo do qual fazem parte e que o pesquisador deseja estudar” (GUY; ZILLES, 2007, p. 109), haja vista a dificuldade (ou impossibilidade) de se realizar a pesquisa com a totalidade da população dos locais em que a pesquisa ocorrerá. Os autores chamam a atenção, ainda, para o fato de haver

uma pressuposição de que o comportamento linguístico dos indivíduos, cujo discurso examinamos reflete regularidades ligadas ao fato de que aderem às normas de seus respectivos grupos sociais; é nesse sentido que os resultados do estudo do comportamento de certo número de indivíduos (a amostra) são generalizados para os grupos sociais aos quais eles pertencem (e representam) (GUY; ZILLES, 2007, p. 109).

O *corpus* foi obtido, portanto, por meio de amostras de fala espontânea de moradores das duas localidades selecionadas para a pesquisa. Ainda nesse âmbito, de acordo com Labov (2008, p.83) o objetivo, nos momentos em que as entrevistas são gravadas, “é observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo observadas.” Tarallo (2007, p. 21) afirma que: “O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados”. Assim, o que se procura é a produção de um discurso informal e espontâneo, para a obtenção do vernáculo. Corroborando o exposto, Labov (2008, p.110) postula a importância de “capturar

¹⁶ O questionário utilizado foi produzido por membros do grupo GEFONO e uma cópia está disponível nos anexos.

a fala cotidiana que o participante usará tão logo a porta se feche atrás de nós: o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com os amigos”. Após a gravação das entrevistas, os dados coletados foram transcritos e o tratamento foi feito por meio do programa *RStudio* e do pacote *Rbrul*, interface interativa idealizada por Daniel Ezra Johnson.

Foi efetivada, portanto, uma análise mista dos dados coletados, uma vez que foi feita uma análise quantitativa, utilizando-se um programa computacional e uma análise qualitativa evidenciada por uma investigação interpretativa do comportamento linguístico dos indivíduos que foram entrevistados. Dessa forma, foram estudadas as ocorrências do fenômeno variável e a respectiva distribuição por participante e, posteriormente, por localidade.

Cabe destacar, por fim, que a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia e está registrada na Plataforma Brasil sob o número de protocolo (CAAE) 39227720.0.0000.5152.

5.3 Definições das Variáveis

Um conjunto de variantes recebe o nome de variável linguística. As variáveis subdividem-se em dependente: fenômeno que se objetiva estudar, e independentes: fatores que atuam sobre a variável dependente. Corroborando o exposto, Guy e Zilles (2007), afirmam que

A identificação de uma variável inclui definir as variantes (o que é e o que não é uma ocorrência da variável em estudo) e determinar o envelope da variação (onde é possível ou impossível que a variável ocorra). Contextos categóricos (nos quais não há variação) e contextos neutralizadores (nos quais a variação é irrelevante ou imperceptível) devem ser identificados e, normalmente, são excluídos da análise (GUY; ZILLES, 2007, p. 36).

Neste contexto, apresentamos, a seguir, a variável dependente e as variáveis independentes que foram selecionadas para este estudo.

5.3.1 Variável dependente

A variável dependente (resposta) de nosso estudo é a variante retroflexa do /R/ em coda silábica, como em: ca[ɻ]ta, impo[ɻ]tante, dirigi[ɻ]. A fim de que possamos analisar essa variável dependente, os dados referentes às variáveis de /R/ em coda silábica foram representados da seguinte forma:

- i) [ɻ]: para indicar a realização do /R/ como segmento retroflexo, como em: po[ɻ]ta;
- ii) [Ø] para indicar o apagamento do /R/, como em: anda[Ø];
- iii) [X] para indicar outras realizações do /R/, por exemplo, a fricativa velar: po[x]ta.

5.3.2 Variáveis independentes

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 126) “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.” A sociolinguística interessa-se pelo estudo das relações entre língua e sociedade, atentando-se, assim, para as influências de fatores sociais sobre os fatos linguísticos. Dessa forma, “as pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística.” (LABOV, 2008, p.214).

Para que possamos atingir os objetivos estabelecidos para essa pesquisa, realizamos a estratificação dos informantes observando as variáveis localização geográfica, faixa etária e escolarização, as quais são consideradas como variáveis clássicas da Sociolinguística Variacionista.

Nesse contexto, quanto às variáveis independentes extralinguísticas pontuamos:

- i) A variação geográfica, também chamada de variação regional ou diatópica refere-se às diferenças linguísticas observáveis entre falantes oriundos de regiões distintas de um mesmo país ou oriundos de diferentes países (Coelho et al., 2015). Dessa forma, analisamos a variável região geográfica, partindo da hipótese de que a realização da variante retroflexa em coda silábica, embora se manifeste nas duas localidades, seja mais recorrente na cidade de Ituiutaba. Assim, quanto à variação geográfica, analisaremos duas cidades localizadas no Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais:

- Ituiutaba;
- Uberlândia.

ii) Escolaridade - Votre (2013, p. 51) postula [...] “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades.” Assim, analisaremos a variável escolaridade, visto que nossa hipótese se relaciona ao fato de a variante retroflexa em coda silábica apresentar maior produtividade nos grupos com menor escolaridade. No que se refere à escolaridade, os informantes foram divididos em dois grupos:

- até onze anos de escolaridade;
- mais de onze anos de escolaridade.

iii) Faixa etária - Segundo Oliveira e Silva e Paiva (1996, p. 350), “o estudo da correlação entre idade e variação linguística aponta para duas direções básicas: a relação de estabilidade entre variantes linguísticas – um fenômeno varia, mas não muda – ou a existência de mudanças na língua”. Assim, acreditamos ser de suma importância compararmos a produção linguística de pessoas de diferentes idades em nossa pesquisa, pois partimos da hipótese que variante retroflexa em coda silábica apresenta maior produtividade nos usos de indivíduos de faixas etárias mais elevadas. Quanto à distribuição por idade, dividimos os informantes em três grupos:

- entre 15 e 29 anos;
- entre 30 e 49 anos;
- cinquenta anos ou mais.

Quanto às variáveis independentes linguísticas foram considerados:

i. Núcleo silábico

Partimos, em relação a essa variável, da hipótese de que o tipo de vogal que ocupa o núcleo silábico possa condicionar as diferentes ocorrências de /R/ em coda silábica. Assim, nossa intenção é controlar a variável independente núcleo da sílaba a fim de verificar se o ponto de articulação da vogal que ocupa o núcleo da sílaba pode acarretar favorecimento ou

desfavorecimento para a ocorrência da variante retroflexa. No intuito de realizar tal verificação, dividimos as vogais da seguinte forma:

- Vogais labiais [ɔ, o, u]: **sorte, morto, curto**;
- Vogais coronais [ɛ, e, i]: **ferve, verde, firme**;
- Vogal dorsal [a]: **carta, amargo**.

ii. Contexto fonológico seguinte

No que concerne ao contexto fonológico seguinte, diferentes estudos acerca do /R/ em coda silábica demonstram que sua realização e/ou apagamento podem ser condicionados pelo contexto fonológico seguinte. Nesse sentido, nossa hipótese, conforme apontado por Silva (2016) é de que a variante retroflexa seja favorecida por segmentos coronais. Desse modo, a fim de que possamos fazer o levantamento das ocorrências do /R/ em coda silábica nas localidades selecionadas para essa pesquisa, o contexto fonológico seguinte foi dividido em:

- Labiais: **borboleta, corpo, garfo, erva, arma**;
- Coronais: **porta, verde, verso, perna, orla**;
- Dorsais: **porco, largo**;

iii. Tonicidade da sílaba

No que se refere à tonicidade da sílaba, embora estudos como os de Callou; Moraes; Leite (1996), Leite (2004; 2010), dentre outros, apontem para o fato de o apagamento ocorrer com maior frequência na sílaba tônica, em nossa pesquisa, partimos da hipótese que as sílabas tônicas sejam favorecedoras da realização da variante retroflexa, pois acreditamos que a ocorrência da variante seja favorecida pela proeminência da sílaba em que se encontra. Assim, em relação à tonicidade da sílaba, pretendemos verificar a relação entre as sílabas tônicas e as sílabas átonas no (des)favorecimento da realização da variante retroflexa do /R/ em coda silábica. Para tanto, consideramos as seguintes possibilidades de sílabas:

- Tônicas: **carta, marco, acordo**;
- Átonas: **martelo, artista, inversão**.

iv. Categoria gramatical

Estudos como os de Monaretto (2000) e Callou e Serra (2012) apontam para uma relação direta entre o apagamento do /R/ no fim de sílaba e a classe gramatical da palavra, destacando que, o apagamento é visível em verbos e substantivos e, ainda, que o fenômeno é mais recorrente nos verbos que nas demais categorias gramaticais. Assim, a fim de que possamos fazer o levantamento das ocorrências do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, torna-se necessário verificar a relação entre as variantes do /R/ e as diferentes categorias gramaticais. Em nossos dados, realizamos a divisão entre verbos e não verbos, pois partimos da hipótese de que os não verbos favorecerão a ocorrência da variante retroflexa. Para nosso estudo, esta variável será assim dividida:

- Verbos: sonhar, beber;
- Não verbos: erva, porque.

v. Tamanho da palavra – saliência fônica

Segundo Scherre (1989, p.301) o princípio da saliência fônica “consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isso mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes”. Diante disso, acreditamos que a maior extensão da palavra (três sílabas ou mais) pode favorecer a variação do /R/ no que se refere ao apagamento e, por conseguinte, as palavras menos extensas (uma e duas sílabas), seriam favorecedoras da variante retroflexa. Para nossa pesquisa, esta variável foi assim dividida:

- Uma sílaba: bar, ter, ir;
- Duas sílabas: cantar, perto, porta;
- Três sílabas ou mais: particular, decidir, importante.

vi. Posição da coda na palavra

Callou; Moraes e Leite (1996), em seus estudos sobre a pronúncia do /R/ no português do Brasil, afirmam que, em relação ao apagamento do /R/ em coda silábica, é possível observar um favorecimento do fenômeno em sílaba final. Em nossa pesquisa, partimos da hipótese de que as sílabas nas posições inicial e medial da palavra sejam favorecedoras da variante retroflexa. Assim, a partir dos dados de fala dos informantes de Ituiutaba e Uberlândia, verificaremos o possível condicionamento da posição da sílaba na palavra para a realização das

variantes do /R/ em coda silábica, bem como seu apagamento. Para tanto, assim foram definidas as posições das sílabas:

- sílaba inicial: **martelo**, **carta**;
- sílaba medial: **importante**, **amargo**;
- sílaba final: **chamar**, **acabar**.

5.4 O programa estatístico, os pacotes e algumas de suas funções

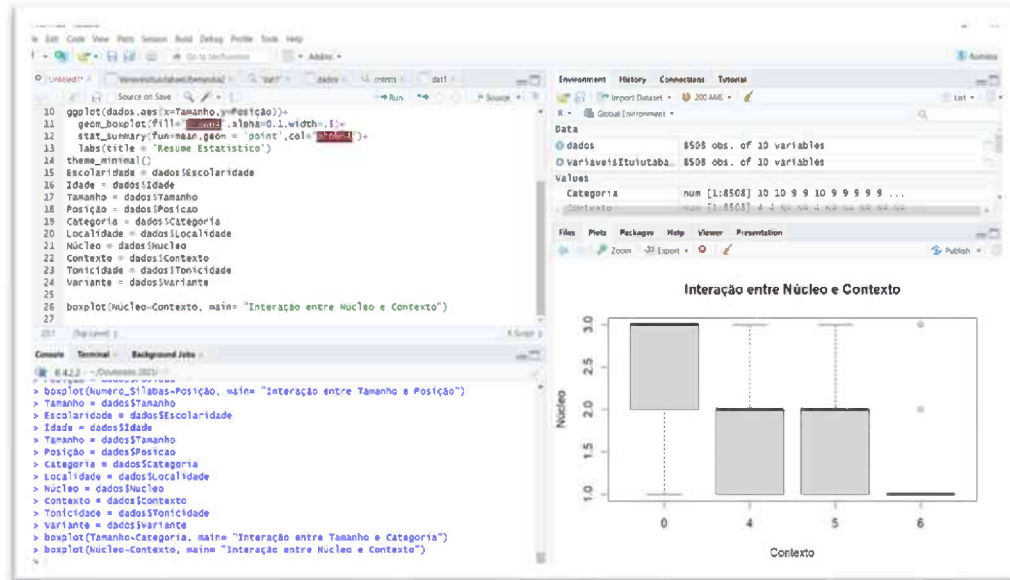
Partindo dos estudos de Oliveira (2006, p.64), para quem “a seleção de um modelo estatístico se dá, primeiramente, a partir de quais perguntas se quer responder”, voltamos nossa atenção para a análise proposta em nossa pesquisa, a qual relaciona-se aos fatores (linguísticos e/ou extralinguísticos) que podem favorecer ou desfavorecer a ocorrência da variante retroflexa nos usos de indivíduos de duas comunidades do Triângulo Mineiro.

Dessa forma, a escolha do programa estatístico está atrelada à possibilidade de análise das variáveis (dependente e independentes) selecionadas para essa pesquisa e, nesse contexto, o programa *R*, sua interface gráfica *RStudio* e o pacote *Rbrul* mostraram-se satisfatórios para os nossos propósitos¹⁷. Assim, priorizamos um programa capaz de realizar funções específicas, por exemplo, rodadas com variáveis contínuas como variáveis independentes; variáveis contínuas como variável dependente e, ainda, dar conta de modelos mistos, os quais referem-se ao fato de existirem efeitos fixos e aleatórios no modelo. Assim, a manipulação do *corpus* das 24 entrevistas sociolinguísticas foi feita por meio do programa *R* (*R Core Team*, versão 4.1.0, 2021) para o tratamento de dados e análises estatísticas. O programa *R* é uma linguagem para análise estatística e produção de gráficos, desenvolvido pelos estatísticos Ross Ihaka e Robert Gentleman, na década de 90. Venables e Smith (2004, p. 2) definem o *R* como “um conjunto de instalações de programas para manipulação de dados, cálculo e exibição gráfica”. Mais especificamente, utilizamos o *RStudio* (versão 8.17, 2021), uma interface gráfica, mais prática e mais simples do *R* e o programa computacional *Rbrul* (JOHNSON, 2009) que foi desenvolvido em linguagem de programação *R* e, portanto, é executado nessa plataforma. Por meio desse programa é possível realizar cálculos de regressão logística. Ele realiza tratamento estatístico de dados variáveis por intermédio de uma análise multivariada, ou seja, considera

¹⁷ Para a confecção dos gráficos e tabelas dos testes de percepção utilizamos, também, o Jamovi. Programa estatístico gratuito, de código aberto e compatível com o *R*.

simultaneamente todas as variáveis supostamente envolvidas no processo. A figura a seguir traz a tela do programa carregado com os dados relativos à nossa pesquisa.

Figura 15 - RStudio



Pacote *Rbrul* (versão 3.1.5), interface interativa idealizada por Daniel Ezra Johnson.

Figura 16 - Rbrul: Interface gráfica



Em nossa pesquisa, realizamos diferentes análises estatísticas dos dados coletados. Dessa forma, torna-se fundamental nos apropriarmos de alguns conceitos que foram utilizados ao longo de nossas análises. Iniciaremos discorrendo sobre a hipótese nula, a qual pressupõe que, ao se levantar uma hipótese para explicar algum fenômeno estatisticamente, ocorre, conseqüentemente, uma associação a uma segunda hipótese, que negará a primeira, assim, aquela será denominada de hipótese alternativa e esta será a hipótese nula. A partir da análise dos modelos de regressão¹⁸, por exemplo, é possível testar, por meio do teste estatístico, o não efeito na variável dependente associado a uma variável independente. Nesse contexto, em nosso estudo, a hipótese de que a variabilidade da coda silábica /R/ possa ser condicionada pela localização geográfica, nível de escolaridade e/ou faixa etária dos falantes vem acompanhada da hipótese nula que sugere que tais variáveis independentes não exercem favorecimento, estatisticamente significativo, sobre tal variabilidade. Dessa forma, efetivamente, realizamos testes sobre a hipótese nula, atendo-nos ao fato de a rejeição da hipótese nula estar atrelada ao nível de significância, isto é, ao fato de tal nível verificar a possibilidade de estarmos imputando que determinada variável linguística independente condiciona a ocorrência de determinada variável dependente, quando na realidade não ocorre tal favorecimento. Cabe ressaltar que o nível de significância apresenta um valor arbitrário, determinado segundo os critérios estabelecidos pelo pesquisador. Entretanto, por convenção, as pesquisas sociolinguísticas variacionistas costumam atribuir um nível de significância de 0,05. A fim de determinarmos a probabilidade de um fato observado ser estatisticamente significativo, ou seja, que a hipótese nula deve ser rejeitada, é possível realizar o cálculo do valor-p, probabilidade que mede a evidência contrária à hipótese nula, pois essa será rejeitada quando o valor-p for inferior ao nível de significância estabelecido, pois, nesse contexto, os resultados estatísticos obtidos serão significativos. Podemos inferir, portanto, que o valor-p baixo é uma forte evidência contra a hipótese nula.

O programa também fornece valores de *log-odds* e de peso relativo. *Log-odds* são medidas que relacionam a força entre um fator¹⁹ e uma variável dependente. *Log-odds* negativos refletem uma correlação negativa entre as variáveis e, nesse contexto, é possível interpretar que

¹⁸ “Nos modelos de regressão temos sempre uma variável, chamada variável dependente ou variável resposta, e uma ou mais variáveis explicativas, chamadas de co-variáveis, variáveis independentes ou grupos de fatores, que poderão ajudar a explicar a variabilidade na variável resposta” (OLIVEIRA, 2006, p. 64).

¹⁹ Ao longo desse estudo, no que se refere à análise de dados, o termo fator será utilizado em consonância com a nomenclatura utilizada na literatura estatística para fazer referência ao que se denomina categoria em trabalhos embasados na sociolinguística. Também será utilizado o termo modelo, para fazer referência à equação da regressão logística com as variáveis independentes selecionadas.

o fator desfavorece a variante de aplicação considerada. *Log-odds* positivos indicam uma correlação positiva entre o fator e a variável dependente e, nesse caso, o fator favorece a ocorrência da variante considerada. A correlação será mais forte à medida que o valor do *log-odds* for maior. Por fim, o peso relativo, abundantemente empregado em estudos sociolinguísticos, se refere aos valores (entre zero e um) que indicam o peso com que um fator, seja ele linguístico ou extralinguístico, favorece o uso de uma variante. O peso relativo menor que 0,5 indica que há um desfavorecimento de determinada variante, um valor próximo de 0,5 indica que há uma tendência neutra de utilização de determinada variante, já um valor acima de 0,5 indica favorecimento da variante analisada como valor de aplicação. Esses termos são empregados amplamente ao longo desta tese.

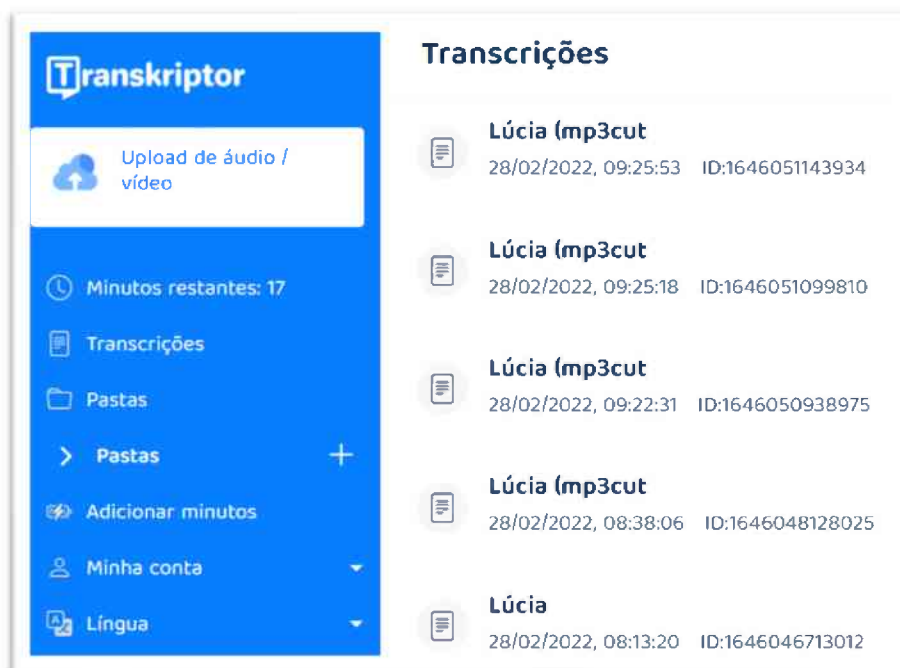
5.5 Passos trilhados para a análise quantitativa

Iniciamos nossa pesquisa realizando a gravação das entrevistas com moradores da cidade de Uberlândia. Fizemos um primeiro contato com cada um dos entrevistados a fim de investigarmos a disponibilidade deles em participar da entrevista e, também, verificarmos se eles se encaixavam nos critérios de estratificação pré-estabelecidos (localidade, faixa etária e escolaridade), bem como às exigências estabelecidas pelo GEFONO²⁰. As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro de 2021 e março de 2022 e tiveram uma duração média entre 35 e 45 minutos, com um total de 4395 palavras coletadas e um total de 4561 ocorrências de /R/em coda silábica. As transcrições foram realizadas, inicialmente, utilizando o software *Transkriptor*, ferramenta de transcrição de áudio, que possui versão básica gratuita e que possibilita transcrições com precisão em torno de 80% a 99%. Essa é uma ferramenta de fácil manuseio, basta fazer upload do áudio e a conversão é feita (online) em poucos minutos, entretanto, na versão grátis que utilizamos a princípio, há um limite de minutos para as transcrições, assim, para que pudéssemos verificar a eficácia da ferramenta para nosso trabalho, dividimos um primeiro áudio, por meio, inicialmente, do software cortador de áudio mp3cut.net e, posteriormente, optamos pelo uso do software Audacity²¹ e, após uma análise da eficiência do aplicativo, pudemos prosseguir com a transcrição das entrevistas.

²⁰ As exigências foram descritas na seção 5.2, A constituição da amostra.

²¹ Detalharemos o uso do software na seção destinada à descrição da metodologia dos testes de percepção.

Figura 17 - Interface gráfica Transkriptor



Cabe ressaltar que a transcrição realizada pelo software *Transkriptor* não foi utilizada como ferramenta definitiva em nossas transcrições. Após realizarmos o *upload* dos arquivos entregues pela ferramenta, fizemos a análise minuciosa de cada uma das transcrições e, dessa forma, garantimos que as transcrições foram fidedignas às entrevistas coletadas. Outro esclarecimento que se faz necessário diz respeito às assinaturas do TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) realizada por todos os participantes da pesquisa, conforme as prescrições do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa).

No que tange à cidade de Ituiutaba, partimos das entrevistas realizadas por integrantes do GEFONO. Iniciamos nossa pesquisa realizando a seleção de doze entrevistas, considerando, para tanto, as variáveis extralinguísticas previamente designadas - faixa etária, escolaridade e localidade. Cada entrevista teve duração de, aproximadamente, 35 a 45 minutos, com um total de 3850 palavras coletadas e um total de 3947 ocorrências de /R/em coda silábica. As entrevistas, tanto de Ituiutaba quanto de Uberlândia, seguiram um roteiro dividido em partes, a saber: origem e habitação, infância, escola, atividades profissionais, lazer, relacionamentos, perigo de vida, religião, sobrenatural e aspirações do informante (ver anexo 1). As entrevistas de Ituiutaba já se encontravam transcritas, entretanto, ouvimos, atenta e repetidamente, cada uma delas a fim de que pudessemos verificar qual das variantes do /R/em coda silábica foi realizada por cada um dos informantes ao longo da entrevista.

Concluída a etapa de transcrição das entrevistas, partimos para a codificação dos contextos de interesse da nossa pesquisa²², de acordo com as variáveis definidas na seção 5.3. Criamos um documento Word e, após realizada toda a codificação, criamos um arquivo no *Excel* no formato csv (comma separated value), arquivo de texto em que as colunas são geralmente separadas por vírgula, formato aceito pelo programa *RStudio* e o pacote *Rbrul*. Por fim, pudemos correlacionar sistematicamente os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem a realização da variante retroflexa em coda silábica.

No próximo capítulo nos dedicaremos a apresentar e a analisar os resultados referentes às variantes do /R/ em coda silábica e ao apagamento.

²² Os códigos das variáveis controladas estão disponíveis nos apêndices.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os resultados referentes à produção da variante retroflexa em coda silábica. Iniciamos apresentando a frequência global das variantes encontradas nas amostras de Ituiutaba e de Uberlândia. Em seguida, apresentamos as variáveis em estudo e os números relacionados às variáveis independentes extralinguísticas. Por fim, analisamos os números da variante retroflexa e os dados estatísticos obtidos nas rodadas realizadas por intermédio do programa estatístico.

6.1 Frequência global de uso das variantes do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia

A primeira análise realizada teve o propósito de descrever o total de realizações das três variantes em estudo: retroflexo, apagamento e outras. Obtivemos um total de 8508 dados, dos quais 5175 são de variante retroflexa, 3048 são de apagamentos e 285 são ocorrências de outras variantes, conforme demonstrado na tabela abaixo.

Tabela 1 - Total dos dados em Uberlândia e Ituiutaba

Variante	Ocorrências	%	Peso Relativo
[ɻ]	5175	60,83	0,68
Ø	3048	35,82	0,23
Outras	285	3,35	--
Total	8508	100%	

Fonte: Elaboração própria.

Esses resultados responderam a nossa questão de pesquisa acerca de a variante retroflexa ser, de fato, a mais frequente nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, pois esta variante representou 60,83% do total de ocorrências. Em contrapartida, a ocorrência de outras variantes representou, apenas, 3,35% do total. Um ponto importante a ser destacado trata do número expressivo de apagamentos: 3048, ou seja, 35,82%. Somados os dados relacionados a outras variantes e apagamentos obtivemos um total de 39,17% dos dados coletados. A análise do peso

relativo trouxe os seguintes números: 0,68 para a variante retroflexa e 0,23 para o apagamento. Já a variante “Outras” não foi selecionada pelo programa, razão pela qual o peso relativo não aparece na tabela 1. Assim, diante desses dados, é possível afirmar que o /R/ retroflexo é a variante dominante e estável nas duas localidades.

Apresentaremos, a seguir, os dados relacionados à frequência global de uso das variantes do /R/ em cada uma das localidades pesquisadas. Na tabela 2, os dados relacionados são da cidade de Ituiutaba

Tabela 2 - Total de dados de Ituiutaba

Variante	Ocorrências	%	Peso Relativo
[ɻ]	2255	57,13	0,62
Ø	1461	37,02	0,34
Outras	231	5,85	--
Total	3947	100%	--

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 3 corresponde ao total de dados oriundos da cidade de Uberlândia.

Tabela 3 - Total de dados de Uberlândia

Variante	Ocorrências	%	Peso Relativo
[ɻ]	2920	64,02	0,74
Ø	1587	34,80	0,39
Outras	54	1,18	--
Total	4561	100%	--

Fonte: Elaboração própria.

Esses números corroboram pesquisas como a de Silva (2012) que, em um estudo dialetológico de atitudes linguísticas acerca do /R/ no nas cidades de Campina Verde, Frutal, Ituiutaba, Iturama, Prata e Uberlândia, Triângulo Mineiro, encontrou predominância da variante retroflexa. Os estudos de Silva (2016), especificamente sobre o /R/ em coda silábica na cidade de Uberlândia, também ratificam os números por nós encontrados, atestando que a variante predominante na cidade de Uberlândia é a retroflexa. Afirmamos acreditar, em uma de nossas

hipóteses, que a variante retroflexa seria mais produtiva em Ituiutaba. Os dados da pesquisa revelaram, entretanto, que os números são bastante semelhantes em ambas as localidades, conforme é possível verificar por meio das tabelas 2 e 3.

Nas próximas seções, apresentamos cada uma dessas variantes; em seguida, exploraremos os dados obtidos em cada cidade. Após, avaliaremos, o conjunto de dados das duas localidades.

6.2 O apagamento do /R/ em coda silábica

O /R/, em posição de coda silábica, apresenta uma variabilidade bastante expressiva e, ainda, considerável índice de apagamento em diferentes variedades do PB, conforme atestado em diversos estudos, dentre os quais: Callou; Moraes e Leite; (1996); Callou; Serra (2012). Para Callou; Moraes e Leite (1996, p. 544), as diferentes realizações do /R/, delimitadas dialetalmente, vão desde a vibrante múltipla alveolar, embora essa ocorrência seja rara em posição de coda, ao zero fonético, em posição final de palavra. “Essa possibilidade de variadas realizações pode ser vista como vestígio de um processo de enfraquecimento, que leva até mesmo ao apagamento do segmento. A sequência postulada seria $RR \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$.” Corroborando o exposto, Leite (2010, p.11) afirma que, acerca do apagamento, é possível inferir que o fenômeno esteja atrelado a “um enfraquecimento do /R/ em posição de coda, e que esse enfraquecimento pode estar relacionado a uma tendência geral à posteriorização da articulação das consoantes”.

Ainda acerca do apagamento, diferentes estudos realizados atrelam esse fenômeno a diversos fatores que o condicionariam. Callou; Moraes e Leite; (1996) asseveram que o maior percentual de apagamento do /R/, no que se refere à variável classe de palavra, relaciona-se ao verbo, sendo que o maior índice de ocorrências está relacionado à marca de infinitivo. Monaretto (2002, p.261) afirma que o apagamento em verbos pode ter motivação morfológica, “provavelmente, isso se deve ao fato de que o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são redundantemente marcados em português pela presença do r-final e pela tonicidade.” Em relação a não-verbos, a autora afirma que “o r-final, que não é um morfema por si só, é mais preservado”. Oliveira (1997, p. 39), em suas pesquisas sobre o cancelamento do /R/ final em verbos, afirma que dos “480 casos de (r) final em verbos (20 casos por informante), temos 458 cancelamentos, num total de 95.4%, o que torna o processo quase categórico.” Já Leite (2004, 2010), em seus estudos relacionados ao /R/ em coda silábica, aponta

para um maior número de ocorrências do apagamento desse segmento no final de palavra. Callou et al. (1998, p. 13) realizam um estudo em tempo aparente e em tempo real acerca do apagamento do R final no dialeto carioca e, por meio de suas análises, demonstram que o apagamento do /R/ final “tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social”. Tal fato explicaria, portanto, o apagamento quase categórico do /R/ na posição final da palavra.

6.3 Outras realizações do /R/ em coda silábica

A variabilidade do /R/ em coda silábica, em palavras como *carne* e *bar*, é um dos indícios mais evidentes da variação linguística em diversas comunidades de fala no Brasil. Tal variabilidade está atrelada a diferentes fatores sejam eles linguísticos e/ou extralinguísticos. Os sons róticos no PB, bem como em outras línguas do mundo, caracterizam-se por apresentarem grande variação alofônica e, embora tal variação possa manifestar-se em diferentes posições da sílaba, é na coda silábica que se encontra a maior recorrência de variação, ou seja, nessa posição, podem ser encontradas diversas possibilidades de realização do /R/, além do apagamento (ou zero fonético).

Callou, Moraes e Leite (1996), ao realizarem a análise 4.334 ocorrências da variável /R/ em cinco capitais brasileiras, identificaram sete realizações fonéticas: vibrante apical múltipla; vibrante uvular; fricativa velar; fricativa laríngea (aspirada); vibrante apical simples; aproximante retroflexa; zero fonético. Favorecidos por fatores de ordem linguística e/ou extralinguística, as variantes róticas se distribuem em suas diversas configurações nas diferentes comunidades linguísticas.

Antunes e Lourdes (2016, p. 210), amparadas em diferentes estudos acerca do /R/ em coda silábica, afirmam que, no Estado de Minas Gerais, as realizações fonéticas encontradas são várias: sons fricativos (velares e glotais), som tepe e sons retroflexos, embora, se realize, prioritariamente, como vibrante fricativa, variante que pode ser observada em quase todo o estado.

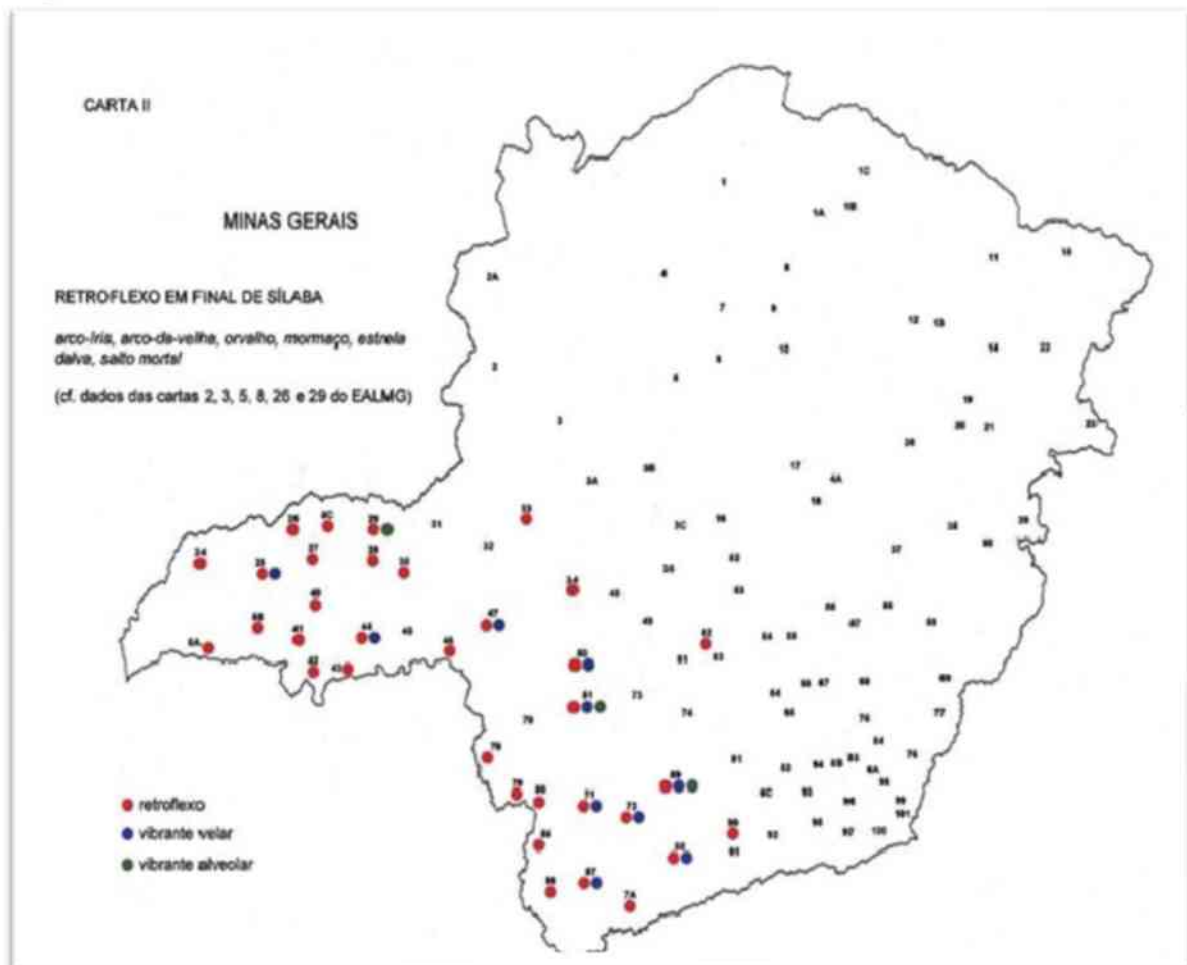
6.4 A variante retroflexa

A variante retroflexa é uma das possíveis realizações do /R/, que se manifesta, embora possa ser observado também em outras regiões, de maneira bastante recorrente nos usos dos

falantes dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná. Brandão (1991), em sua pesquisa sobre a ocorrência dessa variante em diferentes falares no território nacional, informa a presença da retroflexão também nos estados de Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Nesta pesquisa, conforme demonstramos em 6.1, *Frequência global de uso das variantes do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia*, a variante retroflexa é a preferida nas comunidades pesquisadas, com 60,83% dos dados e peso relativo de 0,68.

Segundo Ribeiro et al. (1977) registraram no EALMG (Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais), dos 116 pontos investigados a variante retroflexa está presente em 51, com maior recorrência nas localidades que abarcam as zonas do Triângulo, Alto Paranaíba, Alto São Francisco, Campos das Vertentes e Sul. Com base no EALMG, Castro (2006) apresenta o mapa a seguir.

Figura 18 - Carta I: Retroflexo em final de sílaba – "arco"



Fonte: Castro, 2006, p. 103.

Castro (2006, 2006, p. 149), por meio de análises das cartas de Ribeiro et al. (1977), traz as localidades em que a variante retroflexa foi registrada. Na Carta II, *Retroflexo em final de sílaba – arco*, é possível verificar que a variante retroflexa, em Minas Gerais, conforme já dito, ocorre “exclusivamente em uma larga faixa que cruza o Estado de oeste (Triângulo Mineiro) a sudeste, acompanhando toda a extensão da fronteira paulista”. A análise do mapa revela que a ocorrência da variante retroflexa, representada por pontos vermelhos, está bastante presente na região do Triângulo Mineiro, sendo que, em muitas localidades dessa região, não foram registradas outras variantes e, ainda, em outros locais há coexistência dessa com outras variantes.

Nas próximas seções apresentamos as variáveis independentes extralinguísticas controladas em nossa pesquisa.

6.5 As variáveis independentes extralinguísticas

Nesta seção, apresentamos as variáveis independentes extralinguísticas: escolaridade, idade e localidade. Inicialmente, apresentamos os números referentes a cada um dos municípios e, em seguida, realizamos a análise do total de dados das duas localidades.

6.5.1 A variável independente escolaridade

Segundo Votre (2013, p. 51), a instituição escolar pode acarretar mudanças na fala individual e na atividade discursiva na comunidade na qual o indivíduo está inserido, entretanto, a escola atua, também, como preservadora das formas de maior prestígio social e, nesse aspecto, muitas vezes, contribui com a estigmatização das formas de menor prestígio social, as quais são preteridas em detrimento de formas consideradas mais prestigiosas.

6.5.1.1 A variável independente escolaridade em Ituiutaba

A partir dos 3947 dados da cidade de Ituiutaba, elaboramos a tabela a seguir, em que se controla apenas a variável escolaridade.

Tabela 4 - A variável independente escolaridade em Ituiutaba

Variante	Até 11 anos		Acima de 11 anos	
	Nº	%	Nº	%
[ɫ]	960	61,00	1295	54,57
Ø	585	37,17	876	36,92
Outras	29	1,83	202	8,51
Total	1574	100%	2373	100%

Fonte: Elaboração própria.

Por meio dos números apresentados na tabela, pudemos verificar a frequência da variante retroflexa nos dois níveis de escolaridade avaliados em nossa pesquisa. Assim, em relação ao nível até 11 anos de escolaridade, obtivemos um total de 1574 dados, dos quais 960 foram relativos à variante retroflexa, 585 foram apagamentos e 29 foram outras variantes. No que diz respeito ao nível acima de 11 anos de escolaridade, obtivemos um total de 2373 ocorrências, das quais verificamos que 1295 dados eram referentes à variante retroflexa, 876 foram apagamentos e 202 foram outras variantes. É bastante evidente que, resguardadas as devidas proporções, a variante retroflexa mostrou-se produtiva nos dois grupos avaliados. A análise dos percentuais demonstrou que a frequência de uso da variante retroflexa foi de 61,00% em relação ao grupo com até 11 anos de escolaridade e 54,57% em relação ao grupo com mais de 11 anos de escolaridade. Cabe destacar, também, que o número de apagamentos foi alto e com um valor bastante próximo nos dois níveis, com 37,17% e 36,92% respectivamente. O uso de outras variantes representou 1,83% das ocorrências entre os entrevistados com até 11 anos de escolaridade e, em relação aos entrevistados com mais de 11 anos de escolaridade, a porcentagem foi de 8,51%. Embora o número de casos referente a outras variantes tenha sido pequeno, 231 casos em um total de 3947 ocorrências, é importante destacar que esses números confirmaram nossa hipótese de pesquisa na qual afirmamos acreditar que a realização de outras variantes seria mais produtiva nos usos de indivíduos com maior escolaridade.

6.5.1.2 A variável independente escolaridade em Uberlândia

A partir dos 4561 dados da cidade de Uberlândia, elaboramos a tabela a seguir.

Tabela 5 - A variável independente escolaridade em Uberlândia

Variante	Até 11 anos		Acima de 11 anos	
	Nº	%	Nº	%
[ɫ]	1192	66,59	1728	62,40
Ø	585	32,63	1002	36,17
Outras	14	0,78	40	1,43
Total	1791	100%	2770	100%

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos números apresentados na tabela, pudemos verificar as porcentagens relacionadas aos usos das variantes controladas em relação ao nível de escolaridade, na cidade de Uberlândia. Dessa forma, em relação ao nível até 11 anos de escolaridade, obtivemos um total de 1791 dados, dos quais 1192 foram relativos à variante retroflexa, 585 foram apagamentos e 14 foram ocorrências de outras variantes. No que diz respeito ao nível acima de 11 anos de escolaridade, obtivemos um total de 2770 dados, dos quais 1728 foram referentes à variante retroflexa, 1002 foram apagamentos e 40 foram outras variantes. Assim, resguardadas as devidas proporções, é perceptível que a variante retroflexa se mostrou produtiva nos dois grupos avaliados. A análise dos percentuais demonstrou que a frequência de uso da variante retroflexa foi de 66,59% em relação ao grupo com até 11 anos de escolaridade e 62,40% em relação ao grupo com mais de 11 anos de escolaridade. Cabe destacar, também, que o número de apagamentos foi alto e com um valor bastante próximo nos dois níveis, com 32,63% e 36,17% respectivamente. O uso de outras variantes representou 0,78% das ocorrências entre os entrevistados com até 11 anos de escolaridade e, em relação aos entrevistados com mais de 11 anos de escolaridade, a porcentagem foi de 1,43%. Embora o número de casos referente a outras variantes tenha sido extremamente pequeno, 54 casos em um total de 4561 ocorrências, é importante destacar que esses números confirmaram nossa hipótese de pesquisa, na qual afirmamos acreditar que a realização de outras variantes seria mais produtiva nos usos de indivíduos com maior escolaridade.

Na próxima seção analisaremos, de maneira conjunta, os dados de Ituiutaba e Uberlândia.

6.5.1.3 A variável independente escolaridade nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia

Nessa seção analisamos a variável independente escolaridade nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia. Dentro do total de 8508 dados, temos 5175 ocorrências da variante retroflexa, das quais 2152 ocorreram com informantes com até 11 anos de escolaridade e 3023 referem-se aos informantes com mais de 11 anos de escolaridade. A tabela a seguir apresenta uma síntese das porcentagens de todas as variantes da variável investigada, nas duas cidades pesquisadas, de acordo com o nível de escolaridade.

Tabela 6 - Realizações do /R/ em coda silábica

Variante	Até 11 anos		Acima de 11 anos	
	Nº	%	Nº	%
[ɻ]	2152	63,95	3023	58,78
Ø	1170	34,77	1878	36,52
Outras	43	1,28	242	4,70
Total	3365	100%	5143	100%

Fonte: Elaboração própria.

Iniciamos nossa análise a partir da hipótese de que a realização retroflexa do /R/ em coda silábica, comumente reconhecida como marca do DC, seria mais produtiva nos usos de indivíduos com menor escolaridade. A análise dos percentuais demonstrou que a frequência de uso da variante retroflexa foi de 63,95% em relação ao grupo com até 11 anos de escolaridade e 58,78% em relação ao grupo com mais de 11 anos de escolaridade. A análise de nossos dados apontou para o fato de, possivelmente, estarmos diante de uma hipótese nula, conforme nos mostra o valor-p de 0,722²³, encontrado na rodada realizada pelo programa *Rbrul*²⁴.

Conforme dito anteriormente, o teste da hipótese nula possibilita a verificação de haver ou não efeito na variável dependente associado a uma variável independente, assim, a suposição de que a variabilidade do /R/ em coda silábica possa ser explicada pelo nível de escolaridade

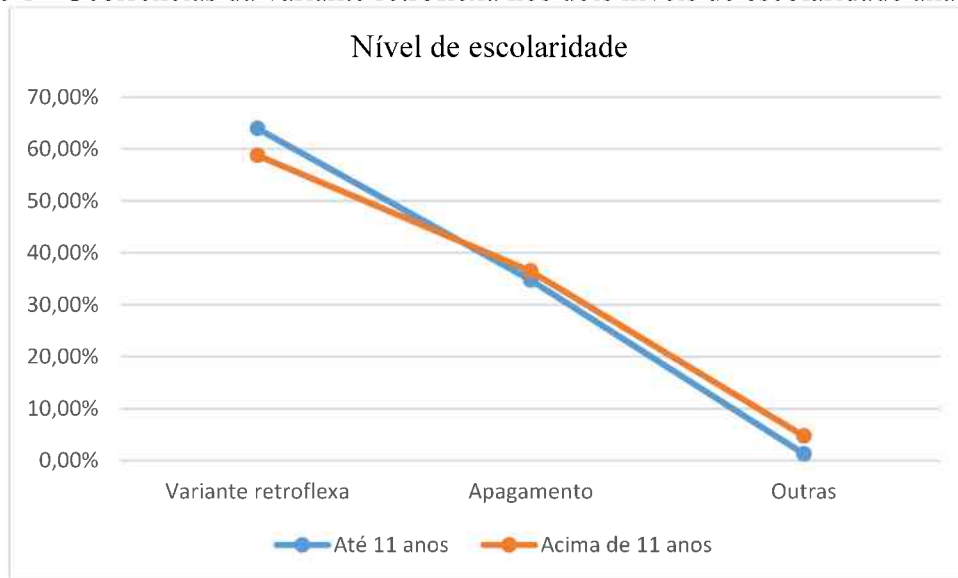
²³ Vale lembrar que o nível de significância apresenta um valor arbitrário, entretanto, por convenção, as pesquisas sociolinguísticas variacionistas costumam atribuir o valor de 0,05.

²⁴ Os dados relacionados às rodadas realizadas no programa *Rbrul* serão disponibilizados e analisados em seções posteriores.

dos falantes vem acompanhada da hipótese nula. O fato de encontrarmos em nossos dados um número superior ao nível de significância de 0,05 nos revela que a escolaridade dos falantes não proporciona favorecimento ou desfavorecimento estatisticamente significativo sobre a variabilidade do /R/.

A partir dos resultados relacionados aos níveis de escolaridade, nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, realizamos o cálculo da probabilidade²⁵. Esses resultados possibilitaram o cálculo da razão de chances. Oliveira (2006, p. 68) esclarece que a razão de chances é bastante utilizada em modelos de regressão logística, pois “fornece uma medida do grau de associação entre fatores de uma variável independente”. Esse número indica que a chance de sucesso (no caso específico, a realização da variante retroflexa) com informantes com menos de 11 anos de escolaridade é 1,7 (0,64 para 0,36) vezes a chance em relação a informantes com mais de 11 anos de escolaridade²⁶. O gráfico a seguir ilustra os números obtidos nos dois níveis de escolaridade analisados.

Gráfico 1 - Ocorrências da variante retroflexa nos dois níveis de escolaridade analisados



Fonte: Elaboração própria.

²⁵ Inicialmente, nossos cálculos têm como base modelos de regressão logística, os quais nos permitem estimar o cálculo da probabilidade, que é efetuado por meio da razão entre o número de um determinado evento pelo número total de ocorrências coletados na amostra, conforme se vê na fórmula $p = n(e)/n(p)$.

²⁶ Realizamos o cálculo de razão de chances para os números relativos às variáveis independentes extralinguísticas, pois elas não foram selecionadas pelo programa estatístico. Assim, realizamos o cálculo a fim de confirmarmos a hipótese nula.

O gráfico evidencia os números encontrados demonstrando, por meio da representação das porcentagens, que os dois níveis de escolaridade trouxeram resultados bastante próximos em relação à variante retroflexa, ao apagamento e à variante outras. É bastante evidente, também, que a linha é decrescente, confirmando claramente o favorecimento da realização da variante retroflexa e o desfavorecimento da variante outras.

Silva (2016), em seu estudo acerca do /R/ em coda silábica na cidade de Uberlândia, afirma que, dentre as variáveis controladas, somente o grau de escolaridade não foi selecionado pelo programa estatístico utilizado. A variante retroflexa é, portanto, independentemente do nível de escolaridade considerado, a mais produtiva nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia.

Comparativamente, podemos verificar que os resultados encontrados em Uberlândia, quanto a variável independente escolaridade, são bastante semelhantes àqueles encontrados em Ituiutaba, conforme foi explicitado nas seções 6.5.1.1 e 6.5.1.2.

Na próxima seção analisaremos os dados relativos à variável independente extralinguística faixa etária.

6.5.2 A variável independente extralinguística faixa etária

A variável faixa etária ocupa um lugar de grande importância em estudos sociolinguísticos, pois a partir de uma análise em tempo aparente dessa variável seria possível detectar indícios de mudança linguística. Segundo Chambers e Trudgill (1980, p. 91), no que diz respeito à faixa etária, a variação estável seria caracterizada por um padrão curvilíneo, no qual as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de maior prestígio; já na mudança em progresso, apresentaria uma distribuição inclinada, com o uso mais frequente das formas inovadoras pelos falantes mais jovens. Entretanto, torna-se necessário confirmar, por meio dos resultados de outras variáveis sociais, a tendência demonstrada pelos resultados da faixa etária.

6.5.2.1 A variável independente faixa etária na cidade de Ituiutaba

No que concerne à variável independente faixa etária, na cidade de Ituiutaba, analisamos 3947 dados. Das 2255 ocorrências da variante retroflexa 823 foram na faixa etária entre 15 e 29 anos, 922 foram na faixa etária entre 30 e 49 anos e, por fim, 510 ocorrências foram na faixa

etária com 50 anos ou mais. Em relação ao apagamento, do total de 1461 dados coletados, 559 foram na faixa etária entre 15 e 29 anos, 515 na faixa entre 30 e 49 anos e 387 foram relacionados à faixa 50 anos ou mais. Quanto ao uso de outras variantes, das 231 ocorrências, 05 foram na faixa etária entre 15 e 29 anos, 19 foram na faixa entre 30 e 49 anos e 207 foram relacionadas à faixa etária 50 anos ou mais. A partir desses números, elaboramos a tabela a seguir.

Tabela 7 - A variável independente faixa etária em Ituiutaba

Variante	Entre 15 e 29 anos		Entre 30 e 49 anos		50 anos ou mais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[.l]	823	59,34	922	63,33	510	46,20
Ø	559	40,30	515	35,37	387	35,05
Outras	05	0,36	19	1,30	207	18,75
Total	1387	100%	1456	100%	1104	100%

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere às porcentagens relacionadas às faixas etárias, na cidade de Ituiutaba, obtivemos os seguintes resultados: na faixa etária entre 15 e 29 anos: 59,34% das ocorrências foram da variante retroflexa, 40,30% foram apagamentos e 0,36% foram ocorrências de outras variantes; na faixa etária entre 30 e 49 anos: 63,33% das ocorrências foram da variante retroflexa, 35,37% foram apagamentos e 1,30% foram ocorrências de outras variantes; na faixa etária 50 anos ou mais: 46,20% das ocorrências foram da variante retroflexa, 35,05% foram apagamentos e 18,75% foram ocorrências de outras variantes. Os dados revelaram que, embora a faixa etária 50 anos ou mais tenha apresentado menor percentual de uso da variante retroflexa e, conseqüentemente, o maior percentual de uso de outras variantes, esse resultado não contraria nossa hipótese de pesquisa, pois o uso da variante retroflexa mostrou-se a mais recorrente nas três faixas etárias. Verificamos, também, que as faixas etárias entre 15 e 29 anos e entre 30 e 49 anos apresentaram porcentagens bastante discretas em relação ao uso de outras variantes.

6.5.2.2 A variável independente faixa etária na cidade de Uberlândia

Coletamos um total 2920 dados referentes à variante retroflexa na cidade de Uberlândia, dos quais 925 referem-se à faixa etária entre 15 e 29 anos, 1059 ocorrências foram na faixa etária entre 30 e 49 anos e, por fim, 936 ocorrências foram relativas à faixa etária com 50 anos ou mais. No que se refere ao apagamento, 486 dados referem-se à faixa etária entre 15 e 29 anos, 579 ocorrências foram na faixa etária entre 30 e 49 anos e 522 ocorrências foram relativas à faixa etária com 50 anos ou mais. Por fim, em relação às ocorrências de outras variantes, 06 referem-se à faixa etária entre 15 e 29 anos, 17 ocorrências foram na faixa etária entre 30 e 49 anos e 31 ocorrências foram relativas à faixa etária com 50 anos ou mais. Esses números foram representados na tabela a seguir.

Tabela 8 - A variável independente faixa etária em Uberlândia

Variante	Entre 15 e 29 anos		Entre 30 e 49 anos		50 anos ou mais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[ɲ]	925	65,28	1059	63,99	936	62,86
Ø	486	34,30	579	34,98	522	35,06
Outras	06	0,42	17	1,03	31	2,08
Total	1417	100%	1655	100%	1489	100%

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito às porcentagens relacionadas às faixas etárias, na cidade de Uberlândia, obtivemos os seguintes resultados: na faixa etária entre 15 e 29 anos: 65,28% das ocorrências foram da variante retroflexa, 34,30% foram apagamentos e 0,42% foram ocorrências de outras variantes; na faixa etária entre 30 e 49 anos: 63,99% das ocorrências foram da variante retroflexa, 34,98% foram apagamentos e 1,03% foram ocorrências de outras variantes; na faixa etária 50 anos ou mais: 62,86% das ocorrências foram da variante retroflexa, 35,06% foram apagamentos e 2,08% foram ocorrências de outras variantes. Podemos observar a maior recorrência da variante retroflexa nas três faixas etárias analisadas na cidade de Uberlândia. É possível constatar, por fim, que embora o uso de outras variantes tenha sido mais recorrente entre falantes da faixa etária 50 anos ou mais, esses números não contrariam nossa

hipótese de pesquisa, pois representam porcentagens bastante pequenas e, conforme já dito, em relação à faixa etária, estamos diante de uma hipótese nula.

Comparativamente, podemos verificar que os resultados encontrados em Ituiutaba e Uberlândia, quanto a variável independente extralinguística faixa etária, são bastante semelhantes, conforme pode ser verificado nas seções 6.5.2.1 e 6.5.2.2.

6.5.2.3 A variável independente faixa etária nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia

Nesse momento, realizaremos a análise dos dados relacionados às localidades de Ituiutaba e Uberlândia no que diz respeito à variável independente faixa etária. Iniciamos a análise revisitando a hipótese de pesquisa na qual afirmamos acreditar que a variante retroflexa em coda silábica apresentaria maior produtividade no grupo de indivíduos com maior faixa etária. Em nossos dados verificamos que a faixa etária de 50 anos ou mais foi a que apresentou maior número de ocorrências de outras variantes, com 238 de um total de 285 ocorrências nas duas localidades. Conforme apresentamos na tabela 9, apenas 11 ocorrências de outras variantes foram verificadas na faixa etária entre 15 e 29 anos e 36 ocorrências no grupo de faixa etária entre 30 e 49 anos.

Tabela 9 - Variável independente faixa etária – Ituiutaba e Uberlândia

Variante	Entre 15 e 29 anos		Entre 30 e 49 anos		50 anos ou mais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[ɻ]	1748	62,34	1981	63,68	1446	55,77
Ø	1045	37,27	1094	35,17	909	35,05
Outras	11	0,39	36	1,15	238	9,18
Total	2804	100%	3111	100%	2593	100%

Fonte: Elaboração própria.

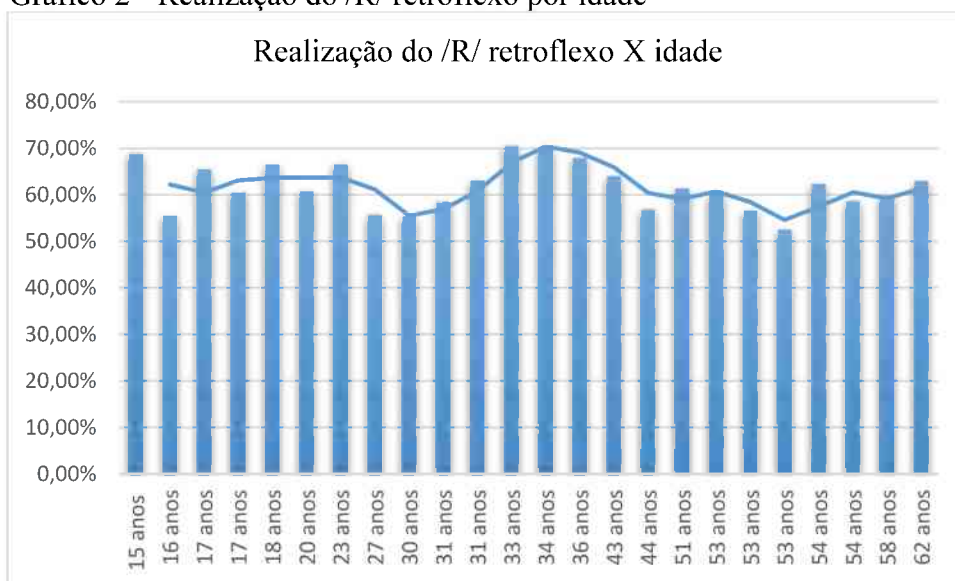
Torna-se bastante importante pontuar que, embora o cruzamento entre as variáveis independentes extralinguísticas e a variação do /R/ em coda silábica seja recorrente em estudos sociolinguísticos, em nossa pesquisa, as variáveis sociais faixa etária e nível de escolaridade não demonstraram (des)favorecimento em relação à realização da variante retroflexa nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia.

Conforme apresentamos na tabela 9, o uso de outras variantes foi mais expressivo entre falantes na faixa etária 50 anos ou mais. Do total de 285 dados referentes a outras variantes do /R/ em coda silábica, 238 foram referentes a faixa etária 50 anos ou mais, representando 83,51% do total de ocorrências. Entretanto, conforme explicitado nos parágrafos anteriores, o número de ocorrências de outras variantes em nossos dados foi muito baixo.

A verificação do nível de significância apresentou um valor-p $>0,05$, confirmando estarmos diante de uma hipótese nula. Entretanto, reconhecemos ser essa variável de grande importância para nosso estudo, pois, a verificação da maior frequência de uso por falantes mais jovens confirmaria a vitalidade da variante retroflexa na região.

Assim, no gráfico 2, apresentamos, em ordem crescente de idade, os 24 informantes das duas localidades pesquisadas.

Gráfico 2 - Realização do /R/ retroflexo por idade



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 2, embora não apresente linearidade, demonstra claramente que a variante retroflexa é a mais produtiva nas três faixas etárias analisadas. As porcentagens de uso, entre todos os entrevistados, foram superiores a 50%. É possível afirmar, também, uma predisposição de uso da variante retroflexa por falantes mais jovens, representados pela faixa etária entre 15 e 29 anos, os quais apresentaram porcentagens superiores a 55%, confirmando a vitalidade da variante retroflexa na região.

É bastante importante ressaltar que os resultados apresentados vão ao encontro de estudos que tratam das realizações do /R/ em coda silábica empreendidos em diferentes localidades do Brasil, os quais atestam a vitalidade da variante retroflexa entre falantes mais jovens. Monaretto (1997), em seus estudos sociolinguísticos acerca da vibrante no sul do Brasil, concluiu que a faixa etária entre 25 e 50 anos mostrou-se favorecedora para a realização da variante retroflexa. De maneira análoga, nossos números apontam para o fato de outras variantes serem menos produtivas entre os falantes mais jovens. Todavia, diferente dos resultados encontrados em nossos dados, nos estudos de Monaretto (1997) a faixa etária de 50 anos ou mais demonstrou desfavorecimento para o /R/ retroflexo.

Assim, podemos concluir que os resultados dessas pesquisas contrariam as estimativas de Amaral (1920) no que diz respeito ao desaparecimento dessa variante, pois, conforme constatamos, há vitalidade da variante retroflexa que, embora ainda estigmatizada, é recorrente nos usos de falantes de diferentes regiões do país.

6.6 Um olhar sobre as variantes encontradas nas duas localidades investigadas

Nessa seção apresentaremos uma análise acerca dos números encontrados nas duas localidades pesquisadas. Apresentaremos, inicialmente, apenas os números encontrados para cada uma das variantes na cidade de Ituiutaba e na cidade de Uberlândia, acompanhados das respectivas porcentagens e, em seguida, traremos o cruzamento dos dados das duas cidades.

6.6.1 O apagamento do /R/ em coda silábica na cidade de Ituiutaba²⁷

Na cidade de Ituiutaba obtivemos um total de 3947 dados, dos quais 1461 foram apagamentos, ou seja, 37,02%. A partir de nossas análises, pudemos verificar o favorecimento do apagamento em contextos específicos. Assim, apresentamos, nesse momento, os dados relacionados aos contextos em que o apagamento foi superior à realização da variante retroflexa que, na cidade de Ituiutaba, foram: núcleo silábico: vogal dorsal; classe gramatical: verbos; tonicidade: sílaba tônica e posição da sílaba na palavra: sílaba final. Todos esses contextos apresentaram, em relação ao apagamento, valor-p significativo (valor-p < 0,05).

²⁷ Todos os exemplos, dessa seção, foram retirados das entrevistas realizadas na cidade de Ituiutaba.

Assim, nossa primeira análise acerca do apagamento recaiu sobre a vogal que ocupa o núcleo da sílaba. Observamos que, em relação à vogal dorsal, do total de 1156 dados, 711 foram apagamentos, configurando 61,51% dos casos. Esses números demonstram que há favorecimento para o apagamento. A tabela a seguir traz as informações sobre essa variável.

Tabela 10 - Apagamento - Variável independente: núcleo silábico

Núcleo silábico	Ø	Total de dados	%
Labial (maioØ, poØ)	98	1253	7,82
Coronal (bateØ, partiØ)	652	1538	42,39
Dorsal (gritaØ, bajulaØ)	711	1156	61,51
Total	1461	3947	37,02

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 10 traz os dados relacionados à variável independente linguística núcleo silábico. Por meio dela é possível constatar que a vogal dorsal favorece o apagamento do /R/ em coda silábica. Quanto aos demais contextos, labial e coronal, há desfavorecimento do apagamento.

No que concerne à classe gramatical, verbos e não verbos, a análise de dados confirma que a classe morfológica verbos é favorecedora do fenômeno cancelamento do /R/, na cidade de Ituiutaba. Verificamos um total de 1428 apagamentos no universo dos 2012 verbos analisados, representando 70,97%. A tabela a seguir traz esses resultados.

Tabela 11 - Apagamento - Variável independente: classe gramatical

Classe gramatical	Ø	Total de dados	%
Verbos (pulaØ, iØ)	1428	2012	70,97
Não verbos (açúcaØ, mulheØ)	33	1935	1,71
Total	1461	3947	37,02

Fonte: elaboração própria

A tabela 11 traz os números relacionados à variável linguística independente classe gramatical. Por meio dela é possível verificar que a classe morfológica verbos favorece o apagamento do /R/ em coda silábica. Quanto a classe não verbos há desfavorecimento do

apagamento. É importante destacar que a classe não verbos apresentou um número bastante baixo de apagamentos, apenas 1,71%.

Analisamos, também, a variável independente tonicidade da sílaba: átona ou tônica. A análise nos trouxe um total de 2557 sílabas tônicas, das quais 1385 foram apagamentos, representando 54,17% dos dados. A tabela 12 traz esses resultados.

Tabela 12 - Apagamento - Variável independente: tonicidade

Tonicidade	Ø	Total de dados	%
Sílaba tônica (ficaØ, resolveØ)	1385	2557	54,17
Sílaba átona (açúcaØ, revólveØ)	76	1390	5,47
Total	1461	3947	37,02

Fonte: elaboração própria.

A tabela 12 traz os dados relacionados à variável independente linguística tonicidade. Ela demonstra que a sílaba tônica favorece o apagamento do /R/ em coda silábica e, ainda, o desfavorecimento do apagamento em sílabas átonas.

Nossa última análise recaiu sobre a variável independente posição da sílaba na palavra: sílaba inicial, sílaba medial e sílaba final. Os dados obtidos nos trouxeram um total de 6 apagamentos na sílaba inicial, 2 apagamentos na sílaba medial e 1453 apagamentos na sílaba final. Em sílaba final, do total de 2379 dados, 1453 foram apagamentos, ou seja, 61,08% dos dados. A tabela a seguir traz esses resultados.

Tabela 13 - Apagamento - Variável independente: posição da sílaba na palavra

Posição da sílaba	Ø	Total de dados	%
Sílaba inicial (poØque)	6	1149	0,52
Sílaba medial (ciruØgia)	2	419	0,48
Sílaba final (conscientizaØ)	1453	2379	61,08
Total	1461	3947	37,02

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 13 traz os dados relacionados à variável independente linguística posição da sílaba na palavra. A análise revela que a sílaba final da palavra favorece o apagamento do /R/. Nessa posição, foram 1453 apagamentos, representando 99,45% dos dados. Nas demais

posições foram apenas 8 apagamentos, ou seja, 0,55%. Podemos afirmar, portanto, que há desfavorecimento do apagamento em sílabas iniciais e mediais.

Na próxima seção realizaremos a análise do apagamento em Uberlândia.

6.6.2 O apagamento do /R/ em coda silábica na cidade de Uberlândia²⁸

No universo dos 4561 dados por nós colhidos na cidade de Uberlândia, 1587 foram apagamentos, os quais representam 34,80% do total de dados da referida cidade. A partir de nossas análises, pudemos verificar o favorecimento do apagamento, na cidade de Uberlândia, nos seguintes contextos: núcleo silábico: vogal dorsal; classe gramatical: verbos; tamanho da palavra: três sílabas ou mais e posição da sílaba na palavra: sílaba final. Todos esses contextos apresentaram, em relação ao apagamento, valor-p significativo (valor-p < 0,05).

Assim, nossa primeira análise acerca do apagamento recaiu sobre o núcleo da sílaba, mais especificamente verificamos a vogal dorsal, pois, em nossa pesquisa, encontramos 873 apagamentos do total de 1408 dados, representando 62,00%. Esse resultado demonstra que há favorecimento do apagamento em contextos em que a vogal dorsal é o núcleo da sílaba. A tabela a seguir ilustra esses dados.

Tabela 14 - Apagamento - Variável independente: núcleo silábico

Núcleo silábico	Ø	Total de dados	%
Labial (supoØ, doutoØ)	45	1204	3,74
Coronal (bebeØ, abriØ)	669	1949	34,33
Dorsal (pulaØ, apresentaØ)	873	1408	62,00
Total	1587	4561	34,80

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 14 traz os dados relacionados à variável independente linguística núcleo silábico. Ela confirma o favorecimento do cancelamento do /R/ em coda em contextos com vogal dorsal. Os núcleos com vogais labiais (3,74%) e coronais (34,33%) desfavorecem o apagamento,

²⁸ Todos os exemplos, dessa seção, foram retirados das entrevistas realizadas na cidade de Uberlândia.

No que se refere à classe gramatical, a análise de dados nos permite afirmar que a classe morfológica verbos é favorecedora do fenômeno cancelamento do /R/, na cidade de Uberlândia. Verificamos um total de 2568 verbos, dos quais 1546 sofreram apagamento do /R/, ou seja, 60,20% dos dados analisados. A tabela 15 é referente a esses resultados.

Tabela 15 - Apagamento - Variável independente: classe gramatical

Classe gramatical	Ø	Total de dados	%
Verbos (sabeØ, assistiØ)	1546	2568	60,20
Não verbos (qualqueØ, computadoØ)	41	1993	2,06
Total	1587	4561	34,80

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 15 traz os resultados relacionados à variável independente linguística classe gramatical. É possível verificar que a classe dos verbos favorece o cancelamento do /R/ em coda. Os não verbos desfavorecem o apagamento, com apenas 2,06% do total.

Analisamos, também, a variável independente tonicidade da sílaba: átona ou tônica. A análise nos trouxe um total de 3021 sílabas tônicas. Dessas 1554 sofreram apagamento do /R/ em coda silábica, representando 51,44% dos dados. A tabela a seguir traz esses resultados.

Tabela 16 - Apagamento - Variável independente: tonicidade

Tonicidade	Ø	Total	%
Sílaba tônica (explicaØ, constituiØ)	1554	3021	51,44
Sílaba átona (cânceØ, açúcaØ)	33	1540	2,14
Total	1587	4561	

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 16 traz os dados relacionados à variável independente linguística tonicidade. Por meio dela é possível verificar que a sílaba tônica favorece o cancelamento do /R/ em coda. Já em sílabas átonas a porcentagem de pagamento foi de apenas 2,14%, demonstrando o desfavorecimento nesse contexto.

Analisamos, ainda, a variável independente linguística tamanho da palavra: uma sílaba, duas sílabas, três sílabas ou mais. Em Uberlândia, diferente dos dados de Ituiutaba, a variável

independente linguística 3 sílabas ou mais demonstrou favorecimento para o apagamento. A análise nos trouxe um total de 1349 palavras com três sílabas ou mais, das quais 722 sofreram apagamento do /R/ em coda silábica, representando 53,52% dos dados. Esses resultados estão na tabela a seguir.

Tabela 17 - Apagamento - Variável independente linguística tamanho da palavra

Tamanho da palavra	Ø	Total de dados	%
1 Sílabas (creØ, daØ)	284	1183	24,01
2 Sílabas (citaØ, brincaØ)	581	2029	28,63
3 ou mais Sílabas (comungaØ, conversaØ)	722	1349	53,52
Total	2920	4561	

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 17 traz os dados relacionados à variável independente linguística tamanho da palavra. É possível verificar que a variável três sílabas ou mais favorece o cancelamento do /R/ em coda. Já em palavras com uma e com duas sílabas o apagamento é desfavorecido.

Nossa última análise recaiu sobre a variável independente posição da sílaba na palavra: sílaba inicial, sílaba medial e sílaba final. Os dados obtidos nos trouxeram um total de 2888 apagamentos na sílaba final, dos quais 1586 foram apagamentos, ou seja, 54,92%. Esses números demonstram que há favorecimento para o apagamento em sílaba final. A tabela a seguir traz os números relativos a essa variável.

Tabela 18 – Apagamento - Variável independente: posição da sílaba na palavra

Posição da sílaba	Ø	Total de dados	%
Sílaba inicial ----- ²⁹	0	1134	0,0
Sílaba medial (pertuØbada)	1	539	0,19
Sílaba final (emocionaØ)	1586	2888	54,92
Total	1587	4561	34,80

Fonte: Elaboração própria.

²⁹ Não há ocorrência de apagamento em sílaba inicial na cidade de Uberlândia.

Os dados obtidos demonstraram a inexistência de apagamento na sílaba inicial, 1 apagamento na sílaba medial e 1586 na sílaba final. Esses resultados revelaram que 99,94 dos apagamentos são na sílaba final. Em relação às sílabas iniciais e mediais, em Uberlândia, a realização da variante retroflexa é categórica.

Na próxima seção apresentamos os números relativos ao apagamento nas duas localidades pesquisadas.

6.6.3 O apagamento do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia

Embora nossa pesquisa verse sobre a variante retroflexa, alguns apontamentos acerca do apagamento se fazem necessários, uma vez que, ao avaliarmos o total de ocorrências de /R/ em coda silábica, nas duas cidades pesquisadas, identificamos que 35,83% foram apagamentos. Assim, nessa seção, analisamos apenas os contextos em que o número de apagamentos foi superior ao número de ocorrências da variante retroflexa e que apresentaram valor- $p < 0,05$. As análises, nesse momento, recaíram sobre as variáveis linguísticas: núcleo silábico: vogal dorsal; classe gramatical: verbos; tonicidade: sílaba tônica e posição da sílaba na palavra: final de palavra, pois esses contextos mostraram-se favorecedores ao apagamento em ambas as localidades. No quadro a seguir, apresentamos os números referentes a ambos os municípios.

Tabela 19 - O apagamento do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia

Localidade	Ø	Total de dados	%³⁰
Ituiutaba	1461	3947	37,02
Uberlândia	1587	4561	34,80
Total	3048	8508	35,83

Fonte: Elaboração própria.

A partir desses números, realizamos a análise conjunta dos dados das duas localidades. A tabela a seguir traz os números relacionados aos números encontrados. Na tabela, trazemos apenas os contextos em que o número de apagamentos foi superior à variante retroflexa nas duas localidades.

³⁰ As porcentagens apresentadas representam o apagamento em relação ao total de dados.

Tabela 20 - Apagamento do /R/ em coda - variáveis independentes linguísticas³¹

Variável	Contextos	Aplicação	Total de ocorrências	%
Núcleo	Labial	143	2457	5,82
	Coronal	1321	3487	37,88
	Dorsal	1584	2564	61,78
Tonicidade	Átona	109	2930	3,72
	Tônica	2939	5578	52,69
Categoria	Verbos	2974	4580	64,93
	Não verbos	74	3928	1,88
Posição	Sílaba inicial	6	2283	0,26
	Sílaba medial	3	958	0,31
	Sílaba final	3039	5267	57,70

Fonte: Elaboração própria.

A análise da tabela revela que os contextos em que há prevalência do apagamento são quase coincidentes nas duas localidades. São contextos favorecedores: núcleo silábico: vogal dorsal; tonicidade: sílaba tônica; classe gramatical: verbos e posição da sílaba na palavra: sílaba final. Todos esses contextos apresentaram valor-p significativo (valor-p < 0,05).

Em relação à vogal que ocupa o núcleo da sílaba, verificamos, conforme demonstrado nas seções anteriores, que a vogal dorsal favorece o apagamento. Obtivemos um total de 2564 vogais dorsais no núcleo silábico que precedia o /R/ em coda. Desse total, 1584 foram apagamentos do /R/, o que corresponde a 61,78% dos dados. A partir desses dados realizamos o cálculo da razão de chances. A razão de chances (odds ratio), que é definida como a razão entre a probabilidade de que um evento ocorra e a probabilidade de que ele não ocorra. A partir desses números verificamos que a razão de chances³² foi de 1,6 (0,62 para 0,38), indicando que a chance de sucesso (no caso específico, o apagamento) para a vogal dorsal é de 1,6 vezes a chance de ocorrer nos demais contextos (labial e coronal).

³¹ As linhas em destaque apresentam os contextos em que o apagamento foi mais recorrente nas duas localidades.

³² Realizamos cálculo de razão de chances para os números relativos ao apagamento a fim de comprovarmos os contextos em que o apagamento foi superior à variante retroflexa. Para esse cálculo, a análise levou em consideração o apagamento X total das demais realizações (retroflexa + outras variantes).

A análise dos dados referentes à sílaba tônica, quanto à variável independente tonicidade da sílaba: átona ou tônica, trouxe um total de 5578 dados em sílaba tônica, dos quais 2939 foram apagamentos. Esses números indicam que, em sílabas tônicas, 52,69% foram apagamentos. Comparando os dois contextos (sílaba tônica X sílaba átona), verificamos que 96,42% dos apagamentos ocorreram em sílaba tônica e apenas 3,58% em sílaba átona. Os dados revelam, portanto, que nessas localidades a sílaba tônica favorece o apagamento, corroborando estudos como os de Callou e Serra (2012) e Callou et al. (1998).

Na cidade de Ituiutaba, obtivemos um total de 1461 apagamentos, dos quais 1385 foram em sílaba tônica, o que representa 94,80%. Na cidade de Uberlândia verificamos que dos 1587 apagamentos 1554 foram em sílaba tônica, implicando em 97,92% dos dados. Esses números revelaram, nas duas cidades, um elevado número de apagamento em sílabas tônicas. Assim, a partir dos números levantados, realizamos o cálculo da probabilidade. Para tanto verificamos a soma dos dados das duas localidades, a qual resultou em 0,96 de probabilidade de apagamento em sílaba tônica e a probabilidade de ocorrer apagamento em sílaba átona é de 0,04. A razão de chances obtida por meio de nossas análises foi 24 (0,96 para 0,04), indicando que a chance de sucesso do apagamento do /R/ em coda silábica na sílaba tônica é 24 vezes a chance em relação à sílaba átona. comprovando que a sílaba tônica favorece o apagamento.

No que se refere à classe gramatical, a análise de dados nos permite afirmar que a classe dos verbos é favorecedora do fenômeno cancelamento do /R/ nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia. Obtivemos um total de 2974 apagamentos em verbos, no universo de 4580 dados, ou seja, 64,93%. Em não verbos a porcentagem foi de apenas 1,88%.

Em Ituiutaba, do total de 1461 apagamentos, 1428 foram em verbos e 33 em não verbos. Em Uberlândia, do total de 1587 apagamentos, 1546 foram em verbos e 41 em não verbos. O total de apagamentos das duas localidades foi de 3048, desses 2974 foram em verbos e 74 em não verbos. Comparando os dois contextos (verbos X não verbos) verificamos que 97,57% dos apagamentos foram em verbos. Em não verbos a porcentagem foi de apenas 2,43%. O cálculo da razão de chances foi de 32 (0,97 para 0,03), indicando que a chance de sucesso (no caso específico, o apagamento) para a classe gramatical verbos é 32 vezes a chance de ocorrer em não verbos.

Os resultados obtidos em nossas análises corroboram os estudos de Callou e Serra (2012, p. 46), as quais afirmam que resultados como os que obtivemos refutam “afirmações correntes na literatura de que material fonológico que carregue informação morfológica tende, nos processos de mudança, a ser preservado”. Conforme nossos resultados apontaram, foi na classe gramatical verbos a maior recorrência dos apagamentos. Nossos resultados corroboram,

ainda, estudos como os de Callou, Moraes e Leite (1996), com dados do dialeto do Rio de Janeiro e Soares e Leite (2007), com dados de fala da cidade de São José do Rio Preto (interior de São Paulo), os quais indicam o apagamento do rótico em posição de coda silábica, sobretudo em verbos. Parece-nos, portanto, que o apagamento do /R/ em coda silábica não é estabelecido por um critério estritamente fonológico (posição final de sílaba), mas o fato de o apagamento aplicar-se a um morfe específico (marca de infinitivo), obedecendo, assim, a uma restrição morfofonológica. A esse respeito, Callou; Serra (2012, p. 46, 47) afirmam que “a característica morfofonêmica do segmento afeta a distribuição das variantes. A realização [Ø] é mais alta quando representa a marca de infinitivo”. As autoras ressaltam, ainda, que “não há dúvida de que a grande oposição reside na classe morfológica: nos verbos, o percentual de cancelamento está sempre acima de 60%.”

Os números relacionados ao apagamento em não verbos, conforme demonstrado na tabela 20, foram bastante reduzidos. No total de dados analisados obtivemos apenas 74 apagamentos, ou seja, 1,88% do total de dados. No quadro a seguir, apresentamos a frequência dos itens lexicais encontrados em nossa pesquisa.

Quadro 2 - Não verbos: cancelamento de /R/ por item lexical

NÃO VERBOS	
Itens lexicais	Ø / total de ocorrências
açúcaØ	02/03
apesaØ	01/35
babadoØ	02/02
celulaØ	08/08
computadoØ	02/19
diretoØ	01/03
ganhadoØ	01/03
maioØ	08/33
melhoØ	09/59
militaØ	02/02
mulheØ	11/78
qualqueØ	24/18
senhoØ	03/10
TOTAL	74/273

Fonte: Elaboração própria.

Ferreira (2023), na dissertação sobre o cancelamento de R em coda externa no português de Angola, encontrou, em relação aos não verbos, 91 casos de cancelamento de /R/ em um total de 288 dados controlados, ou seja, 33% do total. Quanto aos contextos analisados, o estudo demonstrou que há favorecimento do apagamento após a vogal médio-alta [e] e a médio-baixa [ɔ], quanto ao ponto de articulação da consoante subsequente, há favorecimento diante de consoante alveolar ou pós-alveolar. Em nossos dados, controlamos o ponto de articulação da vogal que ocupa o núcleo da sílaba e, em relação ao apagamento, verificamos que a vogal coronal [ɛ] e as vogais [ɔ] e [o] favorecem o cancelamento do /R/. É importante destacar que em relação à vogal coronal o cancelamento foi restrito a dois itens lexicais *mulher* e *qualquer*, representando 47,30% dos dados totais em não verbos. Verificamos, ainda, que o cancelamento do /R/ ocorreu majoritariamente em sílabas tônicas, com 97,3% do total de dados. Por fim, cabe apontar o fato de, em nossos dados, não verificarmos apagamentos em monossílabos, resultado que coincide com os estudos de Callou et al (1998), que também verificaram menor favorecimento para o cancelamento em monossílabos.

Nossa última análise recaiu sobre a variável independente posição da sílaba na palavra: sílaba inicial, sílaba medial e sílaba final. Os dados obtidos nos trouxeram um total de 6 apagamentos na sílaba inicial, 3 apagamentos na sílaba medial e 3039 apagamentos na sílaba final. Os casos de apagamentos em sílaba inicial e sílaba medial foram bastante pontuais e serão apresentados no quadro³³ a seguir.

Quadro 3 - Variável independente posição da sílaba na palavra

Informante	Faixa etária	Escolaridade	Item	Ocorrências / total
Inf. 01	Entre 15 e 29 anos	- de 11 anos	puØque	04 / 212
Inf. 03	Entre 30 e 49 anos	+ de 11 anos	puØque	02 / 101
Inf. 09	50 anos ou mais	+ de 11 anos	ciruØgias	02 / 12
Inf. 10	Entre 15 e 29 anos	+ de 11 anos	pertuØbada	01 / 03

Fonte: Elaboração própria.

De Carvalho e Alves (2021), em um estudo acerca da variação fonético-fonológica nas cidades de Juiz de Fora e Uberlândia, Minas Gerais, verificaram que em 22,5% das incidências do item *porque* houve apagamento do /R/ em coda silábica e, em contrapartida, 77,5% foram

³³ Apresentamos no quadro a frequência dos itens lexicais encontrados em nossa pesquisa.

ocorrências da fricativa glotal e do retroflexo. As pesquisadoras discutem duas hipóteses para a ocorrência da síncope no conectivo³⁴: a presença da vogal no início da palavra seguinte ao *porque*; a velocidade e o ritmo da fala de cada informante. As autoras descartam a primeira hipótese, pois os dados por elas analisados demonstraram que o processo ocorreu seguido tanto por consoantes quanto por vogais. Em relação à hipótese seguinte, as pesquisadoras, embora reconheçam a necessidade de uma análise mais profunda, afirmam acreditar que a velocidade e o ritmo da fala dos informantes favorecem a ocorrência da síncope no conectivo.

Verificamos nove ocorrências de apagamentos inicial/medial no universo dos 3048 apagamentos. Embora esses números sejam insuficientes para esboçarmos conclusões, acreditamos ser possível aventar uma terceira hipótese para esses apagamentos: a presença de uma vogal alta ocupando o núcleo silábico pode favorecer o apagamento do /R/ em coda silábica em sílabas na posição inicial/medial da palavra. Em nossos dados, conforme já dito, obtivemos um número bastante reduzido de apagamentos iniciais/mediais, entretanto, cabe-nos atentar para o fato de em todos os itens o /R/ em coda estar diante da vogal alta: /u/. Assim, concordamos com De Carvalho e Alves (2021) acerca da necessidade de estudos mais minuciosos acerca desse fenômeno, a fim de que se possa estabelecer os contextos linguístico e/ou extralinguísticos (des)favorecedores do apagamento em sílaba inicial/medial.

Nossos resultados, mais uma vez, reforçam a pesquisa de Callou; Moraes e Leite (1996, p.471) que, em seus estudos sobre o /R/ em coda silábica no português do Brasil, quando afirmam que “em relação à queda do /r/, observam-se comportamentos nitidamente distintos nas duas posições. Em sílaba interna, o fenômeno quase não ocorre (3% em média). No contexto final, o percentual de perda aumenta significativamente (...)”.

A observação da tabela 20, *Apagamento do /R/ em coda - variáveis independentes linguísticas*, nos confirma que, nas duas localidades, a posição da coda na sílaba final da palavra favorece o apagamento. Também avaliamos a posição sílaba final relacionando-a com as duas demais posições na sílaba e encontramos uma porcentagem superior a 99% tanto em Ituiutaba quanto em Uberlândia, indicando favorecimento da variante analisada como valor de aplicação. A fim de verificarmos a probabilidade de ocorrência do apagamento na sílaba final, realizamos a soma das ocorrências nas sílabas inicial e medial, resultando em um total de 9 ocorrências nas duas localidades. Dessa forma, o cálculo realizado partiu de um total de 3048 ocorrências, sendo 3039 em sílaba final e 9 nas demais sílabas. O resultado foi 0,99 de probabilidade de ocorrência de apagamento na sílaba final e 0,01 foi a probabilidade de apagamento nas demais sílabas.

³⁴ Nesse estudo, as autoras tratam especificamente da síncope no conectivo *porque* e, em seus dados, diferentemente de nossa pesquisa, verificaram casos de informantes que também apagaram a vogal /o/.

Esses resultados confirmam uma de nossas hipóteses de pesquisa, na qual afirmamos que o apagamento é favorecido pela posição da coda na sílaba final da palavra.

Um ponto importante a ser destacado refere-se a variável independente linguística tamanho da palavra. Essa foi a única variável que trouxe diferença nos resultados de Ituiutaba e Uberlândia, no que diz respeito ao apagamento. Em Uberlândia essa variável, quando relacionada a três sílabas ou mais, demonstrou favorecimento do apagamento. Em Ituiutaba, embora em nossa hipótese tenhamos esboçado acreditar que em palavras com três sílabas ou mais o apagamento seria favorecido, essa hipótese não se confirmou. Das 1029 palavras com três ou mais sílabas, obtivemos: 480 apagamentos (46,65%); 456 realizações da variante retroflexa (44,31%) e 93 dados de outras variantes (9,04%).

Ao analisarmos o conjunto dos dados das duas localidades, os resultados indicaram estarmos diante de uma hipótese nula, pois o programa estatístico indicou, para a variável independente linguística tamanho da palavra, um valor superior ao nível de significância de 0,05. Nas palavras com três sílabas ou mais, verificamos um total de 2378 ocorrências e dessas, 1202 sofreram apagamento, ou seja, 50,55%.

Por fim, verificamos haver correlação significativa entre as variáveis linguísticas: classe gramatical: verbos; tonicidade: sílaba tônica e posição da sílaba na palavra: final de palavra. Esses contextos mostraram-se favorecedores ao apagamento em ambas as localidades, com valor-p significativo (valor-p < 0,05). Essa correção será demonstrada em 6.11, *Análises de regressão*.

6.7 “Outras variantes” nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia

No universo das 8508 variantes da variável dependente linguística analisada, 285 correspondem a outras variantes do /R/ diferentes da variante retroflexa ou do apagamento. Em nossos dados, a variante encontrada foi identificada como variante fricativa³⁵. O número de ocorrências dessa variante representou apenas 3,35 % do total de ocorrências de nossos dados, entretanto algumas considerações acerca dessas ocorrências se fazem necessárias.

³⁵ Cabe frisar que, neste trabalho, por se tratar de um trabalho de essência sociolinguística, não foi considerada a distinção entre as possíveis variantes da fricativa: velar, glotal. Foi analisado o fato de o falante/ouvinte, participante da pesquisa, utilizar outras variantes do fonema /R/ em coda silábica diferentes da realização retroflexa.

Em uma de nossas hipóteses de pesquisa afirmamos que a realização retroflexa do /R/ em coda silábica, comumente reconhecida como marca do DC, seria mais produtiva nos usos de indivíduos de faixas etárias mais elevadas e nos grupos com menor escolaridade. Entretanto, a análise dos dados demonstrou que a realização de outras variantes foi mais recorrente na faixa etária mais elevada. A tabela a seguir apresenta as ocorrências de outras realizações /R/ em coda silábica de acordo com a faixa etária.

Tabela 21 - Outras variantes do /R/ em coda silábica – Faixa etária

Faixa etária	Ituiutaba	%	Uberlândia	%
Entre 15 e 29 anos	05	2,16	06	11,11
Entre 30 e 49 anos	19	8,23	17	31,48
50 anos ou mais	207	89,61	31	57,41
Total	231	100%	54	100%

Fonte: Elaboração própria.

A observação da tabela anterior nos revela um maior número de ocorrências da variante [x] em informantes com idade igual ou superior a 50 anos, contrariando nossa hipótese de pesquisa. Esse número mostrou-se maior na cidade de Ituiutaba com 89,61% das ocorrências. Todavia, na cidade de Uberlândia, embora o número de ocorrências de outras variantes tenha sido bastante pequeno, apenas 54 ocorrências, a faixa etária de 50 anos ou mais também apresentou a maior porcentagem de ocorrências, 57,41%.

A próxima análise recaiu sobre a variável independente extralinguística nível de escolaridade. A tabela a seguir apresenta as ocorrências de outras realizações de /R/ em coda silábica.

Tabela 22 - Outras variantes do /R/ em coda silábica - Nível de escolaridade

Nível de escolaridade	Ituiutaba	%	Uberlândia	%
Até 11 anos de estudo	29	12,55	14	25,93
Mais de 11 anos de estudo	202	87,45	40	74,07
Total	231	100%	54	100%

Fonte: Elaboração própria.

A observação da tabela 22 revela um maior número de ocorrências da variante [x] em informantes com escolaridade acima de 11 anos, conforme esperávamos. Esse número mostrou-se maior na cidade de Ituiutaba com 87,45% das ocorrências. Na cidade de Uberlândia, embora o número de ocorrências tenha sido consideravelmente menor, o nível de escolaridade acima de 11 anos também apresentou a maior porcentagem de ocorrências, 74,07%.

O cruzamento entre as variáveis independentes nível de escolaridade e faixa etária não foi selecionado pelo pacote *Rbrul* como significativo, isto é, os efeitos de cada uma dessas variáveis são independentes, não havendo efeito em seu cruzamento. Esse resultado, possivelmente, pode ser explicado pelo fato de esses dois contextos, em nossos dados, remeterem à hipótese nula. Conforme já explicitado, a variante retroflexa é a mais recorrente nas três faixas etárias analisadas e nos dois níveis de escolaridade.

Leite (2010, p. 148), em sua pesquisa sobre a variação do /R/ em coda silábica na cidade de Campinas, afirma que os participantes da pesquisa, em grande maioria, consideram que o “/R/ caipira é estereotipado e os informantes, como quem procura se distanciar das opiniões e crenças que fomentam esse estereótipo, requerem para si uma pronúncia distinta dessa que é estigmatizada como feia, carregada, puxada, entre outros rótulos.” Assim, acreditamos que o uso da variante [x] pode representar indícios de um maior monitoramento dos informantes, dado o contexto de entrevista. Salientamos, ainda, que a variante retroflexa foi recorrente na fala de todos os participantes da pesquisa e, ainda, que o uso de outras variantes ocorreu em momentos específicos ao longo das entrevistas. Para além, torna-se importante considerar que grande parte das realizações da variante [x] foram encontradas em falantes com ensino superior, conforme apurado nas análises da ficha social preenchida ao longo de nossas entrevistas.

6.8 A variante retroflexa na cidade de Ituiutaba³⁶

A análise dos dados de nossa pesquisa corrobora pesquisas como as Zágari et al. (1977) para quem a variante retroflexa em coda silábica é a variante mais produtiva no Triângulo Mineiro. Conforme anteriormente dito, na análise realizada em relação à frequência global de uso das variantes do /R/ em coda silábica, obtivemos um total de 3947 dados referentes à cidade de Ituiutaba, dos quais 2.255 são variante retroflexa, 1.461 são apagamentos e 231 são ocorrências de outras variantes. Assim, a partir dos números apresentados, realizaremos a

³⁶ Todos os exemplos, dessa seção, foram retirados das entrevistas realizadas na cidade de Ituiutaba.

análise das variáveis independentes linguísticas que favorecem ou desfavorecem a variante retroflexa em coda silábica na cidade de Ituiutaba.

6.8.1 As variáveis independentes linguísticas

Quanto às variáveis independentes linguísticas foram considerados: núcleo silábico; contexto fonológico seguinte; tonicidade da sílaba; categoria gramatical; tamanho da palavra; posição da sílaba na palavra. Essas variáveis linguísticas foram selecionadas pelo programa estatístico *Rbrul* como estatisticamente significativas (valor- $p < 0,05$).

Novamente, apresentaremos inicialmente os números relacionados a cada uma das localidades pesquisadas e, em seguida, apresentaremos os dados comparativos entre as duas cidades e as análises relacionadas a esses dados. Para a análise da variante retroflexa em coda silábica, nos valeremos não somente dos percentuais referentes aos valores encontrados, mas também dos pesos relativos³⁷ e dos log-odds para melhor descrever os contextos que (des)favorecem a realização dessa variante. O quadro a seguir traz exemplos dos contextos de realização da variante retroflexa que serão analisados nas próximas seções.

Quadro 4 - Exemplos dos contextos de aplicação na cidade de Ituiutaba

Variável	Contextos	Exemplos
Núcleo	Labial	so[ɽ]te, o[ɽ]gulho, absu[ɽ]do
	Coronal	cade[ɽ]ninho, ve[ɽ]dade, i[ɽ]mã
	Dorsal	gua[ɽ]da, brinca[ɽ]
C. f. seguinte	Labial	ba[ɽ]baridades, inte[ɽ]pretação, pe[ɽ]feito, obse[ɽ]vando, i[ɽ]mão
	Coronal	opo[ɽ]tunidade, ve[ɽ]dade, anive[ɽ]sário, jo[ɽ]nal, Ca[ɽ]los
	Dorsal	la[ɽ]gada, po[ɽ]co
Tonicidade	Átona	impo[ɽ]tante, i[ɽ]mãzinha
	Tônica	ta[ɽ]de, vulga[ɽ]
Categoria	Verbos	transmiti[ɽ], conhece[ɽ]

³⁷ O peso relativo foi apresentado também nas tabelas 1, 2 e 3.

	Não verbos	professo[ɹ], qua[ɹ]to
Tamanho	1 sílaba	da[ɹ], te[ɹ]
	2 sílabas	liga[ɹ], meno[ɹ]
	3 s. ou mais	ca[ɹ]teira, confo[ɹ]me
Posição	Sílaba inicial	ce[ɹ]teza, pe[ɹ]mitia
	Sílaba medial	aco[ɹ]dei, adve[ɹ]sários
	Sílaba final	luga[ɹ], pecado[ɹ]

Fonte: Elaboração própria.

6.8.1.1 A variável independente linguística núcleo silábico

Iniciamos nossas análises pela variável independente linguística núcleo silábico verificando o nível de significância dessa variável por meio do cálculo do valor-p, para o qual encontramos um valor de 0,0370. Assim, pudemos afirmar que a hipótese nula foi rejeitada, já que o valor-p foi menor que 0,05. Isso indica que os resultados obtidos são estatisticamente significativos. Os números relacionados a essa variável são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 23 - Variável independente linguística: núcleo silábico

Núcleo silábico	[ɹ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
Labial	1056/1253	84,28	0,81	1,47
Coronal	804/1538	52,28	0,64	0,58
Dorsal	395/1156	34,17	0,20	-3,89
Total	2255/3947	57,13	-	-

Valor-p: 0,0370

Fonte: Elaboração própria.

A tabela traz os resultados relacionados a vogal que ocupa o núcleo da sílaba. Quanto a vogal labial, encontramos 1253 ocorrências e, dessas, 1056 foram realizações da variante retroflexa, totalizando 84,28% dos dados. O peso relativo de 0,81 e o log-odds de 1,47 confirmaram o favorecimento da variante retroflexa nesse contexto. Em relação a vogal coronal,

também ocorre favorecimento da realização da variante retroflexa do /R/ em coda, embora os números em relação a essa variável independente sejam menores que os relacionados a vogal labial. Foram 1538 ocorrências de vogal coronal, das quais 804 foram da variante retroflexa, ou seja, 52,28%. O peso relativo de 0,64 e log-odds de 0,58 comprovaram o favorecimento. Quanto à vogal dorsal, 1156 ocorrências do /R/ em coda foram precedidos por uma vogal dorsal e, desse, 395 foram a variante retroflexa. A análise do contexto dorsal demonstrou desfavorecimento da realização da variante retroflexa do /R/ em coda silábica. Em relação a esse contexto, foram 34,17% das ocorrências e, a análise do peso relativo com 0,20 e do log-odds negativo de -3,89 confirmaram o desfavorecimento.

6.8.1.2 A variável independente linguística contexto fonológico seguinte³⁸

Nossa análise da variável independente linguística contexto fonológico seguinte iniciou-se pela verificação do nível de significância, por meio do cálculo do valor-p, para o qual encontramos o número 0,050. Esse número é coincidente com o número predeterminado em pesquisas sociolinguísticas para o nível de significância e, dessa forma, não pudemos determinar se a hipótese nula deve ser rejeitada, ou seja, se a variável independente contexto fonológico seguinte favorece ou desfavorece a ocorrência da variante retroflexa em coda silábica. Nesse contexto, partimos para a análise dos pesos relativos e dos log-odds a fim de elucidarmos o possível condicionamento dessa variável independente para a realização da variante retroflexa. Relacionamos nossos resultados em relação a essa variável na tabela a seguir.

³⁸ Conforme explicitado em 2.2, A estrutura da sílaba e coda silábica, as ocorrências de /R/ em final de palavra seguidas de vogais não foram contabilizadas em nosso estudo por se tratarem, nesse contexto, de /R/ pré-vocálico e não mais se caracterizarem como coda silábica.

A pausa (amar#, falar#, amor#) também, não foi analisada, pois não foi selecionada nas rodadas realizadas no *Rbrul*, tanto com os dados da cidade de Ituiutaba, quanto nos de Uberlândia.

Tabela 24 - Variável independente: contexto fonológico seguinte

Contexto	[ɹ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
Labial	599/1294	46,29	0,37	-0,95
Coronal	1140/1596	71,43	0,83	1,63
Dorsal	516/1057	48,82	0,35	-0,59
Total	2255/3947	57,13	-	-

Valor-p: 0,050

Fonte: Elaboração própria.

Os contextos em que o /R/ em coda silábica foi sucedido por consoantes coronais foram favorecedores da ocorrência da variante retroflexa. O total de segmentos coronais da pesquisa foi de 1596 ocorrências e, desse quantitativo, 1140 foram da variante retroflexa. O peso relativo de 0,83, o log-odds de 1,63 e a porcentagem de 71,43% confirmam o favorecimento da retroflexão. Em relação aos segmentos labiais e dorsais, ocorreu desfavorecimento da variante retroflexa. Do total de dados com consoantes labiais, 46,29% foram realizações da variante retroflexa, com peso relativo de 0,37 e log-odds de -0,957. O segmento dorsal apresentou 48,82% de realizações retroflexas, peso relativo de 0,35 e log-odds -0,59. Nesse contexto, pudemos confirmar o desfavorecimento da ocorrência da variante retroflexa em contextos com segmentos labiais e dorsais. Assim, embora o valor-p tenha relacionado a variável independente linguística contexto fonológico seguinte a uma provável hipótese nula, a análise mais detalhada dos dados revelou haver diferença para os diferentes contextos analisados: coronal, labial e dorsal e, ainda, que o contexto coronal se apresenta como significativo para a realização da variante retroflexa.

6.8.1.3 A variável independente linguística tonicidade

Iniciamos nossa análise da variável independente linguística tonicidade realizando o cálculo do valor-p a fim de verificarmos o nível de significância, o qual nos retornou com o número de 0,0291, demonstrando, nesse contexto, a refutação da hipótese nula para essa variável. Apresentamos a seguir, por meio de uma tabela, os resultados relacionados à variável.

Tabela 25 - Variável independente: tonicidade

Tonicidade	[ɫ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
Sílaba tônica	1039/2557	40,63	0,37	-0,50
Sílaba átona	1216/1390	87,48	0,62	0,50
Total	2255/3947	57,13	-	-

Valor-p: 0,0291

Fonte: Elaboração própria.

A observação da tabela revela que, em contextos com sílaba átona, o total de dados foi de 1390, dos quais 1216 foram realizações da variante retroflexa. A porcentagem foi de 87,48%, o peso relativo 0,62 e log-odds de 0,50, os quais confirmaram o favorecimento da variante retroflexa. Em relação à sílaba tônica foram 1039 dados de retroflexão de um total de 2557, ou seja, 40,63%. O peso relativo de 0,37 e o log-odds de -0,50 confirmam o desfavorecimento da retroflexão.

6.8.1.4 A variável independente linguística classe gramatical

A análise do nível de significância da variável independente linguística classe gramatical, por meio do cálculo do valor-p, retornou na rodada realizada no *Rbrul* com o valor de 0,010, demonstrando, nesse contexto, que a hipótese nula para essa variável foi rejeitada. Apresentamos a seguir, por meio de uma tabela, os resultados relacionados à variável independente linguística classe gramatical.

Tabela 26 - Variável independente: classe gramatical

Classe gramatical	[ɫ]/ total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
verbos	530/2012	26,34	0,27	-0,21
Não verbos	1725/1935	89,15	0,93	0,72
Total	2255/3947	57,13		

Valor-p: 0,010

Fonte: Elaboração própria.

A análise da classe gramatical apresentou, em relação aos não verbos, um total de 1935 dados e, desses, 1725 foram realizações da retroflexa, ou seja, 89,15%, demonstraram o favorecimento dessa variante. Em relação aos verbos há desfavorecimento da retroflexão. Do total de 2012 dados, 530 foram retroflexão, representando 26,34%. Verificamos, ainda, um peso relativo de 0,93 e log-odds de 0,729, os quais confirmaram, em relação à classe gramatical não verbos, o favorecimento da variante retroflexa. Em relação à classe gramatical verbos, o peso relativo de 0,27 e o log-odds negativo de -0,21 confirmando o desfavorecimento.

6.8.1.5 A variável independente linguística tamanho da palavra

Nossa análise da variável independente linguística tamanho da palavra iniciou-se pela verificação do nível de significância por meio do cálculo do valor-p, para o qual encontramos o número 0,0427, indicando que a hipótese nula deve ser rejeitada. Os números relacionados a essa variável são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 27 - Variável independente: tamanho da palavra Ituiutaba

Tamanho da palavra	[j] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
1 Sílabas	530/745	71,14	0,68	1,26
2 Sílabas	1269/2173	58,40	0,62	1,07
3 ou mais Sílabas	456/1029	44,31	0,43	-0,32
Total	2255/3947	57,13	-	-

Valor-p: 0,0427

Fonte: Elaboração própria.

A partir do total de 2255 realizações da variante retroflexa em coda silábica, verificamos que 530 foram em palavras com uma sílaba; 1269 em palavras com duas sílabas e 456 em palavras com três sílabas ou mais. Verificamos que, em palavras com uma sílaba a porcentagem foi 71,14%, o peso relativo foi de 0,68 e o log-odds foi de 1,26. Esses resultados revelaram o favorecimento da variante retroflexa em palavras com uma sílaba. Em relação a palavras com duas sílabas, verificamos que 58,40% das ocorrências foram da variante retroflexa. O peso relativo de 0,62 e o log-odds de 1,07 confirmaram o favorecimento da variante retroflexa em palavras de duas sílabas. Por fim, verificamos as palavras com três sílabas ou mais sílabas para

as quais encontramos 44,31% das ocorrências. O peso relativo de 0,43 e log-odds de -0,32 confirmaram o desfavorecimento da ocorrência da variante retroflexa em tais palavras.

6.8.1.6 A variável independente linguística posição da sílaba na palavra

Nossa análise da variável independente linguística posição da sílaba na palavra iniciou-se pela verificação do nível de significância por meio do cálculo do valor-p, para o qual encontramos o número 0,0252, indicando que a hipótese nula deve ser rejeitada. Isso demonstra que os resultados obtidos são estatisticamente significativos. Os números relacionados a essa variável são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 28 - Variável independente: posição da sílaba na palavra

Posição da sílaba	[ɻ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
Sílaba inicial	1055/1149	91,82	0,81	1,46
Sílaba medial	374/419	89,26	0,71	1,40
Sílaba final	826/2379	34,72	0,39	-0,40
Total	2255/3947	57,13	-	-

Valor-p: 0,0252

Fonte: Elaboração própria.

A partir do total de 2255 dados da variante retroflexa em coda silábica, verificamos que 1055 ocorreram em sílaba inicial; 374 foram em sílaba medial e 826 foram em sílaba final. Verificamos que o posicionamento da coda na sílaba inicial e na sílaba medial da palavra foram favorecedores da ocorrência da variante retroflexa, totalizando 91,82% e 89,26% dos dados, respectivamente. A análise dos pesos relativos de 0,81 e 0,71 e do log-odds de 1,46 e 1,40, respectivamente, confirmaram o favorecimento da variante retroflexa nesses contextos.

A análise do posicionamento da coda na sílaba final demonstrou desfavorecimento da realização da variante retroflexa do /R/ em coda silábica. Em relação a esse contexto, obtivemos apenas 34,72% das ocorrências. A análise do peso relativo com 0,39 e do log-odds de -0,40 confirmaram o desfavorecimento da ocorrência da variante retroflexa.

Na próxima seção apresentaremos os dados relativos à cidade de Uberlândia.

6.9 A variante retroflexa na cidade de Uberlândia

A análise realizada em relação à frequência global de uso das variantes do /R/ em coda silábica, conforme dito anteriormente, resultaram em um total de 4561 dados referentes à cidade de Uberlândia, dos quais 2920 são variante retroflexa, 1587 são apagamentos e 54 são ocorrências de outras variantes. A partir dos números apresentados, realizaremos a análise das variáveis independentes linguísticas favorecedoras ou desfavorecedoras à realização da variante retroflexa em coda silábica na cidade de Uberlândia.

6.9.1 As variáveis independentes linguísticas

As análises, quanto às variáveis independentes linguísticas, consideraram: núcleo silábico; contexto fonológico seguinte; tonicidade da sílaba; categoria gramatical; tamanho da palavra (saliência fônica); posicionamento da sílaba na palavra. Essas variáveis linguísticas foram selecionadas pelo programa estatístico *Rbrul* como estatisticamente significativas (valor- $p < 0,05$). O quadro a seguir traz exemplos dos contextos de realização da variante retroflexa que serão analisados nas próximas seções.

Quadro 5 - Exemplos dos contextos de aplicação na cidade de Uberlândia

Variável	Contextos	Exemplos
Núcleo	Labial	conco[ɽ]do, pasto[ɽ], cu[ɽ]so
	Coronal	qualque[ɽ], conve[ɽ]sar, dormi[ɽ]
	Dorsal	ma[ɽ]cou, pa[ɽ]tes
C. f. seguinte	Labial	a[ɽ]bítrio, co[ɽ]po, inte[ɽ]ferir, supe[ɽ]visor, fo[ɽ]mei
	Coronal	po[ɽ]ta, gua[ɽ]do, u[ɽ]so, ca[ɽ]naval, Ube[ɽ]lândia
	Dorsal	o[ɽ]gulhosa, ma[ɽ]cante
Tonicidade	Átona	esfo[ɽ]çada, i[ɽ]mãos
	Tônica	á[ɽ]voves, melho[ɽ]
Categoria	Verbos	engo[ɽ]dou, desa[ɽ]mei
	Não verbos	te[ɽ]ceira, ve[ɽ]dade

Tamanho	1 sílaba	se[.ɹ], do[.ɹ]
	2 sílabas	mora[.ɹ], dize[.ɹ]
	3 s. ou mais	pe[.ɹ]gunta, conve[.ɹ]teram
Posição	Sílaba inicial	i[.ɹ]mão, fo[.ɹ]mei
	Sílaba medial	enxe[.ɹ]ga, anive[.ɹ]sário
	Sílaba final	investigado[.ɹ], louvo[.ɹ]

Fonte: Elaboração própria.

6.9.1.1 A variável independente linguística núcleo silábico

Iniciamos nossas análises pela variável independente linguística núcleo silábico verificando o nível de significância dessa variável por meio do cálculo do valor-p, para o qual encontramos um valor de 0,0129 e, assim, pudemos afirmar que a hipótese nula foi rejeitada e que os resultados obtidos são estatisticamente significativos. Os números relacionados a essa variável são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 29 - Variável independente linguística núcleo silábico

Núcleo silábico	[.ɹ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
Labial	1155/1204	95,93	0,89	2,90
Coronal	1250/1949	64,14	0,65	2,70
Dorsal	515/1408	36,58	0,42	-2,63
Total	2920/4561	64,02	-	

Valor-p: 0.0129

Fonte: Elaboração própria.

Iniciamos a análise da variante retroflexa na cidade de Uberlândia pela variável independente linguística núcleo silábico. Os contextos em que o /R/ em coda foi precedido por uma vogal labial foram favorecedores da ocorrência da variante retroflexa. Foram 1204 dados com vogais labiais no núcleo e, desse total, 1155 foram realizações retroflexas, representando 95,93% do total de dados, O peso relativo de 0,89 e log-odds de 2,90 confirmam o favorecimento. Em relação a vogal coronal, constatamos que também há favorecimento para a

realização da variante retroflexa. Verificamos que 64,14% das ocorrências foram da variante retroflexa. A análise do peso relativo de 0,65 e do log-odds de 2,70 confirmaram o favorecimento da variante retroflexa nesses contextos. No que se refere ao contexto dorsal há desfavorecimento para a realização da variante retroflexa do /R/ em coda silábica. Obtivemos 36,58% das ocorrências e, a análise do peso relativo com 0,42 e do log-odds de -2,63 confirmaram o desfavorecimento da ocorrência da variante retroflexa em contextos com a vogal dorsal.

6.9.1.2 A variável independente linguística contexto fonológico seguinte

Nossa análise da variável independente linguística contexto fonológico seguinte iniciou-se pela verificação do nível de significância por meio do cálculo do valor-p, para o qual encontramos o número 0,017, comprovando a rejeição da hipótese nula. Assim, partimos para a análise das porcentagens, dos pesos relativos e dos log-odds, os quais serão apresentados na tabela a seguir.

Tabela 30 - Variável independente: contexto fonológico seguinte

Contexto	[ɻ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
Labial	925/1537	60,18	0,62	1,06
Coronal	1145/1320	86,74	0,76	1,09
Dorsal	850/1704	49,88	0,46	-0,12
Total	2920/4561	64,02	-	-

Valor-p: 0,017

A partir do total de 2920 dados da variante retroflexa em coda silábica, verificamos que 925 referem-se a realizações da variante retroflexa precedendo segmentos labiais; 1145 referem-se a realizações precedendo segmentos coronais e 850 referem-se a realizações precedendo segmentos dorsais. Os contextos em que o /R/ em coda silábica foram precedidos de segmentos labiais e coronais foram favorecedores da ocorrência da variante retroflexa. A análise dos pesos relativos de 0,62 e 0,76 e do log-odds de 1,06 e 1,09 respectivamente, confirmaram o favorecimento da variante retroflexa nesses contextos. Em relação ao segmento

dorsal, 49,88% das ocorrências foram retroflexões. O peso relativo de 0,46 e log-odds de -0,12, confirmaram o desfavorecimento para a realização da variante retroflexa.

6.9.1.3 A variável independente linguística tonicidade

Iniciamos nossa análise da variável independente linguística tonicidade realizando o nível de significância -por meio do cálculo do valor-p, o qual nos retornou com o número de 0,0132, demonstrando, nesse contexto, a refutação da hipótese nula para essa variável. Apresentamos a seguir a tabela com os resultados obtidos.

Tabela 31 - Variável independente: tonicidade

Tonicidade	[ɹ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
Sílaba tônica	1467/3021	48,56	0,49	-0,35
Sílaba átona	1453/1540	94,35	0,86	0,35
Total	2920/4561	64,02	-	-

Valor-p: 0,0132

Fonte: Elaboração própria.

O total de dados com sílabas átonas totalizaram 1540 realizações. Dessas, 1453 foram da variante retroflexa, ou seja, 94,35%. Em relação aos contextos com sílabas tônicas, dos 3021 dados, 1467 foram retroflexões. Verificamos um peso relativo de 0,86 e do log-odds de 0,35, os quais confirmaram o favorecimento da variante retroflexa em contextos de sílaba átona. Já o peso relativo de 0,49 e o log-odds de -0,035 confirmaram que há desfavorecimento da variante retroflexa em contextos com sílabas tônicas.

6.9.1.4 A variável independente linguística classe gramatical

A análise do nível de significância da variável independente linguística classe gramatical, por meio do cálculo do valor-p, retornou na rodada realizada no *Rbrul* com o valor de 0,037, demonstrando, nesse contexto, que a hipótese nula para essa variável foi rejeitada.

Apresentamos a seguir, por meio de uma tabela, os resultados relacionados à variável independente linguística classe gramatical.

Tabela 32 - Variável independente: classe gramatical

Classe gramatical	[ɹ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
verbos	983/2568	38,28	0,41	-0,12
Não verbos	1937/1993	97,19	0,84	2,01
Total	2920/4561	64,02		

Valor-p: 0,037

Fonte: Elaboração própria.

Partindo de um total de 2920 realizações da variante retroflexa, 1937 foram realizações em contextos com não verbos e 983 realizações em contextos com verbos. Quanto aos não verbos, 1937 foram realizações da variante retroflexa. O peso relativo de 0,84, o log-odds de 2,01 e a porcentagem de 97,19% confirmam o favorecimento para a realização da variante retroflexa com não verbos. Em relação aos verbos, foram 983 retroflexões do total de 2568 dados. O peso relativo de 0,41 e o log-odds de -0,12 demonstram desfavorecimento para a realização da variante retroflexa em contextos com verbos.

6.9.1.5 A variável independente linguística tamanho da palavra

Nossa análise da variável independente linguística tamanho da palavra iniciou-se pela verificação do nível de significância por meio do cálculo do valor-p, para o qual encontramos o número 0,0119, indicando que a hipótese nula deve ser rejeitada. Os números relacionados a essa variável são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 33 - Variável independente: tamanho da palavra

Tamanho da palavra	[ɫ] / total de ocorrências	%	Peso Relativo	Log-odds
1 Sílabas	889/1183	75,15	0,64	1,58
2 Sílabas	1425/2029	70,23	0,62	1,51
3 ou mais Sílabas	606/1349	44,92	0,42	-0,13
Total	2920/4561	64,22	-	-

Valor-p: 0,0119

Fonte: Elaboração própria.

A partir do total de 2920 realizações da variante retroflexa em coda silábica, verificamos que 889 foram em palavras com uma sílaba; 1425 em palavras com duas sílabas e 606 em palavras com três sílabas ou mais. Verificamos que, em palavras com uma sílaba a porcentagem foi 75,15%, o peso relativo foi de 0,64 e o log-odds foi de 1,58. Esses resultados revelaram o favorecimento da variante retroflexa nesse contexto. Em relação a palavras com duas sílabas, verificamos que 70,23% das ocorrências foram da variante retroflexa. O peso relativo de 0,62 e o log-odds de 1,51 confirmaram o favorecimento da variante retroflexa em palavras de duas sílabas. Por fim, verificamos as palavras com três sílabas ou mais sílabas para as quais encontramos 44,92% das ocorrências. O peso relativo de 0,42 e log-odds de -0,13 confirmaram o desfavorecimento da ocorrência da variante retroflexa em tais palavras.

6.9.1.6 A variável independente linguística posição da sílaba na palavra

Nossa análise da variável independente linguística posicionamento da sílaba na palavra iniciou-se pela verificação do nível de significância por meio do cálculo do valor-p, para o qual encontramos o número 0,0123, indicando que a hipótese nula deve ser rejeitada. Isso demonstra que os resultados obtidos são estatisticamente significativos. Os números relacionados a essa variável são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 34 - Variável independente: posição da sílaba na palavra

Posição da sílaba	[ɹ] / total de ocorrências	% da variante retroflexa	Peso Relativo	Log-odds
Sílaba inicial	1120/1134	98,77	0,86	1,09
Sílaba medial	520/539	96,47	0,72	1,05
Sílaba final	1280/2888	44,32	0,41	-0,36
Total	2920/4561	64,02	-	-

Valor-p: 0,0123

Fonte: Elaboração própria.

A partir do total de 2920 dados da variante retroflexa em coda silábica, verificamos que 1120 ocorreram em sílaba inicial; 520 foram em sílaba medial e 1280 foram em sílaba final. O posicionamento da coda na sílaba inicial e na sílaba medial da palavra favoreceram a ocorrência da variante retroflexa, totalizando 98,77% e 96,47% dos dados, respectivamente. A análise dos pesos relativos de 0,86 e 0,72 e do log-odds de 1,09 e 1,05 respectivamente, confirmaram o favorecimento da variante retroflexa nesses contextos. A análise do posicionamento da coda na sílaba final demonstrou desfavorecimento da realização da variante retroflexa. Em relação a esse contexto, foram 44,32% das ocorrências. A análise do peso relativo com 0,41 e do log-odds -0,036 confirmaram o desfavorecimento da ocorrência da variante retroflexa.

Na próxima seção apresentamos os números relativos à variante retroflexa nas duas localidades pesquisadas.

6.10 A variante retroflexa nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia

Nesta seção, apresentaremos o conjunto de dados relativos às cidades analisadas. Nossa intenção, nesse momento, foi verificar se os contextos de (des)favorecimento da realização da variante retroflexa, no que diz respeito às variáveis independentes linguísticas, seriam os mesmos. Assim, realizamos os testes sobre a hipótese nula, por meio da análise do nível de significância, que indicou quais variáveis independentes, apresentavam valor-p significativo (valor-p < 0,05). A tabela 35³⁹ traz as ocorrências da variante retroflexa, o total de dados recolhidos, a porcentagem, o peso relativo e log-odds. As linhas em destaque apresentam os contextos em que a variante retroflexa foi mais recorrente nas duas localidades.

³⁹ Para as análises dos dados realizamos os seguintes testes: Anova, Tukey, Pearson e Spearman, dentre outros.

Tabela 35 - Realização de /R/ retroflexo - variáveis linguísticas

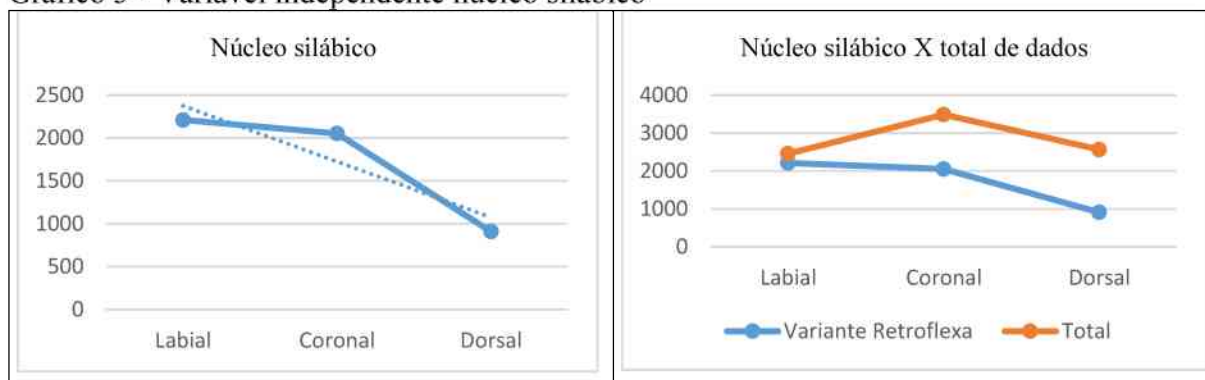
Variável	Contextos	Aplicação	Total de ocorrências	%	Peso relativo	Log-odds
Núcleo	Labial	2211	2457	89,99	0,73	1,03
	Coronal	2054	3487	58,90	0,62	0,90
	Dorsal	910	2564	35,49	0,39	-0,42
C. f. seguinte	Labial	1524	2831	53,83	0,53	0,01
	Coronal	2285	2916	78,36	0,76	1,09
	Dorsal	1366	2761	49,47	0,49	-0,01
Tonicidade	Átona	2669	2930	91,09	0,82	1,56
	Tônica	2506	5578	44,93	0,37	-4,05
Categoria	Verbos	1513	4580	33,03	0,35	-0,02
	Não verbos	3662	3928	93,23	0,86	1,04
Tamanho	1 sílaba	1419	1928	73,60	0,82	1,58
	2 sílabas	2694	4202	64,11	0,79	1,35
	3 s. ou mais	1062	2378	44,66	0,42	1,58
Posição	Sílaba inicial	2175	2283	95,27	0,89	1,40
	Sílaba medial	894	958	93,32	0,62	1,71
	Sílaba final	2106	5267	39,98	0,35	-2,70

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos comparativamente os dados de Uberlândia com os dados de Ituiutaba, resguardadas as devidas proporções, pudemos perceber resultados bastante próximos quanto aos contextos condicionadores da realização da variante retroflexa.

No que se refere a variável independente linguística: núcleo silábico, os contextos com vogal labial mostraram-se favorecedores para a ocorrência da variante retroflexa, contextos com vogal coronal, embora tenham apresentado números menores que aqueles em que houve uma vogal labial, também foram favorecedores dessa variante. Já em relação ao contexto dorsal, nossa análise demonstrou desfavorecimento para a realização da variante retroflexa do /R/ em coda silábica. O gráfico a seguir ilustra a realização da variante retroflexa diante de cada vogal analisada.

Gráfico 3 - Variável independente núcleo silábico



Fonte: Elaboração própria.

Observando a linha referente à variante retroflexa (azul) fica evidente o favorecimento do retroflexo diante de vogais labiais e coronais, com proeminência das labiais, e o declínio da linha demonstrando o desfavorecimento diante da vogal dorsal. O gráfico à direita reafirma esse mesmo resultado, entretanto, faz a comparação entre as realizações do retroflexo e o total de dados analisados.

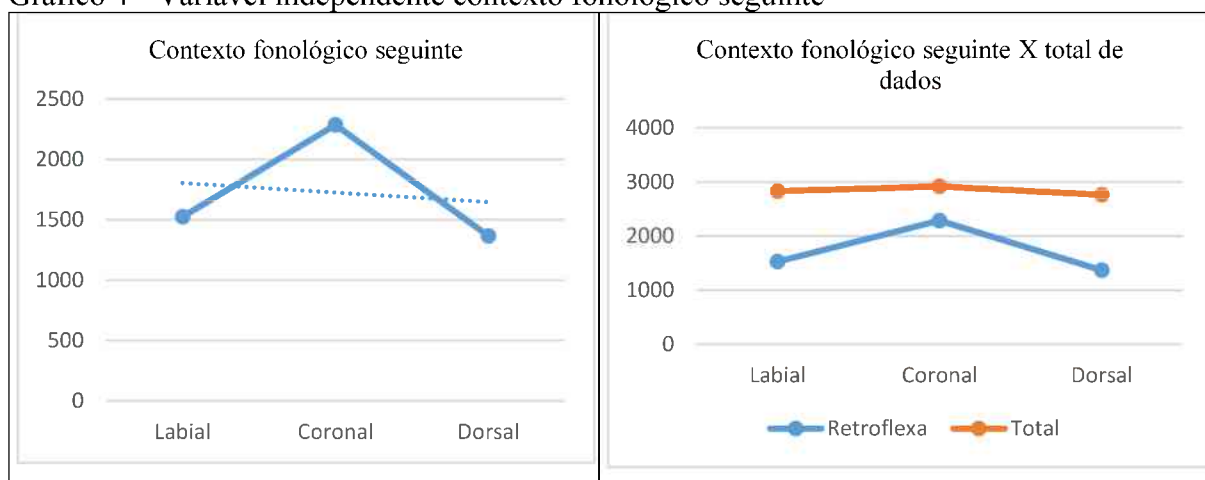
Silva (2016) partiu da hipótese de que o /R/ seria condicionado pela natureza do segmento precedente e em seus resultados observou que “as vogais coronais não apresentaram (des)favorecimento da realização retroflexa; a vogal dorsal, apesar de estar abaixo do ponto neutro, não desfavoreceu a variante retroflexa, (...) já as vogais labiais favoreceram o segmento retroflexo.” Em relação à vogal labial, esses resultados são parecidos com os encontrados em nossa pesquisa, pois também encontramos favorecimento para a realização da variante retroflexa nesse contexto. Entretanto, no que se refere às vogais coronais e dorsais, nossos resultados foram diferentes dos apontados por Silva (2016), pois verificamos que há favorecimento da variante retroflexa diante da vogal coronal e desfavorecimento diante da vogal dorsal. Cabe aqui, também, retomarmos a seção dedicada à análise do apagamento do /R/ em coda silábica, pois nossos dados demonstraram haver favorecimento para o cancelamento de /R/ diante da vogal dorsal.

Em relação à variável independente linguística contexto fonológico seguinte, o contraste entre os números relacionados aos municípios pesquisados demonstrou que os contextos que (des)favorecem a realização da variante retroflexa foram distintos. A análise inicial dos dados relativos à cidade de Ituiutaba apontava para a hipótese nula. Foi por meio de análises complementares, cálculo do peso relativo e log-odds, que foi possível verificar o favorecimento precedendo segmentos coronais e desfavorecimento com segmentos labiais e dorsais. Já em relação à cidade de Uberlândia, o cálculo do valor-p rejeitou a hipótese nula e, em relação às

análises do peso relativo e log-odds, comprovamos favorecimento da retroflexão precedendo segmentos labiais e coronais, desfavorecimento com segmentos dorsais.

Ao analisarmos o conjunto de dados das duas localidades, verificamos que, quanto ao segmento coronal, o favorecimento foi confirmado. As consoantes labiais, nesse momento, também demonstraram favorecimento. As dorsais demonstraram desfavorecimento para a retroflexão. O gráfico a seguir ilustra a realização da variante retroflexa em relação ao contexto fonológico seguinte.

Gráfico 4 - Variável independente contexto fonológico seguinte



Fonte: Elaboração própria.

Observando a linha referente à variante retroflexa (azul) fica evidente o favorecimento do retroflexo precedendo consoantes coronais. Com números menos expressivos, os segmentos labiais também demonstraram favorecimento. O gráfico à direita reafirma esse mesmo resultado, evidenciando a proximidade entre as duas linhas, realizações do retroflexo e o total de dados analisados, no ponto referente à consoante coronal e, em relação à labial, há uma leve aproximação entre as linhas. Já em relação aos segmentos dorsais, há um distanciamento entre elas. Conforme demonstrado na tabela 35, os dados estatísticos relacionados aos segmentos labiais e dorsais foram bastante próximos. Essa proximidade fica evidente ao observamos as linhas do gráfico.

Conforme já dito, a variável independente linguística contexto fonológico seguinte apresentou números diferentes nas duas localidades pesquisadas. Em Ituiutaba, as consoantes labiais desfavoreceram a realização da variante retroflexa, com 46,29% das realizações e peso relativo de 0,37. Em Uberlândia os resultados relacionados às consoantes labiais demonstraram favorecimento para a retroflexão, com 60,18% das realizações e peso relativo de 0,62. A análise

do total de dados das duas localidades confirmou os resultados anteriormente encontrados para as consoantes coronais e dorsais. Quanto aos contextos com consoante labial os dados estatísticos demonstram uma maior proximidade com o ponto neutro: peso relativo de 0,53 e log-odds de 0,01. Silva (2016) observou, em seus resultados, que os contextos referentes à pausa e ao segmento labial ficaram próximos ao ponto neutro, ou seja, não demonstraram favorecimento ou desfavorecimento para a realização da variante retroflexa. O contexto seguinte coronal favoreceu a realização do segmento e o contexto seguinte dorsal desfavoreceu a realização da variante retroflexa.

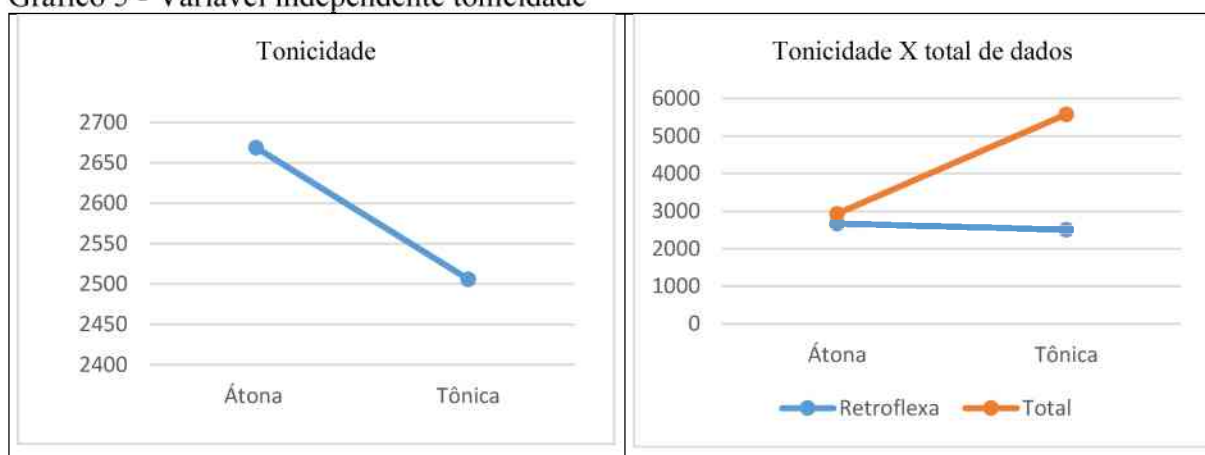
Collet (2020), em seu estudo sobre a *Variação linguística ao longo da vida em situação de contato dialetal: a variação do rótico em coda e das oclusivas dentais em ataque* verificou, em relação ao contexto fonológico seguinte, resultados diferentes dos encontrados em nossa pesquisa, quanto aos contextos labiais e dorsais. Em seus dados, Collet (2020) constatou que os três contextos: labial, coronal e dorsal favoreceram a variante retroflexa. A consoante labial, com 24,24% dos dados, apresentou peso relativo de 0,731 e valor de log-odds de 1,000. A consoante coronal, com 15,9% de frequência, apresentou peso relativo igual a 0,675 e log-odds de 0,733. A consoante dorsal, com 21,4% de frequência, apresentou peso relativo 0,652 e log-odds com valor de 0,626.

Os resultados de Oushiro (2015, p.106) revelam, em relação ao *contexto fônico*, que a variante retroflexa é favorecida quando o /R/ é precedido por vogal [-alta] e seguido de consoante [+coronal]. Os dados da pesquisa apontaram, de acordo com os pesos relativos verificados, que há “uma forte tendência à assimilação com a vogal que precede (-r) e, em menor medida, com a consoante seguinte. Os resultados de Oushiro (2015) demonstraram, também, que há favorecimento do retroflexo quando seguido de consoantes com traço [+sonoro], indicando, nesse contexto, a relevância do traço de sonoridade. Para a autora, o favorecimento do retroflexo seguido de consoante [+ coronal] não era esperado, pelo fato de o tepe, variante similarmente controlada em seu estudo, também compartilhar esse traço. Em nossos dados, entretanto, o fato de analisarmos uma região em que há predominância da variante retroflexa fez com que esse resultado fosse esperado, visto que o número de ocorrências de outras variantes, em nosso estudo, foi extremamente reduzido.

No que se refere à tonicidade, Ricardo (2022, p. 84), em sua pesquisa acerca da variante retroflexa em coda silábica em cinco municípios no entorno de Porto Alegre, embora tenha utilizado a divisão sílaba tônica versus sílaba átona, inicialmente tinha como objetivo verificar o favorecimento ou desfavorecimento que os diferentes graus de tonicidade atribuídos às sílabas poderiam exercer sobre a variação de /R/ em coda. Conforme a pesquisadora, “o /r/ retroflexo

se configura por uma alta energia e tenderia a preferir sílabas acentuadas, esperaríamos que houvesse uma diferença significativa entre essas três qualidades silábicas.” Nos dados da autora, entretanto, os contextos pretônicos e postônicos não apresentaram diferença significativa (valor-p = 0,06143). Cabe ressaltar que a pesquisa de Ricardo (2022) considerou um conjunto de variáveis dependentes: a) vibrante alveolar; b) tepe alveolar; c) retroflexo; d) sons posteriores (fricativas velar, uvular e glotal) e e) apagamento. Em nossa pesquisa, em relação à realização do /R/ em coda silábica, o intento foi a busca do /R/ retroflexo como sintomático do DC. Nesse sentido, a variante retroflexa (variável resposta) foi confrontada com os números relativos a outras variantes do /R/ em coda silábica amalgamadas ao apagamento. O gráfico a seguir ilustra a realização da variante retroflexa em relação às sílabas tônicas e átonas.

Gráfico 5 - Variável independente tonicidade



Fonte: Elaboração própria.

Observando a linha referente à variante retroflexa (azul) fica evidente o favorecimento do retroflexo em sílabas átonas e o declínio da linha demonstrando o desfavorecimento em sílabas tônicas. O gráfico à direita reafirma esse mesmo resultado, demonstrando que, em relação às sílabas átonas, a porcentagem foi bastante expressiva, superior a 75,00%. Foram 2930 sílabas átonas, das quais 2669 foram realizações da variante retroflexa. Esses números correspondem aos que foram levantados na seção destinada à análise do apagamento. Naquele momento, verificamos que em sílabas átonas apenas 3,72% dos dados eram referentes ao apagamento.

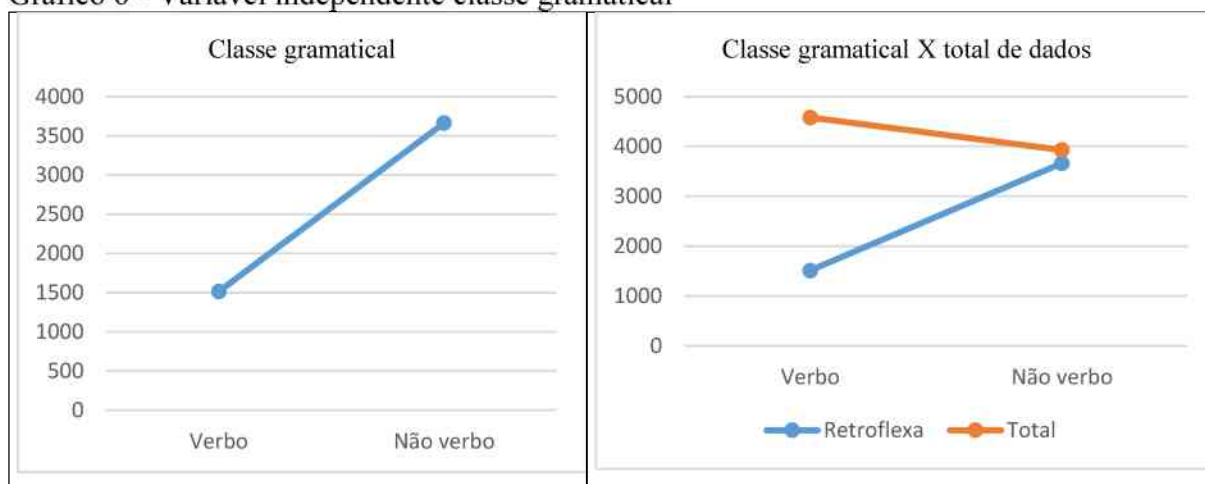
Os Resultados de Ricardo (2022) e Oushiro (2015) contrastam com os resultados encontrados em nossos dados, pois essas pesquisadoras encontraram, em seus estudos, maior

frequência do /R/ retroflexo em sílabas tônicas em comparação a sílabas átonas. Esses resultados são semelhantes aos encontrados por Collet (2020). A pesquisadora afirma que em seus dados a retroflexão é mais frequente em sílaba tônica, com uma frequência 20,7%, peso relativo de 0,579 e log-odds de 0,318. Em sílaba átona não houve favorecimento para a produção da variante retroflexa, pois o peso relativo foi igual a 0,421 e log-odds de -0,318.

Nossos dados não confirmaram, portanto, nossa hipótese de que a sílaba tônica seria favorecedora da realização da variante retroflexa pela proeminência da sílaba em que se encontra, embora corroborem estudos como os de Callou; Moraes; Leite (1996), Leite (2010), dentre outros, que apontam para o fato de o apagamento ocorrer com maior frequência na sílaba tônica. Resultado semelhante ao que obtivemos pode ser verificado em Silva (2016). O autor também partiu da hipótese de que a variante retroflexa seria favorecida pela sílaba tônica, em função da proeminência acentual da sílaba em que ocorre. Entretanto os resultados encontrados em seu estudo demonstraram que, em relação à sílaba tônica, o peso relativo ficou próximo ao ponto neutro e a sílaba átona mostrou-se favorável à variante retroflexa. Ao realizar um cruzamento dos dados referentes à sílaba tônica e ao posicionamento da sílaba na palavra, foi possível verificar que “palavras terminadas em /R/ tendem a ser acentuadas e geralmente são as que mais sofrem o apagamento, principalmente quando se trata de verbos.” (SILVA, 2016, p.92).

Quanto à classe gramatical, dividimos nossos dados em verbos e não verbos e foi possível verificar que os não verbos favoreceram a realização da variante retroflexa em ambas as localidades pesquisadas, confirmando nossa hipótese de pesquisa. No gráfico a seguir trazemos a relação entre a classe gramatical e a variante retroflexa.

Gráfico 6 - Variável independente classe gramatical



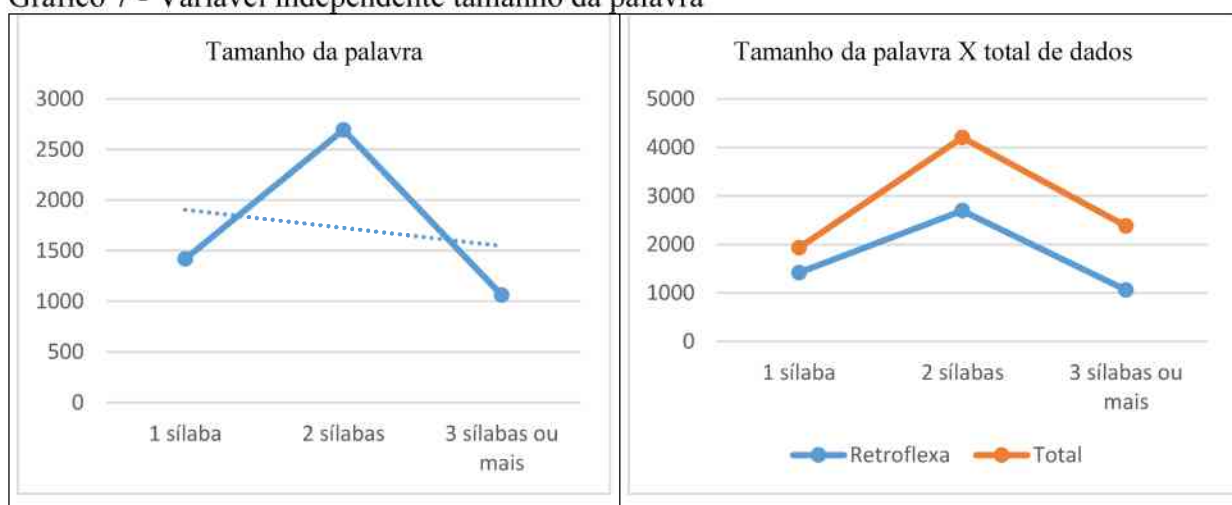
Fonte: Elaboração própria.

Observando a linha referente à variante retroflexa fica evidente o favorecimento da variante retroflexa em não verbos e o declínio da linha demonstrando o desfavorecimento em verbos. Oushiro (2015) observou que, em relação à variável *classe da palavra*, o retroflexo é mais favorecido em palavras menos gramaticais em relação a palavras mais gramaticais e o morfema de infinitivo. Silva (2016, p. 98) verificou em seus dados que os “substantivos apresentaram um peso de 0,968, indicando a realização categórica do retroflexo; outros apresentaram um peso de 0,803, favorecendo, também, a variante retroflexa.” Já em relação ao verbo o peso foi de 0,117 indicando o desfavorecimento da variante retroflexa.

Quando realizamos as análises realizando o cruzamento entre categoria gramatical, tamanho do vocábulo e posição da coda no final de sílaba constatamos que existe uma relação significativa entre esses contextos e a realização retroflexa do /R/ em coda silábica (conforme será demonstrado na próxima seção). Nesse contexto, cabe destacar que o apagamento, conforme analisado na seção *O apagamento do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia* é favorecido pela classe gramatical verbos e pela posição da coda no final da palavra.

Em relação ao tamanho da palavra, partimos do princípio da saliência fônica e, nesse sentido, nossa hipótese era que a maior extensão da palavra (três sílabas ou mais) poderia favorecer o apagamento do /R/ e, por conseguinte, as palavras menos extensas (uma e duas sílabas) seriam favorecedoras da variante retroflexa. O gráfico a seguir ilustra nossos resultados.

Gráfico 7 - Variável independente tamanho da palavra

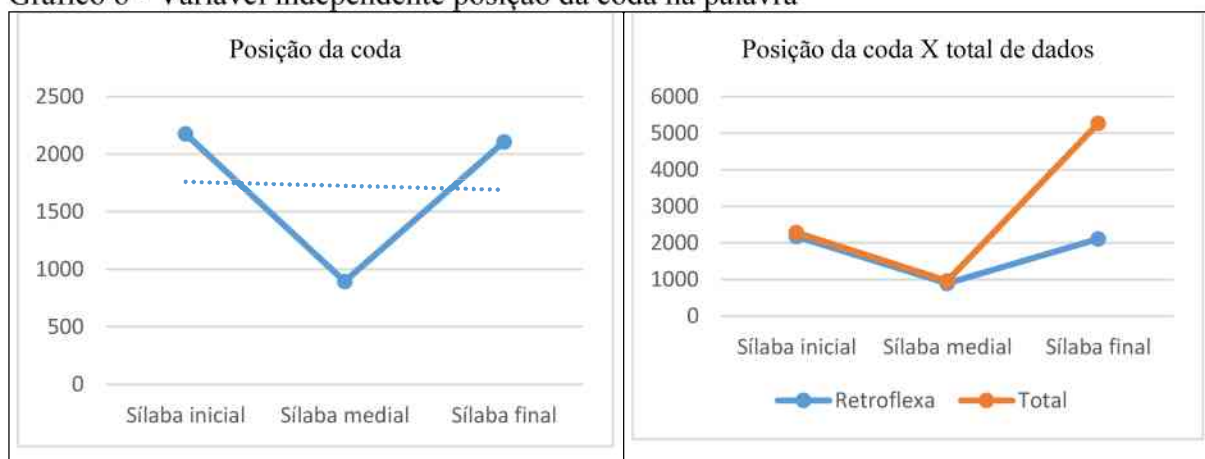


Fonte: Elaboração própria.

A linha azul, referente à realização da variante retroflexa, demonstra o favorecimento dessa variante em palavras com uma e com duas sílabas, com porcentagens de 73,60% e 64,11% respectivamente. Esses resultados confirmam nossa hipótese de pesquisa, pois mostraram o favorecimento da realização da variante retroflexa em ambas as localidades nesses contextos. Em relação a palavras com três sílabas ou mais a totalidade dos dados das duas localidades revelaram desfavorecimento para a realização da variante retroflexa, conforme os dados da tabela 35. Silva (2016, p. 104) observou que “as palavras de uma sílaba favoreceram mais a realização retroflexa, com um peso relativo de 0,602, enquanto as de duas e as de três ou mais sílabas ficaram próximas ao ponto neutro, com pesos relativos, respectivamente, 0,452 e 0,516”. Nesse sentido, Callou, Moraes, Leite (1996) e Monaretto (2000) apontam como relevante para o processo de cancelamento de /r/ em coda a maior dimensão das palavras e, desse modo, haveria uma preservação do fone em vocábulos de menor dimensão, principalmente em relação aos *nomes*.

Por fim, analisamos a posição da sílaba em que é encontra a coda e, nesse contexto, mais uma vez encontramos dados semelhantes nas duas localidades. As posições sílaba inicial e sílaba medial mostraram-se favorecedoras para a realização da variante retroflexa, a posição da sílaba no final da palavra mostrou-se desfavorecedora para a realização da variante em estudo, confirmando nossa hipótese de pesquisa. O gráfico a seguir ilustra esses resultados.

Gráfico 8 - Variável independente posição da coda na palavra



Fonte: Elaboração própria.

Observando a linha referente à variante retroflexa fica evidente o favorecimento da variante retroflexa em sílabas inicial e medial e o declínio da linha demonstrando o desfavorecimento em sílaba final. Os resultados encontrados em relação a posição da coda na palavra confirmam nossa hipótese de pesquisa pois acreditávamos, embasados nos estudos de Callou; Moraes; Leite (1996), Leite (2010), Oushiro (2015), Silva (2016), que a posição final de palavra seria favorecedora do cancelamento do /R/. Nas duas posições, inicial e medial, nossos dados trouxeram porcentagens superiores a 90% em relação à realização da variante retroflexa.

Torna-se importante destacar, por fim, que trabalhos como os de Ricardo (2022), Oushiro (2015), Silva (2016), dentre outros, embora nem sempre apresentem consonância com os resultados encontrados em nosso estudo, demonstram claramente a relevância dos fatores linguísticos para a variação do /R/ em coda silábica. Nesse aspecto, Ricardo (2022, p.96) afirma que a variante retroflexa “sofre clara influência de variáveis linguísticas, principalmente daquelas associadas a propriedades fonéticas e prosódicas: é favorecido depois de vogais que apresentam traço [+baixo], antes de pausas, e de consoantes coronais e sonoras, e em sílabas tônicas.” Afirma, ainda, que em seu estudo foi possível perceber que as “variáveis de caráter morfológico também exercem influência sobre a variação de /r/ em coda, ainda que, em nossa visão, em menor grau.” Oushiro (2015, p. 121) salienta que, na cidade de São Paulo, a variante retroflexa é linguisticamente favorecida quando precedida de vogal [-alta], seguida de consoante [+coronal], em palavras menos gramaticais, em sílabas tônicas e em final de palavra. Em nossos dados, verificamos que a variante retroflexa foi favorecida em contextos linguísticos específicos: vogais labiais e coronais; consoantes coronais; sílabas átonas; não verbos; palavras com uma e com duas sílabas; coda em sílaba inicial e medial, conforme demonstrado nessa seção. É importante destacar que, diferente das pesquisas realizadas por Oushiro (2015) e Ricardo (2022) que analisaram regiões em que havia a concorrência entre outras variantes e a variante retroflexa, nossa análise recaiu sobre dois municípios em que há predomínio da variante retroflexa. Assim, em nossos dados, a concorrência verificada, em determinados contextos, foi entre a variante retroflexa e o apagamento, já que outras variantes apresentaram uma porcentagem extremamente pequena.

Nossos resultados contrastam com os de Oushiro, ainda, em relação às variáveis extralinguísticas, uma vez que em seu trabalho, houve a constatação de que a variante retroflexa é favorecida por “falantes de classes sociais mais baixas, residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias de migrantes do Norte e Nordeste do país.” Em nossos dados, verificamos que os

contextos extralinguísticos não demonstraram favorecimento ou desfavorecimento para a realização da variante retroflexa, sendo essa a variante mais recorrente em todos os contextos extralinguísticos controlados.

Na próxima seção, realizaremos as análises de regressão, a fim de verificarmos a correlação entre nossos dados.

6.11 Análises de regressão

Para as análises de regressão que serão apresentadas nessa seção, foi utilizado o conjunto de dados referentes à variante retroflexa nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia e, em relação ao apagamento e à realização de outras variantes, os dados foram amalgamados.⁴⁰ Como já afirmado, a variável dependente (resposta) de nosso estudo é a variante retroflexa do /R/ em coda silábica, como em: po[ɻ]ta, impo[ɻ]tante, dirigi[ɻ]. As variáveis independentes (preditoras) controladas foram definidas embasadas em estudos anteriores: Callou; Moraes e Leite (1996), Leite (2010), Oushiro (2015), Rennie (2011, 2016) e a partir de hipóteses sobre quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos poderiam ter efeito sobre a produção do /R/ em coda silábica. Nesse contexto, foram definidas seis variáveis independentes linguísticas: núcleo silábico, contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba, categoria gramatical, tamanho da palavra, posicionamento da sílaba na palavra e três variáveis independentes extralinguísticas (ou sociais): faixa etária, nível de escolaridade e localidade.

A frequência global de realização da variante retroflexa em posição de coda silábica foi de 60,83%. Em números absolutos, a porcentagem corresponde a 5175 dados de realização da variante retroflexa nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia. A partir desses números, iniciamos as rodadas no programa estatístico, a fim de realizarmos as análises de regressão. Nossa intenção, nesse momento, foi correlacionar as variáveis independentes linguísticas a fim de verificar em que medida essa correlação condiciona a realização da variante retroflexa.

Iniciamos nossas análises realizando uma análise linear multivariada. Para tanto, relacionamos a variável dependente às variáveis independentes, para que o programa realizasse a correlação⁴¹. É importante esclarecer que, na análise linear multivariada o coeficiente de

⁴⁰ A amalgamação dos dados se fez necessária pois, nesse momento, interessava-nos os dados relativos à variante retroflexa, objeto de nosso estudo. Para além, os dados relacionados a outras variantes, colhidos em nossa pesquisa, foram muito pequenos e não permitiram a realização das rodadas no programa estatístico.

⁴¹ A análise de correlação é estabelecida entre duas variáveis em cada análise.

correlação (R) possibilita a verificação da força da correlação entre as variáveis. A fim de verificarmos esses números, realizamos o teste de *Spearman*.⁴²

Tabela 36 - Matriz de Correlações

		Tonicidade	Categoria	Tamanho	Posição
Tonicidade	R	—			
	valor-p	—			
Categoria	R	0,448	—		
	valor-p	< 0,001	—		
Tamanho	R	0,186	0,056	—	
	valor-p	< 0,001	< 0,001	—	
Posição	R	-0,660	-0,498	0,043	—
	valor-p	< 0,001	< 0,001	< 0,001	—

Fonte: Elaboração própria.

A análise da tabela nos revela que, em todos os contextos selecionados pelo programa, a correlação é significativa, pois foi atribuído um valor-p < 0,05. Em seguida, avaliamos o coeficiente de correlação (R) e, nesse contexto, verificamos que há forte correlação entre categoria, tonicidade, tamanho e posição, confirmando nossas análises anteriores, pois conforme dito, esses contextos favorecem a variante retroflexa.

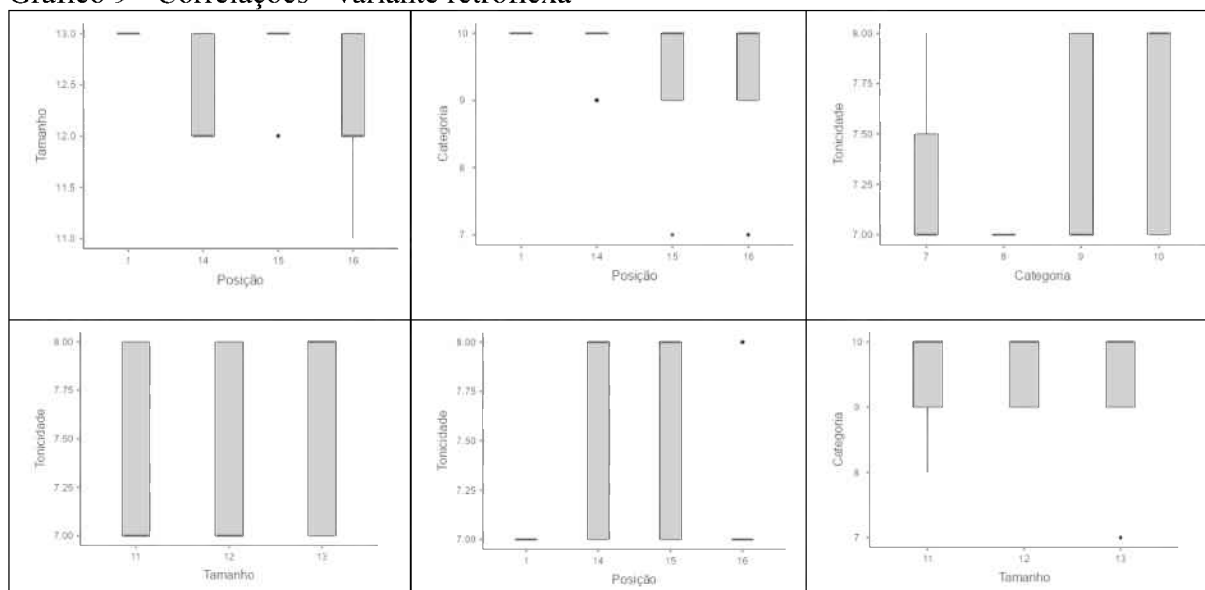
O gráfico 9⁴³ ilustra essas correlações.⁴⁴

⁴² O teste de *Spearman* analisa a correlação entre as variáveis, ou seja, ele analisa se, quando o valor de uma variável aumenta ou diminui, o valor da outra variável aumenta ou diminui.

⁴³ Observamos no boxplot a variante retroflexa e a interação entre as variáveis independentes que podem (des)favorecer a ocorrência dessa variante. Um boxplot é formado por três semirretas horizontais, duas verticais (centrais), um losango e pontos. Outliers, são observações altas ou baixas demais e são representadas por pontos. O valor médio é representado por um losango e a barra horizontal central representa o valor mediano da variável quantitativa. As linhas verticais representam os valores mais altos e mais baixos obtidos.

⁴⁴ Os gráficos boxplots foram construídos utilizando os números absolutos relacionados às variáveis independentes e legendados conforme os dados de codificação disponibilizados no apêndice.

Gráfico 9 - Correlações - variante retroflexa



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico, observamos, conforme anteriormente dito, que há maior correlação para a realização da variante retroflexa em palavras com uma e com duas sílabas, naquelas em que a sílaba em que se encontra a coda silábica em análise ocupa a posição inicial ou medial, em sílabas átonas e em não verbos. A observação dos gráficos corrobora esses resultados, demonstrando, por meio das medianas, quartis e outliers essa correlação. Cabe destacar, conforme a tabela 36, a correlação negativa entre posição e tonicidade; posição e categoria. A correlação negativa (ou inversa) demonstra que valores altos de uma variável correspondem a valores baixos de outra. Esses resultados reforçam estudos como os de Monaretto (2002), Oliveira (1997), Leite (2004) que apontam para o fato de o apagamento do /R/ em coda em sílaba final de verbos ser bastante expressivo. Monaretto (2002) chama a atenção para a redundância de marcação nos verbos, presença do r-final e tonicidade (verbos no infinitivo e primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo) fato que explicaria o apagamento quase categórico. Em nosso estudo, confirmamos a prevalência do apagamento nesses contextos e, em relação à realização da variante retroflexa, por meio da análise da tabela, verificamos que essa correlação se mantém. Entretanto, os contextos favorecedores foram: em relação à tonicidade: sílaba átona, em relação à posição da sílaba na palavra: sílaba inicial e sílaba medial e, em relação à classe de palavras: não verbos. Também realizamos a análise multivariada de efeitos mistos. A tabela 37 traz os resultados encontrados.

Tabela 37 - Análise multivariada de efeitos mistos - Medidas de Ajustamento do Modelo

Modelo	R	R ²	AIC	
1	0,625	0,391	15909	
Coeficientes do Modelo – Variante				
Preditor	Estimativas	Erro-padrão	t	p
Intercepto	30,2784	0,26989	112.19	< .001
Contexto	-0,1087	0,00541	-20.07	< .001
Tonicidade	0,0724	0,01491	4.86	< .001
Categoria	-0,0383	0,01509	-2.54	0.011
Tamanho	-0,0874	0,01137	-7.68	< .001
Posição	0,0966	0,01135	8.51	< .001
	VIF	Tolerância		
Contexto	1,63	0,614		
Tonicidade	1,33	0,751		
Categoria	1,12	0,890		
Tamanho	1,33	0,752		
Posição	1,40	0,714		

Fonte: Elaboração própria.

Na análise de regressão linear, verificamos que o coeficiente de autocorrelação das variáveis preditoras de 0,284⁴⁵ (>valor-p), indica que não há autocorrelação significativa. Atestando a validade do modelo. Também analisamos o valor VIF, que avalia a multicolinearidade⁴⁶, para o qual encontramos, para todas as variáveis, valores baixos (entre 1,12 e 1,63), valores altos poderiam significar que há “competição” entre as variáveis no mesmo modelo, influenciando nos resultados obtidos. Quando isso acontece uma ou mais variáveis podem ser desnecessárias no modelo. Também verificamos o coeficiente de determinação (R²), que indica a capacidade de explicação do conjunto das variáveis independentes, o valor encontrado foi de 0,391.

6.12 Síntese do capítulo

Nesse capítulo apresentamos as análises relacionadas à produção do /R/ em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia. Apresentamos, inicialmente, os resultados relacionados à variante retroflexa, ao apagamento e a outras variantes, relacionando-os às

⁴⁵ Nesse momento, procuramos por um *valor-p* maior, pois valores menores que 0,05 significam que há autocorrelação e, assim, há redundância entre as variáveis analisadas.

⁴⁶ Em modelos de regressão, a multicolinearidade diz respeito a variáveis preditoras correlacionadas a outras variáveis preditoras. Assim, a multicolinearidade ocorre quando no modelo vários fatores são correlacionados não apenas à variável resposta, mas também uns aos outros.

variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que (des)favorecem tais realizações. Os resultados demonstraram que, em relação às variáveis independentes extralinguísticas, a faixa etária 50 anos ou mais foi a que trouxe maior número de ocorrências de outras variantes e, em contrapartida, a faixa etária entre 15 e 29 anos foi a que trouxe menor número. Em relação à escolaridade, nossa análise do valor-p revelou estarmos diante de uma hipótese nula, ou seja, o nível de escolaridade não condiciona a realização da variante retroflexa, sendo notório que ela é a mais produtiva independentemente do nível de escolaridade analisado. No que diz respeito à localidade, verificamos que as duas cidades confirmaram nossas hipóteses de pesquisa, demonstrando que a variante retroflexa é a mais recorrente. Linguisticamente, verificamos que há favorecimento da variante retroflexa nos seguintes contextos: vogais labiais e coronais; consoantes coronais; sílabas átonas; não verbos; palavras com uma e com duas sílabas; coda em sílaba inicial e medial. No quadro geral, verificamos que a variante retroflexa é a mais produtiva nas duas localidades pesquisadas, com 60,83% das ocorrências por nós encontradas. No próximo capítulo, nos dedicaremos a apresentação da metodologia dos testes de percepção do /R/ em coda silábica.

7 METODOLOGIA DOS TESTES DE PERCEPÇÃO

Neste capítulo discorreremos sobre o método adotado para o desenvolvimento de nossa pesquisa no que tange à percepção do /R/ em coda silábica. Iniciamos em 7.1 com uma breve descrição da metodologia utilizada em nossa pesquisa, em 7.2 discorreremos sobre a preparação dos estímulos, em 7.3 descrevemos cada um dos formulários criados e a aplicação dos testes.

7.1 A metodologia dos testes

O processo de percepção linguística é algo contínuo e, embora muitas vezes seja inconsciente, faz parte do processo comunicativo. Ainda que possamos depreender que as percepções sejam individuais e únicas, nas comunidades de fala, normas linguísticas e sociais são compartilhadas e, assim, encaminham-se para um certo tipo de padronização (ROCKENBACH; BATTISTI, 2021). Nesta pesquisa, nosso intuito é verificar as reações subjetivas e inconscientes despertadas nos falantes/ouvintes da variante retroflexa inquirindo-os indiretamente sobre o que pensam sobre essa variante e, para tanto, nos valeremos da técnica *verbal guise test*, desenvolvida por Agheyisi e Fishman (1970). Essa técnica é similar à técnica *matched guise* (Lambert et al. 1968), procedimento amplamente utilizado em estudos que buscam reações avaliativas subjetivas. O *matched guise* é pautado no princípio de que “existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 176). Nesse método os sujeitos participantes da pesquisa ouvem estímulos de um mesmo falante, que realiza variantes linguísticas diferentes, entretanto, para os participantes, os estímulos parecem ser provenientes de diferentes falantes. A partir da audição realizada, os participantes realizam avaliações acerca de aspectos afetivos, como sociabilidade, agradabilidade, aparência, inteligência, gentileza, dentre outros, por meio de uma escala de diferencial semântico, em que cada um dos itens é avaliado a partir de dois adjetivos opostos. Variante do *matched guise*, o *verbal guise test* utiliza estímulos provenientes de diferentes falantes. Um ponto bastante positivo é o fato de ser possível elaborar o protocolo de testagem a partir da utilização de um corpus oral previamente gravado. Assim, há uma maior fidedignidade com a ocorrência do fenômeno que se deseja analisar (FREITAG et al., 2016). Em nossa pesquisa, embora partamos dos princípios do *verbal guise test*, utilizaremos estímulos gravados a partir de sentenças previamente selecionadas. Nossa escolha de utilização dessas sentenças se deu pelo fato de necessitarmos de um

agrupamento maior de palavras que contivessem o /R/ retroflexo em coda silábica e, nesse sentido, a busca em nosso banco de dados não se mostrou satisfatória. Assim, partimos da gravação das sentenças previamente elaboradas, mas utilizando diferentes falantes, a saber: um falante que faz uso da variante retroflexa e um falante que faz uso da variante fricativa. Assim, foram feitos três formulários (dois virtuais e um presencial) destinados a moradores das cidades de Ituiutaba e Uberlândia. A participação nessas entrevistas não foi restrita aos participantes da pesquisa acerca da produção linguística, haja vista a impossibilidade de contarmos os moradores da cidade de Ituiutaba já que, conforme esclarecemos na seção 5.2, *A constituição da amostra*, utilizamos entrevistas disponíveis no arquivo do GEFONO. Um ponto importante a ser esclarecido trata da expansão dos respondentes da pesquisa para indivíduos residentes nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, naturais ou não. Assim, a única restrição quanto ao perfil dos participantes foi serem residentes nas duas cidades.

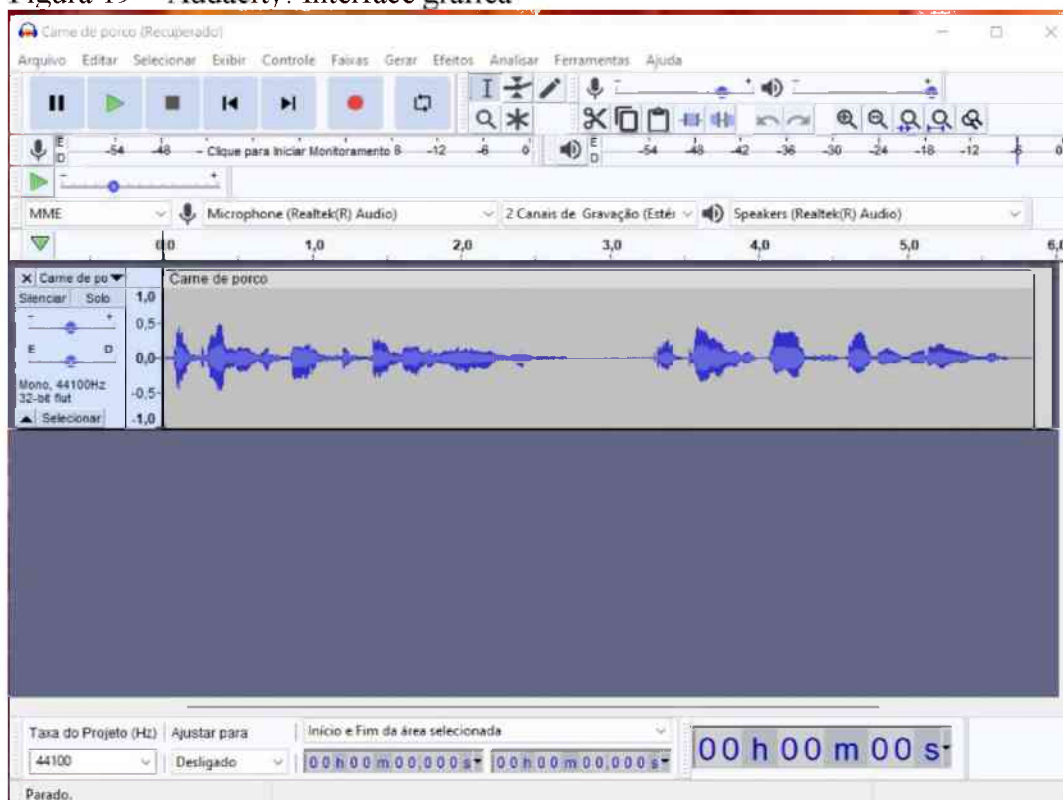
7.2 Preparação dos estímulos

No que diz respeito a confecção dos estímulos, dois falantes foram gravados proferindo quatro sentenças específicas para esse fim. Tratava-se de duas mulheres, com idade aproximada de 30 anos, com nível superior de escolaridade e residentes na cidade de Uberlândia, Triângulo Mineiro. Essa relativa homogeneidade na amostra foi necessária para que a variação ficasse, dentro do possível, restrita ao /R/ em coda silábica. Assim, foram criados pares de estímulos, similares em todos os aspectos, exceto pela pronúncia do /R/ em coda silábica, sendo que uma delas tratava-se da variante retroflexa e a outra da variante fricativa. Inicialmente, foram gravadas as duas falantes reproduzindo as mesmas sentenças que continham uma certa concentração de ocorrências de /R/ em coda silábica:

- i) A ca[ɻ]ne de po[ɻ]co está go[ɻ]durosa / A ca[x]ne de po[x]co está go[x]durosa;
- ii) A po[ɻ]ta foi co[ɻ]tada pelo ma[ɻ]ceneiro / A po[x]ta foi co[x]tada pelo ma[x]ceneiro;
- iii) A ma[ɻ]ca da pe[ɻ]na está muito ve[ɻ]melha / A ma[x]ca da pe[x]na está muito ve[x]melha;
- iv) Essa to[ɻ]ta de ca[ɻ]ne é a melho[ɻ] desse luga[ɻ] / Essa to[x]ta de ca[x]ne é a melho[x] desse luga[x].

As gravações foram tratadas no programa *Audacity* a fim de que pudéssemos realizar cortes e adequações nos áudios, para que eles tivessem o mesmo tamanho e diferissem apenas na pronúncia do /R/ em coda silábica. Inicialmente, utilizamos duas sentenças separadas e, em seguida, formamos pares com as duas falantes proferindo a mesma sentença. Nossa intenção foi criar, em um primeiro momento, um questionário, por meio do *Google Forms*, em que os informantes pudessem ouvir os estímulos, separados e/ou em pares. Posteriormente, utilizando o *Jotform*, criamos um segundo questionário com essa ferramenta que permite ao participante gravar as sentenças. Nossa intenção, nesse segundo momento, era ouvir os participantes para que assim pudéssemos avaliar nossas hipóteses de pesquisa: *os indivíduos que produzem a variante retroflexa em coda silábica reconhecem esse uso como instrumento identitário; os falantes de outras variantes do /R/ em coda silábica atribuem valorção negativa à realização retroflexa dessa variante; os falantes/ouvintes das duas localidades identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira.*

Figura 19 - Audacity: Interface gráfica



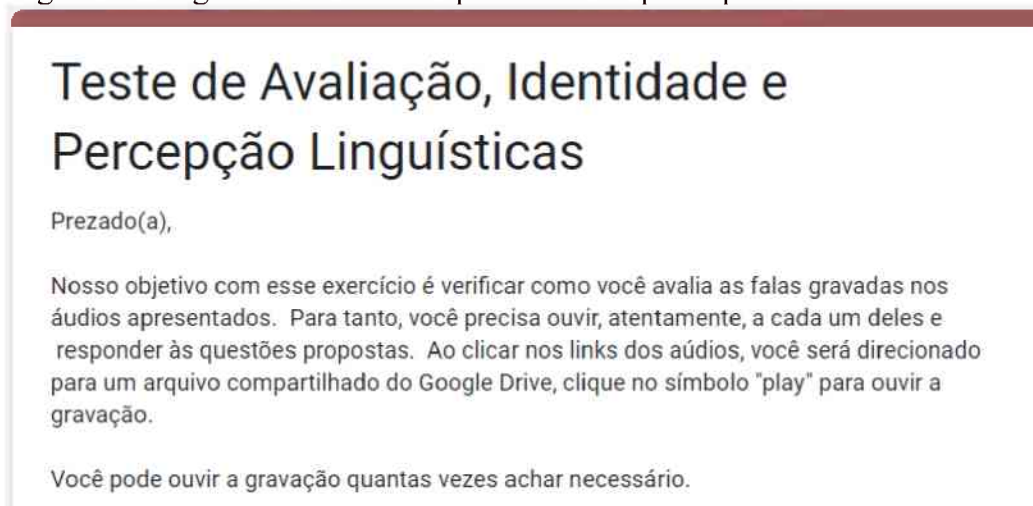
Após a criação dos pares de áudios, partimos para a elaboração dos formulários. Escolhemos, conforme já dito, duas ferramentas que julgamos mais eficientes para cumprir nossos objetivos: *Jotform* e *Google Forms*. A escolha dessas plataformas se deu pelo fato de

ambas oferecerem versões gratuitas que satisfaziam nossas necessidades de pesquisa e, além disso, são plataformas de fácil manuseio, tanto para o pesquisador que elabora os formulários quanto para os informantes que responderão.

7.3 A produção dos formulários

Realizamos a coleta de dados por meio de três tipos de formulários: um presencial e dois virtuais. Optamos por oferecer duas formas de recolha de respostas, pois, inicialmente, obtivemos um pequeno número de respondentes nos formulários virtuais. Assim, criamos um formulário para a coleta presencial (anexo nos apêndices), idêntico ao formulário virtual. Os formulários, presencial e virtual, foram criados a partir de gravações de áudio realizadas com duas falantes de variantes distintas do /R/ em coda silábica. As gravações foram utilizadas, inicialmente, em um questionário criado no *Google forms*. Os formulários Google apresentam a grande vantagem de serem compatíveis com diversos dispositivos: desktops, notebooks, tablets, celulares e, ainda, possibilitam a criação de diferentes tipos de questões: múltipla escolha, discursivas, avaliações em escala numérica, dentre outras. A ferramenta possibilita a criação de um link que pode ser disponibilizado em diferentes redes sociais e, assim, facilita a participação de um grande número de informantes. Por fim, essa ferramenta permite a utilização de áudios nas perguntas, questão crucial para a realização de nossa pesquisa. Para a criação dos formulários, inserimos, inicialmente, dois áudios curtos separados, cada um deles evidenciando uma das variantes do /R/ em coda silábica.

Figura 20 - Página do formulário apresentado ao participante



Teste de Avaliação, Identidade e Percepção Linguísticas

Prezado(a),

Nosso objetivo com esse exercício é verificar como você avalia as falas gravadas nos áudios apresentados. Para tanto, você precisa ouvir, atentamente, a cada um deles e responder às questões propostas. Ao clicar nos links dos áudios, você será direcionado para um arquivo compartilhado do Google Drive, clique no símbolo "play" para ouvir a gravação.

Você pode ouvir a gravação quantas vezes achar necessário.

Após ouvir o primeiro áudio, o participante da pesquisa deveria responder a quatro perguntas. A primeira pergunta, *Pelo tipo de fala, você acha que essa pessoa é*, trazia dez adjetivos⁴⁷ em uma escala de diferencial semântico de cinco pontos e o participante deveria marcar, a partir da impressão despertada pelo áudio, suas respostas.

Figura 21 - Página do formulário apresentado ao participante

Pelo tipo de fala, você acha que essa pessoa é:					
	1 (pouco)	2	3	4	5 (bastante)
caipira	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
sofisticada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
educada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mal-educada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
agradável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
desagradável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
preguiçosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
trabalhadora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
moradora da zona urbana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
moradora da zona rural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

As perguntas de números 2 e 3, bem como as opções de respostas oferecidas, relacionam-se diretamente às variáveis independentes extralinguísticas controladas na análise da produção linguística do /R/ em coda silábica, a saber: *Você acha que essa pessoa está em que faixa etária?*; *Para você, qual o nível de escolaridade dessa pessoa?*.

⁴⁷ Os adjetivos utilizados na escala de diferencial semântico foram embasados nos estudos de Rennieke (2011; 2016) e Oushiro (2015). Nosso intuito, nesse momento, foi utilizar características que pudessem ser analisadas de acordo com as dimensões propostas por Rennieke (2011; 2016). (cf. página 159).

A pergunta de número 4, *Preste atenção ainda à fala que está ouvindo e, em seguida, marque com um X o(s) tipo(s) de sentimento(s) que essa fala lhe desperta (assinale todas que achar pertinentes)* trazia várias opções de respostas, deixando o participante livre para marcar quantas considerasse adequadas⁴⁸. As questões de números 5, 6, 7 e 8 foram uma repetição das primeiras quatro questões, entretanto, faziam referência ao segundo áudio, no qual a falante fazia uso da variante retroflexa.

Figura 22 - Página do formulário apresentado ao participante

Preste atenção ainda à fala que está ouvindo e, em seguida, marque com um X o(s) tipo(s) de sentimento(s) que essa fala lhe desperta (assinale todas que achar pertinentes). *

- ansiedade
- tranquilidade
- empatia
- antipatia
- desconforto
- conforto
- indiferença

Na segunda parte do formulário trabalhamos com quatro pares de áudios. A introdução dessa parte trazia a seguinte mensagem: *Você ouvirá quatro pequenos trechos de entrevistas com duas pronúncias diferentes em cada um deles. A tarefa que você realizará consiste em identificar qual das duas pronúncias se assemelha mais à fala dos moradores do Triângulo Mineiro e, também, qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como você fala.* Após cada par de áudio o participante deveria responder a duas questões: *Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como os moradores do Triângulo Mineiro falam?; Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como você fala?*. Para as duas perguntas foram

⁴⁸ Nesse momento, embasados em Oushiro (2015), escolhemos seis pares de substantivos abstratos que estabelecessem sentimentos contrários. Acrescentamos aos três pares uma opção que indicaria indiferença do participante em relação aos áudios ouvidos.

oferecidas as mesmas possibilidades de repostas: *a primeira fala do áudio, a segunda fala do áudio.*

A terceira e última parte do questionário foi destinada a questões sobre os participantes: *Qual o seu nome?; Qual a sua idade?; Escolaridade; Cidade em que mora; Há quanto tempo reside nessa cidade?; Você gosta de morar nessa cidade? Por quê?; Você mudaria dessa cidade? Por quê?*. A seção foi introduzida pelo seguinte texto: *Por favor, fale-me um pouco sobre você. (As informações coletadas abaixo são para fins estatísticos e não serão divulgadas e/ou compartilhadas)*. Finalizado o questionário, bastava que o participante clicasse em enviar, antes do botão *Enviar*, entretanto, colocamos um pequeno lembrete para que o participante não se esquecesse de responder ao segundo questionário, o qual foi criado na plataforma *Jotform*.

A escolha do *Jotform* se deu pelo fato de o programa oferecer uma função de gravação das respostas. Assim, criamos um formulário, no qual pedimos aos participantes que gravassem as quatro sentenças informadas anteriormente. Os falantes foram orientados a clicarem em *Record* antes da leitura de cada uma das sentenças e, após cada gravação, deveriam clicar em *Stop*, assim o áudio gravado era direcionado para o Drive destinado ao armazenamento das respostas.

Figura 23 - Página do formulário apresentado ao participante

Teste de Avaliação, Identidade e Percepção Linguísticas

Gostaríamos de ouvir você também, por isso pedimos que você grave as frases a seguir. Para tanto, basta você clicar no microfone e fazer a leitura das quatro frases disponibilizadas. Ao terminar de gravar cada uma das frases, clique em stop e, em seguida, clique em próximo. Quando terminar de gravar as quatro frases, clique em enviar.

A carne de porco está gordurosa.

Record Play 0:00

Recording saved. ✓

Próximo

Após a gravação dos áudios pedimos aos participantes que respondessem a seis perguntas: *Qual seu nome?*; *Qual seu nível de escolaridade?*; *Qual sua idade?*; *Qual cidade você nasceu?*; *Em que cidade você mora?*; *Há quanto tempo reside nessa cidade?*. Embora essas perguntas estivessem presentes no primeiro questionário, criado no *Google Forms*, acreditamos que elas seriam fundamentais para que pudéssemos identificar os participantes e, além disso, embora tenhamos criado uma mensagem inicial na qual pedíamos aos participantes que respondessem aos dois formulários, não era possível garantir que todos realizassem a tarefa completa.

Os áudios disponíveis nos formulários foram armazenados no *Google Drive* e assim que o participante clicava no link, era direcionado para a pasta em que o áudio foi guardado. De maneira semelhante o *Jotform* armazena os áudios gravados pelos participantes no *Drive*. Após a confecção dos formulários, realizamos testes a fim de determinarmos a eficácia deles, bem como a qualidade dos áudios quando disponibilizados via redes sociais e, ainda, a naturalidade dos estímulos. Assim, após a realização dos testes, fizemos a liberação dos formulários por meio das redes: WhatsApp, Instagram e Facebook. A distribuição dos formulários foi iniciada em maio de 2022 e encerrada em janeiro de 2023.

Quanto aos formulários aplicados de maneira presencial, realizamos uma adaptação do teste virtual, conforme apêndice 2. Os testes foram realizados entre os meses de novembro de 2022 e janeiro de 2023 em ambas as localidades. Para realização da coleta presencial, levamos conosco questionários impressos, canetas, fones de ouvido e um aparelho para a reprodução dos estímulos (celular Samsung Galaxy A31). Os informantes foram abordados em diferentes bairros das duas cidades, individualmente ou em pequenos grupos e, após sinalizarem positivamente acerca da participação, iniciavam o teste. Os participantes eram instruídos a ouvirem as gravações, tentar imaginar o falante e, a partir de suas percepções, preencher o formulário. Quando necessário, os estímulos eram reproduzidos novamente, conforme solicitação dos participantes. Conforme dito, a única exigência por nós estabelecida para a participação na pesquisa era que o informante fosse residente em Ituiutaba ou em Uberlândia.

No próximo capítulo nos dedicaremos a apresentar e a analisar os resultados referentes à percepção da variante retroflexa em coda silábica nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia.

8 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS TESTES DE PERCEPÇÃO

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os resultados referentes à percepção da variante retroflexa em coda silábica. Em 8.1 apresentamos uma análise global dos testes realizados em Ituiutaba e em Uberlândia. Em 8.2 apresentamos as análises dos resultados relacionados à avaliação linguística e em 8.3 trazemos as análises dos resultados referentes à identidade linguística.

8.1 Análise global dos testes realizados em Ituiutaba e Uberlândia

Os resultados deste estudo, no que se refere à análise global das respostas atribuídas pelos ouvintes para as duas realizações de /R/ em coda silábica, indicaram que as variantes são percebidas e avaliadas de maneiras distintas nas comunidades de fala em que a pesquisa foi conduzida. Em nossa pesquisa, conforme explicitado na metodologia, utilizamos formulários disponibilizados por meio de plataformas virtuais e, também, formulários aplicados de forma presencial. Analisamos um total de 86 formulários das duas localidades, 37 formulários virtuais e 49 presenciais. O quadro a seguir traz a distribuição dos informantes por localidade e tipo de teste aplicado (virtual ou presencial).

Quadro 6- Distribuição dos informantes

Testes virtuais		
	Ituiutaba	Uberlândia
naturais	9	14
outras localidades	7	07
Total	16	21
Testes presenciais		
	Ituiutaba	Uberlândia
naturais	14	18
outras localidades	10	7
Total	24	25

Fonte: Elaboração própria.

Verificamos, em relação aos testes virtuais realizados na cidade de Ituiutaba, nove informantes nascidos e crescidos na localidade e sete informantes vindos de outras localidades que passaram a residir na cidade. No que se refere ao município de Uberlândia, dos vinte e um

formulários analisados, catorze são de pessoas naturais do município e sete são provenientes de outras localidades. Sobre os testes presenciais realizados na cidade de Ituiutaba, catorze informantes são naturais da cidade e dez são oriundos de outras localidades. Em relação à cidade de Uberlândia, dezoito são naturais da cidade e sete são migrantes.

No que diz respeito ao /R/ em coda silábica, obtivemos um total de 86 dados, dos quais 66 são realizações da variante retroflexa, 20 são realizações de outras variantes⁴⁹, conforme demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 7 - Total de dados de percepção

Total de dados		
Origem	[ɹ]	outras
Ituiutaba e Uberlândia	55	0
Outras localidades	11	20
Total	66	20

Fonte: Elaboração própria.

Os vinte e três informantes naturais de Ituiutaba fazem uso da variante retroflexa e, dentre os informantes oriundos de outras localidades, oito são falantes da variante retroflexa e nove fazem uso de outras variantes. O quadro a seguir traz os dados de Ituiutaba:

Quadro 8 - Total de dados de percepção de Ituiutaba

Ituiutaba		
Origem	[ɹ]	outras
Naturais	23	0
Outras localidades	8	9
Total	31	9

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne à Uberlândia, os trinta e dois respondentes naturais da cidade são falantes da variante retroflexa e, em relação aos migrantes, três são falantes da variante retroflexa e onze são falantes de outras variantes. O quadro a seguir corresponde ao total de dados relacionados à cidade de Uberlândia.

⁴⁹ Em nossas análises acerca da percepção linguística demos ênfase a realização da variante retroflexa, foco de nossa pesquisa e, nesse sentido, não realizamos a distinção entre as demais variantes encontradas nos testes.

Quadro 9 - Total de dados de percepção de Uberlândia

Uberlândia		
Origem	[↓]	outras
naturais	32	0
outras localidades	3	11
Total	35	11

Fonte: Elaboração própria.

Trazemos, ainda, uma tabela com as informações coletadas na terceira e última parte dos testes de percepção. Nela pedimos aos informantes algumas informações gerais: *Qual o seu nome?*; *Qual a sua idade?*; *Escolaridade*; *Cidade em que mora*; *Há quanto tempo reside nessa cidade?*; *Você gosta de morar nessa cidade? Por quê?*; *Você mudaria dessa cidade? Por quê?*. A tabela 38 traz um resumo dos dados coletados nessa seção.

Tabela 38 - Terceira parte dos testes de percepção

Idade							
15 a 29 anos		30 a 45anos		50 anos ou mais			
Nº	%	Nº	%	Nº	%		
46	53,0	28	33,0	12	14,0		
Escolaridade							
Ensino Fundamental II		Ensino Médio		Ensino Superior			
Nº	%	Nº	%	Nº	%		
4	4,6	54	62,8	28	32,6		
Tempo de moradia no município							
Nascidos e crescidos			Oriundos de outras localidades				
Nº	%	Nº	%				
55	63,95	31	36,06				
Desejo de permanecer na cidade							
Ituiutaba			Uberlândia				
Mudariam		Não mudariam		Mudariam		Não mudariam	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
5	12,5	35	87,5	3	6,5	43	93,5
Satisfação em morar na cidade							
Ituiutaba			Uberlândia				
Gostam		Não gostam		Gostam		Não gostam	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
36	90,0	4	10,0	44	95,7	2	4,3

Fonte: Elaboração própria.

A partir desses números, iniciamos a análise da primeira pergunta de nosso formulário na qual pedíamos aos participantes que atribuíssem valores às características apresentadas para as duas variantes do /R/ em coda silábica: retroflexa e fricativa. A fim de verificarmos com que frequência cada característica foi assinalada para cada variante e verificarmos a hipótese nula, realizamos testes estatísticos. Assim, apresentamos a seguir a frequência e a porcentagem de marcação das características em cada uma das localidades.

Tabela 39 - Distribuição das características – Variante retroflexa

ITUIUTABA											
	1		2		3		4		5		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Caipira	03	10,3	3	10,3	1	3,4	9	31,1	13	44,9	29
Sofisticada	3	100	0	0	0	0	0	0	0	0	3
educada	0	0	0	0	0	0	6	26,1	17	73,9	23
mal-educada	3	33,3	2	22,2	0	0	3	33,3	1	11,1	9
zona rural	2	8,3	4	16,7	5	20,8	5	20,8	8	33,3	24
zona urbana	3	13,64	2	9,0	0	0	8	36,3	0	40,9	22
agradável	0	0	0	0	0	0	4	16,6	20	83,3	24
desagradável	5	41,7	3	25,0	2	16,7	1	8,3	1	8,3	12
preguiçosa	5	38,4	4	30,7	0	0	1	7,7	3	23,8	13
trabalhadora	4	16,0	3	12,0	0	0	5	20,0	13	52,0	25
UBERLÂNDIA											
	1		2		3		4		5		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Caipira	5	16,1	4	12,9	0	0	8	25,8	17	68,0	31
Sofisticada	4	100	0	0	0	0	0	0	1	10,0	4
educada	0	0	0	0	0	0	8	32,0	9	34,6	25
mal-educada	3	30,0	3	30,0	0	0	3	30,0	9	37,5	10
zona rural	0	0	7	26,9	6	23,1	4	15,4	20	76,9	26
zona urbana	3	12,5	3	12,5	0	0	9	37,5	5	42,6	24
agradável	0	0	0	0	0	0	6	23,1	3	23,0	26
desagradável	4	33,3	4	33,3	2	16,7	1	8,3	1	8,3	12
preguiçosa	5	38,4	4	30,7	0	0	1	7,6	17	68,0	13
trabalhadora	5	19,23	2	7,6	1	3,8	10	38,4	1	0,0	26

Fonte: Elaboração própria.

Assim como fizemos em relação à variante retroflexa, apresentamos a seguir os dados referentes à variante fricativa.

Tabela 40 - Distribuição das características – Variante fricativa

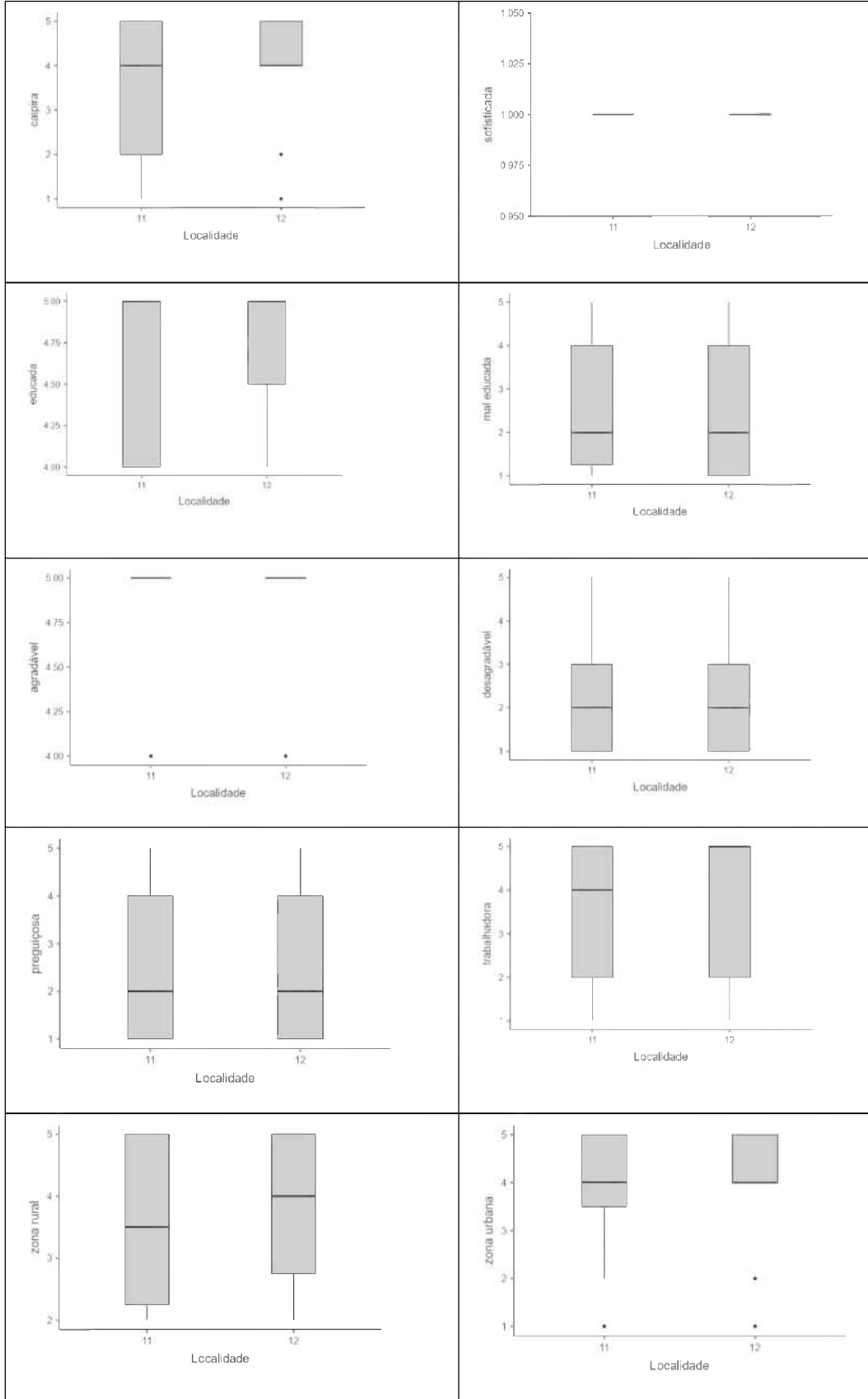
ITUIUTABA											
	1		2		3		4		5		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Caipira	2	25,0	2	25,0	0	0	0	0	4	50,0	8
Sofisticada	1	6,7	2	13,3	1	6,7	3	20,0	8	53,3	15
educada	3	12,5	4	16,7	1	4,2	3	12,5	13	54,2	24
mal-educada	3	100	0	0	0	0	0	0	0	0	3
zona rural	1	16,7	0	0	2	33,3	0	0	3	50,0	6
zona urbana	0	0	1	4,2	0	0	9	37,5	14	58,3	24
agradável	2	8,7	4	17,4	2	8,7	6	26,1	9	39,1	23
desagradável	2	11,8	1	5,9	2	11,8	6	35,3	6	35,3	17
preguiçosa	1	25,0	0	0	0	0	0	0	3	75,0	4
trabalhadora	2	11,8	2	11,8	2	11,8	2	11,8	9	52,9	17

UBERLÂNDIA											
	1		2		3		4		5		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Caipira	2	28,6	0	0	3	42,9	0	0	2	28,6	7
Sofisticada	2	15,4	1	7,7	1	7,7	4	30,8	5	38,5	13
educada	3	13,6	3	13,6	2	9,1	3	13,6	11	50,0	22
mal-educada	1	100	0	0	0	0	0	0	0	0	1
zona rural	2	40,0	1	20,0	0	0	0	0	2	40,0	5
zona urbana	2	8,3	1	4,2	0	0	8	33,3	13	54,2	24
agradável	3	13,6	3	13,6	3	13,6	6	27,3	7	31,8	22
desagradável	2	11,8	3	17,6	3	17,6	4	23,5	5	29,4	17
preguiçosa	1	33,3	0	0	0	0	0	0	2	66,7	3
trabalhadora	1	6,7	3	20,0	2	13,3	2	13,3	7	46,7	15

Fonte: Elaboração própria.

As tabelas 39 e 40 mostram a frequência e a proporção com que as características foram assinaladas para cada uma das variantes em estudo. Nelas apresentamos o número total e a porcentagem de marcações relacionadas a cada uma das características de acordo com o estímulo ouvido. A observação das tabelas nos revela que os resultados encontrados nas duas cidades foram bastante próximos, tanto no que se relaciona ao estímulo com a variante retroflexa, quanto com a variante fricativa. Os gráficos apresentados a seguir ilustram os resultados referentes à Ituiutaba e Uberlândia. Neles, atribuímos, a título de codificação, o número 11 para Uberlândia e 12 para Ituiutaba.

Gráfico 10 - Resultados referentes à variante retroflexa em Ituiutaba e Uberlândia

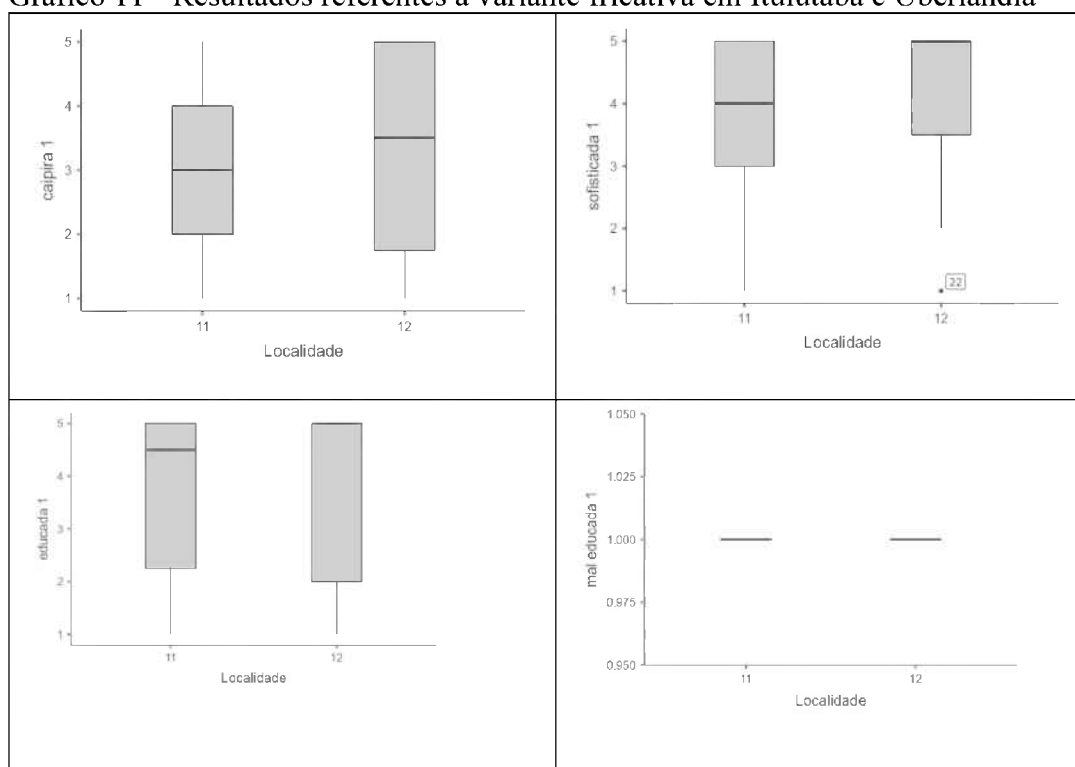


Fonte: Elaboração própria.

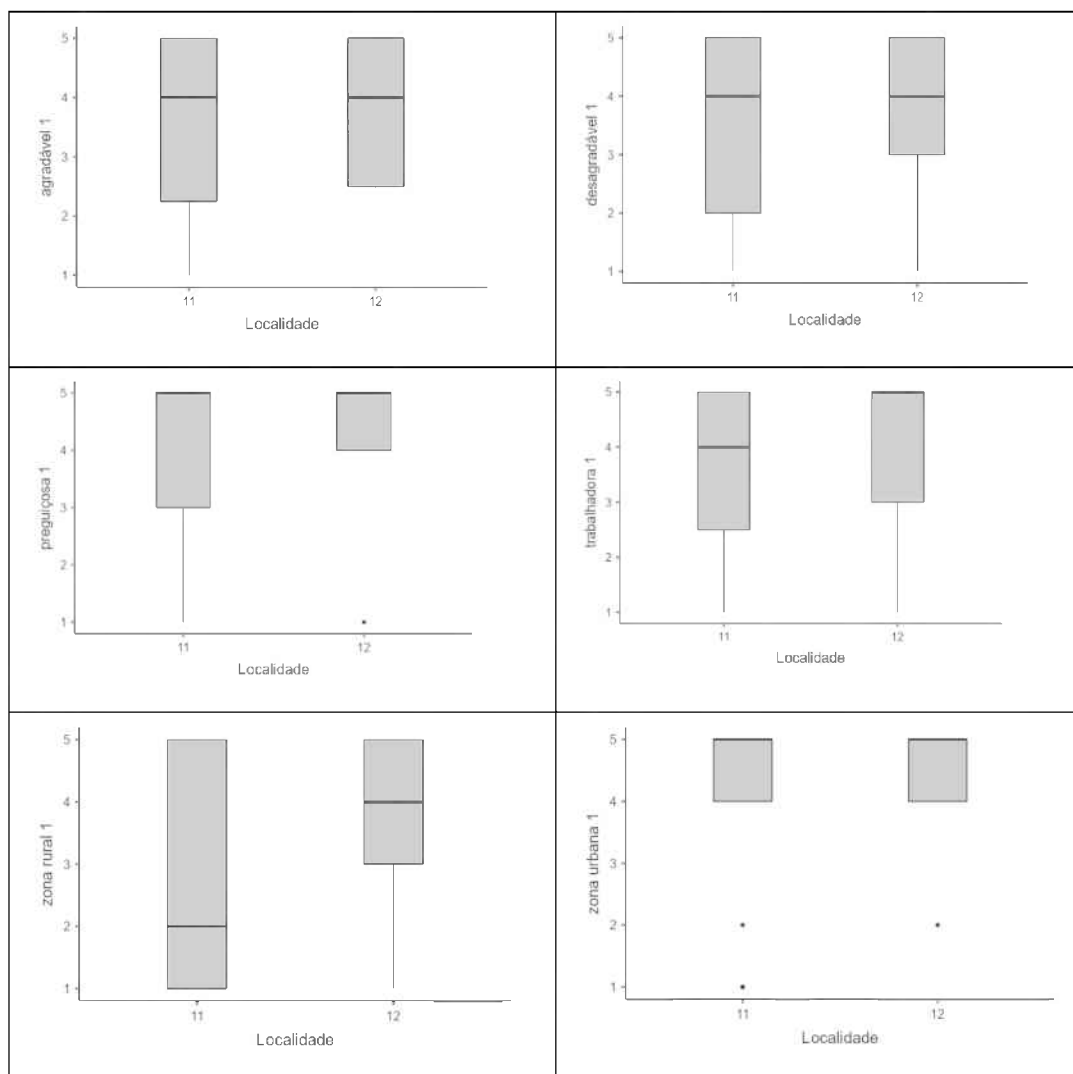
Observando a mediana, podemos verificar que *sofisticada*, *agradável*, *desagradável* e *preguiçosa* foram igualmente avaliados nas duas localidades. Em relação à *caipira*, temos em nossos resultados a mediana em 4 e os quartis⁵⁰ redistribuídos de acordo com esse resultado. Embora a mediana seja coincidente nos resultados dos dois municípios, podemos verificar que os dados dos quartis e *outliers* não são. Isso se deve ao fato de encontrarmos, em ambas as localidades, uma maior concentração de respostas nos níveis 4 e 5, contudo em relação aos níveis 1-2-3 não houve a mesma simetria de respostas, conforme pode ser observado na tabela 39. Essa discrepância nos quartis e outliers também pode ser percebida em relação à *educada*, *mal-educada* e *moradora da zona urbana*. Observamos, ainda, que em *moradora da zona rural* e *trabalhadora* há valores diferentes para as medianas, entretanto, por avaliarmos as características em uma escala, os valores 4 e 5 são considerados positivos por serem valores mais próximos a bastante (5), valor máximo da escala.

Em relação à variante fricativa, nossos dados também se mostraram bastante coincidentes, conforme apresentamos no gráfico 11.

Gráfico 11 - Resultados referentes à variante fricativa em Ituiutaba e Uberlândia



⁵⁰ A dispersão dos dados pode ser representada pelo intervalo interquartilico (tamanho da caixa) ou ainda pela amplitude. Outliers indicam possíveis valores discrepantes.



Fonte: Elaboração própria.

Observando a mediana, podemos verificar que *agradável* foi igualmente avaliada nas duas localidades. Em relação à *caipira*, embora haja uma leve elevação da mediana em Ituiutaba (12) ainda podemos verificar uma tendência à neutralidade dos dados ao verificarmos uma concentração no primeiro quartil. Em *sofisticada*, *trabalhadora*, *moradora da zona urbana*, *preguiçosa*, *desagradável* e *educada* os dados concentram-se em 4-5, conforme as medianas e, nesse contexto, aproximam-se bastante do valor máximo, embora tenhamos divergências em relação aos quartis e outliers. Em *mal-educada* verificamos a mediana em 1, apontando para a neutralidade. Moradora da zona rural foi a única característica que trouxe divergência em relação às duas cidades. Em relação à Uberlândia temos a mediana em 2 e, em relação à Ituiutaba a mediana foi 4.

É de suma importância ressaltar que, até aqui, apresentamos os números apontados pelos respondentes para cada uma das características e suas respectivas porcentagens. Alguns atributos como *sofisticada*, *mal-educada* e *preguiçosa*, a depender do estímulo ouvido, receberam menos de 10 marcações em todos os níveis e, ainda, por se tratar de uma escala de diferencial semântico, pontuações nos níveis mais baixos estão relacionadas a *pouco*.

A fim de que pudéssemos prosseguir com as análises, realizamos a verificação do *valor-p* para identificar as características que mostrariam relevância em nossos dados. Em razão de os números obtidos nas duas localidades serem bastante similares, fizemos uma análise do conjunto, reunindo os dados de Ituiutaba e Uberlândia. Nesse contexto, em relação a variante fricativa, das 10 características controladas, verificamos que *mal-educada* não foi relacionada pelo programa estatístico como significativa, pois foi associada a um valor-p $>0,05$ ⁵¹. Em relação à variante retroflexa, verificamos que somente *sofisticada* não foi selecionada pelo programa. Nossa próxima análise buscou verificar o condicionamento da localidade em relação às respostas dadas. Para tanto, foi realizada uma análise multivariada de efeitos mistos, a fim de verificar se as mesmas características seriam relevantes. Nessa análise, a variante (retroflexa ou fricativa) foi incluída como variável dependente, a fim de analisarmos as correlações com diversas características simultaneamente. Como variáveis independentes, foram incluídas as características que se mostraram relevantes. Cabe destacar que, diferentemente das análises realizadas em relação à produção, em que analisamos quais variáveis (des)favoreceriam a variação de /R/ em coda silábica, nosso intuito, nesse momento, foi verificar se o estímulo ouvido (retroflexa ou fricativa) teria influência na atribuição das características atribuídas pelos falantes. Por meio da análise confirmamos os resultados anteriormente descritos acerca da relevância das características para cada uma das variantes.

Amparados em Rennie (2011; 2016), agrupamos as características atribuídas aos falantes de acordo com as seguintes dimensões: i) Status: caipira/sofisticada; ii) Competência: educada/mal-educada; iii) Nível de urbanização: moradora da zona urbana/moradora da zona rural; iv) Solidariedade: preguiçosa/trabalhadora; agradável/desagradável. Os resultados de nosso estudo serão apresentados na tabela a seguir.

⁵¹ Os resultados do teste estatístico foram disponibilizados nos apêndices.

Tabela 41 - Distribuição das características

Dimensões	Variante retroflexa					Total	Valor-p
	%						
	1	2	3	4	5		
Status							
Caipira	13,3	13,3	0	28,3	45,0	60	< ,001
Sofisticada	100	0	0	0	0	7	--
Competência							
educada	0	0	0	29,2	70,8	48	< ,001
mal-educada	31,6	26,3	0	31,6	10,5	19	0,003
Nível de urbanização							
zona rural	0	26,0	22,0	18,0	34,0	50	< ,001
zona urbana	13,0	10,9	0	37,0	39,1	46	< ,001
Solidariedade							
agradável	0	0	0	20,0	80,0	50	< ,001
desagradável	37,5	29,2	16,7	8,3	8,3	24	< ,001
preguiçosa	38,5	30,8	0	7,7	23,1	26	< ,001
trabalhadora	19,6	9,8	0	29,4	41,2	51	0,001
Variante fricativa							
Dimensões	%					Total	Valor-p
	1	2	3	4	5		
Status							
Caipira	26,2	13,3	20,0	0	40,0	15	0,004
Sofisticada	10,7	10,7	7,1	25,0	46,4	28	< ,001
Competência							
educada	13,0	15,2	6,5	13,0	52,2	46	< ,001
mal-educada	100	0	0	0	0	4	--
Nível de urbanização							
zona rural	27,3	9,1	18,2	0	45,5	11	< ,007
zona urbana	4,2	4,2	0	35,4	56,3	48	< ,001
Solidariedade							
agradável	11,1	15,6	11,1	26,7	35,6	45	< ,001
desagradável	11,8	11,8	14,7	29,4	32,4	34	0,001
preguiçosa	28,6	0	0	0	71,4	7	< ,001
trabalhadora	9,4	15,6	12,5	12,5	50,0	32	< ,001

Fonte: Elaboração própria.

No quadro, apresentamos as porcentagens das marcações realizadas pelos respondentes, o número total de marcações que cada uma das características recebeu e o valor-p. Os números de 1 a 5 representam as pontuações atribuídas a cada característica, de acordo com a escala de diferencial semântico de cinco pontos, em que o número 1 representa *pouco* e o 5 *bastante*.

A partir das dimensões estabelecidas, pudemos verificar que houve maior associação para as sentenças produzidas com a variante retroflexa, no que diz respeito à dimensão *status*,

para a característica caipira. Esse resultado valida nossa hipótese de pesquisa: *Os falantes/ouvintes das duas localidades, que fazem uso da variante retroflexa, identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira?* Foi possível perceber que a característica caipira foi atribuída à variante retroflexa tanto por falantes dessa variante quanto por falantes de outras variantes, com um total de 60 marcações e, quanto à variante fricativa, foram apenas 15. No que diz respeito à variante retroflexa, observamos percentuais baixos nos níveis 1-2 e, referente a 4-5 os números foram bem mais altos, com 73,3% do total. Sobre a fricativa, 60% das marcações foram nas pontuações 1-2-3, o que aponta, de modo geral, para uma neutralidade das respostas. Em relação à característica sofisticada, para a variante retroflexa, as atribuições ocorridas (7) foram relacionadas ao nível 1, ou seja, uma pontuação extremamente baixa. Essa característica foi atrelada à variante fricativa por uma porcentagem significativa dos respondentes, com pontuações maiores nos níveis 4-5.

É importante esclarecer, conforme apresentaremos na seção *Avaliação linguística* que, em relação a atribuição da característica caipira quando realizada por falantes da variante retroflexa, não tem, na maioria das vezes, a carga negativa atribuída por falantes de outras variantes. É importante destacar, também, que embora tenhamos formulado a questão no formato *grade de múltipla escolha*, não marcamos a opção *exigir uma resposta em cada linha*, assim, algumas foram pouco assinaladas. Quanto ao formulário presencial, alguns respondentes também optaram por não atribuírem determinadas características a nenhum dos áudios. Dentre as características menos sinalizadas pelos respondentes, estão: *mal-educada* e *preguiçosa*. Durante a aplicação presencial foi possível perceber, entre alguns dos respondentes, que a marcação dessas características foi evitada por serem consideradas “ruins”, conforme explicitado pelo fragmento a seguir

I⁵²: Só pela voz é difícil, né. Tem coisas que parecem ruins de dizer, tipo preguiçosa. Esse mal-educada também não sei dizer.

Informante 75

Nesse sentido, estudos como os de Aguilera e Silva (2015) e Bazzo e Rezende (2021) afirmam que, embora a variante retroflexa permaneça envolta pelo estereótipo do caipira, não há consenso entre seus falantes acerca dos julgamentos emitidos acerca dessa variante. Bazzo

⁵² Legenda: E: entrevistador; I: informante.

e Rezende (2021, p. 6514), em seu estudo *Entre prestígio e preconceito: a realização do /R/ retroflexo no sul do Pará*, afirmam que, no que se refere aos resultados de sua pesquisa, constataram que “parte desses(as) coparticipantes avalia negativamente a [ɹ], associando-a ao contexto rural redencense. Outra parte a associa ao contexto agropecuarista da região.” Para as autoras é agregado à variante retroflexa o prestígio sociolinguístico, conforme a proposta de reconfiguração do caipira (AGUILERA; SILVA, 2015), “tomando o produtor rural como índice de uma cultura country americana no contexto brasileiro (...)”

Quanto à dimensão competência, podemos verificar que há uma maior atribuição da característica educada para a variante retroflexa, com pontuações restritas aos níveis 4-5 e, em relação à fricativa, embora tenhamos um número total de marcação bastante próximo daquele obtido pela variante retroflexa, há marcações em todos os níveis (1-5) evidenciando não haver consenso entre os respondentes acerca dessa característica para a fricativa. Quanto à característica mal-educada, embora com um número baixo, houve também uma associação com a variante retroflexa, com pontuações nos níveis 1-2-4-5. Cabe esclarecer, porém, que quase 60% da pontuação foi relacionada aos níveis 1-2, os quais são associados na escala de pontuação a *pouco*. Foi possível verificar, ainda, que a atribuição mal-educada foi dada quase categoricamente por falantes de outras variantes. A exceção veio, por exemplo, da informante 17 que embora falante da variante retroflexa, não reconhece esse uso e atribui uma valoração negativa para essa variante. A variante fricativa recebeu apenas 4 marcações relacionando-a ao adjetivo mal-educada e todas elas na pontuação 1. Corroborando o exposto, Oushiro (2015) afirma que, de um modo geral, a atribuição de traços negativos como: *irritante, metida, preguiçosa, deprimida e mal-educada*, tanto na coleta presencial quanto na online, parece ter sido evitada pelos informantes para ambas as variantes.

Em relação à dimensão nível de urbanização, a variante retroflexa recebeu pontuações expressivas tanto para a caracterização moradora da zona rural quanto moradora da zona urbana. Há que se verificar, entretanto, que a característica zona rural recebeu 52% da pontuação nos níveis 4-5 e, em relação a zona urbana a pontuação nos níveis 4-5 foi de 76%. Acreditamos que esses números refletem os dados coletados, pois, em relação à produção da variante retroflexa, 66 entrevistados são falantes dessa variante, conforme apresentado no quadro 5. Além disso, todos os respondentes dos testes de percepção são moradores da zona urbana. Assim, esse resultado demonstra que os falantes dessa variante, em grande maioria, identificam esse uso e atrelaram a caracterização dessa variante a essa identidade. Por outro lado, no que tange à variante fricativa, verificamos uma baixa pontuação para morador da zona rural, sendo a maioria nos níveis mais baixos 1-2-3 e, em relação à morador da zona urbana,

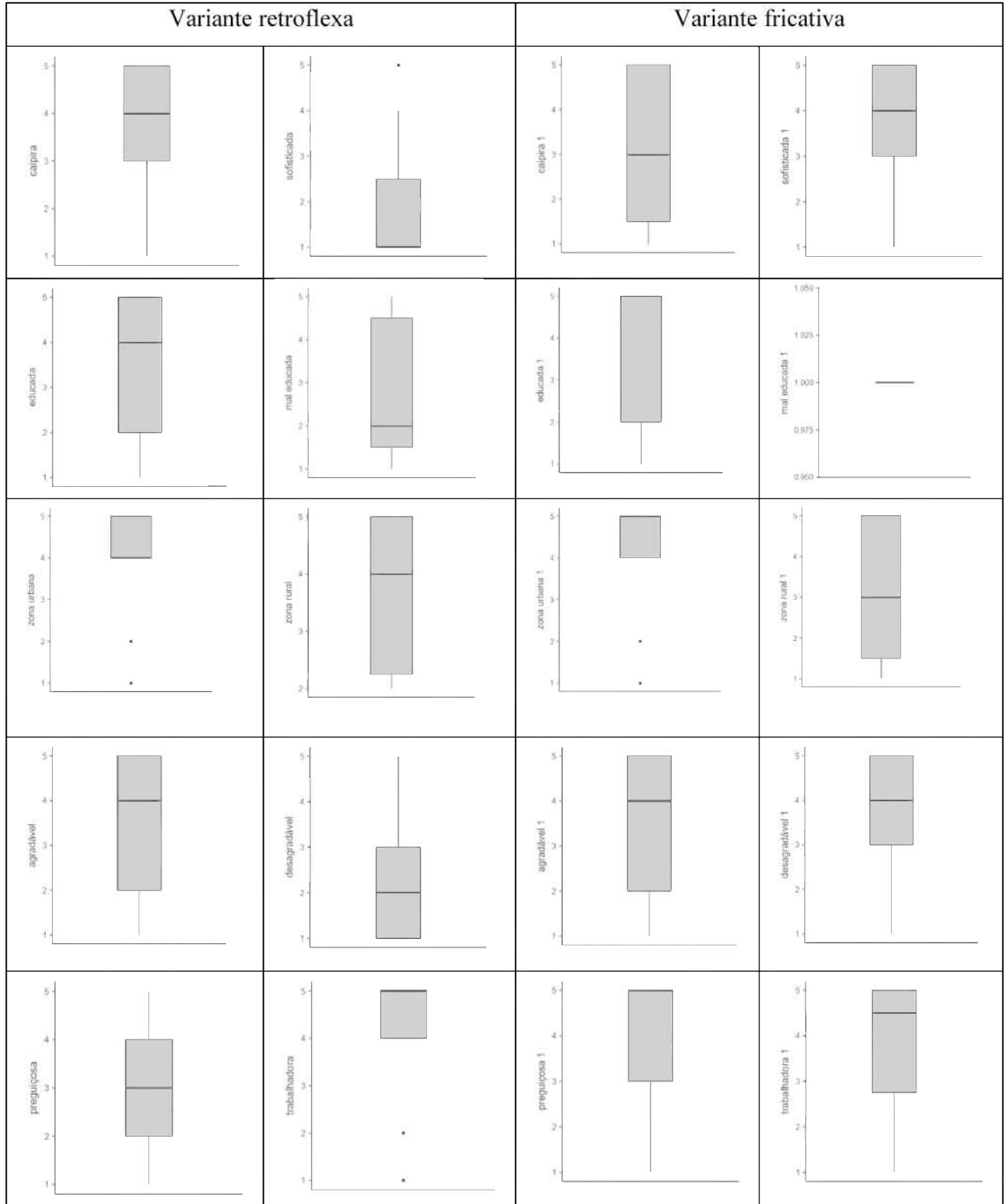
conforme esperávamos, a pontuação foi maior, mais de 90% das marcações foram nos níveis 4-5.

Em relação à dimensão solidariedade, encontramos uma expressiva atribuição da característica agradável para a variante retroflexa, sendo as pontuações exclusivamente nos níveis 4-5. Embora essa característica também tenha sido atribuída à variante fricativa, os níveis de atribuição foram variados, com marcações nos níveis 1, 2, 3, 4 e 5, apresentando, desse total, 62,3% pontuações relacionadas aos níveis 4-5. A característica desagradável demonstrou pontuações moderadas para a variante retroflexa e para a variante fricativa os números foram mais robustos. Os níveis das pontuações para as duas variantes também foram bastante discrepantes. Referente à retroflexa 83,3% dos dados foram atribuídos aos níveis 1-2-3 somente 16,7% dos casos foram nos níveis 4-5. Para a variante retroflexa as pontuações também oscilaram entre os 5 níveis, entretanto, 61,8% dos dados foram para os níveis 4-5. Esses dados revelam, diferente do esperado, uma avaliação negativa relacionada à variante fricativa, pois além de as atribuições demonstrarem clara tendência para os níveis mais altos (bastante), ainda tivemos número bem maior de marcações nos testes relacionados a essa variante, conforme apresentado na tabela 41.

Oushiro (2015, p. 283) afirma que, em relação a percepções e a atitudes linguísticas, estudos anteriores habitualmente demonstram que variantes associadas a grupos menos privilegiados, em nosso caso específico a variante retroflexa, costumam estar atreladas a julgamentos mais positivos socialmente, no que tange à “dimensão de traços de solidariedade e dinamismo”. Em nossos dados apuramos, no que se refere à característica *trabalhadora*, pontuações expressivas nos níveis 4-5 para a variante retroflexa e, em relação a variante fricativa, verificamos que houve pontuação em todos os níveis, (1-5), entretanto, somando-se os níveis 1-2-3 temos 50% das atribuições. Em relação à *preguiçosa*, a variante retroflexa teve maior pontuação que a variante fricativa, todavia tal pontuação foi maior nos níveis 1-2, com cerca de 70%, apontando, novamente, para uma neutralidade nos dados. Em relação à fricativa, há um claro favorecimento do nível mais alto, contudo o número total de marcações foi muito baixo, apenas 7, assim, apontando para a neutralidade.

Por meio das respostas atribuídas à primeira questão, confeccionamos os boxplots a seguir, os quais refletem as análises apresentadas até aqui.

Gráfico 12 - Escala de diferencial semântico - resultados



Fonte: Elaboração própria.

Por meio dos *boxplots* podemos constatar todas as observações feitas em relação as pontuações atribuídas para as características elencadas para a primeira questão do teste de percepção. As escalas que mais se diferenciam a depender do estímulo ouvido, retroflexa ou fricativa, são *Status*, *Nível de urbanização* e *Solidariedade*. Em relação à fricativa, observando-se os níveis mais elevados (4-5), há maior relação com *sofisticada*, *educada*, *zona urbana*, *desagradável* e *trabalhadora*. Em relação à desagradável, embora a mediana esteja em 4, há muitos dados dispersos, demonstrados por meio dos outliers (dados muito afastados da média de distribuição).

Em relação às avaliações dos estímulos com a variante retroflexa, é interessante notar que *sofisticada*, *mal-educada*, *desagradável* e *preguiçosa* se concentraram nos pontos 1-2-3, conforme se observa pelas medianas (linhas horizontais negritadas nas figuras), o que aponta, de uma maneira global, mais para uma neutralidade das respostas do que para uma categorização mais extrema. Outro dado interessante relaciona-se à dimensão *nível de urbanização*, pois verificamos que a variante retroflexa foi marcada tanto para *morador da zona urbana* quanto para *morador da zona rural*, ambas se concentraram nos pontos 4 e 5, embora possamos verificar que em relação a zona urbana há maior concentração dos dados no nível mais alto (5). Esses dados demonstram que há menor consenso sobre o nível de urbanização do retroflexo, algo que reflete a divergência de opiniões sobre esse uso ser característico de moradores da zona urbana ou da zona rural. Parece-nos, portanto, seguro assumir que esses resultados refletem o fato de os respondentes se identificarem como falantes da variante retroflexa e, nesse sentido, os resultados que associam a variante retroflexa à moradores da zona urbana refletem essa identidade, pois, conforme já dito, todos os respondentes dos testes de percepção são moradores da zona urbana. Por outro lado, quanto à associação com morador da zona rural, acreditamos que esteja relacionada ao estereótipo atrelado a essa variante, que, conforme discutiremos na seção *Avaliação*, muitas vezes é associada um “típico falar de gente do interior” ou a uma “pronúncia de roceiros”.

Nosso segundo questionamento estava relacionado aos sentimentos que a audição dos áudios despertava nos ouvintes. Na tabela 42, apresentamos os resultados referentes aos dados coletados.

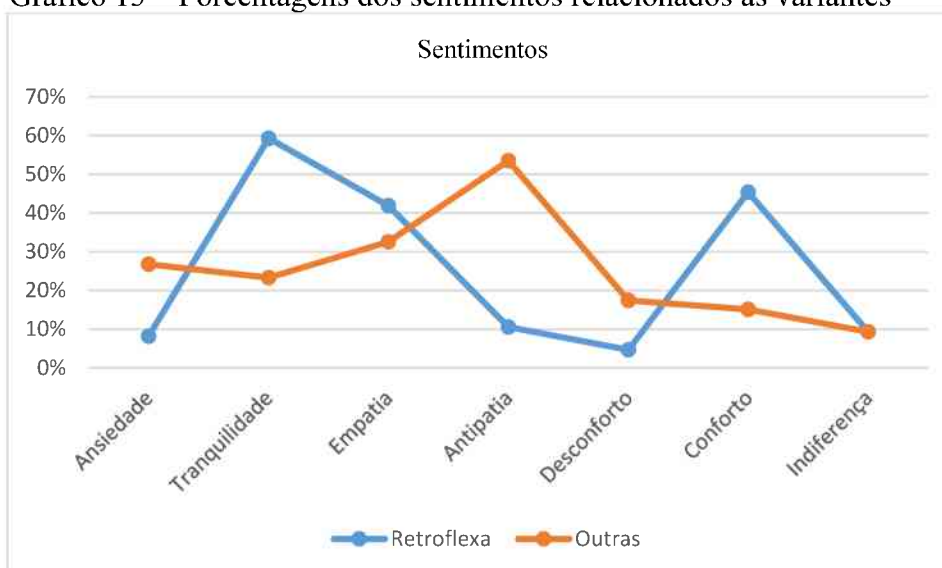
Tabela 42 - Sentimentos

Retroflexa						
Ituiutaba			Uberlândia		Total	Valor-p
Sentimentos	Nº	%	Nº	%		
Ansiedade	4	57,1	3	42,9	7	0,08
Tranquilidade	25	49,0	26	51,0	51	<,001
Empatia	17	47,2	19	52,8	36	<,001
Antipatia	5	55,6	4	44,4	9	0,002
Desconforto	3	75,0	1	25,0	4	0,063
Conforto	19	48,7	20	51,3	39	<,001
Indiferença	5	62,5	3	37,5	8	0,004
Fricativa						
Ituiutaba			Uberlândia		Total	Valor-p
Sentimentos	Nº	%	Nº	%		
Ansiedade	11	47,8	12	52,2	23	<,001
Tranquilidade	10	50,0	10	50,0	20	<,001
Empatia	13	46,4	15	53,6	28	<,001
Antipatia	22	47,8	24	52,2	46	<,001
Desconforto	8	53,3	7	46,7	15	<,001
Conforto	7	53,8	6	46,2	13	<,001
Indiferença	5	62,5	3	37,5	8	0,004

Fonte: Elaboração própria.

Deparamo-nos, mais uma vez, com formulários em que os respondentes optaram por não atrelar alguns dos sentimentos às variantes em tela. Nesse momento, verificamos que *indiferença* foi menos pontuada para ambas as variantes. *As características ansiedade, antipatia e desconforto* foram menos relacionadas à variante retroflexa e, em relação à variante fricativa, todos os atributos receberam pontuação significativa. A exemplo do que ocorreu em relação à primeira questão, é possível inferir que algumas características tenham recebido menores pontuações por terem sido consideradas “ruins” ou “negativas” e, assim, tenham sido evitadas. *Indiferença* também foi pouco assinalada pelos respondentes e, nesse caso específico, alguns identificaram essa característica como negativa, significando *menosprezar* ou *ignorar*. Entretanto, o baixo índice de respostas parece apontar, de uma maneira geral, para uma neutralidade. Dada a proximidade dos números em ambos os municípios, prosseguimos com a amalgamação dos dados. Assim, o gráfico 13 ilustra o resultado geral relacionado ao segundo questionamento do teste de percepção.

Gráfico 13 – Porcentagens dos sentimentos relacionados às variantes



Fonte: Elaboração própria.

A análise do gráfico nos mostra que houve uma avaliação positiva em relação a variante retroflexa, pois no que se refere a essa variante as características que mais foram assinaladas foram *tranquilidade*, *empatia*, *conforto*. Constatamos, também, que no quadro geral, essas foram as únicas características em que a variante retroflexa recebeu maior pontuação que a variante fricativa. No que concerne a variante fricativa, as marcações mostram-se mais negativas, pois, para ela, as características *ansiedade*, *antipatia* e *desconforto* receberam maior pontuação.

É interessante observar que, em relação a variante fricativa, houve um expressivo número relacionando-a a *antipatia*. Conforme discutiremos na seção *Identidade linguística*, acreditamos que essa associação possa ser explicada pelo sentimento de identidade que liga os falantes das duas comunidades à variante retroflexa e, nesse sentido, a variante fricativa representaria um distanciamento dessa identidade e, conseqüentemente, parece haver uma rejeição a essa variante. Esses resultados corroboram estudos como os de Aguilera e Silva (2015) e Bazzo e Rezende (2021) os quais atestam o fortalecimento da variante retroflexa em diferentes comunidades.

Nossa terceira análise recaiu sobre a faixa etária. Nesse momento perguntamos aos participantes: *Você acha que essa pessoa está em que faixa etária?* Nosso intuito foi verificar se os respondentes atrelariam o uso da variante retroflexa a falantes de faixas etárias mais elevadas. Na tabela 43 apresentamos as porcentagens relativas à faixa etária.

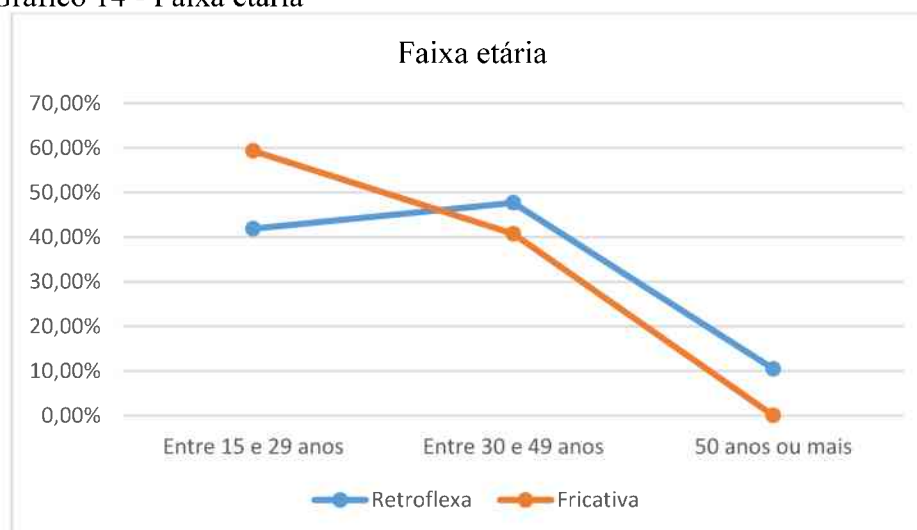
Tabela 43 - Atribuição da faixa etária

Retroflexa						
	Ituiutaba		Uberlândia			
	Nº	%	Nº	%	Total	Valor-p
Entre 15 e 29 anos	16	18,6	20	23,3	36	<,001
Entre 30 e 49 anos	20	23,3	21	24,4	41	<,001
50 anos ou mais	4	4,7	5	5,8	9	<,001
Fricativa						
	Ituiutaba		Uberlândia			
	Nº	%	Nº	%	Total	Valor-p
Entre 15 e 29 anos	25	29,1	26	30,2	51	<,001
Entre 30 e 49 anos	15	17,4	20	23,3	35	<,001
50 anos ou mais	0	0	0	0	0	--

Fonte: Elaboração própria.

Ao observarmos os resultados, quanto à variante retroflexa, pudemos perceber que houve associação entre essa variante e as três faixas etárias disponíveis nos formulários, sendo que a maior concentração de respostas foi relacionada a faixa *entre 30 e 49 anos*, embora a faixa entre 15 e 29 anos também tenha recebido um número considerável de respostas. Uma consideração importante relaciona-se à faixa etária *50 anos ou mais*, pois ela somente foi atrelada à variante retroflexa, embora com uma porcentagem modesta. O gráfico a seguir ilustra essa diferença. Nossas análises demonstraram que não foram detectadas diferenças significativas a depender do estímulo ouvido, exceto para a faixa 50 anos ou mais.

Gráfico 14 - Faixa etária



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico torna evidente que, em relação à faixa etária, os respondentes atrelaram a variante fricativa às faixas etárias mais baixas. Em relação à variante retroflexa, entretanto, foi a faixa intermediária, entre 30 e 49 anos, a mais relacionada a essa variante.

Analisamos, ainda, a escolaridade. Nesse momento perguntamos aos participantes: *Para você, qual o nível de escolaridade dessa pessoa?* Na tabela 37 apresentamos os dados relativos à escolaridade.

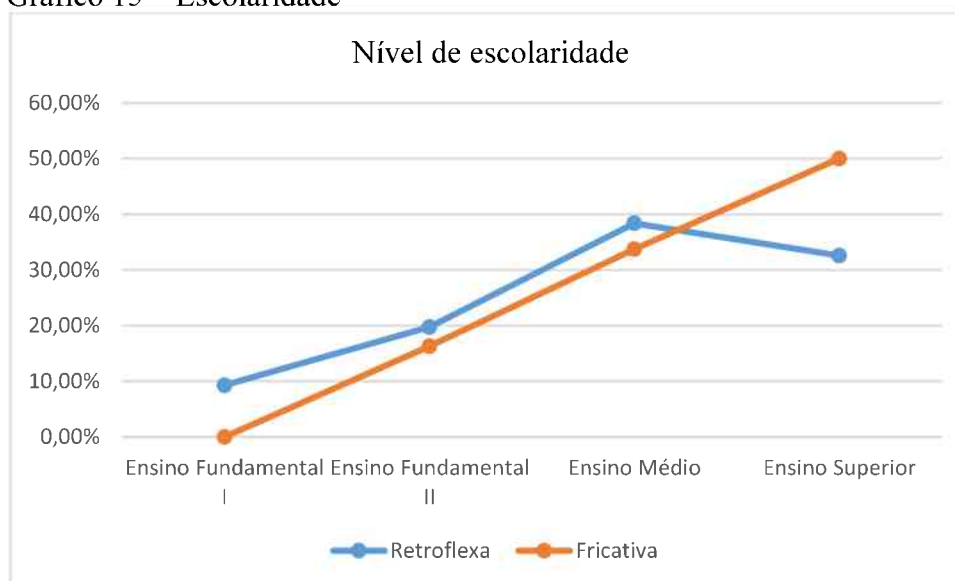
Tabela 44 - Atribuição do nível de escolaridade

Retroflexa						
	Ituiutaba		Uberlândia			
	Nº	%	Nº	%	Total	Valor-p
Ensino Fundamental I	4	4,7	4	4,7	8	<,001
Ensino Fundamental II	8	10,5	9	10,5	17	<,001
Ensino Médio	16	19,8	17	19,8	33	<,001
Ensino Superior	12	18,6	16	18,6	28	<,001
Fricativa						
	Ituiutaba		Uberlândia			
	Nº	%	Nº	%	Total	Valor-p
Ensino Fundamental I	0	0	0	0	0	<,001
Ensino Fundamental II	7	8,1	7	8,1	14	<,001
Ensino Médio	14	16,3	15	17,4	29	<,001
Ensino Superior	19	22,1	24	27,9	43	<,001

Fonte: Elaboração própria.

Nossos resultados demonstraram que houve associação, embora pequena, entre os níveis mais baixos de escolaridade (até o 9º ano) e a variante retroflexa. A maior atribuição em relação a essa variante foi com o nível médio de escolaridade, sendo que, essa variante também foi atrelada à falantes com nível superior de escolaridade, embora o número relacionado à variante fricativa para esse nível tenha sido consideravelmente maior. No gráfico abaixo apresentamos os resultados obtidos.

Gráfico 15 – Escolaridade



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico torna evidente que, em relação à escolaridade, não foram detectadas diferenças significativas a depender do estímulo ouvido, exceto quando observadas as duas extremidades: Ensino Fundamental I e Ensino Superior. Os respondentes atrelaram a variante fricativas aos níveis mais elevados de escolaridade, conforme verificado na reta crescente. A variante retroflexa foi relacionada a todos os níveis de escolaridade, sendo os números mais significativos verificados em relação ao ensino médio. Conforme pode ser observado na tabela 38, 62,8% dos entrevistados disseram ter o Ensino Médio. Assim, acreditamos que esses resultados sejam um reflexo do nível de escolaridade dos informantes.

Nas próximas seções, analisaremos a avaliação e a identidade linguísticas.

8.2 Avaliação

A percepção de um fenômeno linguístico está diretamente relacionada ao julgamento dos ouvintes, que estabelecem a relação entre os fatores sociais e traços sociolinguísticos e, assim, constituem um padrão de consciência social na comunidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). É importante destacar, entretanto, que a avaliação social não ocorre em relação a todos os fenômenos linguísticos. Segundo Labov (2006, p. 354) “nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento. Algumas parecem ficar muito abaixo do nível das reações sociais explícitas”. Nesse sentido, no que

concerne à avaliação, as variáveis linguísticas, costumeiramente, são estratificadas em três níveis de valoração social: os estereótipos, os marcadores e os indicadores (LABOV, 2008). Assim, há fenômenos que carregam mais força avaliativa pelo fato de serem mais facilmente identificados e, nesse aspecto, são mais percebidos pelos falantes. No que concerne à variante retroflexa, diversos estudos apontam para o fato de ela permanecer atrelada a um valor estigmatizado, como *caipira* num sentido pejorativo.

Em nossa pesquisa, verificamos que há um reconhecimento, por parte dos falantes, da estigmatização atrelada a essa variante. Nesse sentido, Ramos (1997, p. 108), em seu estudo *Avaliação de dialetos brasileiros: O Sotaque*, que teve por objetivo responder à pergunta: “como os falantes de cinco estados brasileiros reagem aos diferentes sotaques?”. Em seus resultados, a pesquisadora afirma ser “consensual a rejeição do dialeto rural como padrão/modelo de fala no Brasil: acima de 78% em todos os estados.” Em relação ao Estado de Minas Gerais, é possível verificar que 84,8% dos entrevistados rejeitam o dialeto rural como modelo, conforme demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 10 - Avaliação, por estado, do dialeto rural como padrão brasileiro

	SC		MG		PB		RS		RJ	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Favorável	4	7	2	3.7	1	1.6	3	5	00	0
Desfavorável	45	80.6	45	84.8	55	88.6	51	84.6	53	78.4
Total	57		53		62		59		62	

Fonte: Ramos (1997, p. 108).

A pesquisadora prossegue em busca de verificar se, na opinião do falante entrevistado, o dialeto em foco deveria ser considerado um *modelo para os falantes de diferentes regiões do país* e, quando indagados acerca do falar mineiro, o índice de aceitação foi um dos menores da pesquisa: 6,5%.

Ao analisarmos as características atribuídas às variantes, de acordo com as dimensões propostas por Rennike (2011; 2016), percebemos, em uma primeira análise, que a diferença observada nos sugere que, aparentemente, há um equilíbrio nas avaliações atribuídas para ambas as variantes. Um olhar mais atento nos revela, entretanto, que a variante retroflexa goza de maior prestígio social tanto na cidade de Ituiutaba quanto na cidade de Uberlândia e, dessa

forma, parece seguro afirmar que o estereótipo atrelado ao /R/ retroflexo, entre os falantes, estaria desaparecendo. Os áudios correspondentes a essa variante tiveram melhor avaliação para as características: *educada, agradável e trabalhadora*. Embora as características *mal-educada, preguiçosa e desagradável* tenham sido atribuídas à variante retroflexa, tiveram porcentagens baixas sendo a maior parte das pontuações nos níveis mais baixos da escala de referencial semântico apontando, de uma maneira mais geral, para uma neutralidade nas respostas. Além disso, ao analisarmos as porcentagens atribuídas para a variante fricativa para a característica *desagradável*, verificamos que um número significativo de informantes pontuou essa característica nos níveis mais altos da escala, revelando, um certo grau de rejeição a essa variante. No que concerne aos sentimentos que as duas variantes despertam nos ouvintes, *tranquilidade, empatia e conforto* foram mais relacionados à variante retroflexa. Assim, nossos resultados contrariam diferentes estudos, como os Rennie (2011), Botassini (2013), Oushiro (2015), dentre outros, que apontam para o fato de a variante retroflexa ser passível de uma avaliação social negativa.

As seções destinadas aos comentários sobre o teste mostraram-se bastante valiosas, embora tenham sido pouco utilizadas pelos respondentes, já que a grande maioria dos participantes não realizou nenhum registro ou limitou-se a responder sim/não. Todavia, os comentários coletados deixaram transparecer a percepção dos entrevistados acerca da variante retroflexa, conforme ilustrado no comentário transcrito a seguir.

I: Eu vim da Bahia, eu não falo esse erre carregado não. Esse erre é bem diferente do meu. É o que eu mais estranhei quando vim pra cá. E um erre bem carregado, bem puxado... bem diferente do meu, do povo da minha região. Lá nosso erre é assim... mais diferente desse, é um erre normal.

(Informante 46)

Fica evidente a valoração negativa atribuída a variante retroflexa, a qual foi caracterizada como “anormal”. Essa mesma percepção foi demonstrada por outros entrevistados, que em seus comentários atrelaram a variante retroflexa a um “típico falar de gente do interior” ou a uma “pronúncia de roceiros”. Um ponto bastante importante a ser esclarecido trata do fato de, na maioria das vezes, as atribuições negativas em relação à variante retroflexa terem sido atribuídas pelos falantes de outras variantes.

Em contrapartida, foi bastante notório que, em relação aos falantes da variante retroflexa, houve avaliação positiva, conforme pode-se observar no depoimento do falante 14, reproduzido a seguir.

I: Na televisão, nas novelas... assim, na televisão mesmo... é.. assim... as pessoas fazem ...é... elas ficam tentando imitar. Elas fazem como se fosse piada, sabe, como se fosse muito forçado. As pessoas acham que é de gente rude, de roceiro. Parece que não gostam. Que nem aquela ... uma que apresenta televisão, que tem uma...uma coisa assim...

E: Ah.. é a Sabrina...

I: Sim. Essa mesmo Sabrina Sato. Mas, assim, acho que ela tem aquele erre mesmo. Mas tem gente que imita e exagera. Falam que é um jeito meio forçado, sabe. Daí as pessoas aproveitam pra fazer piada. Hoje tem muito disso. Essas piadas. Assim, na televisão tem muito exagero. No fundo, dá pra perceber um certo preconceito.

(Informante 14)

Concordamos com Chambers (1996, p. 221) ao afirmar que se por um lado há pressões sociais que favorecem a variedade padrão, deve haver, também, pressões que favorecem a variedade local e informal. E prossegue advertindo sobre o fato de essas forças serem, socialmente, percebidas de forma diferente, pois em relação à variedade local, essas pressões contrárias devem ser “tácitas e não conscientes”, pois não são facilmente identificadas, já as forças que favorecem a variedade padrão são “cristalinamente claras.”

Em nossos dados, verificamos avaliações negativas, principalmente de falantes de outras variantes, mas em relação aos falantes da variante retroflexa, a maioria avaliou positivamente. Também foi bastante evidente o fato de a maioria dos respondentes reconhecer o /R/ retroflexo como marca do falar caipira, mas, para a maioria dos falantes dessa variante, essa marca é sinônimo de identidade. Nesse contexto, na próxima seção, apresentamos as análises referentes à identidade linguística.

8.3 Identidade

A partir dos resultados obtidos nos testes pudemos revisitar nossos objetivos de pesquisa: *analisar se os falantes da variante retroflexa do /R/ em coda silábica se identificam como falantes dessa variante; verificar se os falantes/ouvintes das duas localidades identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira*, os quais estão diretamente relacionados às hipóteses de pesquisa arroladas em 7.2, *Preparação dos estímulos*. Assim, quanto ao /R/ em coda silábica, todos os informantes naturais das cidades de Ituiutaba e de Uberlândia fazem uso da variante retroflexa e, quanto aos moradores que vieram de outras localidades, do total de trinta e um entrevistados, onze fazem uso da variante retroflexa e vinte fazem uso de outras variantes. Verificamos que todos os entrevistados identificaram a variante retroflexa como marca do falar da região do Triângulo Mineiro, entretanto, nem todos os falantes dessa variante se reconheceram nessa condição.

Assim, no que tange à variante retroflexa, verificamos que, do total de 66 respondentes, 61 se identificaram como falantes da variante retroflexa, ou seja, 92,42% dos informantes e 5 não se reconheceram falantes dessa variante, 7,58%. Pudemos verificar, ainda, que além de não se reconhecerem como falantes, houve, entre esses respondentes, uma avaliação negativa para o uso retroflexo, o qual foi caracterizado como *desagradável* e como uma variante que desperta *ansiedade e desconforto*. O trecho transcrito a seguir é a fala de uma respondente natural da cidade de Uberlândia. Ela nasceu na zona rural nos arredores da cidade, mudou-se para a cidade aos onze anos e, atualmente, tem sessenta.

E: Você acha seu jeito de falar mais parecido com o primeiro ou com o segundo áudio?

I: Com o primeiro. Esse segundo eu até já falei assim desse jeito, mas hoje não falo mais. Eu cresci na roça. Lá eu até falava assim, com esse erre assim, é.. puxado. Mudei pra cidade já quase mocinha. Vim pra estudar. Na roça só tinha até o quarto ano. Eu queria estudar, aí minha família mudou inteira. Meus irmão mais velho não importava com os estudos, mas eu gostava. Aqui na cidade perdi esse sotaque.

(Informante 17)

Kiesling (2013, p. 450) define identidade como “um estado ou processo de relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’; a identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários”. Parece-nos, portanto, que a não identificação desses falantes, bem como os julgamentos negativos por eles emitidos, seriam condicionados pela valoração negativa comumente atrelada a essa variante. Nesse viés, assim como Freitag et al. (2016, p. 109), defendemos que o que torna uma variável sensível ou não à avaliação de um determinado grupo de falantes, pode estar atrelado “ao seu grau de saliência, seja linguística, social ou ideológica. A observação não só do comportamento, mas das crenças e das atitudes em relação a determinado fenômeno linguístico”. No caso da informante 17, conforme seu depoimento, podemos perceber a tentativa de distanciamento da variante retroflexa, a qual considera estar relacionada a pessoas menos escolarizadas, à “pronúncia de roceiros”.

Verificamos, também, que o julgamento emitido pelos falantes da variante retroflexa que se reconhecem como falantes dessa variante foi bastante positivo, eles a atrelaram as características *agradável, educada e trabalhadora*. Tal constatação foi referendada, também, pelos comentários externados pelos entrevistados durante a realização dos testes de percepção. Para exemplificação, temos, a seguir, a transcrição de trechos de duas entrevistas, colhidos durante a aplicação do teste e percepção.

O primeiro trecho foi retirado do teste de um informante de Uberlândia, nascido na cidade de Araguari⁵³, Minas Gerais, mas morador naquela cidade há 8 anos.

I: É meu jeitinho de ser. Tem gente que tem vergonha, mas vergonha de ser eu? Tenho vergonha não. É um jeito nosso. É como o nosso *uai*, que é uma...uma característica daqui... do mineiro. É nossa marca registrada. Num tem noutra lugar não. Onde cê chega, as pessoa já sabe que cê é mineiro. Eu tenho é orgulho.

(Informante 83)

O trecho a seguir foi retirado do teste de um informante de Ituiutaba, nascido e residente na cidade.

⁵³ A cidade de Araguari fica a 30 km de Uberlândia.

I: Teve uma vez que eu viajei pra São Paulo. Eu tava num hotel. Eu comecei a conversar com uma mulher... a gente tava esperando o elevador. Ela perguntou de onde eu era, porque meu sotaque era diferente, mas eu entendi bem esse diferente. Eu acho que é porque a gente tem esse jeito arrastado, esse erre puxado. Tem gente que acha que é da roça mesmo. Fala que é de gente da roça. Eles falam com ... com preconceito do nosso jeito de falar. É bem ruim, porque é desse jeito que eu falo.

(Informante 5)

Labov (2008) afirma que, em relação à identidade linguística, o desejo do falante de manter sua identidade no interior de seu grupo social está ligado ao prestígio encoberto. Nesse mesmo sentido, Roncarati (2008, p. 51), ao definir a noção de prestígio encoberto, afirma que se trata de “um conjunto de normas encobertas que atribuem valor positivo ao vernáculo local e informal”. Essa noção de prestígio estaria, portanto, associada diretamente à identidade do falante e, conseqüentemente, ao seu pertencimento a uma determinada comunidade de fala. No depoimento do informante 5 é possível perceber que, além de se identificar falante da variante retroflexa, ele também se reconhece vítima do preconceito ao qual essa variedade é, muitas vezes, exposta.

Guiotti (2002), em seu estudo acerca da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto, afirma que o destaque financeiro da região noroeste paulista e a conseqüente formação de um forte mercado consumidor estaria motivando, desde a década de 1960, uma adesão do jovem da alta classe ao estilo cultural country, ao estilo de música sertaneja e a maneira característica de se vestir, que representariam uma forma de identificação com o morador do interior paulista e com o sucesso econômico. Dessa forma, a produção da variante retroflexa também promoveria a identidade desse falante com o sucesso econômico e, assim, seria um caso de prestígio local, um fenômeno de prestígio encoberto.

Em nossos dados, entretanto, verificamos que a hipótese de prestígio encoberto (LABOV, 2008) quanto à realização da variante retroflexa em Ituiutaba e Uberlândia parece não ser a mais adequada. Os dados de nossa pesquisa revelam, diferente do que poderia se supor, que o prestígio em relação a essa variante não é, de fato, um prestígio encoberto, haja vista as demonstrações de prestígio atreladas a essa variante dentro da comunidade, principalmente, associadas ao agronegócio. Nossos dados parecem apontar para a chamada “nova configuração do caipira”. Aguilera e Silva (2015, p. 178) defendem o “fortalecimento da

variante retroflexa”, embasadas em uma avaliação social mais positiva, a partir da ideia dessa nova configuração, especialmente relacionada a “[...] um indivíduo dotado de uma situação financeira consolidada, proprietário de terras e bens que ele faz questão de exibir nos rodeios realizados [...]”.

Pesquisas recentes (AGUILERA e SILVA, 2015; BRANDÃO, 2007, OUSHIRO, 2015), dentre outras, apontam para a vitalidade da variante retroflexa, ao contrário das previsões de Amaral (1920). Paralelamente, estudos em ciências sociais como os de OLIVEIRA (2003) e Alem (2005) esclarecem que há, no Brasil, a ideia de uma modernização do campo, ou seja, uma “nova ruralidade”, que ganha força a partir da década de 1980 impulsionada, principalmente, pelo agronegócio. Oliveira (2003, p.256) ressalta que essa modernização do campo “criou uma nova ruralidade que se faz perceptível em suas festas e comemorações. A associação entre modernização do campo e indústria cultural se faz presente na Festa do Peão de Barretos tomada como exemplar da constituição do peão-cowboy”. Como explica Alem (2005, p. 96) os vários eventos ruralistas: rodeios, festas do peão, exposições, feiras, shows de duplas sertanejas, festivais de música, eventos esportivos, dentre outros, fomentam uma nova rede de representações e de práticas rurais, que envolvem “públicos massivos, fomenta formas inovadas de sociabilidade por meio do entretenimento e, principalmente, expande o consumo de símbolos ruralistas em diversos espaços sociais rurais e urbanos.” O estudioso prossegue afirmando que essa ruralidade não emerge nem se situa somente no campo, pois “trata-se de uma rede que compõe parte da vasta produção material e simbólica da indústria cultural, que recobre toda a sociedade e é promovida nas mais diversas instâncias de consagração das culturas hegemônicas de consumo.”

Bazzo e Rezende (2021, p. 6525) afirmam que os resultados de seus estudos apontam para o fato de, em Redenção, ser possível verificar essa reconfiguração nos comentários dos(as) coparticipantes da pesquisa e “entre as manifestações culturais da região. Junto a esse contexto, a realização da variante retroflexa torna-se marca linguística dessa realidade, agregando certo valor social à sua realização.” E, no contexto urbano em que a pesquisa foi realizada,

Observa-se que diferentes indivíduos esforçam-se para participar de uma comunidade que valoriza a “tradição agropecuarista” e, por conseguinte, todas as relações simbólicas relacionadas a ela, tais como o contato com a zona rural, em toda a sua complexidade atual; o estilo de roupas, calçados e acessórios – country brasileiro ou o novo caipira; e na linguagem, a variante [ɾ] como traço sociolinguístico tipificador.

De maneira análoga, em Uberlândia e Ituiutaba, embora a variante retroflexa, aparentemente, esteja envolta em um estereótipo sociolinguístico estigmatizado, o *status* que ela apresenta é específico. A ela estão atrelados o contexto do agronegócio e da cultura *country* brasileira e, conseqüentemente, pessoas de alto poder aquisitivo. Entretanto, nessas cidades, há, também, a relação com história, a tradição e a identidade local, visto que, em ambas as cidades a variante retroflexa é um traço característico. Segundo Zagari (2005, p. 48), o /R/ retroflexo é “marca inconfundível nas Gerais”. Os resultados da presente pesquisa são convincentemente conclusivos, ao atestarem que a variante retroflexa é uma marca identitária das comunidades de fala investigadas. No Triângulo Mineiro, aqui representado pelas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, o /R/ retroflexo em coda silábica é reconhecido como uma característica do falar da “nova configuração do caipira”, à qual está agregada uma avaliação social altamente positiva entre os usuários desta variante.

Revisitando nossos dados de produção, constatamos que 60,83% do total coletado corresponde à variante retroflexa, sendo que, em relação a outras variantes apuramos um total de apenas 3,35% dos dados. Esses resultados corroboram nossa hipótese acerca de variante retroflexa ser, de fato, a mais produtiva em ambas as cidades. Nossos dados apontaram, também, para o fato de a variante retroflexa ser a mais produtiva em todas as faixas etárias controladas no estudo, comprovando sua vitalidade em ambas as localidades. Parece-nos, portanto, seguro afirmar que embora a variante retroflexa seja sociolinguisticamente estigmatizada em outras localidades do Brasil (OUSHIRO, 2015; LEITE, 2004), em Ituiutaba e Uberlândia essa variante está associada a uma valoração positiva. Tal fato estaria vinculado não somente a reconfiguração do caipira – por questões de ordem econômica, especialmente relacionadas ao agronegócio – mas também pelo sentimento de identidade que ela desperta em seus falantes.

As respostas dadas pelos informantes para as últimas questões, disponíveis no teste, demonstraram esse sentimento de pertencimento dos habitantes em relação as suas respectivas cidades. *Você gosta de residir nessa cidade? Por quê? Você mudaria daqui? Por quê?* As respostas dadas confirmam a relação de identidade dos moradores das duas cidades com a variante retroflexa. Dos 86 testes respondidos, 46 eram residentes em Uberlândia e 40 residentes em Ituiutaba. Entre os entrevistados de Uberlândia apenas 3 demonstraram vontade de mudar da cidade e, entre os entrevistados de Ituiutaba, 5 demonstraram vontade de deixar a cidade, representando 9,03% dos entrevistados. Além disso, 93,0% afirmaram gostar da cidade onde moram e, entre os que afirmaram que se mudariam, todos disseram que só o fariam por

questões de trabalho. É interessante ressaltar, que entre os moradores de Ituiutaba que se mudariam, Uberlândia foi apontada como um destino possível.

A cidade de Ituiutaba destaca-se no setor primário, com recursos hídricos, condições climáticas e relevo que favorecem as atividades agrícolas, a pecuária e a agroindústria, as quais são grandes geradoras de renda da cidade. A cidade de Uberlândia, embora tenha no setor terciário como principal fonte de renda do município, o setor primário também é um grande gerador de renda. A cidade tem grandes eventos voltados para o público desse setor, que movimentam a economia local e atraem pessoas de diferentes localidades que vêm em busca, muitas vezes, de diversão, mas também, para fixar-se na região. Desse modo, concordamos com as pesquisas de Guiotti (2002); Aguilera e Silva (2015) e Bazzo e Rezende (2021), pois acreditamos que a variante retroflexa, nas duas cidades pesquisadas, é um sinônimo de identidade e, ainda, conforme depoimentos de informantes, motivo de “orgulho”, um sentimento de pertencimento a região que se mostra bastante próspera. Assim, conforme demonstrou esta pesquisa, o estigma associado à variante retroflexa é uma visão externa às comunidades de fala investigadas⁵⁴, ou seja, a valoração negativa a que esta variante possa estar atrelada é atribuída por falantes de outras variantes. Em Uberlândia e em Ituiutaba, falar o “R caipira” é motivo de orgulho, é traço identitário destas comunidades de fala.

Finalmente, esta pesquisa aponta para a conclusão de que, nas comunidades pesquisadas, longe de ser sinônimo de estigmatização, a variante retroflexa determina o lugar social do indivíduo, revelando uma forma de identificação linguística da qual os falantes muito se orgulham.

⁵⁴ Conforme demonstrado na tabela 38, do total de 86 participantes dos testes de percepção, 31 são oriundos de outras localidades. Desses, há muitos residentes de menor tempo nas duas localidades e, nesse contexto, ainda não adquiriram os hábitos das comunidades nas quais residem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo principal descrever e analisar a produção e a percepção da variante retroflexa em coda silábica como marca do falar caipira, tomando como *corpus* a fala de informantes nascidos e crescidos nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, localizadas no Triângulo Mineiro, interior do Estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país. Como mencionado ao longo do texto, diferentes pesquisas sociolinguísticas têm sido desenvolvidas no intuito de tratar da variação presente no Português Brasileiro. No que tange a Minas Gerais, embora o número de estudos sociolinguísticos relacionados ao português mineiro seja grande, ainda não foi suficiente para abarcar toda a complexidade presente no estado, principalmente, quando se trata do DC presente no Triângulo Mineiro.

Mais especificamente, essa pesquisa se voltou às seguintes questões: *i. Que fatores linguísticos e extralinguísticos estariam condicionando o uso das variantes do /R/ em coda silábica que ocorrem nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia? ii. A variante retroflexa é, de fato, a variante mais produtiva nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia? iii. Os moradores das localidades selecionadas para esse estudo percebem a produção do /R/ retroflexo na própria fala e na fala de outros moradores da região? iv. Os falantes/ouvintes das duas localidades, que fazem uso da variante retroflexa, identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira? v. Há uma valoração negativa para o uso da variante retroflexa?*

Para respondermos às questões de pesquisa e atestarmos nossas hipóteses, pautamos nossas análises de produção do /R/ em coda silábica em 24 entrevistas realizadas nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia. Em relação à Ituiutaba, foram utilizadas entrevistas arquivadas no banco de dados do GEFONO e, em relação a Uberlândia, realizamos a coleta entre os meses de outubro de 2021 e março de 2022. Após as entrevistas realizamos a transcrição, na codificação dos contextos de interesse e, por fim, pudemos correlacionar sistematicamente os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem a realização da variante retroflexa em coda silábica.

Considerando os estudos variacionistas e a produção do /R/ em coda silábica, buscamos resposta para nossa primeira hipótese de pesquisa: *i. Que fatores linguísticos e extralinguísticos estariam condicionando o uso das variantes do /R/ em coda silábica que ocorrem nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia?* Os resultados dos testes de produção demonstraram que as variáveis independentes extralinguísticas foram irrelevantes para a realização da variante retroflexa em coda silábica, haja vista ser essa a variante a mais produtiva em todos os contextos

analisados. Analisamos um total de 8508 dados, dos quais apenas 285 eram referentes a outras variantes. Embora tenhamos encontrado números tão baixos em relação a outras variantes, verificamos que a faixa etária 50 anos ou mais foi a que trouxe maior número de ocorrências de outras variantes e, em contrapartida, a faixa etária entre 15 e 29 anos foi a que trouxe menor número. Em relação à escolaridade, nossa análise revelou estarmos diante de uma hipótese nula, ou seja, o nível de escolaridade não condiciona a realização da variante retroflexa. No que diz respeito à localidade, verificamos que as duas cidades confirmaram nossas hipóteses de pesquisa, demonstrando que a variante retroflexa é, de fato, a mais recorrente.

Linguisticamente, verificamos que há favorecimento da variante retroflexa nos seguintes contextos: quanto ao núcleo silábico, há favorecimento diante das vogais labiais e coronais; em relação ao contexto fonológico seguinte, as consoantes coronais são as favorecedoras; no que concerne à tonicidade, há favorecimento em sílabas átonas; no que se refere à classe gramatical, não verbos favorecem a realização da variante retroflexa; quanto ao tamanho das palavras, há favorecimento da realização da retroflexa em palavras com uma e com duas sílabas e, por fim, no que se refere a posição da sílaba na palavra, verificamos que há favorecimento para a realização da variante retroflexa em sílabas iniciais e mediais.

Considerando os dados de produção analisamos, também, a segunda questão de pesquisa: *A variante retroflexa é, de fato, a variante mais produtiva nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia?* Os resultados encontrados revelaram que a variante retroflexa é a mais frequente nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia. Em nossa análise essa variante representou 60,83% do total de ocorrências analisadas. Em contrapartida, a ocorrência de outras variantes representou, apenas, 3,35% do total de ocorrências. Verificamos que, em relação à cidade de Ituiutaba, 57,13% dos dados coletados foram referentes à variante retroflexa e, em relação à Uberlândia, forma 64,02% dos dados. Constatamos, ainda, em ambas as localidades, que houve um número expressivo associado ao cancelamento do /R/ em coda silábica, totalizando 35,82% dos dados.

No que se refere às questões de pesquisa atreladas à percepção do /R/ em coda silábica, pautamos nossas análises em testes de percepção, aplicados entre maio de 2022 e janeiro de 2023. Analisamos um total de 86 formulários das duas localidades, 37 formulários virtuais e 49 presenciais. Para a confecção dos formulários, utilizamos estímulos com a variante retroflexa e estímulos com a variante fricativa. Realizamos a coleta de dados por meio de três tipos de formulários: um presencial e dois virtuais, por meio do *Google Forms* e do *Jotform*. Escolhemos duas ferramentas virtuais pois necessitávamos de formulários que propiciassem aos participantes ouvir e gravar áudios. Já os formulários presenciais foram criados com o intuito de ampliar o número de participantes. A partir das respostas dos formulários, realizamos as

análises de percepção, avaliação e identidade linguísticas. A partir dos resultados dos testes de percepção, pudemos responder as próximas questões de pesquisa: *iii. Os moradores das localidades selecionadas para esse estudo percebem a produção do /R/ retroflexo na própria fala e na fala de outros moradores da região? iv. Os falantes/ouvintes das duas localidades, que fazem uso da variante retroflexa, identificam a variante retroflexa como marca do falar caipira?*

Iniciamos a análise com a primeira pergunta de nosso formulário, na qual pedíamos aos participantes que atribuíssem valores (entre 1 e 5) às características apresentadas para as duas variantes do /R/ em coda silábica: retroflexa e fricativa. Como resultados, verificamos que as duas variantes são percebidas de formas distintas tanto na cidade de Ituiutaba quanto em Uberlândia. Analisamos 10 características: *caipira, sofisticada, educada, mal-educada, agradável, desagradável, preguiçosa, trabalhadora, moradora da zona rural, moradora da zona urbana*. As características foram divididas em dimensões, embasadas nos estudos de Rennie (2011; 2016). Nossa primeira análise foi relacionada à dimensão *status*. Em relação a *caipira*, verificamos que tanto falantes da variante retroflexa quanto falantes de outras variantes atribuíram essa característica para a variante retroflexa e, em relação à variante fricativa, as marcações apontaram para uma neutralidade nas respostas. Em relação à *sofisticada*, obtivemos maior número de atribuições para a variante fricativa e, em relação à variante retroflexa a pontuação foi quase nula. Em relação à dimensão competência, a característica *educada* foi mais relacionada à variante retroflexa sendo que, para a fricativa os números foram muito baixos. *Mal-educada* foi pouco pontuada para as duas variantes. Quanto à dimensão nível de urbanização, para a variante fricativa o maior número de marcações foi relacionando-a a moradora da zona urbana. Quanto à variante retroflexa, ela foi relacionada tanto à moradora da zona rural, quanto à moradora da zona urbana. Por fim, analisamos a dimensão solidariedade, em que verificamos uma maior pontuação da característica *agradável* relacionando-a à variante retroflexa. Em relação à *desagradável*, observamos o inverso, com uma maior marcação para a variante fricativa. *Trabalhadora* foi atrelada com expressiva pontuação para as duas variantes e, em relação à *preguiçosa*, a variante retroflexa teve maior pontuação que a variante fricativa, entretanto tal pontuação foi maior nos níveis mais baixos, apontando para uma neutralidade nos dados.

Por fim, em relação à última questão de pesquisa: *v. Há uma valoração negativa para o uso da variante retroflexa?*. Verificamos que houve uma avaliação positiva em relação a variante retroflexa. Em nossa segunda pergunta do teste de percepção pedimos aos informantes que assinalassem os sentimentos despertados de acordo com o estímulo ouvido.

Disponibilizamos 7 sentimentos diferentes: ansiedade, tranquilidade, empatia, antipatia, desconforto, conforto, indiferença. A partir das respostas coletadas, verificamos que, para a variante retroflexa, as características que mais foram assinaladas foram *tranquilidade, empatia, conforto*, sendo essas as únicas características em que a variante retroflexa recebeu maior pontuação que a variante fricativa. Cabe destacar que houve um expressivo número relacionando *antipatia à variante fricativa*. Conforme discutimos na seção *Identidade linguística*, essa associação poderia ser explicada pelo sentimento de identidade que liga os falantes de Ituiutaba e Uberlândia à variante retroflexa e, nesse contexto, a variante fricativa representaria um distanciamento dessa identidade e, conseqüentemente, despertaria esse sentimento de rejeição a essa variante.

Trouxemos, ainda, análises referentes à avaliação e à identidade linguísticas. Em relação à avaliação, verificamos que, de uma maneira geral, a variante retroflexa é reconhecida tanto por seus falantes, quanto por falantes de outras variantes. O julgamento emitido pelos respondentes foi, em grande parte, bastante positivo, conforme anteriormente explicitado, a ela foram atreladas as características *agradável, educada e trabalhadora*. Tal constatação foi corroborada pelos comentários dos entrevistados durante a realização dos testes de percepção, os quais, na maioria das vezes, externou identificar-se e sentir orgulho da variante por eles falada. Além disso, os julgamentos emitidos em relação à variante retroflexa para a questão número 1 do teste, também foram positivos, conforme apresentamos nas seções anteriores. No que concerne à identidade linguística, acreditamos que a variante retroflexa, nas duas cidades pesquisadas, é um sinônimo de identidade, um sentimento de pertencimento a região que se mostra bastante próspera e, ainda, motivo de “orgulho”. Assim, parece seguro afirmar, conforme demonstraram nossos dados, que embora a variante retroflexa permaneça envolta pelo estereótipo do caipira, nas cidades pesquisadas seu *status* é bastante específico. A valorização negativa a que essa variante possa estar atrelada é atribuída por falantes de outras variantes, visto que, para os respondentes pertencentes às comunidades de Ituiutaba e Uberlândia, a variante retroflexa é avaliada positivamente, pois representa seu lugar social a partir de uma forma de identificação linguística. A variante retroflexa, para esses falantes, não representa um traço caipira, com um sentido pejorativo. Para eles essa variante é uma realidade local, ou seja, é um traço da fala local que constrói regionalidades.

Aguilera e Silva (2015, p. 190) afirmam que o “/r/ retroflexo estaria em vias de expansão e seu estereótipo, aos poucos, tende a tomar outra forma de atrelar-se à fala de uma geração de caipiras escolarizados e bem-sucedidos”. A partir dessa afirmação vislumbramos, como possível etapa subsequente desta pesquisa, um estudo de percepção, avaliação e identidade

linguísticas sobre o /r/ retroflexo em outras cidades do Triângulo Mineiro, de modo a contribuir com a compreensão do *status* atual dessa variante na referida região. Acreditamos que há muito trabalho a se fazer acerca da percepção da variante retroflexa no Estado de Minas Gerais. Nesse sentido, a realização de um maior número de testes em um maior número de cidades e o acréscimo de moradores de zonas rurais, pode ampliar satisfatoriamente a análise e, conseqüentemente, comprovar esse novo *status* dirigido ao /R/ retroflexo.

Por fim, acreditamos que nosso estudo tenha sido de grande valia para a construção do mapeamento da variante retroflexa no Estado de Minas Gerais. Nesse sentido, nosso trabalho realizou a análise da produção em duas cidades que fazem parte da região geográfica intermediária de Uberlândia: Ituiutaba, uma das principais cidades do Pontal do Triângulo Mineiro, e Uberlândia, principal cidade do Triângulo Mineiro e segunda maior cidade do Estado de Minas Gerais. Além disso, acreditamos que essa pesquisa trouxe importantes contribuições para os estudos sociolinguísticos por se debruçar sobre a percepção, a avaliação e a identidade linguísticas, visto que, estudos com esse foco são relativamente menos produtivos do que estudos sobre a produção linguística. Para além, nossos dados possibilitaram achados que corroboram pesquisas como os de Guiotti (2002); Aguilera e Silva (2015) e Bazzo e Rezende (2021), acerca não somente da vitalidade da variante retroflexa em coda silábica, mas, principalmente, sobre a avaliação social mais positiva com relação à realização dessa variante entre ituiutabanos e uberlandenses. Assim, mostramos que, diferentemente do previsto por Amadeu Amaral para São Paulo há mais de cem anos, o DC não está desaparecendo. O /R/ retroflexo permanece vivo, quiçá em vias de expansão e, em relação a valoração a ele atribuída, nas comunidades analisadas, ele é uma forma de identificação linguística da qual seus falantes sentem orgulho.

REFERÊNCIAS

- AGHEYISI, R. N.; FISHMAN, J. A. Language attitude studies: A brief survey of methodological approaches. **Anthropological Linguistics** 12 (5), p. 137-157, 1970.
- AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. “Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil”. **Diadorim**, v. 8, p. 125–142, 2011. <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7962>
- AGUILERA, V. de A.; SILVA, H. C. da. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo. **Revista da Abralin**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1237>. Acesso em: 21 mar. 2023. <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i1.42490>
- ALEM, J. Rodeios: a fabricação de uma identidade caipira-sertanejo-country no Brasil. **Revista USP**, n. 64, p. 94-121, fev. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13394>. Acesso em: 07 dez. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i64p94-121>
- ALKMIM, M. G. R. de. **As Negativas Sentenciais no Dialeto Mineiro: uma abordagem variacionista**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte, UFMG, 2001.
- ALMEIDA BARONAS, J. E. Falar rural: é possível alterar uma tradição (?). **Revista da Abralin**. Curitiba. v. 6, n. 1. p. 95-110, 2007. <https://doi.org/10.5380/rabl.v6i1.52713>
- ALVAR, M. Hacia los conceptos de lenga, dialecto y hablas. **Nueva Revista de Filología Hispánica**, 1961. <https://doi.org/10.24201/nrfh.v15i1/2.403>
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1920.
- ANTUNES, I. **Língua, Texto e Ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, L. B.; LOURDES, R. L. de. A variação do fonema/R/em coda silábica nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha. **Caletroscópio**, v. 4, n. 7, p. 207-230, 2016. <https://doi.org/10.58967/caletroscopio.v4.n7.2016.3687>
- BAZZO, M. G.; REZENDE, T. F. Entre prestígio e preconceito: a realização do /R/ retroflexo no sul do Pará. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 6514-6528, 2021. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e78657>
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). Gramática do português falado. v. 7: **Novos Estudos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999, p. 701-742.
- BISOL, L. Mattoso Camara Jr. e a palavra prosódica. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 20, p. 59-70, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502004000300006>

BONET, E. & MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics**. Unpublished ms. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática. 1991.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -R retroflexo. **Signum - Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 265-283, dez. 2007. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2007v10n2p265>

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. (Coleção ideias sobre a linguagem).

CAGLIARI, L.C. **Elementos de Fonética no Português Brasileiro**. Dissertação para acesso ao título de Livre Docente, Universidade Estadual de Campinas, 1981.

CALLOU, C; SERRA, D. Variação do rótico e estrutura prosódica. **Revista do GELNE**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 1, p. 41-57, 2012.

CALLOU, D. I.; BRANDÃO, S. F. Caracterização de áreas dialetais no Português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JÚNIOR, L. A. de; MARTINS, M. A. (Orgs.). **Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 97-122. <https://doi.org/10.5151/9788580391824-05>

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CALLOU et al. Apagamento do /R/ Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. **Delta** vol.14, número especial, p. 61-72, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300006>

CALLOU; MORAES, J. A. de, LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. V. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 6. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CAMARA, JR., J. Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

- CAMARA, JR., J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CAMARA, JR., J. Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio: Coleção Rex. Edição da “Organização Simões”, 1953.
- CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Stanford University, 2006.
- CÂNDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: **Livraria Duas Cidades**, 7ª ed., 1987.
- CARMO, J. da S. **A realização variável do fonema/r/em Itaguara (MG) e Itaúna (MG)**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Ouro Preto. 2017.
- CARREÃO, V. A variante rótica retroflexa no português brasileiro: uma caminhada pela linguística histórica. **Web-Revista Sociodialeto**, Nupesdd, Lalimu, v. 7, n. 20, 2017.
- CARVALHO, L. S. **Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar Piauiense**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.
- CASTILHO, A. T. de. A língua portuguesa no Brasil. **Revista ALFA**. 1962.
- CASTRO, V. S. **A Resistência de Traços do Dialeto Caipira: Estudo com Base em Atlas Lingüísticos Regionais Brasileiros**. Doctoral thesis, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2006.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford, UK/Cambridge/USA: Blackwell, 1996.
- CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CHAVES, E. Criação de vilas em Minas Gerais no início do regime monárquico: a região Norte. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 29, n. 51, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752013000300009>
- COELHO et al. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COLLET, V. A. **Variação linguística ao longo da vida em situação de contato dialetal: a variação do rótico em coda e das oclusivas dentais em ataque**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2020.
- CONTRIBUTORS. Disponível em: <https://www.r-project.org/contributors.html>. Acesso em 16 de janeiro de 2020.
- COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectologia**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DA COSTA OLIVEIRA, I. et al. O rótico em coda silábica final na região Sul do Brasil: variação e mudança no Corpus do ALiB. **Revista Diadorim**, v. 20, 2018, p. 334-364. <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23281>

DA SILVA, H. C. **O /R/ caipira no triângulo mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, UEL, 2012.

DE CARVALHO, A. B.; ALVES, M. M. Variação fonético-fonológica em regiões de Minas Gerais/Phonetic-phonological variation in regions of Minas Gerais. **Revista de Estudos da Linguagem**, 2021, 619-646. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.29.1.619-646>

Disponível em: <https://form.jotform.com/220752435193050>. Acesso em 09 de agosto de 2022.

Disponível em: <http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul.R>". Acesso em 27 de nov. de 2021.

Disponível em: <https://forms.gle/5c64UYmnUf9phtRu6> . Acesso em 09 de agosto de 2022.

Disponível em: <https://online-video-cutter.com/pt/>. Acesso em 27 de julho de 2022.

Disponível em: <https://transkriptor.com/>. Acesso em 27 de julho de 2022.

Disponível em: <https://www.audacityteam.org/>Acesso em 27 de julho de 2022.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Lingüística**. 11. ed. São Paulo, Cultrix, 1993.

ECKERT, P. The meaning of style. **Texas Linguistics Forum**, n.47, 2004.

ELIA, S. **O problema da língua brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e Cultura, 1994.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 2005.

FERREIRA NETTO, W. **Línguas indígenas em São Paulo**. Manuscrito.

FERREIRA, M. L. da C. **O cancelamento de R em coda externa no português de Angola**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

FREIRE, J. B. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano**. Tese de doutorado. 233f. João Pessoa, PB, 2016.

FREITAG, R. M. Ko et al. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 18, n. 2, 2016. <https://doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84>

FREITAS, A. A de. Vocabulário Nheengatu (Vernaculizado pelo português falado em São Paulo). São Paulo: **Companhia Editora Nacional**, 1936.

FREYRE, G. **Rurbanização: que é?**. Recife, Massangana/Fundação Joaquim Nabuco. 1982.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**, Martins Fontes, 1991.

GUIOTTI, L. P. **O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto**. 2002. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.

GUTIERRES, A.; ROCKENBACH, L. M.; BATTISTI, E. Mobilidade e variação linguística: realização da aproximante retroflexa [ɻ] no português de Passo Fundo–RS. In FREITAG, R. M. Ko; SAVEDRA, M. M. G.(Orgs.). **Mobilidades e contatos linguísticos no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2023. Cap 7, p. 141-164, 2023. <https://doi.org/10.5151/9786555502121-07>

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

Haugen, E. Dialeto, língua, nação. [1966] In: Bagno, M. (org.) **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, p. 97-114, 2001.

HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do “r caipira”. **Cadernos de estudos linguísticos da UNICAMP**. n. 13, p. 5 – 39, São Paulo, 1987. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3257-15220-1-PB%20(1).pdf. Acesso em 20 maio 2023.

HELLER, M. et al. Sustaining the nation. **The Making and Moving of Language and Nation**. Oxford: Oxford University Press, 2016. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199947195.001.0001>

HORA, D.; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. Português brasileiro: uma língua de metátese? **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, 2007.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_divint_shtm?c=1. Acesso em: 10 jun. 2021.

IBGE. **Informações completas**. Uberlândia, 2013. Disponível em: <http://www.Ibge.gov.br/cidadesat/link.php?Codmun=317020>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ILARI, R.; BASSO, R. O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: **Contexto**, 2007.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, 2008.

KAYSER, B. **La renaissance rurale. Sociologie des campagnes du monde occidental**. Paris: Armand Colin, 1990.

KIELING, R. I., & SILVEIRA, R. L. L. D. O rural, o urbano e o continuum urbano-rural no contexto do desenvolvimento regional. **Revista Perspectiva**, Erechim. 2015.

Kiesling, Scott F. “Constructing identity.” In: Chambers, J. K. & Schilling, Natalie (Eds.), **The handbook of language variation and change**, pp. 448–467. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2 ed., 2013.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. Rhotics. In.: **The Sounds of the World’s Languages**. **Blackwell Publishers**, Oxford, 1996. p. 215-245.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LEITE, C. M. **Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LEITE, C. M. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LINDBLOM, B. **Spectrographics Study of Vowel Reduction**. JASA, 35, 1963. <https://doi.org/10.1121/1.2142410>

MALMBERG, B. **A fonética**. Trad. De Oliveira Figueiredo. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MARQUES, M. I. M. O Conceito de espaço rural em questão. **Revista Terra Livre**. São Paulo: AGB, n.19, 2º sem. 2002, p.95-112.

MELO, G. C. **A língua do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, p. 49-87, 2011.

MIRA MATEUS et al. Gramática da língua portuguesa. 5.ed. rev. e aum. **Lisboa: Caminho**, 2003. p.489-502.

MOLLICA, M. C. de M.; FERNANDEZ, C. de M. Um caso de estabilidade fonológica comprovado em tempo aparente e em tempo real. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 25, n. 1-2, p. 94-98, jan.-dez. 2003.

MOLLICA, M. C. et al. “Comunidades urbanas e conflitos linguísticos”. **Revista Gragoatá**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, nº. 25, 2008.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONARETTO, V. N. de O. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. Tese de Doutorado. PUC-RS, 1997.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.35, p.275-284. 2000.

MONARETTO, V. N O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; CARDOSO, S. A. M. FRASEOLOGIA NOS FALARES REGIONAIS BRASILEIROS. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 60, 2018. p. 107-120. <https://doi.org/10.9771/ell.v0i60.27591>

MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: MOURA, D. (org). **Leitura e escrita: a competência comunicativa**. Maceió: EDUFAL, 2007.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NOLL, V. **O português brasileiro: formação e contrastes**. São Paulo: Globo. 2008.

OLIVEIRA e SILVA; PAIVA. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA; SCHERRE (orgs) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, A. J. de. **Variação em itens lexicais terminados em /l/ + vogal na região de Itaúna/ MG**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras da UFMG– Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, L. L. Do Caipira Picando Fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio. **Revista USP**, São Paulo, n. 59, p. 232- 257, set./ nov. 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13291>. Acesso em: 07 dez. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i59p232-257>

OLIVEIRA, L. P. **Centralidade urbana no pontal do Triângulo Mineiro: um estudo sobre Frutal (MG) e Ituiutaba (MG)**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos/SP, 2015.

OLIVEIRA, M. A. de. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 1997. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.6.2.31-58>

OLIVEIRA, M. S. D. de; ZANOLI, M. de L. O/r/retroflexo no Português caipira como resultado de “interferência” da Língua Geral de São Paulo– uma homenagem à obra de Amadeu Amaral. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 50, n. 3, p. 1159-1172, 2021. <https://doi.org/10.21165/el.v50i3.3024>

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAIVA, H. B. de. Cônego Ângelo Tardio Bruno. In; **Revista Acaiaca**, 1953.

PEAR, T. H. **Voice and Personality**. London: Chapman and Hall, 1931.

PEI, M. **The story of language**. Filadélfia: J.B. Lippincott Co, 1965.

PIRES, C. R. da S. **Formação e expansão da cultura e do dialeto caipira na região de Piracicaba**. 2008. 309 f. Dissertação (Mestrado em Filologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? IN: SIGNORIN, I. (org). **Lingua(gem) e identidade**. 4.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 21- 45.

RAMOS, J. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 5, n. 1, p. 103-125, 1997. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.5.1.103-125>

R CORE TEAM (2021). *R: A Language and environment for statistical computing*. (Version 4.1) [Computer software]. Retrieved from <https://cran.r-project.org>. (R packages retrieved from MRAN snapshot 2022-01-01).

RENNICKE, I. The retroflex r of Brazilian Portuguese. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto** – Nº 1 – Vol. 6, 2011 – 149- 170.

RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n,38, p. 70-97, 1º sem. 2016. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n38p70>

RIBEIRO, J. et. al. Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. v. 1. Rio de Janeiro: **Fundação Casa de Rui Barbosa**; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, P. R. O. **O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG: a concordância nominal e verbal**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

RIBEIRO, P. R. O. **Variação linguística na fala rural: uma análise de dois municípios da Zona da Mata de Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

RICARDO, J. **Rótico retroflexo em coda na região metropolitana de Porto Alegre: análise variacionista**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. <https://doi.org/10.14393/DLv17a2023-54>

ROBL, A. Alguns problemas da influência tupi na fonética e morfologia do português popular do Brasil. **Letras**, Curitiba, v. 34, p. 145-154, 1985. <https://doi.org/10.5380/rel.v34i0.19304>

ROCKENBACH, L. M.; BATTISTI, E. Produção e percepção do apagamento variável de/R/em coda silábica no português de Porto Alegre (RS). **Cadernos de linguística**. Campinas, SP. Vol. 2, n. 4 (ago. 2021), e426, p. 1-27, 2021. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id426>

RONCARATI, C. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário*, n. 36, p. 45-46, 1. sem. 2008.

SCHERRE, M.M.P. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, Van Der. **The structure of phonological representations (part. II)**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1982, p. 337-383.

SILVA, G. A. **O/R/em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SILVA, H. C. **O /r/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguística**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolingüístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia**. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SOARES, R. A.; LEITE, C. M. B. Um estudo do processo de apagamento de /R/ em função de fatores de ordem estrutural-contextual. In: **Anais do III Seminário de Pesquisa em Estudos Lingüísticos e III Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. v. 1. p. 105-109.

SOLARI, A. B. O objeto da sociologia rural. In: SZWRESCSANYI, T.; QUEDA, O. **Vida Rural e Mudança Social**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. 1979.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, J. S. **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1981.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2007.

THE JAMOVI PROJECT (2022). *Jamovi*. (Version 2.3) [Computer Software]. Retrieved from <https://www.jamovi.org>.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para ensino da gramática**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VASCONCELOS, J. L. de. **Opúsculos**. Volume 1. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1928.

VENABLES, W.N., & SMITH, D.M. **An Introduction To R**. 2004.

VIEGAS, M. do C. **O alicamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, M. do C. **O alicamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. <https://doi.org/10.17851/2359-0076.21.29.217-241>

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Empirical foundations for a theory of language change**. Austin: University of Texas Press, 1968.

ZÁGARI, M. R. L. et. al. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZÁGARI, M. R. L. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. A. (org.). **A Geolingüística no Brasil - trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005.

ZILLES, A. M. S. Variação no português falado e escrito no Brasil. In: Português: um nome, muitas línguas – **TV Escola – Salto para o Futuro**, Boletim 08, ano XVIII, maio de 2008, p. 38-54.

ANEXOS

ROTEIRO DE PERGUNTAS

A - Origem e habitação

- 1- Você mora em "nome da cidade" há mais de 10 anos? Conte um pouco como é morar aqui.
- 2- Conte um pouco da história de sua cidade, como ela era e como ela é hoje.
- 3- Você prefere a cidade como é nos dias atuais ou como era antigamente? Por quê?
- 4- Conte uma experiência inesquecível (boa) que você já teve nesta cidade.
- 5- Agora, conte uma experiência inesquecível (ruim) que você já teve nesta cidade.

B - Infância

- 1- Conte algo de sua infância de que você tenha saudades.
- 2- Conte uma história inesquecível de sua infância.
- 3- Como eram e quais eram as brincadeiras de que você gostava?
- 4- Você acha que foi uma criança muito levada? Por quê?
- 5- Quando você era criança o que te levava a brigar? Conte uma briga da infância que você nunca esqueceu.
- 6- Conte uma festa inesquecível de sua infância.
- 7- Fale de alguma travessura que você fez quando era criança e lembra até hoje.

C - Escola

- 1- Fale de alguma lembrança dos tempos em que você estudava na escola no primário.
- 2- Algum de seus professores marcou profundamente a sua vida escolar? Fale de algo que esse professor fez que deixou marcas.
- 3- Você parece ter sido um bom aluno. Fale um pouco sobre isso.
- 4- Você parece ter tido muitos amigos no tempo de escola. Conte para nós uma história de amizade que você nunca esqueceu.
- 5- Hoje em dia você tem algum contato com seus amigos de infância? Onde eles estão?
- 6- Conte algum fato engraçado de sua época de escola.
- 7- O que você sente ao falar de sua infância? Por quê?
- 8- Se você pudesse, gostaria de voltar aos tempos de escola? Por quê?
- 9- O que você acha melhor: os tempos de infância ou a vida de hoje?

10- Você teve algum (a) namoradinho (a) nos tempos de escola? Conte para nós um pouco disso?

D - Atividades profissionais

1- Você gosta do que faz? Por quê?

2- Você já trabalhou em uma profissão diferente? Por que mudou de profissão?

3- Com quantos anos você começou a trabalhar? O que o fez começar tão cedo (ou tarde)?

4- Você acha que as pessoas deveriam começar trabalhar cedo ou deveriam estudar primeiro?

5- Você já esteve desempregado em alguma época de sua vida? Conte para nós como foi esse momento?

6- Você acha que é fácil ter um emprego hoje em dia?

7- O que você acha da crise de desemprego na qual o nosso país se encontra?

E - Lazer

1- O que você costuma fazer nas horas vagas?

2- Qual tipo de música você gosta de ouvir? Por quê?

3- Você lembra alguma viagem que marcou a sua vida? Conte para nós.

4- Se algum dia você ganhasse em uma promoção uma viagem para qualquer lugar do mundo e pudesse levar uma única pessoa, para onde você iria e quem você levaria? Por que iria a este lugar e por que levaria esta pessoa?

5- Qual tipo de programa de televisão você gosta de ver? Por quê? E qual você detesta? Por quê?

6- Você torce por algum time de futebol? Qual? Costuma assistir todos os jogos do seu time?

7- Você pratica ou gostaria de praticar algum esporte? Qual?

F - Relacionamentos

1- Você tem namorado (a)? Conte para nós como vocês se conheceram.

2- Você já teve outros (as) namorados (as)? Por que vocês se separaram?

3- Você está casado há quanto tempo?

4- Como você conheceu o seu (sua) esposo (a)?

5- Para você o casamento é indispensável na vida de uma pessoa? Por quê?

6- Como você vê a imagem da mulher na atual sociedade do Brasil?

7- Você é a favor ou contra o divórcio? Por quê?

8- Você já perdoou ou perdoaria uma traição?

9- O Brasil é um país com uma população de 40 % de negros. Em sua opinião existe muito preconceito aqui? Que outro tipo de preconceito existe por aqui? (contra a mulher, contra gays, preconceito religioso etc.).

10- Você já presenciou ou sofreu preconceito racial ou social? Conte para nós.

11- Você parece ser uma pessoa que tem muitos amigos. Quem é o seu melhor amigo? Como e onde vocês se conheceram?

12- Você concorda com beijo entre dois homens ou entre duas mulheres em novelas? Por quê?

G - Perigo de vida

1- Você ou alguém da sua família já teve alguma doença grave? Qual foi essa doença e como vocês enfrentaram essa situação?

2- Você já esteve em alguma situação em que pensou que iria morrer? Conte para nós como foi isso.

3- Você tem medo da morte? Por quê?

4- Você já presenciou algum acidente sério? Como foi?

5- Se você soubesse que iria morrer amanhã o que você faria?

H - Religião

1- Qual a sua religião? Por que você escolheu seguir essa religião?

2- Há alguém da sua família que pertence a outra religião?

3- Você vai com frequência nas celebrações de sua igreja?

4- Você acredita em milagres? Por quê?

5- Você já presenciou algum milagre?

6- Você acredita que existe vida após a morte? Acredita na reencarnação?

I - Sobrenatural

1- Em alguma ocasião você já sentiu a presença de algo que não parecia real? Conte como foi isso.

2- Havia algum lugar aonde você não ia ou não tinha coragem de ir quando criança? Por quê?

3- Você já sentiu a sensação de estar fazendo algo que já foi feito antes, exatamente da mesma maneira? Como você explica isso?

4- Já aconteceu de alguma vez você (ou uma pessoa que você conhece) dizer ou sonhar com algo e depois isso vir a acontecer realmente? Como foi?

- 5- Você acha possível adivinhar o futuro lendo cartas, bolas de cristal ou as linhas da mão?
- 6- Para você, o que é anjo da guarda?
- 7- Você acha que uma pessoa pode estar acompanhada de um espírito mau?
- 8- Você acredita em discos-voadores? Por quê?
- 9- Você já viu ou conhece alguém que tenha visto um disco-voador? Conte como foi isso.
- 10- Você acredita ou já viu um ET?

J - Aspirações

- 1- Se você ganhasse sozinho o prêmio da Mega Sena, o que você faria?
- 2- Você acha que o dinheiro traz felicidade?
- 3- Qual é o maior sonho de sua vida?
- 4- Se algum dia você encontra-se uma lâmpada mágica igual a do Aladim e tivesse direito a três pedidos, o que você pediria ao gênio da lâmpada?

APÊNDICES

Apêndice 1 – PESQUISA SOBRE PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA - (Teste presencial)

Obrigada por participar desta pesquisa.

Você vai ouvir pequenos trechos de gravações com diferentes pessoas. Enquanto você ouve cada áudio, tente criar uma imagem da pessoa que está falando: como é sua personalidade, o local onde vive, o nível de escolaridade, a idade etc. Você pode ouvir os áudios quantas vezes julgar necessário.

FALANTE 1

Para você, esta pessoa parece...

	1 (pouco)	2	3	4	5 (bastante)
caipira (simples)					
sofisticada					
educada					
mal-educada					
agradável					
desagradável					
preguiçosa					
trabalhadora					
moradora da zona rural					
moradora da zona urbana					

Você acha que essa pessoa está em que faixa etária?

entre 15 e 29 anos de idade	
entre 30 e 49 anos de idade	
50 anos ou mais	

Você acha que essa pessoa está em que faixa etária?

Até o quinto ano	
Entre o sexto e o nono anos	
Nível médio	
Nível superior	

Preste atenção ainda à fala que está ouvindo e, em seguida, marque com um X o(s) tipo(s) de sentimento(s) que essa fala lhe desperta (assinale todas que achar pertinentes).

ansiedade	
tranquilidade	
empatia	
antipatia	
desconforto	
conforto	
indiferença	

Você teve alguma outra percepção sobre esta pessoa? Em caso afirmativo, por favor, descreva.

FALANTE 2

Para você, esta pessoa parece...

	1 (pouco)	2	3	4	5 (bastante)
caipira (simples)					
sofisticada					
educada					
mal-educada					
agradável					
desagradável					
preguiçosa					
trabalhadora					
moradora da zona rural					
moradora da zona urbana					

Você acha que essa pessoa está em que faixa etária?

<input type="checkbox"/>	entre 15 e 29 anos de idade
<input type="checkbox"/>	entre 30 e 49 anos de idade
<input type="checkbox"/>	50 anos ou mais

Você acha que essa pessoa está em que faixa etária?

<input type="checkbox"/>	até o quinto ano
<input type="checkbox"/>	entre o sexto e o nono anos
<input type="checkbox"/>	nível médio
<input type="checkbox"/>	nível superior

Preste atenção ainda à fala que está ouvindo e, em seguida, marque com um X o(s) tipo(s) de sentimento(s) que essa fala lhe desperta (assinale todas que achar pertinentes).

<input type="checkbox"/>	ansiedade
<input type="checkbox"/>	tranquilidade
<input type="checkbox"/>	empatia
<input type="checkbox"/>	antipatia
<input type="checkbox"/>	desconforto
<input type="checkbox"/>	conforto
<input type="checkbox"/>	indiferença

Você teve alguma outra percepção sobre esta pessoa? Em caso afirmativo, por favor, descreva.

Você ouvirá quatro pequenos trechos de entrevistas com duas pronúncias diferentes em cada um deles. A tarefa que você realizará consiste em identificar qual das duas pronúncias se assemelha mais à fala dos

moradores do Triângulo Mineiro e, também, qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como você fala.

ÁUDIO 1

Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como os moradores do Triângulo Mineiro falam?

<input type="checkbox"/>	a primeira fala do áudio
<input type="checkbox"/>	a segunda fala do áudio

Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como você fala?

<input type="checkbox"/>	a primeira fala do áudio
<input type="checkbox"/>	a segunda fala do áudio

ÁUDIO 2

Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como os moradores do Triângulo Mineiro falam?

<input type="checkbox"/>	a primeira fala do áudio
<input type="checkbox"/>	a segunda fala do áudio

Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como você fala?

<input type="checkbox"/>	a primeira fala do áudio
<input type="checkbox"/>	a segunda fala do áudio

ÁUDIO 3

Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como os moradores do Triângulo Mineiro falam?

<input type="checkbox"/>	a primeira fala do áudio
<input type="checkbox"/>	a segunda fala do áudio

Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como você fala?

<input type="checkbox"/>	a primeira fala do áudio
<input type="checkbox"/>	a segunda fala do áudio

ÁUDIO 4

Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como os moradores do Triângulo Mineiro falam?

<input type="checkbox"/>	a primeira fala do áudio
<input type="checkbox"/>	a segunda fala do áudio

Qual das duas pronúncias se parece mais com o modo como você fala?

<input type="checkbox"/>	a primeira fala do áudio
<input type="checkbox"/>	a segunda fala do áudio

Por favor, fale-me um pouco sobre você. (As informações coletadas abaixo são para fins estatísticos e não serão divulgadas e/ou compartilhadas).

Qual o seu nome? _____

Qual a sua idade? _____

Sua escolaridade

<input type="checkbox"/>	até o quinto ano
<input type="checkbox"/>	entre o sexto e o nono anos
<input type="checkbox"/>	nível médio
<input type="checkbox"/>	nível superior

Qual cidade você nasceu? _____

Cidade em que mora _____

Há quanto tempo reside nessa cidade? _____

Você gosta de residir nessa cidade? Por quê?

Você mudaria daqui? Por quê?

Sugestões e comentários sobre o questionário (opcional).

Apêndice 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “*Produção e percepção do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira*”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. José Sueli de Magalhães (orientador), docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia e Romilda Ferreira Santos, discente de doutorado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.

Nesta pesquisa nós estamos buscando descrever e analisar a produção e a percepção do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira, tomando como *corpus* a fala de informantes nascidos e crescidos nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, localizadas no interior do Estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será obtido pela pesquisadora Romilda Ferreira Santos. O TCLE será oferecido aos possíveis participantes durante a visita que a pesquisadora fará às localidades selecionadas a fim de observar a disposição dos moradores em participarem da pesquisa. Posteriormente, em local e horário previamente definidos pela pesquisadora e entrevistado, serão realizadas as entrevistas.

Na sua participação, você responderá a um questionário relacionado ao seu cotidiano, composto de cerca de 75 perguntas e a um teste de percepção linguística. A entrevista será gravada e terá uma duração média de uma (1) hora. As gravações serão armazenadas no banco de dados do GEGONO (Grupo de Pesquisa em Fonologia, sem que os participantes sejam identificados, para que possam ser utilizadas em futuras pesquisas do grupo.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Os resultados da pesquisa serão divulgados em meio eletrônico (Repositório Institucional da UFU) e, dessa forma, poderão ser facilmente acessados pela população que foi pesquisada.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Caso a entrevista se alongue por mais de 90 minutos será oferecido gratuitamente lanche ao participante.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

O único risco do estudo que estamos propondo seria a identificação. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto a sua identidade. Em nenhum momento você será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dos participantes será preservada.

Os benefícios da pesquisa são, principalmente, a contribuição, por meio da descrição e análise do /R/ em coda silábica como marca do falar caipira, neste trabalho caracterizado nos falares das cidades de Ituiutaba e Uberlândia, para o mapeamento desse fenômeno na isoglossa do Triângulo Mineiro e, de modo mais específico, com a descrição do chamado DC. Essa pesquisa é importante, ainda, por contribuir com a análise da percepção e avaliação dos falantes/ouvintes no que se refere à realização do /R/ em coda silábica, por meio da aplicação de um teste de percepção linguística.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães pelo telefone (34) ou no seguinte endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco U, bairro Santa Mônica, Uberlândia, M.G., CEP: 38.408.144. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/ Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf.

 Rubrica do Participante da pesquisa

 Rubrica do Pesquisador

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Assinatura do participante da pesquisa

Rubrica do Participante da pesquisa

Rubrica do Pesquisador

Uberlândia, de de 20.....

Apêndice 3 – Codificação das variáveis

Codificação da variável dependente	
Variável dependente	Código
Retroflexa	30
Outras	31
Apagamento	32

Codificação da variável independente			
	Variável independente	Fatores	Código
Variáveis linguísticas	Núcleo silábico	Labial	1
		Coronal	2
		Dorsal	3
	Contexto fonológico seguinte	Labial	5
		Coronal	4
		Dorsal	6
	Tonicidade da sílaba	Tônicas	7
		Átonas	8
	Categoria gramatical	Verbos	9
		Não verbos	10
	Tamanho da palavra	Uma sílaba	11
		Duas sílabas	12
		Três sílabas ou mais	13
	Posicionamento da coda na palavra	sílaba inicial	14
		sílaba medial	15
		sílaba final	16
Variáveis extralinguísticas	Variação geográfica	Ituiutaba	30
		Uberlândia	31
	Escolaridade	Até 11 anos	22
		Acima de 11 anos	23
	Faixa etária	Entre 15 e 29 anos	17
		Entre 30 e 49 anos	18
50 anos ou mais		19	

Apêndice 4 – Arquivo Excel – separado por vírgulas

Variante;Núcleo;Contexto;Tonicidade;Categoria;Tamanho;Posição;Idade;Escolaridade;Localidade
30;1;4;7;10;13;15;18;21;23
30;1;4;7;10;13;15;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;1;4;7;10;13;15;18;21;23
30;2;;7;9;13;16;18;21;23
30;2;;7;9;13;16;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;3;;7;9;13;16;18;21;23
30;2;;7;9;12;16;18;21;23

Apêndice5 – Rodadas *Rbrul*

model formula: Variante ~ Categoria + Contexto + Núcleo + Posição + Tamanho +
Tonicidade

```
Call:
glm(formula = as.formula(form$form), family = gaussian, data = eval(parse(text = paste0("dat",
  ii)), envir = globalenv()))

Deviance Residuals:
    Min       1Q   Median       3Q      Max
1.634e-12 1.776e-12 1.783e-12 1.869e-12 2.107e-12

Coefficients: (2 not defined because of singularities)
              Estimate Std. Error t value Pr(>|t|)
(Intercept)  3.020e+01  5.774e-13  5.230e+13 <2e-16
Categoria.7  5.894e-14  1.043e-12  5.700e-02  0.9549
Categoria.8  6.717e-14  1.193e-12  5.600e-02  0.9551
Categoria.9  -2.568e-14  6.506e-13  -3.900e-02  0.9685
Categoria.10 -4.576e-14  6.501e-13  -7.000e-02  0.9439
Contexto.0    8.000e-01  2.109e-13  3.794e+12 <2e-16
Contexto.4   -2.000e-01  9.512e-14  -2.103e+12 <2e-16
Contexto.5   -2.000e-01  1.072e-13  -1.865e+12 <2e-16
Contexto.6   -2.000e-01  1.079e-13  -1.854e+12 <2e-16
Núcleo.1    -5.405e-14  4.584e-13  -1.180e-01  0.9061
Núcleo.2     3.438e-14  4.584e-13  7.500e-02  0.9402
Núcleo.3     1.299e-14  4.593e-13  2.800e-02  0.9774
Posição.1    1.847e-13  1.043e-12  1.770e-01  0.8594
Posição.14   5.664e-15  2.913e-13  1.900e-02  0.9845
Posição.15  -1.357e-13  2.931e-13  -4.630e-01  0.6434
Posição.16  -2.338e-15  3.001e-13  -8.000e-03  0.9938
Tamanho.11   6.970e-14  5.123e-13  1.360e-01  0.8918
Tamanho.12   4.296e-14  7.228e-14  5.940e-01  0.5522
Tamanho.13           NA           NA           NA           NA
Tonicidade.7 -1.140e-13  6.926e-14  -1.647e+00  0.0997
Tonicidade.8           NA           NA           NA           NA

(Intercept) ***
```

model formula: Variante ~ Escolaridade + Idade + Localidade

30 vs. 31

```
model.basics
total.n df intercept input.prob grand.proportion
5175 5 884.492 >.999 0.986

model.fit
deviance AIC AICc Somers.Dxy R2
466.386 476.386 476.397 0.879 0.989

Escolaridade
logodds
+1 -18.918

Idade
logodds n proportion factor.weight
17 6.892 1706 1.000 0.999
19 5.951 1418 1.000 0.997
18 -12.843 2051 0.964 <.001

Localidade
logodds
+1 -19.676
```

model formula: Variante ~ Categoria + Posição + Tamanho + Tonicidade

```
Call:
glm(formula = as.formula(form$form), family = gaussian, data = eval(parse(text = paste0("dat",
ii))), env = globalenv())

Deviance Residuals:
    Min       1Q   Median       3Q      Max
-0.07197 -0.03129  0.00409  0.06756  0.97592

Coefficients: (2 not defined because of singularities)
              Estimate Std. Error t value Pr(>|t|)
(Intercept) 30.0039516  0.0357388  839.535 <2e-16
Categoria.7 -0.0179213  0.0614328  -0.292  0.7705
Categoria.8  0.0142508  0.0714827   0.199  0.8420
Categoria.9  0.0383354  0.0338021   1.134  0.2568
Categoria.10 0.0029607  0.0338512   0.087  0.9303
Posição.1   -0.0070826  0.0653822  -0.108  0.9137
Posição.14  -0.0110012  0.0177711  -0.619  0.5359
Posição.15  -0.0174659  0.0179469  -0.973  0.3305
Posição.16  0.0295173  0.0176665   1.671  0.0948
Tamanho.11  -0.0244051  0.0321718  -0.759  0.4481
Tamanho.12  -0.0034068  0.0043681  -0.780  0.4355
Tamanho.13             NA             NA      NA      NA
Tonicidade.7 0.0001703  0.0040746   0.042  0.9667
Tonicidade.8             NA             NA      NA      NA
```

model formula: Variante ~ Posição + Tamanho

```
Call:
glm(formula = as.formula(form$form), family = gaussian, data = eval(parse(text = paste0("dat",
ii))), env = globalenv())

Deviance Residuals:
    Min       1Q   Median       3Q      Max
-0.05624 -0.00590 -0.00486  0.00158  0.99410

Coefficients:
              Estimate Std. Error t value Pr(>|t|)
(Intercept) 29.99056    0.03469  864.844 <2e-16 ***
Posição.1   -0.02123    0.06593  -0.322  0.7475
Posição.14  -0.01637    0.01782  -0.919  0.3584
Posição.15  -0.02120    0.01809  -1.172  0.2411
Posição.16  0.02581    0.01780   1.967  0.0493 *
Tamanho.11  -0.01646    0.03320  -0.496  0.6201
Tamanho.12  0.01614    0.03319   0.486  0.6269
Tamanho.13  0.02267    0.03327   0.681  0.4956
---
Signif. codes:
  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 0.01343542)

Null deviance: 71.970  on 5174  degrees of freedom
Residual deviance: 69.421  on 5167  degrees of freedom
AIC: -7607.5

Number of Fisher Scoring iterations: 2
```

model formula: Variante ~ Categoria + Posição

```
Call:
glm(formula = as.formula(form$form), family = gaussian, data = eval(parse(text = paste0("dat",
ii))), env = globalenv())

Deviance Residuals:
    Min       1Q   Median       3Q      Max
-0.06964 -0.02907  0.00664  0.00664  0.97569

Coefficients:
              Estimate Std. Error t value Pr(>|t|)
(Intercept) 30.008943  0.035111  854.678 <2e-16 ***
Categoria.7 -0.026971  0.060101  -0.449  0.6536
Categoria.8  0.003514  0.070218  0.050  0.9601
Categoria.9  0.027828  0.031202   0.892  0.3725
Categoria.10 -0.007885  0.031194  -0.253  0.8005
Posição.1   -0.001058  0.064993  -0.016  0.9870
Posição.14  -0.007697  0.016413  -0.469  0.6391
Posição.15  -0.011662  0.016633  -0.701  0.4832
Posição.16  0.032873  0.016502   1.992  0.0464 *
---
Signif. codes:
  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 0.0131906)

Null deviance: 71.970  on 5174  degrees of freedom
Residual deviance: 68.143  on 5166  degrees of freedom
AIC: -7701.7

Number of Fisher Scoring iterations: 2
```


Apêndice 6 – Rodadas teste de percepção

Frequências variante retroflexa				Frequências variante fricativa			
Frequências de caipira				Frequências de caipira 1			
caipira	Contagens	% do Total	% acumulada	caipira 1	Contagens	% do Total	% acumulada
1	8	13.3 %	13.3 %	1	4	26.7 %	26.7 %
2	8	13.3 %	26.7 %	2	2	13.3 %	40.0 %
4	17	28.3 %	55.0 %	3	3	20.0 %	60.0 %
5	27	45.0 %	100.0 %	5	6	40.0 %	100.0 %
Frequências de sofisticada				Frequências de sofisticada 1			
sofisticada	Contagens	% do Total	% acumulada	sofisticada 1	Contagens	% do Total	% acumulada
1	7	100.0 %	100.0 %	1	3	10.7 %	10.7 %
				2	3	10.7 %	21.4 %
				3	2	7.1 %	28.6 %
				4	7	25.0 %	53.6 %
				5	13	46.4 %	100.0 %
Frequências de educada				Frequências de educada 1			
educada	Contagens	% do Total	% acumulada	educada 1	Contagens	% do Total	% acumulada
4	14	29.2 %	29.2 %	1	6	13.0 %	13.0 %
5	34	70.8 %	100.0 %	2	7	15.2 %	28.3 %
				3	3	6.5 %	34.8 %
				4	6	13.0 %	47.8 %
				5	24	52.2 %	100.0 %
Frequências de mal-educada				Frequências de mal-educada 1			
mal-educada	Contagens	% do Total	% acumulada	mal-educada 1	Contagens	% do Total	% acumulada
1	6	31.6 %	31.6 %	1	4	100.0 %	100.0 %
2	5	26.3 %	57.9 %				
4	6	31.6 %	89.5 %				
5	2	10.5 %	100.0 %				
Frequências de agradável				Frequências de agradável 1			
agradável	Contagens	% do Total	% acumulada	agradável 1	Contagens	% do Total	% acumulada
4	10	20.0 %	20.0 %	1	5	11.1 %	11.1 %
5	40	80.0 %	100.0 %	2	7	15.6 %	26.7 %
				3	5	11.1 %	37.8 %
				4	12	26.7 %	64.4 %
				5	16	35.6 %	100.0 %

Frequências de desagradável				Frequências de desagradável 1			
desagradável	Contagens	% do Total	% acumulada	desagradável 1	Contagens	% do Total	% acumulada
1	9	37.5 %	37.5 %	1	4	11.8 %	11.8 %
2	7	29.2 %	66.7 %	2	4	11.8 %	23.5 %
3	4	16.7 %	83.3 %	3	5	14.7 %	38.2 %
4	2	8.3 %	91.7 %	4	10	29.4 %	67.6 %
5	2	8.3 %	100.0 %	5	11	32.4 %	100.0 %

Frequências de preguiçosa				Frequências de preguiçosa 1			
preguiçosa	Contagens	% do Total	% acumulada	preguiçosa 1	Contagens	% do Total	% acumulada
1	10	38.5 %	38.5 %	1	2	28.6 %	28.6 %
2	8	30.8 %	69.2 %	5	5	71.4 %	100.0 %
4	2	7.7 %	76.9 %				
5	6	23.1 %	100.0 %				

Frequências de trabalhadora				Frequências de trabalhadora 1			
trabalhadora	Contagens	% do Total	% acumulada	trabalhadora 1	Contagens	% do Total	% acumulada
1	10	19.6 %	19.6 %	1	3	9.4 %	9.4 %
2	5	9.8 %	29.4 %	2	5	15.6 %	25.0 %
4	15	29.4 %	58.8 %	3	4	12.5 %	37.5 %
5	21	41.2 %	100.0 %	4	4	12.5 %	50.0 %
				5	16	50.0 %	100.0 %

Frequências de zona rural				Frequências de zona rural 1			
zona rural	Contagens	% do Total	% acumulada	zona rural 1	Contagens	% do Total	% acumulada
2	13	26.0 %	26.0 %	1	3	27.3 %	27.3 %
3	11	22.0 %	48.0 %	2	1	9.1 %	36.4 %
4	9	18.0 %	66.0 %	3	2	18.2 %	54.5 %
5	17	34.0 %	100.0 %	5	5	45.5 %	100.0 %

Frequências de zona urbana				Frequências de zona urbana 1			
zona urbana	Contagens	% do Total	% acumulada	zona urbana 1	Contagens	% do Total	% acumulada
1	6	13.0 %	13.0 %	1	2	4.2 %	4.2 %
2	5	10.9 %	23.9 %	2	2	4.2 %	8.3 %
4	17	37.0 %	60.9 %	4	17	35.4 %	43.8 %
5	18	39.1 %	100.0 %	5	27	56.3 %	100.0 %

Estatística descritiva – variante retroflexa – Ituiutaba e Uberlândia

	N	Omisso	Média	Mediana	Desvio-padrão	Variância	p
caipira	60	10	3.78	4.00	1.474	2.173	< .001
sofisticada	7	63	1.00	1	0.000	0.000	--
educada	48	22	4.71	5.00	0.459	0.211	< .001
mal-educada	19	51	2.63	2	1.499	2.246	0.003
agradável	50	20	4.80	5.00	0.404	0.163	< .001
preguiçosa	26	44	2.46	2.00	1.630	2.658	< .001
trabalhadora	51	19	3.63	4	1.574	2.478	< .001
zona rural	50	20	3.60	4.00	1.212	1.469	< .001
zona urbana	46	24	3.78	4.00	1.413	1.996	< .001
desagradável	24	46	2.21	2.00	1.285	1.650	0.001

Estatística descritiva – variante fricativa – Ituiutaba e Uberlândia

	N	Omisso	Média	Mediana	Desvio-padrão	Variância	Valor-p
caipira 1	15	55	3.13	3	1.727	2.981	0.004
sofisticada 1	28	42	3.86	4.00	1.407	1.979	< .001
educada 1	46	24	3.76	5.00	1.537	2.364	< .001
mal-educada 1	4	66	1.00	1.00	0.000	0.000	--
agradável 1	45	25	3.60	4	1.405	1.973	< .001
preguiçosa 1	7	63	3.86	5	1.952	3.810	< .001
trabalhadora 1	32	38	3.78	4.50	1.453	2.112	< .001
zona rural 1	11	59	3.27	3	1.794	3.218	0.007
zona urbana 1	48	22	4.35	5.00	1.000	1.000	< .001
desagradável 1	34	36	3.59	4.00	1.373	1.886	< .001

Análise multivariada de efeitos mistos

Variante fricativa – Ituiutaba e Uberlândia

	Localidade	N	Omisso	Média	Desvio-padrão	Variância	Valor-p
caipira 1	11	8	28	3.25	1.669	2.786	0.067
	12	7	23	3.00	1.915	3.667	0.023
sofisticada 1	11	14	22	3.79	1.477	2.181	0.003
	12	14	16	3.93	1.385	1.918	0.003
educada 1	11	23	13	3.78	1.536	2.360	< .001
	12	23	7	3.74	1.573	2.474	< .001
mal-educada 1	11	1	35	1.00	--	--	--

	Localidade	N	Omisso	Média	Desvio-padrão	Variância	Valor-p
	12	3	27	1.00	0.000	0.000	--
agradável 1	11	23	13	3.57	1.441	2.075	0.002
	12	22	8	3.64	1.399	1.957	0.002
preguiçosa 1	11	4	32	4.00	2.000	4.000	0.001
	12	3	27	3.67	2.309	5.333	<.001
trabalhadora 1	11	16	20	3.81	1.424	2.029	0.002
	12	16	14	3.75	1.528	2.333	0.002
zona rural 1	11	6	30	3.17	2.041	4.167	0.021
	12	5	25	3.40	1.673	2.800	0.314
zona urbana 1	11	25	11	4.24	1.200	1.440	<.001
	12	23	7	4.48	0.730	0.534	<.001
desagradável 1	11	17	19	3.41	1.417	2.007	0.038
	12	17	13	3.76	1.348	1.816	0.003

Variante retroflexa – Ituiutaba e Uberlândia

	Localidade	N	Omisso	Média	Desvio-padrão	Variância	p
caipira	11	31	5	3.71	1.553	2.413	<.001
	12	29	1	3.86	1.407	1.980	<.001
sofisticada	11	4	32	1.00	0.000	0.000	--
	12	3	27	1.00	0.000	0.000	--
educada	11	25	11	4.68	0.476	0.227	<.001
	12	23	7	4.74	0.449	0.202	<.001
mal-educada	11	10	26	2.60	1.506	2.267	0.062
	12	9	21	2.67	1.581	2.500	0.066
agradável	11	26	10	4.77	0.430	0.185	<.001
	12	24	6	4.83	0.381	0.145	<.001
preguiçosa	11	13	23	2.46	1.664	2.769	0.003
	12	13	17	2.46	1.664	2.769	0.003
trabalhadora	11	26	10	3.46	1.581	2.498	<.001
	12	25	5	3.80	1.581	2.500	<.001
zona rural	11	26	10	3.58	1.238	1.534	<.001
	12	24	6	3.63	1.209	1.462	0.001
zona urbana	11	24	12	3.75	1.422	2.022	<.001
	12	22	8	3.82	1.435	2.061	<.001
desagradável	11	12	24	2.25	1.288	1.659	0.057
	12	12	18	2.17	1.337	1.788	0.028

Sentimentos despertados

	Nível	Contagem	Total	Proporção	Valor-p
localidade	1	35	66	0.530	0.356
	2	31	66	0.470	0.731
Ansiedade	3	7	7	1.000	0.008
Ansiedade 1	3	23	23	1.000	< .001
Tranquilidade	4	51	51	1.000	< .001
Tranquilidade 1	4	20	20	1.000	< .001
Empatia	5	36	36	1.000	< .001
Empatia 1	5	28	28	1.000	< .001
Antipatia	6	9	9	1.000	0.002
Antipatia 1	6	46	46	1.000	< .001
Desconforto	7	4	4	1.000	0.063
Desconforto 1	7	15	15	1.000	< .001
Conforto	8	39	39	1.000	< .001
Conforto 1	8	13	13	1.000	< .001
Indiferença	9	8	8	1.000	0.004
Indiferença 1	9	8	8	1.000	0.004

Faixa etária e escolaridade

	Localidade	Erro-padrão	Desvio-padrão	Variância	Valor-p
Idade	11	0.0986	0.668	0.447	< .001
	12	0.1025	0.648	0.421	< .001
Idade 1	11	0.0739	0.501	0.251	< .001
	12	0.0775	0.490	0.240	< .001
Escolaridade	11	0.1407	0.954	0.911	< .001
	12	0.1511	0.955	0.913	< .001
Escolaridade 1	11	0.1093	0.741	0.549	< .001
	12	0.1198	0.758	0.574	< .001

Frequências de Idade					Frequências de Idade 1				
Idade	Localidade	Contagens	% do Total	% acumulada	Idade 1	Localidade	Contagens	% do Total	% acumulada
5	11	20	23.3 %	23.3 %	5	11	26	30.2 %	30.2 %
	12	16	18.6 %	41.9 %		12	25	29.1 %	59.3 %
6	11	21	24.4 %	66.3 %	6	11	20	23.3 %	82.6 %
	12	20	23.3 %	89.5 %		12	15	17.4 %	100.0 %
7	11	5	5.8 %	95.3 %					
	12	4	4.7 %	100.0 %					

Frequências de Escolaridade					Frequências de Escolaridade 1				
Escolaridade	Localidade	Contagens	% do Total	% acumulada	Escolaridade 1	Localidade	Contagens	% do Total	% acumulada
8	11	4	4.7 %	4.7 %	9	11	7	8.1 %	8.1 %
	12	4	4.7 %	9.3 %		12	7	8.1 %	16.3 %
9	11	9	10.5 %	19.8 %	10	11	15	17.4 %	33.7 %
	12	8	9.3 %	29.1 %		12	14	16.3 %	50.0 %
10	11	17	19.8 %	48.8 %	11	11	24	27.9 %	77.9 %
	12	16	18.6 %	67.4 %		12	19	22.1 %	100.0 %
11	11	16	18.6 %	86.0 %					
	12	12	14.0 %	100.0 %					